# VIDA

DE

# DOM JOÃO DE CASTRO

QUARTO VISO-REI DA INDIA

DOM JOÃO DE CASTRO.

Imp. V. Janson, r. Antoine Dubois, 6, Paris.

# VIDA

DE

# DOM JOÃO DE CASTRO

QUARTO VISO-REI DA INDIA

ESCRIPTA

**Por JACINTO FREIRE DE ANDRADE**

IMPRESSA CONFORME A PRIMEIRA EDIÇÃO DE 1651

---

AJUNTÃO-SE ALGUMAS
BREVES NOTAS AUCTORIZADAS COM DOCUMENTOS ORIGINAES E INEDITOS

POR

D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ
Bispo reservatorio de Coimbra, Conde de Arganil, Par do Reino, Conselheiro
de Estado, Socio da Academia real das Sciencias, etc.

ORNADA COM DUAS ESTAMPAS, E UM MAPA DA INDIA

PARIZ

LIVRARIA DE Vᵛᴬ J.-P. AILLAUD, GUILLARD E Cᴬ
Livreiros de Suas Magestades o Imperador do Brasil e el-Rei de Portugal
47, RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

---

1869

# AVISO DO EDITOR

Como o fim que nos proposémos na impressão d'este livro (conforme a ultima edição publicada pela Academia das Sciencias de Lisboa em 1855), fosse facilitar á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil a lição de tão illustres feitos, novamente esclarecidos pelas importantes notas e documentos do eximio litterato dom Fr. Francisco de S. Luiz, bispo de Coimbra, e como estes, a imprimirem-se integralmente, não só augmentarião muito o volume, mas fal-o-hião subir de preço; julgamos acertado conservar todas as mencionadas notas e juntar sómente por extracto os ditos documentos; este nosso proceder nos parece deverá encontrar tanto melhor acolhimento, quanto é certo que a substancia daquelles se acha recopilada nas notas, e que a sua integra, sendo de grande apreço para os litteratos, seria fastidiosa, e de pouco ou nenhum proveito para o geral dos leitores.

# ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

# ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DA SESSÃO DE 6 DE SETEMBRO DE 1827

---

*Determina a Academia real das Sciencias, que sejão impressas á sua custa, e debaixo do seu privilegio, as* breves notas sobre a vida de dom João de Castro, *escriptas por Jacinto* Freire *de Andrade, auctorizadas com muitos documentos originaes e ineditos, pelo seu Socio dom Francisco de S. Luiz, acompanhadas do texto a que se referem.*

*Secretaria da Academia, em* 16 *de março de* 1855.

Joaquim José da Costa de Macedo,
Secretario da Academia.

# AO PRINCIPE

# DOM THEODOSIO

## NOSSO SENHOR

---

Serenissimo Senhor,

Tiverão os Scipiões quem os igualasse nas obras, porêm não na fortuna. Teve dom João de Castro Daríos a quem vencer na Asia, mas não achou Curcios e Livios na Europa que illustrassem seu nome. Persuadio-me o bispo dom Francisco de Castro a escrever esta historia, que agora faz publica na estampa, bem que com penna desigual do merecimento de hum varão que chegou a ser grande entre os maiores, cujas virtudes começárão tão cedo, que mais parecêrão herdadas, que adqueridas. Não acabou de encher os annos de seu governo, no qual forão quasi iguaes os dias e as victorias, bem que viveo á patria idade larga, menos á natureza. Porêm agora que o nome de V. Alteza ampara sua memoria, fica em duvida se foi mais felice na vida ou na posteridade, victorioso sempre, dos inimigos então, e hoje de annos. Neste lugar pudéra dar a ler a V. Alteza suas mesmas virtudes, mas para tal materia he a carta breve, tambem o fôra o livro. O brado universal do mundo será papel aberto onde em mais fiel estylo as lerão todos, esperando que unindo V. Alteza a gloria das armas ás delicias do estudo será entre os principes portuguezes no nome e no valor primeiro. Guarde Deos a Serenissima pessoa de V. Alteza. Lisboa, 15 de março de 1651.

Jacinto Freire de Andrade.

# AOS QUE LEREM

São os prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andão sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, não quero pedir perdão de nada, quem achar que dizer não me perdôe (nem será necessario encomendal-o). Se me notarem o livro de roim, não negarão que he breve, e escrito em lingua portugueza, que tantos engenhos modernos, ou temem, ou desprezão, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passárão como hospedes, sem respeito a aquellas veneraveis cãs, e ancianidade madura de nossa linguagem antiga. Escrevi esta historia com verdade de memorias fieis, sem que a penna, ou o affecto alterasse o menor accidente. Antes que este papel saisse dos borrões, sei que muitos o taixárão de escasso, dizendo que houvera de dilatar a historia com allusões, e passos da Escriptura, que fizessem mais crecido volume; estes comprão os livros pelo pezo, e não pelo feitio : de mais que não permittem tão licenciosa penna as leis da historia. Outros querião que me valesse do estrepito de vozes novas, a que chamão cultura, deixando a estrada limpa, por caminhos fragosos, e trocando com estimação pueril, o que he melhor, polo que mais se usa, mas como não determinei lisongear a gostos estragados, quiz antes com a singeleza da verdade, servir ao applauso dos melhores, que á fama popular, e errada.

# VIDA

DE

# DOM JOÃO DE CASTRO,

## QUARTO VISO-REI DA INDIA.

---

## LIVRO PRIMEIRO.

Escreverei a vida de dom João de Castro, varão ainda maior que seu nome, maior que suas victorias; cujas noticias são hoje no Oriente, de pais a filhos, hum livro successivo, conservando-se a fama de suas obras sempre viva; e nós ajudaremos o pregão universal de sua gloria com este pequeno brado, porque durão as memorias menos nas tradições que nos escritos.

### *Primeiros estudos de dom João de Castro.*

1. Foi dom João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente; mas primeiro relataremos as virtudes, e depois a origem, por serem as obras proprias, pais melhores, que os que da natureza se recebem. Passou os primeiros annos, cultivado nas letras, e virtudes, que sofre aquella idade, sendo tão facil o natural á disciplina, que não havia mister torcido, senão

encaminhado. Como não era dom João herdeiro da casa de seus pais, dispunhão elles inclinal-o a estudos maiores: porque nas casas grandes forão sempre neste reino as letras o segundo morgado. Obedeceo dom João em quanto não tinha liberdade para engeitar, nem escolha para tomar outro exercicio. (V. Nota I, *no fim.*)

### *Applica-se ás mathematicas, em companhia do infante dom Luis.*

2. Aprendeo as mathematicas com Pedro Nunez, o maior homem que desta profissão conheceo Portugal, fazendo-se tão singular nesta sciencia, como se a houvera de ensinar. Nesta escola acompanhou o infante dom Luis, a quem se fez familiar, ou pola qualidade, ou polo engenho; porém como dom João amava as letras por obediencia, e as armas por destino, despresou como pequena a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus avós exemplo.

3. Era naquelle tempo clara a fama de dom Duarte de Menezes, governador de Tanger, cujo nome os Africanos ouvião com temor, e nós com reverencia. Considerava dom João melhor suas victorias, que as figuras, e circulos de Euclides, amando as artes em quanto podião servir ao valor.

### *Passa a Tanger.*

4. Chegado aos dezoito annos, vendo-se mais crescido no brio, que na idade, fugindo se embarcou para Tanger; onde, contra o estylo d'aquellas praças, assistio nove annos, como quem queria fazer vida do que era só caminho. Em todas as occasiões d'aquella guerra, se portou com esforço igual ao sangue, e maior que os annos, merecendo congratulações dos parentes, envejas dos soldados.

### *Dom Duarte de Menezes o arma cavalleiro, e informa a el-Rei de seu merecimento.*

5. Dom Duarte de Menezes o respeitava, como se houvem lido nesta historia victorias da Asia, que estamos escrevendo. Por suas mãos lhe quiz dar, e receber a honra de o armar cavalleiro, gloriando-se tão anticipadamente no filho de sua disciplina. E vendo que tão grandes espiritos merecião ser ajudados dos favores reaes, desejando que respondessem os premios ao valor; zelando igualmente a causa do Rei, e do vassallo, escreveo a el-Rei dom João o Terceiro, que dom João de Castro havia servido de maneira, que nenhum posto, ou mercê ja lhe seria grande : que Sua Alteza o devia honrar, porque as lembranças dos reis fazião soldados, e era justo que aos olhos de tão grande principe não ficassem sem premio as virtudes.

### *El-Rei o chama, honra, e premia.*

6. El-Rei mandou logo chamar a dom João por huma carta tão honrada, como se lhe não quizera fazer outra mercê; com a qual dom João se veo á corte, onde foi tão envejado pelas feridas, como pelos favores. El-Rei lhe fez mercê da comenda de Salvaterra, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimação com que os tratava.

### *Seu procedimento na corte.*

7. Cursou dom João algum tempo a corte, sem que a nenhum desar da mocidade o arrastassem os annos ou os exemplos, parecendo verdadeiramente varão em toda a idade; porém com tal medida, que nem a madureza o fazia pesado, nem a urbanidade facil. Soube philoso-

phar entre as diversões da corte, evitando naquelle genero de vida a parte que tinha de ociosa, mas não a de discreta.

### *Casou com dona Leonor Coutinho.*

8. Mudou de estado, casando com dona Leonor Coutinho, sua prima, segunda filha de Leonnel Coutinho, fidalgo da illustrissima casa de Marialva, nobreza tão conhecida, e tão antiga, que d'ella, e do reino temos igual noticia. Não lhe derão outro dote que as qualidades e virtudes da esposa; porêm sem os arrimos da fazenda, conservou o respeito de maneira, que era tratado de todos com veneração de rico, e lastima de pobre.

### *Jornada de Tunez. — Occasião que para ella houve.*

9. Offereceo-se neste tempo a jornada de Tunez, facção mais celebre pola victoria que pola utilidade; de que não coube a dom João de Castro pequena parte na honra, e no perigo. Daremos do successo relação menos abreviada, por haver el-Rei dom João empenhado na facção o poder, o infante dom Luis a pessoa. Havia aquelle famoso cossario Barba-Roxa infestado todo o Mediterraneo com poder, e atrevimento maior que de pirata, achando a fortuna tão prompta a seus insultos, que entre os triunfos de Carlos, era só Barba-Roxa o escandalo de suas victorias. Vendo-se cada dia mais crecido em opinião, e forças, se passou ao serviço do Turco, com quem ja a fama de nossas injurias o tinha acreditado, e comprando-lhe a graça com o mais precioso de seus roubos, alcançou ser general do mar : e baixando diversas vezes com grosso numero de galés, fez grandes danos nos portos de Napoles e Sicilia, sem que bastasse a defendel-os o valor de seus naturaes, nem a tutela do

Imperio, a que servião. Cativou infinitas almas, perdendo muitas a Fé pola liberdade; assolou povos, e abrasou navios, dando-lhe as miserias dos Christãos entre os Barbaros, huma gloriosa fama, até que esquecido de seus principios, lhe fizerão as prosperidades lugar á ambição de reinar, usurpando o reino de Tunez com varios artificios, cuja relação não serve á nossa historia. Vendo pois Carlos este tyranno já com forças proprias, fomentadas de outro poder maior; e que pola vizinhança de seus reinos não convinha que criasse raizes ás portas de sua mesma casa; e que os Mouros, a quem não faltava valor, mas disciplina, industriados de soldado tão pratico, virião a conhecer suas forças, em dano de seus reinos; resolveo buscal-o com huma poderosa armada, e tirar-lhe o abrigo de Tunez, para que quando melhor livrasse, se tornasse ao mar, donde como pirata, só poderia offender com forças vagas, as quaes mais facilmente poderião acabar os tempos, e os successos. Tirou os soldados velhos dos presidios de Italia, que suprio com bisonhos; fez grandes levas na Alemanha alta, e paizes de Flandres; alistou Italianos e Hespanhoes, além dos senhores, e nobreza, que servia sem soldo; e como empresa tão util, e justificada, e onde o imperador empenhava a pessoa, acudião muitos aventureiros a acompanhar tão pias e valerosas armas. Em Sardenha tomou o imperador mostra da gente que levava, e achou vinte e cinco mil infantes de lista, que recebêrão soldo, fóra outra muita gente que servia sem elle, que era huma grande parte do exercito, e cada dia recebia differentes soccorros, que engrossavão o campo. (V. Nota II.)

### *Acompanha nella o infante dom Luis.*

10. O infante dom Luis, principe digno de empresas iguaes a seu valor, se resolveo achar nesta jornada com

o imperador seu cunhado; e ainda que d'el-Rei dom João foi mui dissuadido com razões differentes : humas que topavão no amor do sangue, e outras no respeito da pessoa; com tudo o infante, interpretando a vontade d'el-Rei, mais em favor do brio que da obediencia, partio secretamente com alguns fidalgos, o que entendido por el-Rei, lhe mandou a Barcellona, onde o imperador estava, largos creditos, e aprestar vinte e cinco caravellas, e alguns navios redondos; entre elles hum galeão que jugava duzentas peças de bronze, o maior que até aquelles tempos surcárão nossos mares, á ordem de Antonio de Saldanha, para que servissem na jornada; e por reverencia do infante se encomendárão as vasilhas da armada a fidalgos de grande conta, sendo hum delles dom João de Castro, que nesta occasião igualmente despresou o perigo e a cobiça, como logo mostrará a historia.

### *Fidalgos que forão nesta jornada.*

11. Os fidalgos que se embarcárão nesta armada, de que alcancei noticia, forão, de mais de dom João de Castro, dom Affonso de Portugal, filho herdeiro do conde de Vimioso, dom Affonso de Vasconcellos, filho do conde de Penella, Luis Alvarez de Tavora, senhor do Mogadouro, com Ruy Lourenço de Tavora, seu irmão, que depois foi viso-rei da India, dom João de Almeida, filho do conde de Abrantes, dom Pedro Mascarenhas, que tambem foi viso-rei da India, dom Diogo de Castro, alcaide mór de Evora, dom Fernando de Noronha, dom Francisco de Faro, dom Francisco Pereira, embaixador que foi d'el-Rei dom Sebastião em Castella, dom Affonso de Castelbranco, meirinho mór, Pero Lopez de Sousa, João Gomez da Sylva, pagem da lança, e dom Luis de Attayde, que depois foi de conde d'Attouguia, e morreo na India, sendo segunda vez viso-rei d'aquelle Estado. Todos estes fidalgos forão servir á sua custa, levando

criados, e soldados, sem receberem soldo, com galas, e librés demonstradoras do gosto com que seguião a guerra. Tomou a armada o porto de Barcellona, e salvando a capitaina imperial, deu de si huma mostra bellicosa, e alegre. O imperador se veo ás casas do embaixador de Portugal Alvaro Mendez de Vasconcellos, que por estarem sobre o mar, erão mais aptas para honrar e festejar a entrada.

### *Cortesia entre o imperador e infante.*

12. Os duques de Alva e Cardona, com outros muitos senhores, vierão á praia buscar o general, e fidalgos de sua companhia, que forão beijar a mão ao imperador, o qual os recebeo com todas as honras, e agasalhos, que a authoridade sofre, alegrando-se de se acompanhar de nossa milicia pratica, e valerosa, a quem não parecerião estranhas as Luas, e lanças Africanas. Todas as resoluções grandes communicava o imperador ao infante dom Luis, não só pola grandeza da pessoa, mas pola do juizo, tão pratico na corte, como no Estado, de quem referirei um lanço de urbanidade, pola estimação que d'elle fizerão os Castelhanos. Recolhião-se huma noite o imperador e o infante, e ao entrar de uma porta, sobre qual havia de passar diante, pleiteárão ambos a cortesia, querendo hum, que precedesse o hospede, outro a magestade. O imperador, travando-lhe do braço, quasi por força o fez passar primeiro. Não querendo o infante aceitar esta honra, nem podendo engeital-a, lançou mão a uma tocha, que hum pagem levava. Assi soube o infante fazer-se tão senhor da vontade do imperador, que teve resoluto dar-lhe o Estado de Milão, achando nelle qualidades para o merecer, e para o defender, valor; mas as pretenções da França fizerão o dominio d'este Estado tão contingente, que ficou o senhorio d'elle muitos annos debaixo do juizo das armas.

*O imperador quer armar cavalleiro a dom João, que não aceita. — Nem a mercê do dinheiro.*

13. Não relatarei os successos d'esta guerra, por ser historia alhea, bem que nella dom João de Castro se portou de maneira, que o imperador o quiz armar cavalleiro, honra de que elle se escusou com a verdade de o haver ja sido por outras mãos, que o que lhe faltavão de reaes, tinhão de valerosas. Mandou o imperador dar dous mil cruzados a cada hum dos capitães da armada, que dom João singularmente não quiz aceitar, porque servia com maior ambição do nome que do premio.

*Concluida esta jornada, se recolhe a Sintra.*

14. Triunfante Carlos, como outro Scipião, da guerra de Africa, se veo descansar entre applausos e acclamações da Europa, podendo-se chamar antes fundador, que herdeiro de seu imperio. Voltou tambem a nossa armada ao porto de Lisboa, onde dom João achou nos braços do Rei, e saudações do povo maior premio, do que engeitára do Cesar : e como varão que tão bem sabia despresar sua mesma fama, se retirou á sua quarta de Sintra, desejando viver para si mesmo, havendo-se no serviço da patria de maneira, que nem o desemparava como inutil, nem o buscava como ambicioso. Aqui se recreava com huma estranha, e nova agricultura, cortando as arvores que produzião fruto, e plantando em seu lugar arvoredos sylvestres, e estereis; quiçá mostrando, que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio : mas que muito, fizesse pouco caso do que podião produzir os penedos de Sintra, quem soube pisar com despreso os rubis e diamantes do Oriente !

*Passa a primeira vez á India.*

15. Achava-se dom João no melhor de seus annos, estimulado a servir com os exemplos de sua mesma casa; e como a guerra de Africa com a nova conquista do Oriente, ou se dissimulava, ou se esquecia, havendo o mundo por mais gloriosa a fama, que vinha de mais longe, resolveo dom João passar á India, cuja conquista enchia o reino de fama, e de victorias, embarcando-se sem pedir posto, ou mercê alguma, havendo por mais sua, a honra que se vai a ganhar, que a que se leva. (V. Nota III.)

*Faz-lhe el-Rei mercê, e como a aceita.*

16. Passou n'aquella occasião a governar á India dom Garcia de Noronha, seu cunhado, que estimou levar a dom João de Castro com meritos de successor, e praça de soldado. El-Rei, logo que entendeo a resolução de dom João, lhe mandou dar mil cruzados cada anno o tempo que servisse na India, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle (não sei se com maior ambição, ou com maior temperança) não aceitou, por ser mais rara a memoria das mercês que se engeitão, que das que se recebem : acção mais facil de louvar que de imitar.

*Leva seu filho dom Alvaro. — Embarca-se no soccorro de Dio.*

17. Embarcou-se dom João de Castro, com seu filho dom Alvares de treze annos, dando-lhe por entretenimentos d'aquella idade os perigos, e tormentas de tão prolixos mares. Chegou a armada de dom Garcia á India com prospera viagem, onde achou ao governador Nuno da Cunha com armada prompta para soccorrer a Dio, e

peleijar com as galés do Turco, que o tinhão sitiado naquelle illustre cerco, que defendeo Antonio da Sylveyra. Tomou dom Garcia, com a posse do governo, a obrigação de soccorrer a praça, para o que se offereceo dom João de Castro, que como soldado da fortuna alvoroçado se embarcou no primeiro navio, parece que já presago dos futuros triunfos, a que o chamava Dio. Porém a retirada dos Turcos privou a dom Garcia da victoria, ou lha quiz dar sem sangue, se menos gloriosa, mais segura.

18. Falleceo brevemente dom Garcia, a quem succedeo dom Estevão da Gama, que na India teve os brios dos de seu appellido, e parece que tivera a fortuna, se não fora tão breve o seu governo. Emprendeo huma facção, no perigo, e na gloria, grande; qual foi embocar o estreito do mar Roxo, e queimar as galés dos Turcos, que no porto de Suez se fabricavão com voz de lançar os Portuguezes da India : empresa que o Turco reputava por digna de seu poder.

## *Vai ao mar Roxo com dom Estevão de Gama.*

19. Posta de verga d'alto toda a armada, não houve soldado de valor a quem não alvoroçasse o risco de tão nova jornada, na qual tanta fama merecia a victoria, como o atrevimento. Partio dom Estevão de Gama com doze navios de alto bordo, e sessenta embarcações de remo, o primeiro de janeiro de mil e quinhentos e quarenta e um. Aqui foi dom João de Castro capitão de hum galeão, e seguindo sua viagem com Levantes, avistárão a costa de Arabia, posto que derramados. O governador dom Estevão de Gama a vio em monte Felix, e surto na boca do estreito esperou os navios de sua conserva. Aqui foi certificado que as galés inimigas estavão varadas em terra, porém tão vigiadas que se não podião queimar senão com força descoberta : o que seria impossivel aos

navios redondos, em razão dos baixos, e restingas d'aquelle porto; com tudo dom Estevão de Gama, despresando o aviso, e o perigo, passou avante com algumas fustas, huma das quaes levou dom João de Castro, deixando o seu navio. Passárão pelas primeiras ilhas, situadas em doze graos e meio, e pela enseada velha em treze escassos, tomárão a da Fortuna, que está na mesma altura. Em todas estas angras, e enseadas da boca do estreito até Suez, foi dom João de Castro tomando o sol, e fazendo roteiro, formando juizo já de philosopho natural, e já de marinheiro, mostrando como caminha cega a experiencia rude dos pilotos sem os preceitos da arte. Aqui tão judicioso, como soldado, discursou doutamente sobre as causas, porque ao mar Roxo foi imposto este nome, e tambem dos impulsos, e movimentos naturaes das crescentes do Nilo nas monções do Estio; materia que desvelou muitos engenhos, a quem a natureza tantos annos escondeo estes secretos. Assi contaremos deste varão como parte menor de sua grandeza, o que os Romanos com tão soberba eloquencia escrevem de seu Cesar, que com tanto juizo tomava a penna, como com valor a espada. Este tratado, e outro de que daremos mais inteira noticia, escritos entre as ondas do mar e o açoute dos ventos, dedicou ao infante dom Luis, offerecendo-lhe o fruto das letras, que juntos aprendêrão.

*Dom Estevão arma cavalleiro a dom Alvaro.*

20. Nesta paragem virão o monte Sinai, onde com fabrica de Anjos forão as reliquias de S. Catherina collocadas em illustre deposito; a cuja vista dom Estevão de Gama armou cavalleiro a dom Alvaro de Castro, o qual, em memoria de tão celebre sanctuario, tomou por timbre de suas armas a roda de navalhas, com que religiosamente as illustrão ainda hoje seus descendentes. Do

effeito d'esta jornada não daremos particular noticia, porque a vigilancia dos Turcos nos frustrou o effeito.

### *Torna dom João ao reino. — É general da armada da costa. — Desbarata sete naos e cossarios.*

21. Tornando dom João ao reino, como querendo deixar crecer as palmas do Oriente, que havião de coroar suas victorias, não desembarcou outras riquezas, mais que a fama de suas obras; e estando com os vestidos do mar, ainda mal enxutos, o nomeou el-Rei por general das armadas da costa, dando-lhe novas occasiões de servir em premio do que tinha servido. Sahio logo dom João no anno de 1543 a comboyar as naos que de viagem se esperavão da India, e pairando na altura de seu regimento, houve vista de hum cossario francez, que com sete navios infestava todos aquelles mares, e havia feito algumas prezas em navios de nossas conquistas, que o tinhão atrevido, e rico. Logo que dom João o avistou, se fez n'aquella volta com os navios arrasados em popa, e atracando a capitaina do inimigo, a abordou, e rendeo depois de porfiada resistencia; meteo dous navios no fundo, e outros se salvárão com o favor da noite. Os casos particulares d'esta briga não pude achar escritos, assi ficará nosso silencio disculpado com o descuido alheo. (V. Nota IV.)

### *Recolhe as da India.*

22. Houve dom João vista das naos dentro em poucos dia, que com reciprocas salvas lhe ajudárão a festejar a rota do cossario; entrou com ellas pela barra de Lisboa, sendo tão geral o applauso com que foi recebido, que parecia haver passado já os perigos do odio e da enveja : felicidade, ou miseria, que só na sepultura alcanção, ou evitão os varões excellentes. Porém d'estes

successos conseguio dom João somente o premio na victoria : porque quando as dividas são grandes, os reis por não ficarem escassos, arriscão-se antes a parecer ingratos : mais faceis a confessar os vicios na pessoa que na magestade.

23. Pouco tempo, deixárão a dom João de Castro descansar no gosto da victoria, porque logo para negocio de maior cuidado, tornou a vestir as armas, como referirei mais largamente, ainda que contra meu costume; por não troncar a historia, buscarei principios afastados. Vio-se aquelle famoso cossario Haradin Barba-Roxa quasi desbaratado com a perda de Tunez e Goleta, e muito mais com a das galés, perdendo na terra a authoridade de tyranno, e no mar as forças de pirata. Porém não ficou este inimigo de todo tão quebrantado, que deixasse de gemer ainda Italia muitos annos debaixo de seu açoute. Tinha depositado em differentes partes o melhor de seus roubos, como segunda taboa em que salvar-se; fez d'elles um presente a Solimão, senhor dos Turcos, de tanta estimação que pode fazer esquecer, ou disculpar a desgraça da armada, e fugida de Tunez, de que Solimão ainda tinha a dor, e a memoria fresca. Representou-lhe o muito que podia obrar em dano dos Christãos, pois começando a tentar o mar com duas galeotas mal armadas, o valor, e os successos o fizerão temido, e poderoso, e fazendo-lhe cruel guerra com seus proprios despojos; que não cabião já os cativos nas masmorras de Africa; que no reino de Napoles, em toda a Apulha e terra de Lavor, fizera taes estragos, que ainda agora, nem o sangue nem as lagrimas estavão enxutos; que as galés de Sicilia, temerosas apodrecião ancoradas no porto; que aquelle André Doria tão buscado dos principes da Europa, diria quantas vezes, por se desviar de Barba-Roxa, tinha forçado o remo; que seguramente daria por testemunha de suas obras seus proprios inimigos; que o imperador Carlos, irritado de tantos danos, vendo que só Barba-Roxa fazia

a suas victorias sombra, mais impaciente que soldado, juntára para o destruir todas as forças de Alemanha, Italia, Espanha, e Flandres, expondo temerario o melhor de seus reinos, ao caso de huma ruina ou de huma victoria, e ainda que o não desacompanhou sua antiga fortuna, só tirou da jornada fama sem fruto, restituindo a Tunez hum inimigo por desapossar outro: que se não recolhêra tão inteiro, que lhe não custasse a victoria navios, e soldados; e que com as despesas de tão numeroso poder, esgotára os thesouros de Espanha; que agora era o tempo opportuno para arruinar a christandade, enfraquecida con huma larga guerra, descuidada com huma apparente victoria; que no estreito de Gibraltar estava a celebre cidade de Ceita, porta por onde já os Africanos entrárão com victoriosas armas a dominar Espanha; que os Portuguezes a tinhão com fracos muros, e hum debil presidio, mais attentos a inquietar os vezinhos, que acautelar-se d'elles, porque altivos com as prosperidades do Oriente, despresavão sua propria morada, á maneira de rios, que quanto mais distão do berço em que nacêrão, são maiores; que se a magestade do grão senhor se inclinasse a senhorear esta parte tão principal da Europa, elle se offerecia com hum justo numero de galés, a entregar-lhe Ceita, para que as nações do ultimo Occidente vivessem na reverencia de seu imperio. Assi discorreo o cossario, tentando restaurar com forças alheas o credito e estado de que havia caido. E como nas cortes dos principes, as causas grandes são melhor ouvidas que as possiveis; e em Barba-Roxa a experiencia, e o valor tinhão tantos abonos, Solimão altivo, e bellicoso, começou a dar ouvidos a empresa de tantas consequencias, que parecia opportuna pola paz, e prosperidade, que gozava seu imperio. Ouvio diversas vezes a Barba-Roxa, que lhe persuadio serem os uteis d'esta facção maiores que as difficuldades. Inflammavão mais a indignação do Turco os Mouros Africanos, queixosos de que

não podião respirar, senão debaixo da paz de nossas armas, chorando huns a liberdade, outros a injuria de seu propheta nas prostradas mesquitas. No remedio d'estes danos empenhavão o Turco por zelo, e por grandeza, porque uns tocavão á religião, outros á magestade; motivos que cobrião a ambição, e justificavão a jornada. (V. Nota V.)

*Avisos do imperador a el-Rei.*

24. O imperador Carlos, que da negociação de Barba-Roxa em Constantinopla andava cuidadoso, entendendo que aquelle tronco, de quem cortára as ramas, não ficára tão secco, que com calor alheo não pudesse brotar novo veneno, teve industria para saber a resolução do Turco acerca da invasão de Espanha, e ainda que o primeiro golpe ameaçava a Ceita, como nunca a corrente da victoria pára onde começa, não querendo cair tambem sobre nossas ruinas, mandou armar navios, alistar gente, e dobrar os presidios nos portos do estreito, escrevendo a el-Rei dom João seu cunhado os avisos que tinha, para que juntos dispusessem a resistencia do commum inimigo.

*E lhe pede ajuda para resistir aos Turcos.*

25. Chegada a Portugal esta nova, tratou logo el-Rei de fortificar Ceita, que não tinha outra defensa, que a que ensinava a disciplina d'aquelles tempos; e como nós em Africa eramos conquistadores, defendiamos nossas praças com o temor alheo. Governava naquelle tempo Ceita dom Affonso de Noronha, a quem el-Rei encommendou a fortificação e a defensa, mandando-lhe gente, materiaes, e engenheiros. Pedia o imperador a el-Rei, que mandasse sair a armada, para que unida com a que tinha em Cadiz, á ordem de dom Alvaro Bação, esperassem o inimigo na boca do estreito, onde em qualquer

successo terião no abrigo de seus portos segura a retirada. Posto o negocio em conselho, pareceo que as armadas se juntassem, porque não ficasse sobre nossas forças todo o peso da guerra.

*Nomea el-Rei a dom João por general.*

26. Entrou el-Rei em consideração de buscar quem governasse a armada, e dado que no reino havia muitos homens, a quem as experiencias e perigos de nossas conquistas tinhão feito soldados, o nome de dom João de Castro se fazia lugar entre os maiores; fez brio de não pedir, nem engeitar o serviço da patria. Sabemos que el-Rei dom João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo; de sorte que o que grangeava por huma virtude, vinha a perder por outra; assi não vimos que na casa real tivesse officio, ou valimento, porque varão tão livre podião-no sofrer como vassallo, mas não como criado. Estava já com velas metidas toda a armada, e embarcada muita parte da nobreza do reino, e os soldados na expectação de quem havia de governar facção tão importante; quando de repente se divulgou a nomeação em dom João de Castro, feita com geral satisfação, ainda dos mesmos pretendentes.

*Confiança que mostra ter de dom João.*

27. Mandou el-Rei chamar a dom João, a quem communicou os avisos do imperador, e designios do Turco, significando-lhe a enveja com que o mandava a tão honrada empresa, mas que pois era huma prisão real das magestades, poder dar honras sem poder merecel-as, lhe entregava aquella armada, esperando que havia de ajuntar ás ruelas dos Castros as bandeiras que aos Turcos ganhasse, para que a seus descendentes as deixasse ainda mais honradas do que lhas entregárão. Dom João beijou

a mão a el-Rei, agradecido; entendendo que dos principes era melhor ser bem avaliado, que bem visto.

*Ajunta-se com o general do imperador. — Discorrem sobre a jornada. — Resolvem peleijar. — Muda o general castelhano parecer. — E trata de reduzir a dom João. — O qual permanece em peleijar com os Turcos.*

28. Aos doze dias de agosto 1543 se fez à vela toda a armada, e em poucos dias com ventos de servir, surgio á vista de Gibraltar, onde achou sobre ferro a armada imperial, que recebeo a nossa com toda a cortesia naval, alegrando, ou assombrando o lugar com repetidas salvas. Veio logo dom Alvaro Bação, com os principaes cabos da armada, visitar a dom João de Castro ao mar, onde depois de saudações corteses, lhe deu conta das noticias que tinha do inimigo, que segundo os avisos, a primeira invazão seria sobre Ceita. Alli se discorreo, como unidas as armadas de dous tão grandes principes, convinha á reputação de umas, e outras armas, peleijar com o inimigo; que dado que viesse com maiores forças, peleijavamos nos nossos mares á vista de nossos portos; que no conflícto nos podião soccorrer com gente descansada; e os navios destroçados terião o abrigo vezinho; e que quando bem a victoria se inclinasse aos Turcos, ficarião tão quebrados, que não pudessem intentar facção nas praças do estreito, as quaes sempre remirião peleijando em ambos os successos; maiormente, que as ordens, que trazião cerradas de buscar o inimigo, não sofrião outra interpretação com que se salvasse a honra e a obediencia. Tomada esta resolução, ainda que precisa, briosa, ficárão os soldados alvoroçados, e os cabos solicitos nas ordens, e disposição de tão grande negocio: quando de repente chegárão apressados avisos, que

Barba-Roxa com toda a armada junta demandava o estreito. Mandou logo dom João de Castro recolher alguma gente que andava em terra, dar ordens aos capitães, empavesar navios, e avisar a dom Alvaro de como se levava. O qual com a imaginada vista do inimigo, resfriado d'aquelle ardor primeiro, escreveo a dom João de Castro, que novos casos necessitavão de novos conselhos ; e que pelas noticias das espias, sabia que Barba-Roxa trazia dobrado numero de baxeis do que as armadas tinhão ; que não era intenção, nem serviço de seus principes perderem-se com risco tão sabido ; que estando aquellas armadas inteiras não podia o inimigo intentar cousa grande : e se acaso na peleija ficassem destroçadas, ficarião as praças do estreito por premio da victoria; que elle em deixar de peleijar se violentava muito, mas que primeiro estava o serviço do Cesar que o brio dos particulares ; que lhe pedia recolhesse naquelle porto a armada, e que da resolução dos Turcos tomarião mais seguro conselho. Dom João de Castro respondeo ao general castelhano, que elle não mudava de opinião á vista do inimigo ; que bastava para animar os Turcos o verem-se temidos ; que pois elles pretendião pisar terra de Espanha, as armadas se devião arriscar pola reputação, quando mais pola injuria ; que juizo havia de fazer o mundo das forças de dous tão grandes principes, quando se colligavão para fazer a Barba-Roxa a guerra defensiva ! deixando senhorear a bandeira do Turco nossos mares á vista das aguias do imperio e quinas de Portugal ; que elle se resolvia em esperar o inimigo, seguro de lhe imputarem culpa em hum e outro acontecimento, porque no máo successo, os perdidos não davão conta de nada, e aos victoriosos de nada se pedia.

*E o espera no estreito tres dias.*

29. Mas nem esta resolução bastou para o general castelhano dom Alvaro Bação mudar de conselho; não sabemos se o tomou por melhor, se por mais seguro. Dom João de Castro se poz na boca do estreito, aonde esteve sorto tres dias; aqui teve aviso, que se fizera em outra volta a armada do inimigo, por dissensões que houvera entre os cabos maiores, ou como em outras memorias achamos, por haver recebido Barba-Roxa novas ordens do Turco, que recolhesse a armada; porém a gentileza com que dom João de Castro esperou no estreito, mereceo dos presentes enveja, e dos futuros gloria; pois para conseguir huma illustre victoria, não faltou o valor, faltou o conflicto; bem que d'esta tão generosa resolução, se fizerão em Espanha juizos differentes, pondo-lhe nota aquelles, que a todas as acções não vulgares, chamão temeridades; porém eu creo, que ainda os que mais condenárão esta acção, tomárão ser os autores d'ella.

*Manda seu filho com soccorro a Alcacer Ceguer. — Volta a Lisboa, e se recolhe a Sintra.*

30. Vendo pois dom João, que com a retirada do inimigo ficára assegurado o receo d'aquellas praças, se foi Ceita a communicar algumas cousas de sua instrucção com dom Affonso de Noronha; o qual recebeo a dom João com tantas salvas de artelharia, que os Castelhanos em Gibraltar se persuadírão que peleijava a armada; mas nem assi quizérão desaferrar do porto, faceis em alterar o primeiro conselho, tenazes no segundo. Aqui teve dom João de Castro aviso, que os Mouros tinhão Alcacer Ceguer em apertado cerco, praça, que os nossos sustentavão em Africa com despesa,

e perigo inutil, de que era capitão hum fidalgo do appellido de Freitas. Despachou logo a seu filho dom Alvaro com um troço da armada, e ordem, que metesse o soccorro na villa, e que até se levantar o inimigo estivesse no porto; o que executou promptamente, bastecendo, e municionando a praça; e como o exercito dos Mouros se compunha de gente tumultuaria, faltando-lhes o calor da primeira invasão, levantou o sitio, e dom Alvaro se tornou a aggregar á armada, que depois de assegurar Ceita, e livral-a do receo dos Turcos, se recolheo ao porto de Lisboa, aonde já havia chegado a fama de hum, e outro successo, que como cairão sobre valor tão bem reputado, parecêrão maiores; mas dom João, que nenhuma cousa tinha por grande, querendo tratar com despreso suas mesmas obras, fugio das honras populares ao retiro de Sintra, ou tão modesto, ou tão altivo, que não avaliava suas acções por dignas de si mesmo.

31. Entrou el-Rei dom João em consideração de buscar quem governasse o Estado da India, porque Martim Affonso de Sousa tinha acabado o tempo, e pedia successor com repetidas instancias, porque as cousas do Oriente estavão por varios accidentes um pouco declinadas, e não queria que a guerra com algum desar lhe desluzisse a gloria de seus feitos, como quem sabia, que dá a ignorancia do povo poder a uma desgraça, para desauthorisar muitas victorias. Para negocio tão grande se representárão a el-Rei sujeitos differentes; huns que pela antiguidade do sangue costumavão a ser, senão benemeritos, herdeiros dos lugares maiores (segunda tyrannia de reinar que inventou a nobreza); outros humildes por nacimento, e illustres por si mesmos, que o que se lhes devia por seus merecimentos, perdião por falta dos alheos; assi que para posto de tanta authoridade, nem bastava valor plebeo, nem qualidade inutil.

*É proposto pelo Infante para o governo da India.*

32. Com estas considerações el-Rei irresoluto na escolha de varão, de quem pudesse fiar o peso de tão grande governo, perguntou ao infante dom Luis, quem no estado presente fizera governador da India. O qual lhe significou o conceito que tinha dos espiritos de dom João de Castro; porque ainda que na occasião do estreito a muitos havia parecido que se houvéra com animo sobejo, é certo, que não haveria soldado que não estimasse ser reo de tão honrada culpa; e que dado que seus emulos o arguião de altivo, e retirado, por não pedir mercês, nem cortejar ministros, erão estes defeitos de tão boa qualidade, que vinhão a ser melhores os vicios de dom João de Castro, que as virtudes de outros: que não via quem pudesse conservar a disciplina da primitiva India, senão dom João de Castro, o qual servia tão alheo de todos os interesses, que parecia despresar os premios da terra, como se S. Alteza não fora rei dos homens, senão deos dos vassallos; que era affeiçoado a dom João de Castro por suas qualidades, porém tão livremente que seus merecimentos ainda separados do sujeito, amára em qualquer outro. (V. Nota VI.)

*El-Rei o elege, e lhe falla. — Approvão todos esta eleição.*

33. El-Rei com quem a opinião do Infante tinha credito grande, vendo que avaliava as cousas de dom João com zelo de principe, e noticias de amigo, approvou a inculca feita pelo Infante, cuja authoridade qualificou o conceito de todos, mandando chamar a dom João de Castro a Evora, onde tinha sua corte, lhe disse em sala publica: « Andei estes dias cuidadoso em buscar varão que governasse o Estado da India, e não duvidava po-

del-o achar na familia dos Castros, de cujo tronco os senhores reis meus antecessores tirárão sempre generaes para os exercitos, regentes para os povos; assi me prometto, que de tão valerosa raiz não póde degenerar o fruto; mórmente se medir as futuras acções pelas passadas, as quaes vos tem dado justo nome na opinião do reino, e estimação na minha; polo que confiadamente vos encommendo o governo da India, aonde espero procedais da maneira, que possa dar vossas acções por regimento aos que vos succederem. » Dom João beijou a mão a el-Rei, mais agradecido á honra que a officio, estimando só de tão grande cargo o não o haver buscado. Na corte houve sobre esta eleição diversos sentimentos: alguns a notárão por enveja, e outros por costume; tanto, que nas virtudes em que lhe não podião achar faltas, lhe arguião excessos; foi porém tão bem avaliado dos mais, e dos melhores, que el-Rei se alegrava de haver achado um homem feito á vontade de todos.

### *Corre com o apresto das naos.*

34. El-Rei mandou logo despachos para aprestar a armada sem correr o meneo d'ella por outras mãos, como erradamente andou escrito, affirmando hum author, que dom João passára á India descontente, por ser mal respondido em seus particulares; cousa tão encontrada com as noticias que temos, e com pouca ambição d'este fidalgo, que mais se desvelava no que havia de engeitar, que no que havia de pedir, como se não tivera Rei a quem rogar, senão a quem servir.

### *Reprova as galas de seu filho.*

35. Determinou levar comsigo a seus filhos dom Fernando, e dom Alvaro, que era o mais velho; o qual

mandou cortar algumas galas, das que pedião a profissão, e os annos; e passando dom João acaso pola Jubiteria, vendo estar penduradas humas calças de obra, parando o cavallo, perguntou de quem erão; e tornando-lhe o official, que as mandára fazer dom Alvaro, filho do governador da India, pedio dom João de Castro huma tisoura, com que as cortou todas, dizendo para o mestre : « Dizei a esse rapaz que compre armas. » Não lemos que fosse mais exemplar ou austera a disciplina dos antigos Romanos.

### *Naos e capitães dellas.*

36. Aprestou dom João a armada brevemente, sem violencia, nem queixa dos pequenos, porque inda então as extorsões com que os ministros maiores armão á graça dos principes, se não usavão, ou se não conhecião. Era o corpo da armada de seis naos grandes, em que se embarcárão dous mil homens de soldo. A capitaina *S. Thomé*, em que o governador hia, que lhe deo este nome, que depois appellidou nas batalhas, invocando já como de justiça ao apostolo da India por patrão de uma e outra conquista. Os outros capitães de sua conserva erão dom Jeronymo de Menezes, filho e herdeiro de dom Enrique, irmão do marquez de Villa-Real, Jorge Cabral, dom Manoel de Sylveira, Simão de Andrade, e Diogo Rebello.

### *Partem, e em que tempo.—Compaixão do governador. — Perigo da sua nao.*

37. Aos dezasete de março de 1545, desaferrou do porto toda a armada, e a poucos dias de viagem foi avisado o governador, que na sua nao hião quasi duzentas pessoas que recebião ração sem assentarem praça; huns

que por inuteis não forão recebidos, e outros que por delictos se embarcárão escondidos. Instavão os ministros da nao com o governador que os embarcasse na caravella de refresco para desempachar a nao, e levarem mantimentos sobrados para os casos de tão larga viagem : porém o governador, mais compassivo que acautelado, fazendo uma mesma a causa dos miseraveis, e a sua, seguio sua derrota. Passados alguns dias começou-se a conhecer a falta dos mantimentos, com o que os marinheiros e soldados esforçárão a queixa contra o governador, que com tão arriscada piedade queria pôr em contingencia pelo remedio de poucos a salvação de todos. Os mais erão de parecer, que se lançasse esta gente nas ilhas de Cabo Verde, onde os criminosos e os pobres ficavão assegurados, estes da fome aquelles da justiça. Porém o governador, considerando que os ares e o terreno das ilhas, buscados fóra de monção, erão conhecidamente nocivos, resolveo amparar os miseraveis no seu mesmo navio crendo se salvaria com elles, e por elles, dizendo, que era deshumanidade lançar do mar a quem fugia da terra. Assi forão navegando com tempos escassos, até que lhe entrárão os geraes na costa de Guiné, onde a nao do governador tocando, esteve soçobrada, sendo na opinião dos mareantes, aquelles mares limpos, e aonde a carta não sinalava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte inopinadamente; as horas, e o temor fazião maior o perigo, até que a nao estando atravessada, e sem governo começou a sordir sobre a vaga; seria caso, mas pareceo milagre. O governador mandou tirar tres peças, para que as naos que vinhão por sua esteira dessem resguardo ao baixo; as quaes, não entendendo o sinal, arribárão sobre elle, e com melhor fortuna que conselho, sendo do mesmo porte que a capitaina, salvárão o baixo, achando sobre as mesmas aguas differente successo, cuja causa não soubérão ajuizar os mareantes.

### *Chega a Moçambique. — Muda a fortaleza para melhor sitio.*

38. Seguindo o governador sua viagem com toda a armada junta, surgio em Moçambique, onde o seu primeiro cuidado foi a desembarcação, e commodidade dos enfermos, ajudado de seus filhos dom Alvaro e dom Fernando, parecendo então herdeiros de sua piedade, depois de seu valor. Os dias que o governador esteve em Moçambique notou que a fortaleza que alli tem o estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimentos, e soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminencias que a senhoreavão, impedindo-lhe justamente a pureza dos ares em dano da saude. Communicou este negocio com as pessoas que d'esta arte tinhão alguma luz por uso, ou disciplina, e a todos parecêrão os erros da fortificação notados com juizo. Succedeo logo a execução ao conselho, e escolhido sitio conveniente, determinou materiaes, e mestres para a nova defensa; e como isto se obrava aos olhos do governador, os fidalgos á volta dos peões acarretavão as pedras : humas que servião á lisonja, outras ao edificio. (V. NOTA VII.)

### *Parte para Goa.*

39. Posta já em defensa a fortaleza, e reparada a saude dos enfermos com os ares, e refrescos da terra, deu o governador á vela, e navegando sempre com ventos de servir, ferrou á dez de setembro a barra de Goa, onde por hum navio que se adiantou, soube Martim Affonso de Souza que tinha o successor vezinho, dispondo-se a recebel-o com festas que mostrassem o gosto com que agasalhava o hospede, e deixava o governo. Foi logo

buscál-o ao mar em hum bargantim equipado, donde o trouxe á quinta de Antonio Correa, em quanto se dispunha a solemnidade de seu recebimento. Alli banqueteou ao governador, e aos fidalgos, e capitães da frota, com tanto primor no serviço, e abastança tão grande nas viandas, que parecia solemnizar as ultimas honras do cargo que expirava. Houve aquella noite bailes, e folias; festins que a singeleza do Portugal antigo levou ao Oriente. Aqui esteve o governador dous dias, assistido de todos os fidalgos, desemparando a Martim Affonso de Souza, até aquelles, que como creaturas suas, tinha feito de nada, aprendendo a ingratidão oriental dos Indos, que apedrejão o sol quando se põe, e o adorão quando nasce. (V. Nota VIII.)

### *Chega, e como é recebido.*

40. Chegado o termo da entrada, se metêrão os dous governadores em huma falúa com os remos dourados, e o toldo de sedas differentes. As torres, e os navios os festejàrão com horror de repetidas salvas; e os vivas, e expectações da plebe lisonjeavão sem artificio ao novo governo. Assi chegárão a desembarcar em hum grande theatro, onde os aguardava a camera da cidade em corpo de cabido. E assentados com as ceremonias que a vaidade inventou em semelhantes actos, fez hum dos vereadores sua estudada arenga, em que se promettia o Estado prosperidades grandes com o novo ministro. Depois de ouvir o governador as lisonjas publicas, ouvio tambem as secretas de muitos, que com ellas abrião a porta a seus particulares interesses.

### *Estado em que achou o governo.*

41. Acabada a solemnidade d'aquelle acto, e entregue dom João do governo da India, se partio Martim Affonso

para Cochim a tratar de seu apresto para o reino. Entrou logo o novo governador em cuidados molestos de aquietar o povo alterado pola mudança de moeda, que os ministros reaes havião sobido com dano dos vassallos, e escandalo do gentio vezinho. Direi de seus principios o caso.

*Com a alteração dos bazarucos. — Ouve a cidade e povo. — Resolução que toma.*

42. Corre na India huma moeda de baixa lei, que chamão bazarucos, a qual entre christãos, Mouros, e gentios, conservou sempre a mesma estimação vulgar. Esta como se lavra de cobre, material que n'aquelle tempo passava de Portugal por droga, pareceo aos ministros que se lhe devia sobir o preço em beneficio da fazenda real. Publicou-se solemnemente a alteração da moeda, começando a correr com nova estimação; porém como aquelle valor legal não era intrinseco, pois tinha só o que recebia da lei, e não do peso, o gentio, que não estava sojeito a leis alheos, faltava com a ordinaria provisão de mantimentos, e os povos padecião, como por decreto de seu mesmo governo. Os ministros maiores defendião, como real, a causa, zelando a utilidade do Rei na perdição do povo : o corpo da cidade clamava, que os reis de Portugal nunca fizêrão de suas miserias thesouro, nem costumavão beber as lagrimas de seus vassallos em baixelas douradas; que os gentios e Mouros se gloriavão de que não podendo destruir os Portuguezes com o ferro, os acabavão com suas mesmas leis, armando contra elles a ambição de seus governadores. Crescia a fome, e a liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da cousa, e a conformidade do aggravo commum. Com estas queixas forão os vereadores da cidade, entre pobres, mulheres, e mininos, huns com razões, e outros com lastimas demandar ao governador;

o qual mandando quietar a plebe, ouvio a huns como juiz, a outros como pai; e porque o mal da fome não se cura com remedios tardos, lhes remetteo a conclusão para o seguinte dia; assi os despedio confiados, crendo alguns, pelo costume da India, que como obra de seu antecessor lhe parecesse injusta. Logo naquella mesma tarde chamou os ministros da fazenda real, e ouvidos os fundamentos, que tivérão, deu parte da materia aos homens mais scientes nas leis, e na politica d'aquelle Estado, os quaes, sem discrepancia, resolvêrão ser cruel o decreto, e repugnante á piedosa intenção de nossos principes. E este parecer se corroborou com os foros, e privilegios populares, e outras legalidades, que deixamos por não fazer prolixa nossa historia. Revogada esta lei polo governador, começárão a correr os mantimentos do sertão, e os povos lhe viérão offerecer as vidas que lhes havia remido com a nova indulgencia do tributo.

### *Primeira embaixada do Hidalcão.*

43. Concluido este negocio com tanto credito da clemencia real, vierão embaixadores do Hidalcão, que depois de lhe darem as saudações ordinarias, e congratulações do cargo lhe pedião entregasse certo prisioneiro na forma que com seu antecessor estava concertado. E porque este negocio chegou a alterar o Estado com guerra descoberta, não deixaremos em silencio a origem que teve.

### *Sobre a causa de Meale.*

44. Morto Bazarb, principe de Balagate, no tempo que foi governador Nuno da Cunha, ficou Meale ainda no berço de sua infancia, havido por indubitavel successor da coroa. Era o Hidalcão neste tempo a segunda pessoa do reino em authoridade, a primeira em valor, porque

nas guerras dos principes vezinhos, tinha dado de suas obras um testimunho grande. E como estes barbaros mais reinão por occasião, que por justiça, o Hidalcão vendo que suas forças, e a impossibilidade do herdeiro lhe abrião larga porta à ambição da coroa, começou a solicitar os corações dos grandes, com os quaes artificiosamente se lastimava da miseria do reino com successor minino, com que havião de servir, ou sofrer como a reis, todos os seus valídos; que os principes com quem trazião guerra, não perderião a occasião de os acabar vendo no berço quem os havia de defender; que buscassem um varão, onde havia tantos, para salvar a patria, que elle seria do primeiro que lhe obedecesse, porque o governo do reino não podia esperar os tardos movimentos com que a natureza havia de dar a hum minino primeiro forças, depois entendimento; que quando com inutil obediencia abraçado aos peitos das amas adorassem Meale, não duvidava que por conservarem o rei, perderião o reino. Mostrou-se logo affavel com os povos, com os soldados liberal, como quem não queria imperar para sí, senão para elles, valendo-se ambiciosamente de todas as virtudes, não como necessarias para viver, senão para reinar. Chegárão emfim os principaes a offerecer-lhe a coroa, crendo, que sempre se acordasse que fora creatura de seus mesmos vassallos, ao qual sempre seria grata a memoria de tão grande beneficio.

45. Era o Hidalcão liberal, e valeroso, e sem duvida fora um grande principe, se conservára o reino com as mesmas virtudes com que soube acquiril-o; porém logo que se vio obedecido, cessárão aquellas artes fingidas, como não tinhão movimento natural, e rebentárão a ambição, e soberba, como vicios de casa. Não tratou logo de matar a Meale, ou por clemencia fingida, ou por crueldade nova, querendo quiçá, que o pobre rincipe com obediencia servil lhe authorizasse o cetro

que lhe tyrannizava. Os satrapas do reino vendo-se fóra de tempo arrependidos, e que já não podião ser traidores, nem leaes sem perigo, andavão consultando meios de assegurar Meale da tyrannia do Hidalcão, como se tivera o desgraçado principe mais justiça para viver, do que para reinar. Nestes discursos passárão alguns annos, nos quaes Meale chegou á idade que podia conhecer seu perigo, e considerando que sua presença arguia a consciencia culpada do tyranno, o qual maquinava com seu sangue apagar a memoria da instrusão da coroa, aconselhado dos mesmos que lhe tirárão o reino, se passou a Cambaya, onde foi bem recebido, mostrando o Rei, e o povo que se compadecião de miserias reaes : porém como aquelles favores tinhão mais de ambição que de piedade chegárão a durar pouco, porque só os primeiros dias lhe fizêrão tratamento como a Rei, os outros como a perseguido. Com tudo Meale se deixou ficar em Cambaya, havendo por mais toleraveis os desfavores do hospede, que as injurias do tyranno

46. Entre tanto o maior cuidado do Hidalcão era destruir aquelles que lhe dérão a coroa, que ainda que como complices da traição, lhe pudérão ser gratos, os aborrecia, ou porque lhe acordavão a obrigação, ou o delicto. E como já vivia temeroso de suas mesmas obras, entendeo que mais o podia assegurar a crueldade que a clemencia; assi o fazião duas vezes cruel, o vicio, e a necessidade. Aos maiores foi usurpando as fazendas para os igualar com a plebe, com pretexto de castigar delictos impostos, ou esquecidos, cobrindo a tyrannia com sombras de justiça, crendo que com abaixar os poderosos se faria aceito aos pequenos, aos quaes sempre he grata a ruina dos grandes por odio natural de sua fortuna. Porém elles vendo que não bastava o sofrimento, consultárão meios de restituir Meale, uns por vingança, outros por remedio. Fizêrão suas juntas secretas, onde tomárão differentes acordos, os quaes lhes fazia variar

cada dia o temor, e a difficuldade do negocio, mais arduo na execução que no conselho. Acabárão emfim de apurar a obediencia forçada com os aggravos novos ; tentárão pois com a morte do Hidalcão remir a culpa, e cobrir a infamia da traição passada; não sendo d'este voto os atrevidos, senão os desesperados, porque já o Hidalcão neste tempo vivia com forças de Rei, e cautelas de tyranno. Era assistido do povo, que aborrecendo o Rei, amava as crueldades executadas contra a nobreza, infesta pola desigualdade de huma e outra fortuna. Os conjurados temerosos de si mesmos, e que com a dilação se fazião os odios mais remissos, e a paciencia servil se fazia costume, vendo que para tão grande empresa não tinhão forças proprias, buscárão as alheas. Acordárão communicar o negocio com Martim Affonso de Sousa, governador que então era do Estado da India, pedindo-lhe mandasse vir Meale de Cambaya, e o tivesse em Goa. E quando engeitasse a gloria de o restituir, teria sempre ao Hidalcão temeroso, e propicio para todas as occurencias do Estado.

47. Persuadido Martim Affonso, que este fogo de discordia, que começava a arder entre o Hidalcão, e os seus, convinha mais sopral-o que extinguil-o, e que seria util ao Estado enfraquecer um vezinho soldado, e poderoso; cobrindo estas conveniencias com causas mais honestas, quaes erão, pôr á sombra de nossas armas hum principe desapossado, e perseguido, facção para os de fóra gloriosa, e para os nossos util, resolveo mandar buscar Meale a Cambaya, significando-lhe a disposição de seus vassallos acerca da restituição do reino, cujos animos se esforçarião vendo que lhe emparava o Estado, a causa, e a pessoa. Recebida do Mouro tão inopinada mensagem, havendo por desacostumada a piedade de homens, por religião não só differentes, mas contrarios, se encommendou á fé, e clemencia do Estado; e embarcando-se com sua pobre familia aportou a Goa,

onde foi recebido do governador com grandes honras, mais merecidas de seu sangue, que de sua fortuna; se bem forão de alguns interpretadas, antes em injuria do vezinho, que em favor do hospede. Derramada por toda aquella costa a vinda de Meale, que já começava a reinar nos animos de muitos, tomou o seu partido maiores forças entre os conjurados, vendo que já a sombra de nossas armas amparava sua causa, e que começava a soar bem seu nome nos ouvidos do povo.

48. Considerando o Hidalcão, que o Estado não chamára Meale só para segurar a pessoa, mas defender a causa, cujas armas como victoriosas, e vezinhas lhe erão mais formidaveis, mandou a Martim Affonso de Sousa uma embaixada, significando-lhe como tinha sabido, que estava em seu poder Meale, a quem parecia, que a fortuna andava guardando para perturbar a paz do Oriente; que sabia como fora chamado de alguns sediciosos, que cansados de obedecer, querião crear senhores novos a quem poder mandar; que elle Hidalcão não referia as razões que tivera para tomar a coroa, porque se os principes houvessem de dar razão de seu direito, não haveria differença entre os reis, e plebeos; que a justiça dos principes havia de ser julgada de Deos, e não dos homens; que o mundo tinha já recebido, que em materia de reinar não havia differença de causa a causa, mas de pessoa a pessoa; que não negava que Meale apoucado, e cobarde era de geração real, mas que o erro que fizera a natureza, emendára a fortuna, dando-lhe o reino a elle ousado, e valeroso; quanto mais que a natureza só aos leões dera com o nascimento a coroa, aos homens deixára que a ganhassem; que muitas cousas parecião ao mundo, por menos costumadas, injustas; que tomar para si o reino quem era digno d'elle, os primeiros o recebião como escandalo, os outros como lei; que Meale fora o homem mais vil, que nascèra em seu reino, e elle o mais felice; e que naturalmente os homens aborrecião

os monstros da natureza, e amavão os da fortuna; que nos perguntassemos a nós, com que acções senhoreavamos a Asia? que parentesco tinhamos com o Sabayo para nos deixar Goa? em que grao estavamos com Soltão Badur para lhe herdarmos Dio? se o Achem nos deixára Malaca em testamento? e tantas praças quantas por todo o Oriente nos pagavão tributo? que nos rogava não infamassemos nelle os mesmos titulos com que nos faziamos do mundo absolutos senhores; que não tirassemos a Deos o cuidado de governar o mundo, pois nascendo no ultimo Occidente queriamos emendar as desordens da Asia; que nos fazia a saber, que nos seus reinos havia minas de metaes differentes; que de umas tirava para os amigos ouro, e de outras para os inimigos ferro; que ultimamente pedia a elle governador lhe entregasse Meale; porque na clemencia que com elle usasse, se visse que era digno de reinar quem assi tratava seu maior inimigo; que seus embaixadores levavão ordem para assentar todas as conveniencias do Estado.

49. Recebida por Martim Affonso a carta, e ouvidos os embaixadores do Hidalcão, entendeo d'elles, que pola pessoa de Meale offerecião cento e cincoenta mil pardaos, e as terras firmes de Bardez, e Salsete, importantes ao Estado polos rendimentos e vezinhança de Goa. Pareceo a Martim Affonso que o negocio era de muito peso, e que de ambas as faces mostrava utilidades grandes, porque restituir a hum principe, e abaixar um tyranno, era empresa digna de armas christãs, da qual receberia não vulgar reputação o Estado, mostrando ao mundo, que não passárão nossas bandeiras á Asia a usurpar reinos, nem acquirir riquezas, pois só tratavão de que os pagãos, e Mouros do Oriente guardassem a Deos fidelidade, e justiça entre si. Por outra parte discorria, que Meale quando chegasse a reinar depois de larga guerra, não podia dar ao Estado mais, que o que o Hidalcão sem ella offerecia; e que como estes Mouros por odio, e por religião erão

sempre inimigos, rir-se-hia o mundo se visse que com nosso sangue destruiamos hum infiel, e criavamos outro, quando da ruina de ambos pendia nossa prosperidade; mórmente, que não passárão á India nossas armas a defender os inimigos da fé, senão a destruíl-os. Que se Meale não achára amparo em el-rei de Cambaya, de quem era parente, porque o havia de esperar dos Portuguezes, de quem era inimigo? que quando se visse restituido, e poderoso, a primeira lança que se arrojasse contra o Estado havia de ser sua, porque lhe seria sospeitosa a vezinhança de homens tão valerosos, que o fizerão rei; e que para nos aborrecer, bastava a memoria de tão grande beneficio.

50. Resoluto emfim Martim Affonso a entregar Meale por fundamentos menos considerados, despedio os embaixadores, e com elles a Calvão Viegas um cavalleiro honrado, com largos poderes para assentar o contrato na forma referida, mandando logo tomar posse das terras firmes, em virtude da offerta do Hidalcão, com beneplacito de seus embaixadores.

## *Reposta do governador.*

51. Neste estado achou dom João de Castro as cousas de Meale, pedido agora pelo Hidalcão com nova embaixada, em fé do capitulado com seu antecessor; porém dom João com differente acordo respondeo ao Hidalcão, que os Portuguezes erão fieis aos inimigos, quanto mais aos hospedes; que as propostas de seu antecessor mais forão para conhecer a causa que para resolvel-a; que as terras firmes pertencião ao Estado por dações mais antigas, e que dos rendimentos éra justo alimentar Meale por gratidão dos reis seus antecessores, que as vinculárão ao Estado; que o deixasse lograr quieto esta pequena memoria de seu direito, e que o amparar o Estado sua pessoa atégora não era protecção, senão piedade; que

não alterasse a paz com impacientes armas, porque então viria a fazer certo o que temia, irritando o Estado para que se fizesse author de huma e outra vingança. E porque seus embaixadores apontavão, que com a negação de Meale seria forçoso o rompimento, lhe lembrava, que as mais das fortalezas, que fizemos na India, tinhão os alicesses sobre cinzas de reinos abrasados; que os Portuguezes tinhão a condição do mar, que com as tormentas se levanta, e crece; que elle assi como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar.

## *Apercebimentos que faz.*

52. Com esta reposta despedio o governador os embaixadores, que na constancia com que lhes respondeo entendêrão, que o não dobraria a entregar Meale, temor ou beneficio. Apercebeo-se logo para fazer, e esperar a guerra, que como era de principe vezinho, primeiro poderiamos sentir o golpe que ver a espada. Mandou logo alistar a gente de cavallo, que serião duzentos homens, e servião debaixo de huma só bandeira, milicia mais valerosa que ordenada. Encarregou a guarda da cidade á gente de ordenança, e os soldados pagos teve promptos para qualquer invasão subita do inimigo. Tratou logo de aprestar a armada, que achou desbaratada polas viagens, e guerras de seu antecessor, e pobreza do Estado, e como as forças navaes são as mais importantes, aqui se empregou todo. Reparou as embarcações que estavão no rio, fez tres galés, e seis navios redondos com estranha brevidade, não faltando aos officiaes com a paga, e o agrado, com que a obra medrava, vencendo a diligencia o tempo. D'estas galés, e navios nomeou capitães, que assistião ás obras, como a cousa propria; expediente que foi assaz importante para a brevidade do apresto, bondade, e abundancia das munições, e mantimentos, com que a armada se poz de verga d'alto em

tempo opportuno, e breve, e com ella poz freo aos principes vezinhos para se colligarem com o Hidalcão, que já os solicitava a sacudir o jugo como em beneficio da commum liberdade.

### *Primeiros movimentos do Hidalcão.*

53. Entendida pelo Hidalcão a resolução do governador recorreo á justiça das armas, querendo lançar fóra de casa a guerra, antes que com a presença de Meale tumultuassem os vassallos, a quem farião fieis os postos, e os premios da milicia, defendendo como commum a causa. Vedou logo com rigorosas leis aos vivandeiros trazer a Goa a ordinaria provisão de mantimentos, que como os recebia do sertão, não estava bastecida para aturar tão repentina guerra. Traz isto mandou a Acedecão hum valeroso Turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes, que estavão á nossa obediencia.

### *Acode o governador pessoalmente.*

54. Mas dom João de Castro entendendo que a guerra recebe opinião dos primeiros successos, sahio com dous mil infantes, e cavalleria da terra e a fazar rosto ao inimigo, e sendo de muitos fidalgos persuadido que não empenhasse sua pessoa com partido tão desigual, que não era authoridade do governador da India, cingir a espada contra hum capitão do Hidalcão, nem dar a entender ao mundo que fazia tanto caso desta guerra; mórmente quando tinha fidalgos benemeritos da honra e do perigo d'esta empresa, não foi possivel dissuadil-o da primeira resolução, dizendo com maior confiança de que permittião as forças de seu campo, que sahia a castigar, e não a vencer. E marchando duas legoas de Goa, avistou ao inimigo, que alojado ao pé de huma serra, tendo na frente hum rio, que lhe servia de cava e de trincheira, com as

vantagens do numero, e do sitio, esperou aos nossos. que ainda que cansados da marcha, cobrando novo alento, ou com a presença do governador, ou com a vista do inimigo, começárão a passar o rio com mais resolução que disciplina. Não foi possivel aos cabos detel-os ou ordenal-os, porque os mais temerarios se lançárão ao rio, e nos sisudos a desconfiança fez necessidade, nos mais, para seguir aos companheiros, o exemplo pareceo disciplina.

### *Peleija, e desbarata o inimigo.*

55. O governador, com singular acordo, mandou aos que ficavão que passassem o rio, entendendo que o que no principio fôra erro, agora era remedio; e porque este dia não teve lugar de dispor como capitão, peleijou como soldado. Envestírão logo os nossos aos Mouros tão impetuosamente, que assombrados d'aquella primeira invasão, forão largando o campo, turbadas as fileiras, e por si mesmas rotas, forão desordenadas, e vencidas; vendo os nossos (o que raras vezes succede) hum exercito sem perda, e mais desbaratado. Recebêrão os Mouros grande dano na fugida, nenhum na resistencia. Forão os nossos duas legoas executando as licenças, e crueldades da victoria, recolhendo as armas que os miseraveis largavão como carga, e não como defensa. Durou emfim o alcance o que durou o dia, sendo aos inimigos o horror da noite remedio contra o da victoria. Recolhidos os soldados, cheos de sangue, de gloria, e de despojos, se deixou o governador ficar no campo ao seguinte dia, sem arguir aos soldados a desordem, que lhe deu a victoria; seguindo a condição dos juizos humanos, que nunca deu louvor ás desgraças, nem ás victorias culpa.

### *Recolhe-se a Goa. — Veneração que fazia á cruz.*

56. Entrado o governador em Goa, foi recebido com singular aplauso d'aquelle povo tão costumado a ver, e despresar victorias. E porque nesta, e nas mais batalhas que dom João venceo, appellidou o nome de S. Thomé, apostolo da India, cremos que forão havidas com o auspicio de um patrão tão grande; o qual, por gratificar a piedade, e honrar a memoria de dom João de Castro, se servio de descobrir nos dias de seu governo, aquella maravilhosa cruz, achada em Meliapor na costa de Coromandel, quasi cobertos de huma mesma terra a milagrosa cruz, e o corpo santo. E como dom João de Castro venerava este sinal de nossa redempção com devido, mas peregrino obsequio, pois sempre que topava cruz, se apeava do palanquim, ou cavallo, pondo-se de joelhos; não parecerá casual a maravilha d'este descobrimento, pois as misericordias do céo não vem por accidente. Daremos a relação d'este mysterio, por involver hum milagre successivo, testimunho da fé oriental, cultivada naquellas regiões com o sangue e doutrina de nossos Portuguezes.

### *Invenção da cruz de S. Thomé.*

57. Depois da maravilhosa invenção do corpo deste sagrado apostolo, na cidade, ou ruinas de Meliapor, que então se chamava Calamina, os reis dom Manoel e dom João ardião em piedoso zelo de soprar aquellas cinzas mortas, que da primeira christandade do apostolo alli ficárão ainda que corruptas já com a doutrina de sacerdotes armenios e caldeos, que separados da Igreja catholica romana, davão a beber áquelles innocentes christãos, perniciosos dogmas : os quaes purgados em

parte com o trabalho de nossos missionarios, tratárão de levantar huma igreja no lugar aonde fôra achado o precioso corpo do apostolo; e abrindo os alicerses para a fabrica, achárão huma cruz lavrada em hum pedestal de marmore de quatro palmos de alto, e tres de largo, borrifada de gottas de sangue ao parecer fresco. Tinha esta cruz a fórma das que usão os cavalleiros de Aviz; nos baixos da pedra estavão algumas cruzes mais pequenas com a mesma figura que a maior, salpicadas com as mesmas nodas de sangue. Estava a cruz grande assombrada pelo alto de huma pomba pendente; tinha em torno humas letras antigas, cujo significado ignoravão os naturaes da terra, por não estarem em lingua conhecida, nem se formarem com clausulas atadas. Forão buscados velhos, e antiquarios scientes em differentes linguas, sem que nenhum pudesse rastrear a letra, nem o sentido da escritura, até que d'ahi a alguns tempos foi trazido um Bramene de Narzinga, que nos deu a exposição d'ella em sentido corrente, e dizia assi :

« Depois que appareceo a lei dos christãos no mundo, d'alli a trinta annos, a vinte um de dezembro, morreo o apostolo S. Thomé em Meliapor, onde houve conhecimento de Deos, e mudança de lei, e destruição do demonio. Este Deos ensinou a doze apostolos, e um d'elles veio a Meliapor com um bordão na mão, onde fez um templo, e el-rei do Malabar, Coromandel, e Pandi, e outros de diversas nações, e seitas, se sujeitárão voluntariamente á lei de S. Thomé. Veo tempo em que o sancto foi morto por mãos de um bramene, e com seu sangue fez esta cruz. »

E como esta traducção era de interprete assalariado, não lhe dérão os nossos inteira fé em negocio tão grave; assi chamárão outro gentio douto no conhecimento de todas as linguas orientaes, o qual sem ter noticia da exposição primeira, declarou as letras na mesma fórma, sem discrepancia alguma. A el-Rei dom Sebastião foi

trazida a copia da estampa o anno de mil quinhentos sessenta e dous, como aqui parece.

### *Milagre notavel da mesma cruz.*

Continuárão os nossos a fabrica da igreja com maiores despesas pola veneração do lugar, que era deposito dos penhores sagrados, sendo grande a piedade, e concurrencia do povo malabar á vista de tão illustre testimunho da fé que conservavão. Acabou-se a fabrica do templo brevemente, servindo no altar maior de retabolo a cruz, gravada no marmore que temos referido. Começárão a celebrar-se os officios divinos com a decencia que permittia um lugar tão remoto; quando aos dezoito de dezembro, dia da Espectação da Senhora, estando-se officiando a missa á vista de muito povo, começando o sacerdote o evangelho, começou tambem a cruz sagrada a cobrir-se de hum suor copioso, destillando sobre o altar não meudas gottas; e porque ficassem maiores sinaes d'aquella maravilha, parou no sacrificio o sacerdote, limpando com os corporaes a humidade que a cruz evaporava, os quaes subitamente se banhárão em sangue á vista do numeroso povo que assistia. Foi logo a sagrada cruz mudando a cor alabastrina em pallida, e d'esta passou a um negro escuro que tornou a mudar em azul, com um resplandor maravilhoso, que durou em quanto o sacrificio da missa; e depois de acabada, tomou a cor natural em que foi descoberta.

### *Affecto com que o governador recebe esta nova.*

58. Successivamente se vio o mesmo milagre muitos annos aquelle mesmo dia, e ainda agora sabemos por authores, e relações fieis succede algumas vezes; com que aquella christandade recebe os preceitos de nossa lei com fé já mais robusta. Este milagre se calificou ante o bispo

de Cochim em contraditorio juizo, cujos autos viérão a este reino em tempo do cardeal rei dom Henrique, que com authoridade do papa Gregorio XIII, authenticou o milagre, já divulgado em nossas chronicas e authores estranhos. As novas d'este milagre recebeo dom João de Castro com não vulgares mostras de piedade, amparando aquella christandade de S. Thomé, opprimida da servidão dos principes gentios, que lhe havião revogado certos donativos, e graças que por intervenção do sancto apostolo lhe forão concedidas dos reis antecessores, das quaes hoje polo odío dos infieis, e corrupção dos tempos, só guardavão as memorias.

### *Manda contra o Hidalcão seu filho dom Alvaro.*

59. Não cessava o Hidalcão de inquietar os nossos com ordinarias correrias nas terras firmes, que bastavão a nos ter em continua vigia, e impedir a cultura aos lavradores, e cuja causa se resolveo o governador a dar-lhe o golpe onde mais o sentisse. Mandou logo embarcar a seu filho dom Alvaro na armada que aprestára, com ordem que nos portos do Hidalcão fizesse todo o dano possivel, offerecendo aos soldados escala franca, para com as esperanças do saco, os fazer dissimular alguns soldos vencidos, que lhes devia o Estado, e desviar a outros dos tratos mercantis; corrupção que hia lavrando em muitos, e já com feo exemplo dos maiores.

### *Sae com seis navios. — Presa que faz.*

60. Sahio dom Alvaro com novecentos Portuguezes e quatrocentos Indios em seis navios, e alguns baixeis de remos, e a poucos dias de viagem houve vista de quatro naos do Hidalcão, que com roupas e outras drogas da terra navegavão a Cambaya. Mangou logo dom Alvaro aos capitães, que lhe posessem a proa, e aos navios de

remo, que se fossem cosendo com a terra, por se acaso o inimigo tentasse de encalhar desesperado. Erão as naos de mercadores, com pouca guarnição de soldados, e vendo que não podião fogir, nem defender-se, mandárão á capitaina dous Mouros mercadores, que entre razões e lagrimas se mostravão innocentes nas discordias do Hidalcão com o Estado, offerecendo para os gastos da armada hum justo donativo; porém, nem a cobiça dos soldados, nem a razão da guerra soffria que os ouvissem; assi forão as naos entradas e mandadas a Goa, para que conforme o bando do governador se repartisse a preza. Chegadas estas naos ao porto de Goa, foi estranho o alvoroço do povo, vendo que huma a outra se alcançavão as victorias, louvando na primeira o esforço do pai, na segunda a fortuna do filho.

*Propoe dom Alvaro a entrada de Cambre. — Resolve envestil-a. — Salta em terra.*

61. Vendo dom Alvaro que as occasiões e o tempo peleijavão por elle, e que tinha os soldados contentes, por terem já em seguro o fruto da jornada, mandou ao seu piloto que governasse ao porto de Cambre, onde o Hidalcão tinha dobrado as guarnições depois do rompimento. Havia duas fortalezas na entrada da barra com artelharia grossa, e pola estreiteza do canal não podião nossas naos passar, nem surgir sem perigo evidente. Consultou o general dom Alvaro com os capitães da armada as difficuldades que se representavão, e a todos parecêrão dignas de reparar, dizendo, que empresas voluntarias não se accomettião com risco tão sabido; que maior guerra fazião ao Hidalcão senhoreando-lhe seus mares, fazendo prezas e tolhendo o commercio á vista de seus olhos; que nas facções de terra era maior o risco que o proveito; que o canal vião estava tão cingido d'aquellas fortalezas, que os nossos navios havião de passar quasi

roçando sua artelharia; que o primeiro navio que desaparelhassem impediria a passagem dos outros. E como dom Alvaro instasse, que era preciso executar as ordens que levava, que erão saltar em terra, e abrazar os portos do inimigo, lhe replicárão no conselho propondo que so ficasse elle general no mar mandando, e que os capitães dos mais navios commetterião a barra, porque se ao general d'aquella armada, filho herdeiro do governador da India, lhe acontecesse algum desastre, que maior dano poderia receber o Estado, que o empenho em que ficava na necessidade de tão justa vingança; do que dom Alvara indignado, atalhou a pratica dizendo, que elle não queria victorias, onde o seu perigo não fosse igual ao do menor soldado, porque só para a obediencia era seu general e para o risco era seu companheiro; que a instrucção que trazia do governador, era arriscar sua pessoa facilmente, a seus soldados com grande necessidade; que os riscos que lhe representavão ainda lhe parecião mais pequenos que os que vinha a buscar, porque a honra não se ganhava sem perigo; que de Portugal viéra a buscar este dia, que esperava fosse muito formoso para todos; e que nesta resolução não queria conselho, só na fórma de acometter lhes pedia consultassem o modo. A temeridade do general disculpárão então o brio e a mocidade, e depois o successo. Assentou-se que a gente passasse aos bateis, e que no quarto d'Alva pojasse em terra, ainda mal declarada a luz do dia, para que as peças do inimigo não podessem fazer certa a pontaria. Aquella noite se apercebérão todos, vendo já no semblante do general huns longes da victoria. Deixada guarnição necessaria nos navios, saltou o general em terra com oitocentos homens escolhidos, e com tão declarada fortuna, que dando nos bateis muitas balas, não houve alguma que matasse ou ferisse soldado, sendo este accidente para a victoria, disposição ou principio.

## *Grandeza e forças da praça.*

62. Era a cidade de cinco mil vezinhos, derramada por uma estendida planicie. As casas entre si desunidas, e independentes umas de outras, sem mais policia, união, ou medida que a que ensinava o gosto, ou poder dos moradores. Com tudo os pateos, e eirados de cada casa representavão juntos uma magestade barbara, como de homens que edificavão com maior ambição, que architectura. Tinhão ao norte huma pequena serra, donde descião alguns rios sem nome, que assi servião ao deleite, como á fertilidade da campanha. Fôra a cidade antigamente habitada de Bramenes, e agora de Mouros mercadores; lugar entre os Orientaes sempre famoso, então pola superstição, hoje pola riqueza. Não tinha o lugar defensa de muros, ou trincheiras, assegurados seus habitadores, ou na grandeza de seu senhor, ou na paz dos principes vezinhos; porém ao presente, como a guerra que faziamos ao Hidalcão, começou por victorias, virão os Mouros seu perigo em seus mesmos exemplos; assi trouxérão para defender a cidade dous mil soldados pagos, que com a milicia da terra fizérão numero bastante a defendel-os, conforme a seu discurso.

## *Resistencia do inimigo.*

63. Estes viérão debaixo de suas bandeiras, impedir a desembarcação aos nossos, com tanta ousadia, que nos embaraçárão espaço grande, peleijando a pé firme, e tão travados, que não podião os nossos soldados ajudar-se da espingardaria, da qual só recebêrão a primeira carga com notavel constancia. Aqui deu dom Alvaro mostras de seu valor, e accordo, inflammando os seus na peleija, já com palavras, já com o exemplo de suas obras. Virão-se emfim tão apertados os nossos, que mais pelei-

javão pola vida, do que pola victoria; por espaço de uma hora, esteve duvidoso o successo, até que hum grande troço dos moradores, cortados do temor, e do ferro, desempararão o campo, mostrando no primeiro conflicto valor mais que de homens; no segundo menos que de mulheres: cousa muito ordinaria nos bisonhos, succeder a maior temor á maior ousadia. Com o exemplo destes se forão os outros retirando timidos, e desordenados. Nesta volta recebêrão os Mouros grande dano, porque quasi sem resistencia perecião, sendo os que cahião tantos, que estorvavão a fugida aos outros.

*Entrão os nossos, e ganhão a cidade. — Destruição e saco della.*

64. Entrárão os nossos de envolta com os Mouros a cidade, onde os miseraveis se detinhão presos do amor, e lagrimas das mulheres, e filhos que acompanhavão já com piedade inutil, mais como testemunhas de seu sangue, que defensores d'elle; taes houve, que abraçadas com os maridos se deixavão trespassar de nossas lanças, inventando os miseraveis nova dor, como remedio novo; dos nossos soldados, huns as roubavão, outros as defendião; quaes seguião os affectos do tempo, quaes os da natureza. Algumas d'estas mulheres com desesperado amor se metião por entre as esquadras armadas a buscar os seus mortos, mostrando animo para perder vidas; lastimosas nas feridas alheas, sem lastima nas suas. Ganhámos emfim a cidade com menos dano que perigo, porque na resolução da entrada por baixo da artilharia do inimigo, mais arrastou a dom Alvaro o valor, que a disciplina. Dos Mouros pereceo a maior parte, huns no conflicto, os mais na retirada. Maior animo mostrárão as mulheres que os maridos; elles perdêrão as vidas, que não soubérão defender; ellas podendo-as salvar, as despresárão. Dos nossos morrêrão vinte dous; forão mais os

feridos, em que entrou o general de uma setta. Foi necessario acabar hum estrago, para começar outro. Cessou a ira, começou a cobiça. Mandou dom Alvaro dar a cidade a saco; onde o despojo igualou a victoria, porque não tinhão os Mouros posto em salvo cousa alguma; ou fosse confiança, ou descuido; e até a gente inutil para a defensa guardárão na cidade, ou por despreso de nossas armas, ou por não mostrar sombra de temor aos defensores; forão emfim as fazendas tantas, que se não pudérão recolher aos navios; os soldados recolhião as mais preciosas, e deixavão as outras, como para alimento do fogo, com que se havia de abrasar a cidade, a qual dom Alvaro deixou entregue a um lastimoso incendio, que fez não pequeno horror nas povoações vezinhas, por ser este lugar de toda a costa o mais rico, e defensavel, que quasi servia aos outros de muro, agora de miseravel exemplo.

### *Volta dom Alvaro a Goa.*

65. Levou-se o general com toda a armada, e se fez na volta de Goa a descarregar os navios, que com o muito peso hião empachados, determinando deixar ahi os feridos, e alguns enfermos, para tornar a continuar a guerra, a qual desejavão os soldados, contentes da liberalidade, e fortuna do novo general. Chegou primeiro a nova, que os navios, a Goa, e o governador fez grande estimação da victoria, a plebe dos despojos. Logo se teve aviso, que os que escapárão da rota forão representar ao Hidalcão o miseravel destroço da cidade, e entre a primeira dor dos filhos, e parentes, contavão o segundo estrago das fazendas, e edificios, onde a voracidade do fogo deixára tão confusas humas e outras cinzas, que não podião chorar os seus mortos com lagrimas distinctas. Dizião ao Hidalcão, que se com tal gente determinava continuar a guerra, irião habitar os desertos,

onde não verião estas féras do Occidente, nascidas para escandalo, e ruina da Asia. Assi contavão, e maldizião nossas victorias huma a huma, mais engrandecidas em seu temor, que em nossas escrituras.

### *Comette o Hidalcão paz.*

66. O Hidalcão, vendo a fortuna de nossas armas, as queixas, e o estrago dos vezinhos, e muitas vontades alheas de seu serviço, que a guerra e os successos fazião mais atrevidas, inclinou o animo á paz para remediar as discordias, e sedições de casa, que podião tomar maiores forças com as liberdades de gente armada, e pondo em conselho o estado das cousas presentes, a todos pareceo que devião cobrir seus aggravos com uma paz fingida, esperando que o tempo lhes mostrasse monção mais opportuna, para com as forças de alguns reis offendidos cometter o estado juntamente; e como estes Mouros mais guerreão pola conveniencia que pola injuria, mandou o Hidalcão embaixadores ao governador, disculpando a guerra que fizera com frivolas escusas, e acordando os beneficios que de sua amizade recebêra o Estado.

### *O governador a aceita.*

67. O governador ouvio os embaixadores em sala publica com grande authoridade, respondendo-lhe que assi como não buscava a guerra, tão pouco a sabia engeitar; que a prosperidade do Estado consistia em ter mais inimigos porque com despojos, e victorias se engrandecêra sempre; mas que tambem nunca negára a paz 'a quem com obras, e amizade fiel a merecia; que elle queria privar a seus soldados das commodidades que d'esta guerra se promettião; mas que soubesse, que o primeiro dia que tinha de Rei, era este em que capitulava paz com

os Portuguezes. Assi despedio os embaixadores assombrados de animo tão altivo; e com este mesmo despreso tratou sempre as guerras do Oriente, nas quaes mostrou valor igual á sua fortuna.

### *Trata das causas do Estado.*

68. Voltou logo o animo ao expediente dos negocios particulares; premiando aos soldados que havião servido, aos quaes deixava tão satisfeitos do despacho, como do agrado. Deu capitães ás fortalezas vagas, em quanto os providos por el-Rei não entravão; fazendo do merecimento dos homens estimação tão justa, que nem á conveniencia, nem ao Estado ficava devedor: virtude nos principes difficultosa, e nos ministros rara.

### *E das de religião.*

69 Não ardia menos no zelo da honra de Deos, que na do Estado, porque entre a confusão da guerra, e estrondo das armas, acodia aos negocios da religião, como se só para os zelar, fôra enviado; e porque el-Rei dom João assi conhecia seu valor, como sua piedade, lhe encommendava a dilatação da fé, e culto divino; e de uma carta que sobre esta materia lhe escreveo, se colhe bem, quão inflammados andavão na causa de Deos el-Rei e o ministro; de que daremos a copia, para que veja o mundo, que nossas armas no Oriente trouxérão mais filhos á Igreja, que vassallos ao Estado.

#### CARTA D'EL-REI A DOM JOÃO DE CASTRO.

« Governador amigo. O muito que importa olharem os principes christãos polas cousas da fé, e na conservação d'ella empregar suas forças me obriga avizar-vos do grande sentimento que tenho, de que não só por

muitas partes da India a nós sujeitas, mas ainda dentro da nossa cidade de Goa, sejão os idolos venerados; lugares em que mais fôra razão que a fé florecèra; e porque tambem somos informados da muita liberdade com que celebrão festas gentilicas, vos mandamos, que descobrindo todos os idolos por ministros diligentes, os extingais, e façais em pedaços em qualquer lugar onde forem achados, publicando rigorosas penas contra quaesquer pessoas que se atreverem a lavrar, fundir, esculpir, debuxar, pintar, ou tirar à luz qualquer figura de idolo em metal, bronze, madeira, barro, ou outra qualquer materia, ou trazel-os de outras partes; e contra os que celebrarem publica, ou privadamente alguns jogos que tenhão qualquer cheiro gentilico, ou ajudarem, e occultarem os Bramenes, pestilenciaes inimigos do nome christão. A qualquer de todos os sobreditos, que encorrer em semelhantes crimes, é nossa vontade, que os castigueis com a severidade que dispuser a prematica, ou bando, sem admittir appellação, nem dispensar em cousa alguma; e porque os Gentios se sujeitem ao jugo evangelico, não só convencidos com a pureza da fé, e alentados com a esperança da vida eterna, senão tambem ajudados com alguns favores temporaes, que amansão muito os corações dos subditos: procurareis com muitas veras que os novos Christãos d'aqui adiante consigão, e gozem todas as exempções, e liberdades dos tributos, gozando dos privilegios, e officios honrados, que até aqui costumavão gozar os Gentios. Havemos tambem sido informados, que em nossas armadas vão muitos Indios forçados, fazendo para isso despesas involuntarias; e desejando Nós o remedio de tão grande excesso, vos mandamos, que d'esta violencia sejão os christãos isentos; e sendo a necessidade mui urgente, provereis, como, em caso que vão, se lhes dè satisfação cada dia de seu trabalho, com a fidelidade que de vosso cuidado e diligencia esperamos. Havendo tam-

bem sabido de pessoas graves e fidedignas (com particular sentimento nosso) que alguns Portuguezes comprão escravos por pouco preço para os vender aos Mouros e outros mercadores barbaros por interessar alguma cousa nelles, com notavel detrimento de suas almas, pois poderião facilmente ser convertidos á fé, vos mandamos empregueis todas vossas forças em atalhar tamanho mal, impedindo semelhantes vendas, polo grande serviço que nisso se faz a Deos, e nos fareis, se com o rigor que o caso pede, remediais huma cousa que tão mal nos parece. Procurareis que se refree a excessiva licença de muitos usurarios, que havemos sabido andão, sem embargo de uma lei das antigas de Goa, a qual desde logo revogamos, e vós revogareis, tirando-a do corpo das de mais, como contraria á religião christãa. Em Baçaim dareis ordem, como se levante logo um templo com a invocação de são Joseph, sinalando-lhe por nossa conta renda para um reitor e alguns beneficiados e capellães que nelle sirvão. E porque os prégadores e ministros da fé padecem algumas necessidades por tratarem da conversão dos gentios, queremos, e é nossa vontade, que se lhes dem algumas ajudas de custo, e só para isto lançareis de tributo cada anno tres mil pardaos ás mesquitas, que tem os Mouros em nossos senhorios. Tambem por conta de nossas alfandegas e dereitos, dareis trezentas fanégas de arroz perpetuas, para alimentos d'aquelles, que nas terras de Chaul ha convertido, e converter o vigario Miguel Vaz; a qual quantidade mandamos entregar ao bispo, para que elle a reparta, conforme vir a necessidade. Havemos tambem sabido, que nas terras de Cochím são defraudados os pesos e medidas dos christãos de S. Thomé polos nossos mercadores, que alli vendem pimenta, e que lhes tirão as crescenças, que com justo peso e medida se davão de sobejo, conforme o antigo costume, aos quaes por muitos respeitos fôra melhor favorecer, que aggravar;

polo que dareis ordem, que se lhes guardem seus antigos costumes. Assi mesmo tratareis com el-rei de Cochim, que faça tirar certos ritos e superstições gentilicas, que na venda da pimenta costumão fazer seus agoureiros, pois nisso lhe vai pouco a elle, e he de grande escandalo para os christãos que alli contratão. E porque ha chegado á nossa noticia a violencia que este rei faz aos Indios que recebem a fé, tomando-lhes as fazendas, procurareis, com muitas veras, apartar ao ditto rei (a quem sobre o caso escrevemos) de tanta barbara crueldade, pois d'ella resulta tanto mal para as almas e corpos de seus vassallos, o que fará por ser nosso amigo, pondo vós da vossa parte o cuidado que vos encommendamos. E no que por vossas cartas e informações nos avisastes acerca de livrar os povos de Socotorá da miseravel servidão em que vivem, nos pareceo remedial-o de maneira que o Turco, cujos vassallos são, não infeste esses mares com suas armadas, o que provereis, como mais convier, com conselho do vigario Miguel Vaz, cuja experiencia vos ajudará muito, assi neste, como em todos os negocios arduos que se offerecem. Os da pescaria das perolas, além de outros males e aggravos que padecem, sabemos que recebem dano em suas fazendas, constrangendo-os nossos capitães com pouco temor de Deos, a que só para elles fação a pescaria com condições intoleraveis. Polo que desejando Nós que nenhum de nossos vassallos padeça aggravo, ou violencia, vos mandamos que aos taes povos se lhes não faça semelhante aggravo, nem nossos capitães pretendão acquirir tão injusta posse. E assi para evitar taes vexações e forças, vereis se aquellas costas estão sufficientemente guardadas, e se é possivel cobrarem-se nossos dereitos, sem que alli haja armada; e achando que isto póde ser, tirareis nossos capitães, mandando que não se navegue por aquellas costas, porque d'esta maneira possão os naturaes gozar suas fazendas, e se escusem aggravos e extorções. Sobre

tudo vos encommendamos que em tudo o que se offerecer, consulteis ao Padre Francisco Xavier, e principalmente sobre se convem ao augmento da christandade da costa da Pescaria, que os novamente convertidos se não occupem nella; ou, quando se lhes permitta, que seja de maneira que se conheção nelles com a nova religião, novos costumes, limitando-se-lhes a grande soltura com que se hão nella. Havemos tido tambem informação que os que de novo se convertem da gentilidade á nossa santa fé, são maltratados e despresados de seus parentes e amigos, desterrando-os de suas casas, e despojando-os de suas fazendas com tanta injuria e violencia, que lhes é forçoso viver miseravelmente, com grande necessidade e trabalho; para que cousa semelhante se remedee, fareis, com conselho do vigario Miguel Vaz, sejão soccorridos á nossa custa, entregando o que se lhes houver de dar ao reitor que d'elles tiver cuidado, para que cada anno lho reparta da maneira que mais convier. Juntamente havemos sabido que de Ceilão se veo para Goa um mancebo fugindo a furia e indignação de seus parentes, e que sendo (como he) da casa real, lhe pertence a successão do reino; sobre o que nos pareceo, que para exemplo dos mais convertidos, e por converter, o accommodeis, já que é christão, no collegio de S. Paulo dessa cidade, onde á nossa custa seja provido de tudo o que lhe for necessario para sua sustentação e regalo, e casas onde esteja, de maneira, que bem se veja nossa grandeza com semelhantes pessoas; além do que tratareis de averiguar o direito que pretende ter ao reino, e o que acerca d'este ponto vos constar, nos mandareis authentico, para provermos o que mais convier; e entre tanto he nossa vontade, que com todo o rigor tomeis conta ao tyranno das crueldades que executou nos que á nossa santa fé se convertêrão, obrigando-o que dê satisfação a tão grande insolencia, para que todos os principes da India vejão quanto nos apraz a justiça, e como tomamos

á nossa conta o favorecer os que pouco podem. E porque não he conveniente que os officiaes gentios fundão, pintem ou lavrem (como atégora se lhes permittio) imagens e figuras de Christo Senhor nosso, nem de seus santos, para venderem; mandamos que ponhais toda diligencia em o impedir, pondo penas, que o que se provar que fez alguma imagem das sobreditas, perca sua fazenda, e lhe dem duzentos açoutes, porque sem duvida parecerão muito mal imagens, que representão mysterios tão santos, andarem por mãos de idolatras gentios. Da mesma maneira sabemos que as igrejas de Cochim e Coulão, que de novo se começárão, estão por acabar, descobertas e expostas a todas as inclemencias do tempo, o que não só parece mal, mas ainda he em prejuizo do edificio; polo que mandareis que se continuem até se acabar, sem reparar no custo; e isto por mãos e traça dos melhores architectos e officiaes. Em Narão mandareis tambem edificar uma igreja em honra e com a invocação do apostolo S. Thomé, e acabar em Calapor a que está começada com o nome de Santa-Cruz; e na ilha vezinha de Corão levantareis outra, da traça e magestade que vos parecer conveniente, pois é cousa que nada mais despertará nos gentios a devoção ás cousas de nossa santa fé, que affeição que de nossa parte virem. Além do que vos encommendo mui apertadamente, que em lugares accommodados fundeis estudos e casas de devoção, ás quaes em certos dias acudão aos sermões e praticas espirituaes, não só os christãos, mas tambem os gentios, para que por esta via se affeiçoem á nossa santa fé, e ao conhecimento dos erros em que vivem, alumiando-lhes as almas com a luz do Evangelho; para o que escolhereis ministros em que haja as partes, que semelhante ministerio requere. E porque sobre tudo grandemente desejamos que neste Estado seja o nome do Senhor Deos conhecido e reverenciado, e sua santa fé recebida, queremos, e he nossa vontade, que em

todas as terras de Salsete e Bardez, sejão de raiz arrancados todos os idolos e o culto infernal, que nelles ainda se lhes faz; e para que isto se execute com menos difficuldade, e sem para isso necessaria força, ou violencia alguma, ordenamos que os prégadores em seus sermões e disputas lavrem com tanta prudencia e zelo os corações dos gentios, que com o favor de Deos conheção o bem que se lhes procura, em os trazer ao conhecimento de seus erros, e tirar da miseravel servidão do diabo em que estão, da qual só se podem livrar, abraçando-se com a santa fé, que he o caminho unico de conhecer a cegueira em que os traz Satanás, para não verem quanto lhes importa a salvação de suas almas; e polo muito que importa a este negocio, que os ministros d'elle sejão de boa vida e costumes, e letras sufficientes, os elegereis taes, que se possa esperar d'elles o effeito que desejamos; encommendar-lhes-eis o cuidado e diligencia que importa ponhão de sua parte e da vossa procurai attrahir e favorecer a todos, em particular aos nobres e principaes (a cujo exemplo os de mais se movem) de maneira que, reduzidos estes á nossa santa fé, pouca difficuldade haverá em converter a gente commum, que logo fará o que vir fazer aos seus maiores. Os que se converterem sejão bem tratados, para que os se affeicoem, favorecendo-os não só em geral, mas ainda em particular, por pobres e miseraveis que sejão. De tudo isto nos pareceo dar-vos conta para que segundo a confiança que de vossa diligencia e cuidado temos, deis a tudo o remedio, de que resultará a Deos nosso Senhor muita gloria, e Nós volo teremos em particular serviço. Dada em Almeirim a oito de março, anno do nascimento de nosso Senhor Jesu-Christo de mil quinhentos quarenta e seis. » REY. (V. NOTA IX.)

70. D'esta carta deu dom João á execução aquillo que com as armas na mão podia obrar, porque foi o tempo de seu governo uma continuada batalha, e os soldados

com as licenças da guerra estavão mais promptos a estragar leys, que a emendar costumes; porém a historia nos mostrará não leves argumentos de seu zelo, gratificado do céo com sinaes, e maravilhas, de que referirei uma que aconteceo nas Malucas, que por ter a direcção de seu governo, substanciarei o caso brevemente, como he meu costume.

### *Milagroso successo nas Malucas.*

71. Havia naquellas ilhas resplandecido a luz do Evangelho, porque S. Francisco Xavier, como fiel obreiro da vinha do Senhor, alimpou em grande parte aquella terra das espinhas e cardos da infidelidade; se bem devemos a primeira cultura ao grande Portuguez Antonio Galvão, valeroso governador, e apostolo zeloso d'aquelle paganismo. Ao valor respondeo o fruto com maravilhosa conversão de almas, que recebêrão com o bautismo o suave jugo de Christo, assi da plebe, como dos regulos e magnates, todos dóceis á obediencia do Evangelho. Sentia o demonio, que naquellas trevas da gentilidade apparecesse a luz do céo, a descubrir-lhe os caminhos da vida, e armou contra a innocente christandade hum gentio d'aquellas partes, que havia tyrannizado a ilha de Moro, e se dizia Tolon; o qual com zelo infernal começou a perseguir os novos convertidos, obrigando-os com inventadas crueldades a ser apostatas da fé, que tinhão professado, pola qual muitos chegárão a derramar o sangue com felice martyrio; porém outros com fé menos robusta cedêrão aos tormentos. Crescia o desaforo do tyranno com injuria de nossas armas, obrigadas ao castigo d'este idólatra em obsequio da fé, e serviço do Estado. Os perseguidos e os temerosos acodião com queixas aos Portuguezes, que estavão em Ternate, os quaes, resolutos a domar este barbaro, se dispusérão, com mais zelo que forças, a buscal-o em sua mesma

casa. Não pôde ser este movimento tão occulto, que o não entendesse o tyranno, que se apercebeo para a defensa, fortificando a entrada da ilha com trincheiras, e estacadas fortes, e quando os nossos ganhassem estes reparos, tinha cubertos os passos que guiavão á cidade com estrepes, e puas de ferro, tocados de erva, donde passando os nossos furiosos da colera, e victoria, se perderião sem remedio. Assi foi, que vencida a primeira estacada, que os barbaros largárão com facil resistencia, quiçá fiados no segundo engano, querendo a nossa gente passar incauta, cevada mais no alcance com a fugida do inimigo (caso maravilhoso!) cahio do céo repentinamente tanta cinza, que fez parar os nossos, até que purificados os ares seguírão a victoria por sima dos estrepes, onde a cinza abrio caminho sólido e seguro; assi o referião depois os mesmos barbaros admirados, servindo-lhes este milagre de argumento para as verdades da lei que perseguião.

72. Assi se davão as mãos na Asia a fé o imperio nos dias de dom João de Castro, trazendo em uma mão a lei, e n'outra a espada, dando que discorrer ao Oriente, sobre huma acção tão grande, como fôra soster huma guerra voluntaria pola tutela de Meale, um Mouro perseguido, a quem os vassallos negárão a fé, e os principes de seu sangue hum piedoso amparo.

73. Pouco tempo o deixou reclinar a Asia sobre os triunfos de suas victorias, porque logo o começou a despertar Cambaya com os rumores de outra nova guerra, de que já as intelligencias do Estado ouvião os echos, a qual referiremos em livro separado, por ser de nossa historia a porção mais illustre.

# LIVRO SEGUNDO

1. Com a morte do soldão Badur, rei de Cambaya, ficou o nome portuguez mais temido, que amado, dos principes da Asia; porque como suas culpas erão occultas, e o castigo publico, tinha Badur em favor de seu sangue os juizos dos homens, ou pola commiseração natural dos que padecem, ou por veneração da regalia, e odio de nosso imperio, tão aborrecido por estranho, como por poderoso.

### *Trata el-Rei de Cambaya de tomar Dio.*

2. Mahamud, rei de Cambaya, herdeiro da coroa, e da injuria de Badur, cuja morte succedida no governo do grande Nuno da Cunha, referem nossas chronicas, inflammado igualmente da gloria, e da vingança, emprendeo tomar aos Portuguezes Dio, e com liga de outros principes, lançal-os da India; negocio (ao parecer dos seus) não mui difficil; porque discorrião que o Estado era um corpo monstruoso, pois tendo a cabeça no Occidente, nutria membros distantes de si mesmo por infinito espaço com tantos mares, e terras interpostas, e que era tão grande o poder de Cambaya, que tanto

com a ruina, como com a victoria podia opprimir o Estado, enfraquecido então por varios accidentes. Os grandes e satrapas do reino se partião em pareceres differentes; huns ajuizavão já por fataes as armas portuguezas em dano de Cambaya, argumentando com o primeiro cerco, do qual ainda tinhão as feridas, e a memoria fresca; e ainda que os estimulava a morte de Badur, com a paciencia de outros offendidos, desculpavão a sua. Reprendião os primeiros, que assentárão pazes com o Estado, e aos que agora intentavão quebral-as; estes porque não sabião guardar a fé, nem aquelles conhecer a injuria. Outros (como soe socceder nas cousas incertas) discorrião ao contrario, e achavão tantas razões para a guerra como para a victoria.

### *Persuadido de Coge Çofar.*

3. Entre todos Coge Çofar, o mais poderoso e aborrecido de Cambaya, e que da privança d'el-Rei lograva a melhor parte, persuadia cauteloso a guerra, crendo que com o perigo commum cessarião as envejas de sua fortuna, e as emulações dos grandes, como vicios da paz, e que com os postos, e meneos da guerra, faria homens de novo, que como creaturas suas lhe serião fieis. Darei huma breve noticia d'este homem, porque diversas vezes nestes escritos se ha de ouvir seu nome.

### *Quem era Coge Çofar.*

4. Foi Coge Çofar de nação albanez, filho de pais catholicos, ainda que da raiz degenerou o fruto. Servio alguns annos nas guerras da Italia mais conhecido por insolente, que soldado; nos motins e rebelliões era buscado, como peor que todos; assi passou alguns annos aquella vida livre, sem premio, nem castigo, e como

homem inquieto, querendo antes buscar a fortuna, que esperal-a, mudou de profissão, passando de soldado a mercador, porque era intelligente e cobiçoso, e para seus intentos era este caminho mais breve e mais seguro. Começou em pouco tempo a crecer nos tratos, como quem sabia as opportunidades, e monções do commercio, sendo em hum mesmo tempo, liberal, e avaro, servindo-se com artificio dos vicios, e virtudes. Veo emfim a medrar com cabedal, e credito, de sorte que, navegando o estreito com tres sétias suas, carregadas de differentes drogas, encontrou a Rax Solimão, general do soldão do Cairo, que o investio, rendeo, e despojou. Foi a presa maior que a victoria, e Solimão, por credito de sua mesma fama, lhe fez honrado tratamento, apresentando-o ao soldão, como prisioneiro de maior porte, fazendo maior estimação da pessoa que da presa. Começou Coge Çofar a contentar-se de sua desgraça, como se a buscára; tinha sufficiente pratica da guerra, aprendida nos exercitos de Italia, e Flandres; fallava no poder dos christãos com odio, e despreso, como ensinando ao soldão a conhecer suas mesmas forças. Com estes artificios veu o soldão a pôr os olhos no escravo para cousas maiores; começou a ouvil-o, ao principio por curiosidade, logo por affeição. Approvava-lhe Coge Çofar os erros, e os acertos, com huma lisonja tão encuberta, que parecia liberdade, porque não mostrava que queria agradar, senão servir. Encubria a graça do soldão, e evitava favores publicos, mais cauto que modesto. Chegou a ser thesoureiro do Cairo, officio de grande confiança, que administrou com juizo, e verdade; louvadas pelo soldão, como virtudes, entre barbaros novas. Era o seu voto de maior peso nos conselhos de guerra, já pola pratica, já pola valia. Nas facções contra christãos, votava com grande bizarria, particularmente nas que se havião de executar por outros; e assi creceo de maneira, que já não podia com sua mesma fortuna; e não querendo conservar-se com as

mesmas artes, com que havia medrado, veo a descubrir a ambição, e soberba; fez-se senhor dos lugares, buscando com maior attenção os póstos que os amigos; os quaes já não queria para arrimo, nem para companhia; só do soldão queria parecer escravo, e dos outros senhor. Empenhava, e destruia os maiores com pretextos publicos, como querendo introduzir monarchia de dous; até que cansados os Mouros de tão servil paciencia, começárão a publicar queixas com que perturbar o animo do soldão na graça de Çofar; assi lhe representárão com grande sentimento seus aggravos, dizendo que já era escusado armar galés contra christãos, se depois havião de fazer senhores a seus mesmos escravos, quando os Turcos mais nobres recebião dos christãos tão cruel tratamento, que andavão por Italia e Hespanha arrastando cadeas, chegando a escrever-lhes no rosto com infames letras os sinaes de cativos; que não era toleravel, que tantos baxás illustres estivessem recebendo leis de hum vil escravo; que ainda que vião com seus olhos cada dia suas mesmas injurias, já não podião sofrer as do propheta; não entrando em suas mesquîtas hum vil christão, soberbo, e irreverente, que não faltava já mais, que nas praças do Cairo, mandar levantar cruzes, e adoral-as.

5. Forão estas cousas ditas com tanta liberdade, que mais parecião conjuração que queixa; e como entre os aggravos particulares envolvião a causa da religião, que costuma levar tras si a justificação e amor publico, forão bem ouvidas do soldão, privando a Çofar dos cargos, e mandando-lhe que mudasse de crença: tão caduca he a graça dos principes, ainda com suas creaturas mesmas.

## *Como veo a Cambaya.*

6. Vendo-se Çofar caído, tornou a vestir a primeira humildade, e as artes, que a necessidade do tempo lhe

ensinava, e como de christão só conservava o nome, e a memoria, foi-lhe facil trocar polo veneno do Alcorão a saude Evangelica, mudando o nome imposto no bautismo, por este de Coge Çofar, que lhe démos anticipadamente, por ignorarmos o primeiro que teve. Feito Çofar cultor de Mafamede, começou a grangear maiores confianças com os Mouros, semeando o odio dos émulos com dadivas, e o da plebe com a nova apostasia, com que purgou as suspeitas na fidelidade, obrando com ambição mais cauta, com que se fazia mais affavel aos inimigos, que aos estranhos; mas conhecendo a instabilidade do soldão, temeroso de segunda quéda, não tendo por segura uma vontade já reconciliada, matando huma noite á traição a Rax Solimão, seu mortal inimigo, com um filho que tinha, juntou as joyas e dinheiro que pôde, e se passou secretamente ao serviço d'el-Rei de Cambaya, de cuja grandeza e liberalidade tinha inteiras noticias, e da estimação que fazia de homens estrangeiros, principalmente d'aquelles que tinhão alguma pratica das guerras, e policia de Europa. Respondeo-lhe o successo ao pensamento, porque em breve tempo chegou a gozar a melhor parte da graça de Badur, ou já por sua fortuna, ou sua industria, sendo companheiro de suas victorias, e de suas desgraças, achando-se na ultima de sua morte, como nossas historias referem; porém já tão engrandecido nos favores reaes, que em poder e authoridade era o maior vassallo; conservando com Mahamud, successor da coroa, a mesma estimação, ao qual inflammava na vingança da morte de Badur, polos fins que temos referido, e por merecer a graça do novo principe, com o amor, e fidelidade que mostrava ás cinzas do defunto; he fama, que ante o rei e sátrapas de Cambaya fallou nesta substancia.

### *Suas razões para a empresa de Dio.*

7. « As mercês que por espaço de dez annos recebi do soldão Badur são manifestas a todos; aos de fóra com espanto de sua grandeza, aos de casa com enveja de minha fortuna; poz-me os olhos, e levantou-me como vapor da terra, antepondo-me estranho e peregrino, aos que lhe nascêrão em casa; sendo vassallo me tratou como amigo, e me amou como filho. A este clementissimo principe (cujas cinzas venero como de senhor, choro como de pai) debaixo do sagrado da paz, tirárão os Portuguezes a vida com escandalo de todos os reis, e não menor injuria de seus vassallos, indignos de o havermos sido de principe tão grande, pois insensiveis e ingratos estamos alimentando os homicidas de nosso monarcha em nossa mesma casa, gozando como herança a praça, que assegurárão com tão atroz delicto; hontem hospedes, e agora senhores. Vós, ó principe herdeiro, e senhor d'este imperio, vedes vossos vassallos cada dia receber leis d'estes insultuosos; a vós toca determinar a quem havemos de obedecer primeiro, se a nosso rei, se a nossos inimigos. Crecerá com a nossa paciencia o seu atrevimento. Depois de comettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor onde se não vingão injurias? Acabemos pois de despertar d'este mortal lethargo; metamos até os cotovelos os braços no sangue destes crueis tyrannos; neste veneno banhemos os alfanges, porque percão com as vidas a gloria de tão grandes insultos. Com o sangue de Badur recebêrão as armas portuguezas a maior fama do mais atroz delicto, e deixámos-lhes na mão a espada, com que nos degolárão o rei, para que com ella mesma nos usurpem o reino; tiremos pois d'entre nós estas viboras nascidas no ultimo Occidente, para inficionar a Asia toda, como se verá discorrendo por seus estragos, que elles chamão victorias.

E começando naquelle primeiro Gama, a quem os mares, para perturbar a paz do Oriente, derão fatal passagem, o Çamorim de Calecut foi o primeiro a quem cortou seu ferro. As naos de Meca, que no amparo do propheta, e paz das ondas, navegavão seguras, forão assaltadas, e rendidas d'este feliz cossario, que tantos annos, como monstro do mar, teve por casa as ondas, e por abrigo os ventos, e as tormentas. Pois aquelle dom Francisco de Almeida, que em hum só dia, e com o mesmo golpe destroçou as armadas de Egypto e Cambaya, que na vingança da morte de seu filho, parece que queria beber o sangue do Oriente todo, se hum Albuquerque, successor de sua crueldade e seu governo, lhe não viera tirar das mãos a espada. Este nasceo para injuria de todas as monarchias, porque com senhorear Malaca, poz a todo o Sul freo; rendeo Ormuz, emporio das riquezas do mundo; tomou Goa ao Sabayo para cabeça de seu tyrannizado imperio; e sem trazer os exercitos de Xerxes ou Dario, fez tributarios mais reinos do que trazia soldados; levantando o pensamento a querer tirar de Meca o corpo do propheta; poz em conselho mudar ao Nilo as correntes, para alagar o Egypto; emprendendo seu espirito fazer duas tão famosas injurias, huma ao céo, outra á natureza. Não poderei referir a ambição de tantos, que com nossas injurias se fizerão illustres, porque temo me não caiba no tempo, ou na memoria; porém lançai pelas mais remotas partes do Oriente a vista, ou o juizo, vereis a maior parte do mundo receber leis de poder tão pequeno. Elles navegão d'aquella parte de Africa, que corre do cabo de Boa Esperança até as portas do estreito do mar Roxo, dominando por aquella parte Moçambique, Cofála, Quilóa e Mombaça; e discorrendo o cabo de Guardafú, olhando para as gargantas do mar Roxo, Adem, Xael, Herit, Caxem. Temem suas armadas as cidades de Dofar, e Norbete no cabo de Fartaque, e logo Curia, Muria, Rozalgate. Aqui fica a cidade de Ormuz;

alli a ilha de Queixome, Curiate, Calayate, Mascate, Orfação, e Lima; o cabo Mocandão, e Jazque, que formão a boca do estreito, que se estende até o rio Indo; logo o cabo Guzarate, e Cinde nesta nossa Cambaya, donde até o cabo de Comori passeão suas armadas a India por espaço de trezentas legoas, e começando d'esta nossa cidade de Cambaya discorrem por Madigão, Gandar, Baroche, Currate, Reyner, Moscarin, Damão, Taraper, Baçaim, Chaul, Bandor, Cifardão, Galanci, Dabul, Cortapor, Carepatão, Tamega, Banda, Chaporá. Senhoreão Goa, assento de seus governadores, e logo o maritimo do Canará, com Onor, Baticalá, Braçalor, Bracanor e Mangalor; e logo aquella parte principal do Malabar, que aquentão suas frotas, onde está o reino de Cananor, e nelle Catecoulão, Marabia, Tramapatão, Maim, Parepatão. Com não menos soberba assombrão o imperio de Calecut com seus portos de Pandarane, Coulate, Charé, Capocate, Parangale, Tanor, Panane, Balcançor, e Chatua. Nos reinos de Cananor e de Cochim quasi dominão com absoluto imperio em Porcá, Coulão, Calecoulão, Dotorá, Birinjão, Travancor. Alcança o respeito de suas armas até o famoso cabo Comori, defronte do qual está a illustre ilha de Ceilão, onde carregão as naos de differentes drogas. Não perdoão á enseada de Bengala, ou seo do Ganges, avistando Tacancuri, Manapar, Vaipar, Calegrande, Chercapale, Tutucuri, Calecare, Beadala, Canhamorra. Correm Negapatão, Nahor, Triminipatão, Tragumbar, Colorão, Calapate, Sadrapatão. Amedrentão com a multidão e grandeza de seus baixeis Biznagá, e a costa brava de Orixa, e toda aquella distancia, que ha de Segopora até Oristão, e as bocas do Ganges. Atravessão o cabo de Negraes Arracão, e Pegú com tantas e tão maravilhosas ilhas. Passão por Vagatú, e Martavão, Tagala, e Favaes, Tanaçari, Lungur, Tairão, Quedá, Solungor. navegando até sua Malaca, cabeça de todo aquelle archipelago. E logo dobrando o cabo de Sincapura, ancórão

nos portos dos reinos de Syão, Cambaya, Champa e Cochinchina. E passando aos reinos da China, se atrevêrão a olhar aquelle tão recatado imperio, que nunca sofreo a communicação de gentes estranheiras; alli fundarão a celebre cidade de Macao, por onde persuadem aos Chins os mysterios de sua crença, fazendo juntamente de commercio á religião escada. D'aqui se divertem para as innumeraveis ilhas de Japão, visitando Tava, Timor, Borneo, Banda, Maluco, Lequios; de sorte que as velas portuguezas com incansavel navegação, rodeão a mór parte do mundo em distancia de mais de nove mil legoas, que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna. Repeti prolixamente todo o maritimo da Asia, onde as armas portuguezas, por imperio, ou commercio, se hão feito conhecidas, porque de tão derramadas conquistas, faz o mundo erradamente o maior argumento de seu poder, e eu de sua fraqueza; porque sendo Portugal um abreviado reino no ultimo Occidente, e com perpetuas guerras na Africa vezinha, onde se consumem com os successos prosperos, e adversos, comendo-lhes sempre gente a guerra nas facções, e nas praças que guarnecem, e agora não podendo caber aonde nascèrão, como aborrecendo o céo, e o clima, que os ha produzido, andão vagando o mundo, como se lhes fôra usurpado o senhorio dos homens, das terras e dos ventos. Agora deixo ao mais rasteiro entendimento, que julgue o pouco que se podem temer forças tão divididas; as quaes na maior prosperidade vão acabando suas mesmas victorias. Que temos que recear d'este imperio de loucos, que com hum braço na Asia, outro no Occidente, querem abarcar o mundo? Na India tem muitos principes sujeitos, porém nenhum amigo; todos aos dominantes adorão e aborrecem, porque com nenhum assentárão os Portuguezes paz, senão depois de victorias, e estragos; de sorte que não o amor, senão a injuria os tem feito conformes; e todos estes servem em

quanto não podem offender. Mas que será se virem a soldão Mahamud armado na campanha? Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos soldados? Fizérão muitos reis tributarios á força de armas, e dado que d'ellas mesmas hoje recebem amparo, mais facilmente esquece hum beneficio que huma injuria. Selim, senhor dos Turcos, ainda vê abertas as feridas dos seus janizaros recebidas em Dio; e quem está tão pouco costumado a receber injurias, não perderá a occasião de vingar a primeira; ou sendo author da guerra, ou companheiro nella, ambicioso tambem de que a melhor parte do mundo conheça seu imperio. O Çamorim depois que entrárão os Portuguezes no Oriente, não tem porto que não fosse theatro de victorias suas: e apenas tem vassallo que não fosse cortado de seu ferro. O Hidalcão cada dia vê regadas de sangue as terras de Bardez e Salsete; e depois de o governador lhe fazer injusta guerra, trouxe Meale a Goa, querendo honestar-lhe sua ruina com a justiça alhea. Todos os outros principes se hão de armar contra o commum inimigo, para poderem respirar na antiga liberdade em que vivião. Polo que a mim toca, os filhos, a fazenda, e a pessoa offereço a esta guerra, se acabar nella, em meu sangue verá Badur minha fidelidade; e em ambos os successos não terei por menos honrada a morte que a victoria. »

### *O soldão as approva, e lhe encarrega a empresa.*

8. As razões de Coge Çofar forão bem ouvidas, polo odio da causa, e authoridade da pessoa. El-Rei, depois de lhe engrandecer a fidelidade, lhe commetteo a empresa, como a maior que todos no zelo, e disciplina. Começou logo a dar calor aos aprestos, com differentes missões aos reis vezinhos, acordando-lhes suas mesmas injurias, e offerecendo-lhes as armas de seu principe, como em beneficio dos aggravos de todos. Despachou em-

baixadores a Constantinopla, convidando o Turco a restaurar o credito de suas armas com a expulsão dos Portuguezes da India, negocio tão importante á religião, como ao Estado. Facilitava o soccorro, que lhe pedia, com hum donativo de tanta estima, que era mais apto a despertar a ambição do Turco contra suas riquezas, que a dar-lhe armas auxiliares com que as defendesse.

*Dom João Mascarenhas, capitão de Dio. — Avisa o governador.*

9. Era neste tempo dom João Mascarenhas capitão mór de Dio, a quem o nascimento fez em Portugal grande, o valor no Oriente; varão tão benemerito de sua fama, como de sua fortuna. Este, sabendo por intelligencias secretas os desenhos de Coge Çofar, e que todos seus apercebimentos ameaçavão aquella fortaleza, escreveo ao governador dom João de Castro os avisos que tinha, e como estava falto de gente, munições, e petrechos; descuidos que cubria a paz de tantos annos, ou quiçá assegurados os nossos no respeito da primeira victoria. Acrescentava, que os aprestos do soldão estavão mui avante, o inimigo vezinho, e que os temporaes do inverno não tardarião muito, com que ficarião cerradas as portas ao soccorro.

*Que escreve ao soldão.*

10. Quando dom João de Castro recebeo este aviso, tinha já mandado duzentos soldados áquella fortaleza, debaixo das capitanias de dom João e dom Pedro de Almeyda, filhos de dom Lopo de Almeyda; erão os outros capitães Gil Coutinho e Luis de Sousa, filho do chanceller mór do reino. E para conhecer o estado em que se achava o inimigo, despachou dous enviados praticos no maritimo, e sertão de Cambaya com cartas a soldão Ma-

hamud, em que lhe significava as noticias que tinha das conducções, e apresto que fazia, de que lhe devia dar conta, pois como amigo o queria acompanhar na empresa; que na occasião presente lhe seria mui facil, por ter prompta no mar huma poderosa armada; e que tambem na fortaleza de Dio tinha soldados valerosos com munições sobejas, aos quaes seria mais grato enriquecer com despojos da guerra, que com o soldo limitado d'huma paz ociosa. E logo encommendou aos enviados, que notassem com sagacidade as forças do inimigo; os soccorros que tinha; e o rumor do povo, para por elle penetrar os desenhos da empresa. Mas em quanto os nossos enviados dão á vela, poremos um pequeno silencio nas cousas de Cambaya, por dar lugar aos successos de Maluco, que tiverão a direcção d'este mesmo governo.

### *Direito dos reis de Portugal sobre as Malucas.*

11. Estiverão as Malucas muitos annos á obediencia de nossas leis, descubertas e conquistadas com as armas d'esta coroa, que forão as primeiras da Europa que virão aquellas ilhas; as quaes entravão na nossa demarcação, conforme á repartição que os papas fizerão entre os reis de Portugal e Castella, tendo el-Rei dom Manoel em seu favor o direito das armas, e o das leis, não sendo estas ilhas de Portugal somente por conquista, mas tambem por herança; porque no tempo d'el-Rei dom Manoel, o ultimo e primeiro d'este nome, corrião naquellas ilhas com igual prosperidade o divino e humano, resplandecendo por beneficio de seu zelo as luzes do Evangelho nas trevas d'aquelle paganismo, recebendo muitos reinos de tão ditoso principe religião e imperio. Foi, entre outros, el-Rei dom Manoel (que em Goa recebeo o bautismo) rei e senhor das principaes ilhas de Maluco, o qual depois de bem instruido nos mysterios de nossa

crença, voltando a governar e doutrinar seus povos, faleceo em Malaca sem descendencia alguma; e por gratidão dos beneficios que d'esta coroa havia recebido, deixou a el-Rei dom João o terceiro d'este nome por herdeiro dos reinos de Maluco, em testamento solemne, outorgado com todas as legalidades civis, para que andasse vinculado successivamente na coroa portugueza. Estas ilhas descubertas com trabalho, defendidas com o sangue, possuidas com justiça, viemos a deixar a Castella contra a opinião dos melhores juristas e geographos.

*O governador as dá a Cachil Aeyro.*

12. Achou o governador dom João de Castro em Goa a Cachil de Aeyro, pessoa de grande authoridade nas Malucas, benemerito no serviço do Estado, e da linha real do ultimo principe dom Manoel, o mais conjunto em sangue, porém tão pobre por varios accidentes, que passou á India, encommendando-se á clemencia dos nossos. O governador, parecendo-lhe suas miserias indignas de seu sangue (crendo que ficava a memoria de nossos reis mais honrada com dar hum reino, do que recebel-o), lhe deu a envestidura da coroa de Maluco, com que ficasse o uso da regalia dependente do cetro portuguez, nelle, e seus descendentes; attribuindo os reis da India tão grande donativo, huns a prodigalidade, outros a desprezo; espantando-se, que fizessemos tanto por acquirir, o que sabiamos largar tão facilmente.

*Vão Castelhanos a ellas. — Quem era capitão dos Castelhanos.*

13. Entretanto as cousas de Maluco estavão alteradas com a vinda de tres navios castelhanos, que derrotados avistárão aquellas ilhas, desembarcando na de Tidore

para reparar-se das fortunas do mar, e levar a seu principe sinaes mais certos de seu descobrimento. Deixarei de referir a opposição que os nossos lhes fizerão, por cairem estes successos debaixo de outro governo, e andarem já com melhor penna escritos, tratarei só precisamente do succedido nos dias de dom João de Castro, o qual mandou a Maluco a Fernão de Sousa de Tavora para desalojar os Castelhanos, que convidados da abundancia e riqueza da terra, querião gozar o fruto dos trabalhos alheos, perturbando-nos a paz e commercio d'aquellas ilhas, de que a conquista e herança nos fizérão duas vezes senhores. Governava os Castelhanos Ruy Lopez de Villalobos, homem mais cauteloso que valente. Este havia feito ostentação soberda das grandes forças do imperador Carlos V, seu senhor, e dos grandes uteis que podião receber de sua amizade aquelles reis gentios na guerra, e no commercio, tratando a fama de nossas cousas com grande abatimento; e como na opinião dos homens he maior o esperado que o presente, algumas d'aquellas ilhas tomárão a voz do Castelhano, buscando para isso motivos, ou aggravos, huns leves e outros esquecidos.

## *Fernão de Sousa chega a Maluco. — O Castelhano trata entretel-o.*

14. Neste tempo aportou em Maluco Fernão de Sousa, mandado pelo governador, que informado de Jordão de Freitas, capitão mór da fortaleza, do estado das cousas, entendeo, que o partido dos Castelhanos se engrossava na esperança do soccorro, e riquezas, que promettião de Espanha; porém logo que Ruy Lopez teve aviso da vinda de Fernão de Sousa, e do negocio a que era mandado, querendo com arte acusar, ou entreter o rompimento com nosco até chegar o soccorro de Espanha, que esperava; o mandou visitar, escrevendo-lhe saudações

corteses. Lembrando-lhe que estavão entre gentios, desejosos de nossas discordias, para ficarem senhores de si mesmos; que assaz de guerras e inimigos tinhamos na India; que para povoarmos sós hum mundo tão grande, eramos muito poucos; que nos offerecia suas armas para com ellas termos o gentio mais obediente, porque como Espanhóes erão bons para soldados, e como catholicos mui fieis para amigos; que considerasse que era mais importante a Portugal a paz do imperador, que o cravo de Maluco, porque estas dissensões entre vassallos podião vir a ter os effeitos das minas, que rebentão muito distantes donde se pega o fogo.

*Reposta de Fernão de Sousa.*

15. A esta carta composta de féros, e lisonjas, respondeo Fernão de Sousa, que elle era pequeno de corpo, mas tão abreviado na resolução, como na estatura; que aquellas ilhas erão d'el-Rei de Portugal seu senhor, que com a mesma espada com que as ganhára podia defendel-as; que bem sabia que era Espanhol e catholico, porém que isso não lhe dava justiça para tomar-lhe a capa; que o imperador não faria guerra a Portugal, sem ler primeiro nas chronicas de Castella os successos de seus antecessores; que ou se havia de embarcar para a India, ou meter-se com os seus naquella fortaleza, onde lhe daria embarcação segura para Espanha.

*Continúa o Castelhano no primeiro intento.*

16. D'esta carta tão dura entendeo o Castelhano, que Fernão de Sousa não queria curar o negocio com remedios largos, porém vendo que não podia resistir, nem lhe convinha desobedecer, escreveo segunda vez a Fernão de Sousa, que suspendessem as armas, avisando a seus principes do estado das cousas, para que elles com

pacifico acordo determinassem a causa, porque se antes d'esta diligencia se derramasse sangue, ficaria por conta dos reis vingar a injuria dos vassallos; que entre Portugal e Castella havia direitos, e aggravos, que a paz cobria, que não quizesse soprar o fogo sepultado nas cinzas d'hum largo esquecimento; que se os Castelhanos se retirassem queixosos, facilmente os tornaria a trazer sua mesma offensa; que ainda que desbaratados do mar, e das doenças, se obrigassem a condições injustas, maior força lhes faria o brio, que a necessidade em que estavão.

17. Fernão de Sousa, entendendo dos rodeos d'esta carta, e de outras noticias, que os Castelhanos se querião remir com dilações, respondeo que, deixados argumentos, tratasse de defender com a espada seu direito.

*Vem-se os dous capitães.*

18. Ruy Lopez de Villalobos, vendo d'esta reposta que o entendião, ou que o desprezavão, escolheo deixar-se vencer da razão primeiro que da força, e logo respondeo a Fernão de Sousa, que se vissem ao outro dia no mar com sós tres companheiros, para assentarem as condições da passagem, e embarcação, que lhe offerecia; o que assi se fez, saindo Fernão de Sousa da fortaleza em huma embarcação lustrosamente toldada, e emproando com a dos Castelhanos, que já o aguardavão, sobre qual dos capitães havia de passar-se á outra, em ceremonias prolixas gastárão largo tempo. Entrou o Castelhano na de Fernão de Sousa, onde entre saudações, e urbanidades, abrio a conversação porta ao negocio.

*Acordo que tomão.*

19. Tratou Fernão de Sousa com grande comedimento das razões de sua causa, reduzidas a escrituras outorga-

das entre os reis de Portugal e Castella, que Ruy Lopez de Villalobos folgou de ver, como quem de nosso direito havia de formar sua desculpa. Assi ficárão acordados, que dentro de tres dias virião os Castelhanos meter-se dentro na nossa fortaleza de Ternate, onde lhes darião embarcação para a India, levando livremente a roupa. drogas, e armas que tivessem; e que el rei de Tidore seu faccionario ficaria em nossa graça. As solemnidades com que rematárão esta concordia, forão hum largo banquete, brindando alegremente ás saudes dos reis : beneficio, que lhes repetirão muitas vezes. Ao convite acrescentou Fernão de Sousa o seu çaguate, a uso da India, dando algumas joias ao capitão, e companheiros, com que os deixou mais satisfeitos do trato, que do despacho que levavão, porque com o sainete do cravo saboreavão os desabrimentos da terra.

*Falta o Castelhano á promessa. — E o que nisto faz Fernão de Sousa.*

20. Despedidos os capitães, se tornou Fernão de Sousa á fortaleza, contente de alhanar hum negocio tão escabroso, por meios tão commodos á sua honra, como ao Estado. Ao terceiro dia, que era o aprazado para os Castelhanos se virem á nossa fortaleza, se poz Fernão de Sousa mui galante para demonstração do gosto com que esperava os hospedes, que foi buscar ao mar. O que sabendo Ruy Lopez despedio huma embarcação da terra, pedindolhe suspendesse o negocio para o seguinte dia, porque andava vencendo alguns inconvenientes, de que lhe daria conta. Fernão de Sousa, entendendo que a dilação era cautela, e que o Castelhano faltava no concertado, como lhe derão o recado no mar, mandou forçar a voga, e com mais paixão, que acordo, se foi meter desacompanhado entre os Castelhanos. O que visto por Ruy Lopez o veo esperar á praia com oitenta arcabuzeiros que trazia

de guarda, e levando-o a seus aposentos, lhe deu conta da alteração que entre os seus havia; porque D. Alonso Henriquez, capitão d'hum navio, cobrindo seu particular interesse com o zelo de servir a seu principe, não queria estar polo capitulado, e tinha convocados amigos, e homens inquietos, que sustentavão seu partido, persuadindo cousas fantasticas a el-Rei de Tidore, e a outros, por engrossar seu bando, chamando á sua sedição zelo, e á moderação do general fraqueza, pois entregava as armas, e as bandeiras de Espanha, que jurára defender com a vida, e privava ao imperador do senhorio de tão abundantes ilhas, e aos pobres soldados do fruto e premio de navegação tão perigosa; e que os Portuguezes como nação soberba, e sempre opposta á sua, farião riso, ou gloria de tão vil rendimento. Porém que elle sabia, que todas estas bizarrias armavão sobre falso, porque os não estimulava o serviço do Cesar, nem o zelo da honra, senão o amor do cravo, de que tinhão recolhido quantidades grandes, e não fiavão de nós, que lhes deixariamos levar á Espanha as novas d'esta droga, cuja valia lhes havia de compensar os perigos e trabalhos passados. O que entendido por Fernão de Sousa, e os mais, que seguião sua voz, os assegurou nesta parte de todos seus receos, e como o brio dos Castelhanos servia de cuberta ao interesse, se vierão ao outro dia meter na fortaleza, esquecidos dos brios com que bizarreavão.

### *Proposta de Çofar ao capitão de Dio.*

21. Mas já o estrondo das armas de Cambaya não sofre esta pequena digressão de negocios menores. Governava Coge Çofar esta guerra com absoluto imperio, livrando o bom successo d'ella, parte na força, e parte nos enganos. Em quanto pois juntava bagagens e soccorros, que pola grandeza d'elles necessitavão de espaços differentes, escreveo a dom João Mascarenhas, que de-

sejava tirar qualquer escandalo que perturbasse a paz capitulada entre o soldão e o Estado, para que se lograssem com reciproco amor os frutos de tão justa concordia; que no ajustamento passado tinhamos dado consentimento a que se fizesse um muro entre a fortaleza e a cidade, o que se não executára por não mostrar desconfianças em tão tenra amizade; porém agora, que a paz de tantos annos tinha purgado qualquer injusto affecto, convinha satisfazer ao povo, que pedia esta separação, como sinal da liberdade em que vivia; que quando por aquella parte desmantelamos a cidade, fóra com a ira ou licença da victoria, e que não querião os moradores acordar-se cada dia de sua injuria com tão fea memoria; que os sinaes do odio, como não estavão no animo, não era bem que se conservassem nas pedras derribadas; que pois eramos hospedes em Dio, não convinha dar leis como senhores; e que levarião asperamente os moradores o que lhes ordenavão seus reis, tolher-lho seus vezinhos; que de vassallos alheos deviamos querer amizade, e não obediencia; que o soldão lhe dera aquella cidade, a qual determinava engrandecer com novos moradores, os quaes queria mostrar que aquella fortaleza não estava como freo, senão como amparo de seus habitadores; que aos Portuguezes convinha dar grandes satisfações ao povo, para assegurar huma paz fundada sobre aggravos.

### *Reposta do capitão. — E avisa o governador.*

22. Por esta carta entendeo dom João Mascarenhas que Çofar buscava causas ao rompimento, havendo, que se lhe concedia o muro, facilitava a empresa; se lho negava, justificava a guerra; e assim lhe respondeo, que em huma paz tão assentada, como Mahamud tinha com o Estado, mais seguro lhe seria derribar paredes, que intentar levantal-as; que o muro nem a nós seria de pe-

rigo, nem a elles de amparo; que entre a fortaleza e a cidade estava outro reparo maior que a defendia, que era a fidelidade portugueza; que do novo senhorio lhe dava o parabem, e que dos Portuguezes que alli estavão, fizesse a mesma conta que dos outros vassallos; que o negocio que propunha tocava ao governador da India, o qual estava aprestando a armada para vir visitar aquella fortaleza, que chegado elle lhe communicaria a sua proposta. E logo avisou ao governador do estado das cousas, que já pelos enviados, que mandára a Cambaya, tinha do cerco noticia mais inteira, recebendo do soldão uma reposta incerta, sem declarar, nem encobrir a jornada, fazendo relação intempestiva de passadas offensas, como quem (sem alterar a paz) queria começar a guerra.

### *Que soccorre Dio com gente e munições.*

23. Porém o governador, dando-se todo a este só negocio, pesando a importancia d'aquella praça, resolveo sobre sua defensa empenhar as forças todas do Estado, sem perdoar a despesa, perigo ou diligencia. A's cidades de Baçaim e Chaul, que erão as mais vezinhas, encommendou affectuosamente os soccorros de Dio, lembrando-lhes a honra, o premio, a obrigação; e logo em Goa mandou aperceber um caravelão com munições e bastimentos, e duzentos e cincoenta soldados, que por acharem já os mares grossos, chegárão a Baçaim com trabalho e tentando atravessar a Dio, forão os ventos tão ponteiros e furiosos, que tornárão a arribar destroçados.

### *Traição intentada por Çofar.*

24. Coge Çofar em quanto não tinha as forças juntas, nos acommettia com ardis differentes. Com largas dadi-

vas e promessas maiores comprou a fidelidade de hum soldado nosso, para que no silencio da noite désse fogo á polvora, ou lançasse peçonha na cisterna, e que não podendo conseguir nenhum d'estes intentos, tentasse dar entrada na fortaleza aos Mouros pelas casas em que vivia, commodas a esta maldade, por estar vezinhas ao muro. O soldado temeroso, ou irresoluto, deu parte do negocio a hum Mourisco, seu familiar amigo; e como nas traições mais seguro é o premio de as descobrir que de as executar, delatou ao capitão mór o caso, o qual tendo noticia d'elle por duas vias mais, e considerando que este delicto era feo para exemplo, para castigo, pouco averiguado, e que a culpa não merecia perdão, nem o tempo permittia castigo, enviou este soldado a Goa com cartas ao governador, significando-lhe os indicios da traição imaginada.

### *Prevenções de dom João Mascarenhas. -- Chega Çofar com gente de guerra.*

25. E como dom João Mascarenhas tinha a guerra por certa, ordenou que se comprassem os mantimentos que na cidade havia, em quanto aquella paz fingida fazia sombra ao commercio; diligencia que entreteve ou remediou a fome muitos dias; porém logo se alterou a segurança do trato, entrando na cidade hum capitão com quinhentos Turcos, mais a dispor que a fazer guerra. Este trazia novas cartas de Coge Çofar para o capitão mór, nas quaes cauteloso e importuno instava em levantar o muro; a que dom João Mascarenhas já não quiz dar reposta, dizendo ao Turco que os Portuguezes não deferião a petições escritas com o arcabuz no rosto. Não foi este dia o primeiro da guerra, sendo da paz o ultimo; porque ao seguinte entrou Coge Çofar com oito mil soldados para dar principio ao cerco, tolhendo-nos os soccorros da terra, porque os do mar começavão já a im-

pedir os temporaes do inverno, que era o mais duro inimigo que a fortaleza tinha. E como esta praça foi o theatro em que os Portuguezes obrárão maravilhas tão grandes, daremos de seu sitio huma breve noticia.

### *Descripção de Dio.*

26. A ilha de Dio, celebre pola riqueza de seu trato, lastimosa pola ruina de seus habitadores, illustre pola fama de nossas victorias, está situada em huma enseada, e ponta, que limita o reino de Cambaya, em altura de vinte dous gráos da banda do Norte. Da antiguidade de sua fundação fabulão os naturaes, dando-lhe principios mais illustres, que averiguados, cuja memoria conservão suas tradições na falta dos escritos. Foi sempre o porto da enseada a principal escala, frequentada das náos, que navegão a Meca, cuja viagem fez aos Mouros grata a religião, e o commercio. He a cidade apartada da terra firme por hum esteiro, que em torno a vai cingindo; pola qualidade do terreno he forte, e ajudando-se da arte a natureza, a faz mais defensavel. O esteiro, que a rodea, faz duas bocas, huma ao Norte, que por ser aparcelada, e baixa, he ao serviço inutil; outra ao Sul, tambem desacommodada pola aspereza do rochedo, em que bate. Tem outro canal na face da ilha, aonde podem ancorar navios, e d'este recebe a cidade mais commoda passagem. Não segui a fórma, em que a descreve João de Barros, por se haver alterado com a differença dos Mouros que a senhoreárão, fortificando-a cada huns d'elles com varia disciplina, conforme o juizo, ou variedade dos tempos lhes ensinava.

27. Entrado Coge Çofar na cidade com oito mil soldados, muitos d'elles Turcos, trazidos a seu soldo, sessenta peças grossas, em que entravão dezoito basiliscos, com munições, e bastimentos de homem que antevia a duração do sitio. Trazia mil janizaros no campo com avanta-

jado soldo, os quaes com sua ordinaria soberba desprezavão a empresa, accusando o temor de Çofar, em convocar soccorros, e inquietar as armas do Grão Senhor contra quatro miseraveis christãos, defendidos d'huma fraca parede, com os quaes nem na peleija se ganhava honra, nem na victoria despojo. Coge Çofar nem louvava, nem reprendia o animo dos Turcos, mas da victoria fazia mais incerto juizo, ensinado do temor, ou da experiencia, e no abrir as trincheiras, plantar batarias, formar esquadrões, mostrou que era soldado ; e logo que teve posto sitio á fortaleza, fez aos Turcos uma breve pratica, dizendo :

## *Pratica de Coge Çofar aos seus.*

28. « Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer, nem a desprezar esses poucos Portuguezes, que dentro d'aquelles muros estais vendo encerrados, porque não chegão a ser mais que homens, inda que são soldados. Em todo o Oriente atégora os acompanhou, ou servio a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com hum limitado poder fazem guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar hum imperio sem forças, sustentado na opinião, ou fraqueza dos que lhes são sujeitos. Apenas tem quinhentos homens naquella fortaleza, os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costumão ser os pobres, ou os inuteis ; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inverno. Estão faltos de munições, e mantimentos, assegurados na paz, ou na soberba, com que desprezão tudo. Como são poucos, sempre naquelle muro hão de assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o lugar de outro ; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bataria, e por força os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com o destroço que fizerão nas galés

do Grão Senhor no cerco d'esta mesma fortaleza. A tão honrados Turcos, e valentes janizaros, como estes presentes, toca acudir pola honra de vossa gente, e de vosso imperio, como causa mais justa da guerra que fazemos; que ainda que Cambaya tem exercitos, e soldados, não convem á reputação do Grão Senhor vingar suas injurias com as armas alheas. Com este fim vos trouxe a esta empresa, porque vos não furtassem outros a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra, que agora estais pisando, cobre os ossos de vossos companheiros, parentes, e amigos, que a cada hum de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contando-nos as mortes, e as feridas, que d'estes homicidas recebêrão, esperando por vosso esforço poderem descansar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á magestade de principe tão grande, cuja vingança será grata a todos os que se chamão reis, precisa a todos os que somos vassallos. »

### *Insta de novo ao capitão de Dio. — Reposta do capitão.*

29. Acabada esta pratica, ou querendo justificar mais a guerra, ou ganhar tempo para esperar soccorros, tornou a tentar o animo de dom João Mascarenhas, com condições mais graves, instando na porfia de levantar o muro, e pedindo, que as naos do soldão, seu senhor, podessem navegar livres sem cartazes de nossos generaes; injuria, que o soldão tolerava como amigo, e não podia sofrer como monarcha. Pedio mais que as naos de mercadores não fossem obrigadas tomar aquelle porto; liberdade que devia outorgar em beneficio do commercio. Dom João Mascarenhas lhe respondeo, que entre tambores e bombardas não se fazião acordos de amizade; que aquella fortaleza estava costumada a dar leis a todos, e não a recebel-as de ninguem; que em breve espe-

rava castigal-o, como a quebrantador das pazes, e que então sofreria a seu pesar condições mais duras, escritas com o sangue de seus mesmos janizaros.

### *O governador manda a Dio seu filho D. Fernando.*

30. Já neste tempo o governador tinha feito aprestar nove embarcações com estranha brevidade, dizendo aos soldados, que occasião tão honrada, só a havia de fiar dos seus mimosos; que elle trocára agora as prisões de seu cargo, pola liberdade de qualquer soldado; que ainda que estava resoluto em ir descercar Dio, não podia negar as envejas, que tinha aos que primeiro que elle havião de vir a braços com os Turcos. E logo chamando a seu filho dom Fernando lhe disse em sala publica :

« Eu vos mando, filho, com este soccorro a Dio, que pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos ; polo que toca a vossa pessoa não fico com cuidado, porque por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei hum filho. Encommendo-vos, que tenhais lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós, e para as obras são vossos exemplos ; fazei por merecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos he igual, as obras fazem os homens differentes ; e lembro-vos, que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta he a benção que nos deixárão nossos maiores, morrer gloriosamente pola lei, polo rei, e pola patria. Eu vos ponho no caminho da honra, em vós está agora ganhal-a. »

Com isto lhe lançou a benção, e o encommendou a Diogo de Reynoso, hum dos mais valentes cavalleiros que passárão á India. Neste soccorro foi Sebastião de Sá, filho de João Rodriguez de Sá, que nesta occasião, e em outras deu de seu valor um testemunho illustre. Com elle passou dom Francisco de Almeyda, filho de dom Lopo, a acompanhar dous irmãos que tinha já em Dio. Com o

mesmo soccorro forão Antonio da Cunha, Pero Lopez de Souza, Diogo da Sylva, Jorge Mascarenhas, Antonio de Mello, e outros muitos fidalgos, que naquelle tempo andavão após os perigos, como se lhes fugirão.

31. Escreveo o governador a dom João Mascarenhas huma carta mui honrada, dizendo-lhe, quanto maior cousa era nesta occasião ser capitão de Dio, que governador da India; que naquelle soccorro lhe mandava seu filho dom Fernando, para que depois no reino, entre as vanglorias da velhice, contasse que fóra seu soldado; que estivesse certo, que todas as forças do Estado se havião de empenhar na defensa d'aquella fortaleza; que naquelles navios hião muitos fidalgos moços, cujo orgulho devia moderar, porque a obrigação dos cercados só era defender-se; que alli lhe mandava munições, que bastavão a esperar segundo soccorro, dous engenheiros, e muitos officiaes mecanicos para reparar as ruinas da bataria, com os instrumentos, e materiaes convenientes; no que dom João de Castro não só mostrou zelo de ministro, mas pratica de soldado, antevendo as necessidades do sitio, e occorrendo a todas.

### *Reparte o capitão de Dio os postos da fortaleza.*

32. Já neste tempo dom João Mascarenhas tinha mandado quebrar a ponte, que dava serventia por sima da cava do baluarte Santiago á outra banda, mandando fazer outra levadiça. A torre de Santiago entregou a Alonso de Bonifacio, escrivão da Alfandega; o baluarte São Thomé a Luis de Sousa; o de S. João a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta a Antonio Freire; e outro baluarte Santiago, que descobria o rio, a dom João de Almeyda com seu irmão dom Pedro de Almeyda; o de S. Jorge a Antonio Peçanha; a couraça pequena a João de Venezeanos; a grande a Antonio Rodriguez. Por estes capitães repartio cento e setenta soldados, ficando elle de sobre

rolda com trinta, para soccorrer ás estancias. Com tão pequenas forças esperava dom João tão numeroso poder, como contra si tinha, dispondo com tanta segurança a defensa, que lhe não fazia o perigo temor ou novidade. Com as munições, e mantimentos mandou ter grande conta, pola contingencia em que estava de poder receber outros com os estorvos do tempo, e do inimigo. Entre os escravos e outra gente inutil para tomar as armas, repartio o trabalho de acudirem ao muro com lanças, panelas de polvora, pedras, e mantimento, por desviar aos soldados de outra occupação mais que a da peleija. Neste serviço entreteve os mininos, os velhos e as mulheres, para que na fortaleza não houvesse pessoa inutil, ou ociosa, pola idade, ou sexo. E logo juntando os soldados no terreiro da fortaleza, lhes disse com alegre semblante.

### *E falla a seus soldados.*

33. « Esses Turcos e janizaros, que d'este lugar estamos vendo, vem a restaurar com nosco a honra que no primeiro cerco perdêrão ; porém nem elles valem mais que os que então forão vencidos, nem nós valemos menos que os vencedores. Eu vos confesso, que me criei sempre com a enveja do menor soldado que defendeo esta praça ; pois ainda agora a memoria de seu valor honra seus descendentes, que menos conhecemos polo apellido, patria ou solar, que por filhos, ou netos d'aquelles que tão gloriosamente acabárão, ou triunfárão em Dio. Os mais illustres honrárão sua familia ; os mais humildes derão a ella principio. Trouxe-nos a fortuna esta empresa a aquella nada dessemelhante ; não sepultárão comsigo aquelles valerosos Portuguezes toda a gloria das armas ; ainda nos deixárão esta, que nos fará illustres. Não nos assombre a desigualdade do poder, porque a fama não se alcança com perigos vulgares. Nave-

gámos cinco mil legoas só a buscar este dia, para nelle ganhar a honra, que nos não podem dar os reis, nem as gentes ; porque os reis dão premios, não dão merecimentos. Não nos faltão munições, nem mantimentos para entreter o cerco até chegar soccorro; e ainda que andão os mares levantados, por serem os tempos verdes, temos hum dom João de Castro, que por debaixo das ondas virá com a espada na boca a soccorrer-nos, e tantos outros fidalgos e cavalleiros, que terão por injuria ganharmos nós sem elles a honra que se nos offerece, com a qual não temos que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no numero d'aquelles, que ao rei e á patria fizerão algum memoravel serviço, cuja honra viemos a sustentar do ultimo Occidente a tão remotas partes. E o que mais he que tudo, peleijamos com inimigos de nossa fé e não nos póde faltar favor para tão justa causa, pois servimos ao Deos das victorias. »

### *Entrão mais soccorros ao inimigo.*

34. Acabada a pratica, se ouvio logo no campo dos Turcos huma grossa salva, com que Coge Çofar festejava hum soccorro de dous mil infantes, que lhe havião chegado de Cambaya, todos soldados velhos, que fazião o soccorro maior na qualidade que no numero. Acompanhavão esta gente, entre outros, dous capitães mogores, pessoas entre os seus de grande nome. No mesmo dia entrou grão parte da nobreza da corte, que se alojou separada do campo, em mui lustrosas tendas, com tal concerto, que não devião nada á policia de Europa. Os nossos com a desestimação da vida, divertião o horror de tantos apparatos, animando-se com discursos conformes ao tempo, tirando da necessidade conselho para as cousas presentes.

*Começa a bater a fortaleza.*

35. Ao seguinte dia, que foi quinta feira maior d'este anno de mil quinhentos quarenta e seis, amanheceo vezinho á fortaleza hum baluarte entulhado de terra amassada, com suas bombardeiras, e nellas algumas peças, grossas, e por sima do muro quantidade de sacas de algodão, forradas de couros crús para fazerem resistencia ao fogo; maquina que espantou aos nossos, polo silencio, e brevidade com que se havia obrado; mostrando bem que não era esta fabrica desenho de multidão barbara, e confusa; porque em todo o conflicto mostrárão igual o valor á disciplina. Logo começárão a bater ditosamente a nossa fortaleza, porque nos cegárão quatro peças, das quaes a sua bateria recebia mais dano.

*Estratagema do inimigo em uma náo.*

36. O bom successo d'este dia lhe deu para os outros conselho, formando em cinco noites cinco fortes em proporcionada distancia, para darem geral assalto por brechas differentes, a que não podião resistir divididos tão poucos defensores. Ao designio podéra responder o successo, se o nosso forte do mar, que estava a cavalleiro dos seus, lhe não fizera tanto dano, que julgárão lhe convinha acudir primeiro ao reparo, que á offensa. Callárão as bombardas dous dias, em quanto para segurança da primeira fabrica, maquinárão segunda. Lançárão ao mar huma nao alterosa chea de polvora, alcatrão, e outros materiaes dispostos ao fogo; estes disposerão na primeira coberta, como ardil reservado para segundo intento; por sima d'elles fizerão huma grande esplanada, onde podião peleijar quasi duzentos homens, para com elles intentar a escala; ficava a nao senhoreando o forte, d'onde com a vantagem do numero, e lugar da peleija,

entendião que serião os nossos entrados facilmente, e quando a resistencia fosse tão porfiada, deixada a nao, logo pegarião fogo, que ateado no forte, o abrasaria, sem dano, nem perigo dos seus; e que logo occupadas as ruinas, que deixasse o fogo, sobre ellas levantarião outro, donde se podesse bater a nossa fortaleza, ficando os seus baluartes seguros d'este padrasto, com que poderia laborar sem dano a sua artelharia. Estratagema inventado com militar discurso.

*Desbaratada pelos nossos. — E trazida á fortaleza.*

37. Da obra, e do intento teve o capitão mór aviso por espias que trazia no campo, e chamando o capitão do mar Jacome Leyte, soldado de grande confiança, lhe disse, que lhe não queria roubar a honra que tocava a seu posto; que estimasse, que a primeira facção d'este cerco fosse sua; e praticando-lhe tudo o referido, lhe ordenou, que na segunda vigia da noite, tivesse tudo a ponto. Sahio Jacome Leyte na hora determinada com dous catures, e trinta soldados, remando a voga surda, e emproando com a náo, a começou a servir de muitas panelas de polvora; virão os Mouros seu perigo com o mesmo fogo, que os estava abrasando, e acudindo ás armas, turbados do temor, e do sono, se defendião com huma resistencia timida, e confusa, impedindo-se huns aos outros com as vozes, e desacordo, causado do subito acommettimento. Alguns se começárão a lançar ao mar, estes fizérão aos outros caminho, e exemplo; emfim entre queixas, e alaridos despejárão a nao, fazendo pôr em arma o campo todo. Teve Jacome Leyte tempo para dar hum cabo á náo, e trazel-a atoada; a quem o capitão mór deu muitos abraços, e louvores, estimando este successo por dar á guerra tão ditoso principio. Os Mouros ordenárão que se continuasse a bataria a risco aberto, custando-lhes cada pedra que derribavão da fortaleza, soldados,

e artilheiros. Não fazia a sua bataria dano consideravel, só o baluarte Santiago, ou por mais fraco, ou por melhor batido, estava por duas partes aberto, e já com roturas capazes de se entrar por assalto, se bem os de dentro se reparavão com alguns travezes, fazendo reparos do entulho que furtavão de noite.

38. Continuava a bataria não sem effeito, porque já se via o muro por muitas partes aberto, por todas abalado, e não podia pelas ameas assomar soldado, que não fosse encravado das settas do inimigo, ou ferido das balas, que erão tantas, que parecião huma continuada salva, doendo pouco a Coge Çofar despender munições, e arriscar soldados, como quem de tudo estava prevenido e sobrado. Tambem da fortaleza lhe respondia a meudo a nossa artelharia com mais dano, porque como era tanta a multidão dos Mouros, nenhuma bala se jogava perdida.

39. Instavão os Turcos, porque se désse o assalto, porque já em muitos lugares polas ruinas da bataria, se podia subir ao muro; porém Coge Çofar os detinha, ou esperando maior poder, ou querendo que o trabalho e feridos quebrantassem o orgulho dos nossos, cuja furia esperava domar com lentas armas, apurando as forças, as munições, e ainda a paciencia dos cercados; discurso, que não era de todo errado, porque o inverno, que começava furioso, impossibilitava os soccorros necessarios e forçosos, desde o primeiro dia, em razão de que os descuidos da paz, e a subita invasão do inimigo, tinha os nossos menos apercebidos para soster o peso d'esta guerra; sendo nesta parte tão demasiada nossa confiança, que depois do cerco de Antonio da Sylveira, só com o respeito d'aquella victoria, se defendia a praça; e dom João Mascarenhas se achava só com quarenta barris de polvora de bombarda, e vinte de mosquete; a estreiteza de mantimentos, como de homens, que primeiro virão a guerra, que a esperassem; os defensores erão duzentos,

os mais d'elles soldados de guarnição, a quem a gloria d'este cerco deu a primeira fama.

### *Chega dom Fernando a Dio.*

40. Trazião ao capitão mór solicito o estado das cousas, e a incerteza dos soccorros, que importava encobrir tão cautamente aos de casa, como aos de fóra, e não queria nos principios do cerco taixar os mantimentos e munições, vendo por huma parte ser danoso, e por outra preciso : quando as vigias lhe viérão dar aviso, que a huma vista parecião nove velas, e que pola feição dos vasos mostravão serem nossas. Chegárão os soldados todos ao muro com o alvoroço desta nova, causando variedade nos juizos a distancia da vista e cerração do tempo; porém dentro de huma hora divisárão as bandeiras de quadra, e logo com as armas reaes a capitaina, que com os ventos ponteiros vinha forçando as ondas em demanda da nossa fortaleza. Vinhão todas com flamulas e galhardetes, empavezadas e guerreiras. Salvárão logo as torres, donde lhes respondêrão com a mesma cortesia naval. Os Mouros lhe tirárão muitas peças de terra, em quanto davão fondo. Forão desembarcando as munições e mantimentos, trás elles os soldados, e ultimo de todos dom Fernando; ou fosse instrucção do pai, ou brio do filho.

### *Dom João Mascarenhas o recebe.*

41. O capitão mór depois de receber aquelles fidalgos, como companheiros de sua fortuna, sabendo que vinha alli dom Fernando, o foi buscar ao navio, e o encontrou na escada da fortaleza, por onde já sobia, e levando-o nos braços, lhe disse palavras accommodadas ao lugar e tempo, offerecendo-lhe sua mesma pousada. A não quiz aceitar dom Fernando, pedindo-lhe que aquella honra lhe

poupasse para o tempo da paz, que agora o baluarte mais arriscado havia de ser a sua guardaroupa, porque lhe não prestaria o sono hum passo desviado da muralha. Dom João Mascarenhas o tornou a abraçar, espantado de ver espiritos varonis em annos tão verdes.

42. Vinha nos navios quantidade de polvora, armas e bastimentos, com que se podia entreter o cerco até outro soccorro; tambem se lembrou o governador de mandar aos enfermos e feridos, remedios e regalos. Mostrou o capitão mór aos soldados a carta do governador, em que (como dissemos) o assegurava de sua vinda, para a qual se ficava aprestando com a maior diligencia e forças, que sofria o Estado; o que deu corações novos aos cercados, com que já as necessidades e aprestos da guerra mostravão outro semblante; a qual se hia continuando, recebendo Coge Çofar cada dia soccorros, e traçando artificios, para que tinha conduzido engenheiros de differentes partes, que a emulação e premio incitava a inventar cousas novas, que fazia os nossos mais attentos ao perigo occulto, que ao descoberto.

### *Publica o governador guerra contra Cambaya.*

43. Porém o governador, logo que despedio seu filho dom Fernando, mandou pregoar guerra, a fogo e sangue, contra el-Rei de Cambaya, como perjuro e quebrantador da paz, que tinha com o Estado, e isto com instrumentos militares e solemnidades legaes, para fazer publicas e justificadas as causas de huma guerra, que tinha attentos os juizos do Oriente todo. Escreveo aos moradores de Baçaim, lembrando-lhes, que como mais vezinhos lhes tocava a obrigação de soccorrer a Dio; que as outras praças acodião ao perigo do Estado, elles ao seu proprio, pois as bombardas, que batião a Dio, abalavão os edificios de Baçaim; que elle se aprestava para ir descercar a fortaleza, e fazer a Cambaya as hostilidades possiveis,

porque o Estado nunca fizera guerra defensiva aos reis do Oriente; que lhes pedia estivessem promptos para o acompanhar com navios e gente, como de tão honrados cidadãos e leaes Portuguezes se devia esperar; que o serviço de cada hum deixava em seu mesmo arbitrio, entendendo, que qualquer d'elles, com a fidelidade, e amor de seu rei, excederia á possibilidade.

*Emprestimo que pede aos mercadores. — Recorre a Deos com preces publicas.*

44. Na mesma fórma escreveo a todas as praças, de que podia receber soccorros, achando os animos dispostos a servir, e despender as fazendas : felicidade, que contaremos por singular em seu governo, como em differentes successos mostrará a historia. Começou a dar grande calor aos aprestos da armada, e achando o Estado pobre para tantas despesas, pedio aos mercadores grandes sommas sobre sua verdade, que era o ouro e diamantes, que só enthesourára; prenda sobre a qual os homens de negocio lhe offerecião tudo : e não sei se entre os poderosos correm hoje fazendas d'esta lei em tanta estima. Mandou fazer orações publicas e secretas, pedindo a Deos amparasse a causa dos fieis, pois era sua, fiando mais dos sacrificios que das armas. Discorria de ordinario com os soldados de experiencia sobre as cousas de Dio, não se inclinando ao voto mais authorisado, senão ao mais experto.

*Tomão-se aos inimigos muitos mantimentos.*

45. Em Dio não descansavão as armas. Foi o capitão mór avisado, que no exercito se esperava por huma grande cáfila de mantimentos, que se havião de carregar por aquella costa de Balsar até Damão ; o que entendido, des-

pedio o capitão do mar Jacome Leyte com tres navios, para que a fosse esperar até a ilha dos Mortos, o qual saindo de noite pela barra fóra correndo a costa, na qual tomou muitas cotías, que vinhão bastecer o exercito, passou os Mouros á espada, excepto alguns que reservou, para trazer enforcados nas vergas dos navios, quando entrasse a barra; o que assi se fez, dando com elles ao exercito huma lastimosa vista, certificado mais do successo com o fogo em que vio arder as cotías ; os mantimentos se recolhêrão na fortaleza, que era a droga mais importante para o tempo.

46. Tinha já Coge Çofar perdido muita gente, sem ver na fortaleza nem nos animos dos cercados quebra, que lhes désse esperanças de ganhal-a, os nossos passeavão no muro com galas, e plumagens, que mostravão o gosto, ou desprezo da guerra que sostinhão. Vendo Coge Çofar que estavamos senhores do mar com tão pequenas forças, e que as provisões, que recebia o exercito, vinhão furtivas, e arriscadas, mandou saír huma armada da barra de Surrate, a qual encontrou tres embarcações nossas, que de Baçaim e Chaul vinhão prover a fortaleza; peleijárão os Portuguezes desesperadamente, mas como era tão desigual o poder, os mais ficárão mortos, vendendo tão bem as vidas, que não tivérão os Mouros, que festejar na preza, ou na victoria. Dom Fernando de Castro pedio ao capitão mór licença para saír ao inimigo em alguns navios do soccorro, que lhe não deu, por entender seria diligencia perdida, porque o inimigo fez aquella saida furtado, e se recolheo logo.

## *O capitão de Dio avisa por terra a el-Rei.*

47. Tratou dom João Mascarenhas de avisar por terra a S. Alteza do estado das cousas, para o que se lhe offereceo hum Armenio pratico na lingua e costumes dos Mouros; o qual despachou em hum Catur ligeiro, para

que o lançasse na costa de Pór; e d'ahi em trajos de Jogue (que entre elles he habito religioso, e pobre) se passasse ao Cinde, e d'ahi a Ormuz, com cartas ao capitão. Este fez a jornada em companhia de mercadores de Baçorá, que o passárão a Babylonia pelo rio Eufrates, onde havia de esperar as cáfilas, para atravessar os desertos da Arabia.

### *Senhoreão os inimigos a cava.*

48. Continuava Coge Çofar as obras da fortificação com não menos perigo que trabalho, e com porfia tão barbara, e cruel, que os mesmos corpos dos gastadores, que os nossos matavão, lhe servião ao entulho, usando tão deshumana disciplina, quiça por encobrir o dano, que começava já a ser conhecido no exercito, se bem se restaurava com quotidianos soccorros, que por horas engrossavão o campo. Mandou Coge Çofar assestar nas estancias sessenta peças grossas, em que entravão basiliscos, salvagens, aguias, e camelos, sem outra artelharia miuda, de que era maior o numero. Aos cinco baluartes, que havia levantado, assegurou com novos muros, cobrindo os gastadores com paredes torcidas, em tantas voltas, que os não podia pescar a nossa artelharia. Com este artificio chegárão os Mouros a senhorear a cava da fortaleza, onde assentárão dezoito basiliscos, com que tirárão quinze dias continuos, fazendo na fortaleza tal estrago, que os nossos, por ultimo remedio, se reparavão com suas mesmas ruinas, fazendo contramuros, e reparos das pedras derribadas.

### *Chega o Soldão com muita gente.*

49. Tinhamos já perdido oitenta homens, e mais de cento feridos, e pola estreiteza, e ruim qualidade dos mantimentos, muitos andavão enfermos. As munições

em grande parte gastadas, tinhão reduzidos os nossos a perigoso estado; o que entendido por Coge Çofar de alguns escravos, que fugirão da fortaleza, mandou reforçar as batarias, crendo que não poderião durar os animos em tão quebradas forças; e logo, como homem, que queria partir com seu rei os mimos de sua fortuna, avisou ao soldão, que estava em Champanel, que se viesse ao campo para lhe entregar a fortaleza com o primeiro assalto. Na fé d'esta promessa acodio o soldão com dez mil de cavallo, e grão parte de sua corte, onde foi recebido com huma salva real a volta de muitos instrumentos de guerra, e de alegria, consonancia, que os nossos ouvião, aos animos temerosa, aos ouvidos barbara.

50. Pareceo aos nossos, que a alegria do campo solemnizada com duplicadas salvas, seria no recebimento dos Turcos, que esperavão. Logo dom João Mascarenhas ordenou a Fernão Carvalho, capitão do forte do mar, que mandasse huma almadia a tomar lingua, para saber os passos do inimigo, porque as espias que trazia no campo, ou se havião feito dobres, ou erão descobertas, o que se fez na mesma noite, trazendo-nos hum Mouro, que referio a vinda do soldão, as promessas de Coge Çofar, e confianças da empresa. Mandou o capitão mór soltar o Mouro, e que dissesse a el-Rei de Cambaya, que lhe pedia se detivesse no exercito, porque esperava ir-lhe pagar a visita a seus alojamentos. O Mouro se foi contente com a liberdade, e assombrado com a reposta do capitão mór. Foi o Mouro levado ante Mahamud, e referindo as palavras do capitão, lhe disse, que os Portuguezes tinhão a fortaleza derribada, e os animos inteiros.

### *Retira-se, e fica Juzarcão em seu lugar.*

51. Coge Çofar mandou continuar a bataria, e dizer a dom João Mascarenhas por Simão Feo (hum prisioneiro nosso, que contra as leis da guerra havia represado) que

se espantava de o ver encurralado, sem sair a peleijar ao campo, como fazia o bom cavalleiro Antonio da Sylveira; que mal respondião as obras ás palavras; á qual mensagem os soldados com pelouros respondêrão do muro. Cinco horas durou a bataria, fazendo no edificio já abalado estrago grande. Porém as nossas peças lhe respondêrão com maior dano, e com melhor fortuna, porque dentro na tenda do soldão, huma bala perdida matou hum Mouro, com quem o mesmo soldão estava praticando, e como estes Mouros orientaes são credulos em agouros, tomando el-Rei o caso, como aviso de algum máo successo, quiçá cobrindo com a superstição o medo, sahio logo do campo, deixando a Juzarcão, hum Abexim valente, que nas guerras do Mogor tirára soldo contra soldão Mahamud, e agora como soldado mercenario, fôra chamado com algumas vantagens a servir nesta guerra.

## *Acção notavel de Diogo de Anaya.*

52. Partido el-Rei do arrayal, mais bellicoso na paz que no conflicto, retirando-se na mesma ilha á quinta de Melique, dava calor aos soccorros, que cada dia reforçavão o campo; porém dom João Mascarenhas, que polo aperto do sitio, não tinha avisos certos dos designios do inimigo, praticou com os fidalgos, e cavalleiros quanto importava tomar alguma lingoa. Ouvio esta pratica Diogo de Anaya Coutinho, hum fidalgo que vivia do soldo, porém com espiritos mui dignos de seu sangue; este se offereceo ao capitão mór, e lançado do muro por huma corda, assegurado do escuro da noite, encaminhou aos quarteis do inimigo, e a poucos passos vio junto a si dous Mouros, que estavão praticando; duvidou de os acommetter, porque trazer dous não era possivel, peleijar com elles não convinha; porém tomando da occasião conselho, derribou com hum bote de lança a hum d'elles, e abraçando-se com o outro, que se defendia bradando,

mordendo, e forcejando, o levou até as portas da fortaleza, onde achou o corpo de guarda, que entre louvores, e envejas o levárão ao capitão mór com o seu prisioneiro. Referirei agora a circumstancia, por ser maior que o caso. Levou Diogo de Anaya prestado hum capacete d'hum soldado, e vendo-se na fortaleza sem elle, crendo, que com a luta, e bracejar do Mouro o perderia, se tornou pola mesma corda a derribar do muro, e buscando-o á vista d'hum exercito já alterado, o recolheo, e trouxe, tão temerario, como ditoso.

53. Pelos avisos do Mouro, soube o capitão mór, que Coge Çofar e Juzarcão, hum valente, e outro desconfiado, fizérão reciprocos juramentos a Mafoma de ganhar Dio, ou acabar na empresa, dizendo que se nos não podião supportar amigos, mal nos poderião sofrer victoriosos. Com a continuação da bataria, lhe rebentárão muitas peças, em lugar das quaes encavalgárão outras, batendo furiosamente os baluartes S. João, S. Thomé, e Santiago, de que erão capitães dom João de Almeyda, Luis de Sousa e Gil Coutinho, os quaes sempre com as armas vestidas, sobre ellas mesmas tomavão algum breve repouso, sempre constantes no perigo, e ao trabalho promptos.

54. O baluarte Santiago, como mais fraco, fez maiores ruinas, e já nelle podião os Turcos peleijar quasi iguaes aos nossos; não ficou na fortaleza parapeito, nem amea, que não fosse arrasada; e do baluarte S. João até o de Santiago, todo o lanço do muro estava aberto, com que ao trabalho do dia succedia o da noite, sendo impossivel, e forçosos tão poucos defensores, com tão quebradas forças, reparar em poucas horas o estrago d'huma fortaleza por tantas partes rota; porém todos conformes se dispunhão ao trabalho, que não podião vencer, nem escusar.

## *Valor das mulheres de Dio.*

55. Acodirão as mulheres da fortaleza a acarretar os materiaes para a defensa, sobindo sem temor ao muro, tropeçando em lanças, espadas, e pelouros, vencendo a natureza e o sexo, como se trouxêrão corações varonis em habitos alheos; taes houve, que vestindo armas, fizérão aos inimigos rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha; entre todas mereceo maior Isabel Fernandez, a quem nossos escritores, em lugar de elogios que honrassem sua memoria, chamão a Velha de Dio; celebre por este nome nos annaes, ou memorias do Oriente. Despendeo parte de seus bens esta grande matrona em mimos, e regalos com que no mais vivo do conflicto, alentava aos soldados, exhortando-os á defensa, e á peleija, com razões maiores, que d'hum espirito, e juizo feminil. Emfim a diligencia d'estas matronas servia de alivio no trabalho, nos perigos de exemplo, acodindo a qualquer obra servil, ou arriscada que fosse, promptas e opportunas.

56. Vendo Coge Çofar, que tudo quanto suas armas arruinavão de dia, nossa industria reparava de noite, maquinou hum artificio mais subtil pola traça, que util polo successo. Defronte do baluarte S. Thomé, que pola materia, e disposição do sitio estava mais aberto, determinou levantar outro, que lhe ficasse igual, ou eminente, para que batido pelo alto derribasse as ameas tolhendo peleijar aos defensores, e ainda de noite, poder fazer reparos, ficando as peças para aquella parte assestadas de dia, com pontaria certa. Mandou logo trazer montes de terra, e rama, para entulhar a cava, fortalecendo a esplanada com troncos de arvores grossas para lhe assegurar o terrapleno. A quantidade dos gastadores, que servião o campo, era outro novo exercito, com que a obra medrava sem tempo, e sem medida. Entretanto

a artelharia do nosso baluarte jogava com dano do inimigo, porque como esta peonagem servia amontoada e descoberta, não se tirava da fortaleza tiro algum perdido.

57. Reparou Coge Çofar no dano, por ser grande, ordenado, que na obra se trabalhasse de noite, para que tirando os nossos com pontaria incerta, e vaga, fosse menor o effeito, mandando fazer maior ruido onde se obrava menos, a fim de que os nossos artilheiros, guiados pelo ouvido, apontassem as peças ao tino do rumor, e dos eccos. O que entendido por dom João Mascarenhas, mandou cobrir de luminarias a fortaleza, para que os gastadores, que trabalhavão amparados do escuro da noite, ficassem expostos ao mesmo perigo, que de dia. Porém Coge Çofar, que tinha pratica aprendida na milicia de Europa, mandou fazer estradas torcidas, e encobertas por onde continuárão os Mouros mais seguros a elevação do forte, gastando a nossa artelharia balas inuteis, e perdidas.

58. Deu o negocio ao capitão mór cuidado, porque crescendo aquella maquina, não ficava na fortaleza lugar algum seguro, jogando a artelharia do inimigo a cavalleiro dos nossos baluartes com que dos cercadores aos cercados, não havia no lugar vantagem, ficando os Mouros com a do numero tão desigual aos nossos. Posto o caso em conselho, todos conhecião o perigo, e nenhum o remedio. Alguns com maior ouzadia, que prudencia, votárão que saissem os nossos, e lhes estorvassem a obra a risco descoberto, sem ver que era maior o perigo que acommettião, que o de que se livravão. Poucos approvárão este conselho; nenhum sabia dar outro. Fizérão os nossos algumas sortidas, porém de pouco effeito, porque o inimigo poderoso, e vigilante, tinha com grossa escolta assegurados os postos aos gastadores; mas como nos apertos grandes soe o perigo ser o melhor conselheiro, lembrou-se dom João Mascarenhas, que na forta-

leza havia huma eminencia, que sobrelevava o forte S. Thomé, por sima do qual podia jogar a artelharia. Aqui mandou encavalgar algumas peças, as quaes tirárão com tão ditoso effeito, que em poucos dias derribárão aquella maquina, levantada e caída com o sangue dos que a fabricárão. Porém como esta hydra tinha tantas cabeças, emprendeo Coge Çofar cegar a cava com as mesmas ruinas; o que lhe era mais facil, por ser obra que não havia mister medida, disposição, ou engenho.

59. Começárão dous mil peões a cobrir a cava com os materiaes do forte. Entretanto hum grande troço do exercito com dardos, settas, e espingardaria, impedia os nossos assomar-se ao muro. Cresceo a obra, e perigo nos cercados, porque como os altos da fortaleza estavão desmantelados, pouco que subisse o terrapleno, ficava igual ao muro. Desvelava-se o capitão mór por lhe frustrar o intento; e vacillando nos meios convenientes, alguns velhos criados na fortaleza, lhe dissêrão, que no lugar onde estavão, tinha o muro hum postigo, que o discurso dos tempos cobríra com terra movediça, e que por aquella parte sem risco, e com facil trabalho se podia furtar o entulho. Pedia a necessidade execução prompta; mandou cavar o capitão mór, e achou o postigo accommodado a seu intento. Sahião os nossos de noite, e furtavão o entulho por baixo, deixando a superficie vãa, que cobria os vazios, solidos na apparencia do inimigo; porém como aquella terra estava no ar violentada, trouxe-a seu mesmo peso ao centro, caindo todo aquelle vulto fantastico á vista do inimigo.

## *Morre Coge Çofar de uma bala.*

60. Foi logo avisado Coge Çofar da industria, com que lhe frustrámos tão custoso trabalho, e acudindo áquella parte, impaciente na contraposição que achava a todos seus desenhos, sahio da fortaleza huma bala perdida, que

no meio d'hum esquadrão de Turcos, lhe levou a cabeça. Houve no exercito sentimento publico pola falta de tão grande soldado. Virão os nossos com destemperadas caixas, e arrastadas bandeiras dar sepultura ao corpo com todo o funeral militar, e politico, que ensinou a vaidade da guerra. Jurou logo seu filho Rumecão, sobre o sangue do pai, tomar justa vingança, que entre elles a dor, e a ira he a ultima piedade, que offerecem em sacrificio a seus defuntos.

### *Succede-lhe Rumecão, seu filho.*

61. Succedeo Rumecão ao pai no odio e cargo, continuando a guerra com a obrigação de general, e sentimento de filho, tão empenhado pela dor, como pelo officio. Mandou continuar por seis partes o entulho da cava, sendo por horas soccorrido o exercito de gastadores, bastimentos, munições, e soldados, crescendo por toda parte a obra, que Rumecão esforçava, como disposição para nos dar o assalto. Tratou tambem de continuar a maquina, que o pai começára, contrapondo hum artificio a outro ; lavrou seis estradas encobertas, que todas hião a parar no postigo da fortaleza, por onde os nossos lhe limpavão o entulho : estas hião fechar sobre a ponte de madeira, que naquelle lugar tinhamos levantado para o mesmo intento de lhe furtar a terra, sobre que armavão a maquina, que temos referido, e sobre a ponte lançárão pedras, e traves, de tamanha grandeza, que a fizérão encurvar com o peso, e logo vir-se á terra, não sem dano dos servidores, que por debaixo d'ella andavão recolhendo a terra. O que visto pelo capitão mór, mandou cerrar o postigo por ficar já esta serventia inutil, e evitar alguma subita invasão do inimigo, o qual sem estorvo continuava a obra, em quanto os nossos vacillavão em descobrir algum engano, ou força, com que pudessem contrastar fabrica tão danosa, porque os Mouros, com

festas e algazarras, mais mostravão gozar já da victoria, que esperal-a.

62. A estes cuidados succedião outros não menos pesados, porque já não havia na fortaleza duzentos homens defensores, huns rendidos do trabalho, outros de enfermidades, e feridas, mais necessitados de reparar as forças, que de offerecel-as a segundo trabalho. E nos soldados ordinarios já a desconfiança hia abrindo porta ao temor. Faltavão munições e mantimentos; os mares verdes, o inverno furioso, tiravão toda a esperança de soccorro, pois nem para o pedir, nem para o receber, era o tempo opportuno.

### *O vigario João Coelho vai ao governador.*

63. Era vigario da fortaleza João Coelho, que sobre as virtudes do sacerdocio, tinha resolução para emprender qualquer justo perigo. Este se offereceo ao capitão mór (a quem era singularmente aceito) para, a despeito dos temporaes, tentar os mares, e aportando em Baçaim ou Chaul, significar aos capitães, com certeza de vista, o estado das cousas; e d'ahi avisar ao governador por correos de terra, promettendo na fé do habito voltar a Dio com a primeira reposta, como fiel companheiro da fortuna de todos. O capitão lhe mandou logo esquipar hum catur com doze marinheiros, onde o deixaremos lutando com as ondas até darmos razão do successo, que teve viagem tão animosa e pia.

64. Os Mouros trabalhavão por força no entulho da cava; mas Rumecão, cruel e imperioso, os mandava morrer, ou aturar no trabalho de que recebião por premio, na mesma obra miseravel sepulcro. Emfim chegárão a igualar a cava, e polo baluarte de Gil Coutinho, que se não podia entulhar, atravessárão grandes mastos com taboas pregadas, que lhes servião de ponte, para

picar o muro, o que se lhes não póde defender com a artelharia por trabalhar cobertos.

65. Ordenou logo dom João Mascarenhas humas cadeas grossas, que do muro alcançassem á ponte, das quaes pendião muitas sacas de gunes, envoltas em polvora salitre, e outros materiaes faceis ao fogo, as quaes lançadas, ateárão na ponte com tal braveza, que logo a desfizérão. Acudio Rumecão a sustentar a obra com novo madeiramento, e maior copia de servidores, e soldados, huns que assistião a defensa, outros ao trabalho, a que os nossos se oppozérão, dando-lhes muitas cargas de artelharia, e espingardaria, de que o inimigo recebeo grande dano; mas insistia Rumecão na obra tão porfiadamente, que por sima dos mortos fazia subir outros, que inda que violentados, vencião o perigo com a obediencia. Chegou emfim por meio de tão custoso trabalho a igualar a cava.

## *Partidos que aos nossos offerece Rumecão. — Reposta do capitão mór.*

66. Conhecendo pois Rumecão o estado em que nos achavamos polos poucos defensores que occupavão os postos, nos quiz tentar os animos, crendo que em tão perigoso estado nos ensinaria a razão, e a natureza, a não enjeitar as vidas. Cerrada a noite, ouvírão os do baluarte Santiago bradar pela vigia, em lingua portugueza, dizendo, que era Simão Feo, que queria fallar ao capitão mór em negocio importante. Foi logo avisado dom João Mascarenhas, e pondo-se com o soldado á falla, elle lhe disse, que era Simão Feo, que vinha mandado por Rumecão, que affeiçoado ao valor de tão grandes soldados, lhes queria poupar as vidas, que agora desesperadamente defendião; que bem via a fortaleza arruinada toda; a maior parte dos defensores enfermos, ou feridos, sem esperança alguma de soccorro, faltos de mu-

nições, e mantimentos ; que não quizessem perecer obstinados, afeando com a temeridade dos fracos o muito que tinhamos obrado ; que nos rendessemos, porque para gloria sua desejava conservar vivos tão valerosos inimigos ; que nos faria todos os partidos honrados, deixando-nos com a liberdade as fazendas, e os navios para nossa passagem ; o que não aceitando passariamos pelas leis da guerra, e pelas licenças que dava nos estragos a ira, e a victoria. Dom João Mascarenhas lhe respondeo, que a fortaleza onde estavão Portuguezes, não havia mister muros, que no campo raso a defenderião ao poder do mundo ; que esta verdade conheceria no primeiro assalto ; que tratasse de pedir ao soldão mais gente e melhores soldados ; que os Portuguezes desprezavão victorias tão pequenas ; que as ruinas da fortaleza esperava reparar com cabeças de Turcos ; que se lhe faltassem mantimentos, ao seu arraial os iria buscar como despojos ; que em quanto seus soldados tinhão armas, não lhes podia faltar nada entre seus inimigos ; que a boa passagem que lhes offerecia, esperava fazer cedo com a espada na mão por meio de seus esquadrões armados ; e a elle Simão Feo dizia, que ainda que repetia forçado palavras alheas, não tornasse com segunda mensagem, porque o mandaria espingardear do muro.

### *Assalta o inimigo o baluarte S. João.*

67. Vendo pois Rumecão, que dos perigos, trabalhos, e fomes, nos serviamos como de alimento, injuriado no desprezo d'esta reposta, determinou dar o primeiro assalto. Amanheceo aos nossos hum temeroso dia, que foi aos dezanove de julho d'este anno de mil quinhentos quarenta e seis ; em roda da fortaleza appareceo o exercito inimigo. Juzarcão com mil e quinhentos soldados escolhidos acommetteo o baluarte S. João, de que era capitão Luiz de Sousa, acompanhado de dom Fernando de Cas-

tro, Sebastião de Sá, Diogo de Reynoso, Pedro Lopez de Souza, Diogo da Sylva, Antonio da Cunha, e de outros fidalgos, e soldados, que não passavão de trinta. Estes esperárão o primeiro impeto do inimigo, com tanta gentileza, que rebatérão os primeiros oitenta que subírão, mostrando o dano que recebérão nas vozes, no sangue, e na caida. Logo lhes succedérão outros, fazendo-lhes a subida mais facil os corpos dos que caírão mortos. Juzarcão os inflammava com a honra, com o premio, com a vingança. Os ares feridos de instrumentos de fogo, e de vozes humanas, fazião nas paredes da fortaleza huma impressão medonha. A bataria continuava nos outros baluartes, em S João e S. Thomé, o assalto ; porque fossem mais faceis de render forças, sobre pequenas, divididas.

## *E o de S. Thomé.*

68. Rumecão com os Turcos assaltou o baluarte S. Thomé, de que erão capitães dom João de Almeyda e Gil Coutinho : e como gente polo valor escolhida, pola nação soberba, arremetêrão tão furiosos, que polas lanças dos nossos intentavão subir atravessados, buscando pola morte a victoria. Elles tinhão a vantagem do numero, a do lugar os nossos ; e os que tinhão cavalgado o muro, ou havião de entrar victoriosos, ou morrer estropeados, porque lhes era mais perigosa a retirada que a peleija. O inimigo sempre com nova gente reforçava o assalto ; os nossos valendo-se de humas mesmas forças, se mostravão superiores aos primeiros, iguaes aos ultimos. As mulheres acudião com armas, e panelas de polvora, vestindo os espiritos do tempo, não os da natureza. Algumas com regalos, e bebidas alentavão aos soldados, e não podendo mostrar esforço proprio, servião ao alheo. Taes houve que com exhortações os animavão, merecedoras de forças varonis em corações tamanhos ; mas nos feitos d'este cerco contaremos os seus polos mais raros, senão polos

maiores. Via-se hum monte de corpos mortos aos pés dos baluartes, huns desangrados do ferro, e outros abrasados do fogo. Alguns, agonizando entre a ira e a dor, pedião vingança; e talvez os que hião a satisfazel-os, acabavão primeiro. Emfim os nossos este dia fizérão cousas maravilhosas, mais faceis de ajuizar polo successo, do que pola escritura: porque sempre no particularisar accidentes, he a verdade incerta; mormente nos acontecimentos de guerra, onde a ira ou o temor, e outros affectos, arrebatão o juizo de maneira, que apenas poderia cada hum ser chronista fiel de suas mesmas obras.

### *Resistencia dos nossos.*

69. Dom Fernando de Castro mostrou este dia esforço igual a seu sangue, maior que seus annos. Sebastião de Sá nos deixou de seu valor huma clara memoria, até que, atravessado de huma setta ervada por hum joelho, cahío quasi mortal; e não podendo sustentar a peleija, não queria deixal-a. Foi emfim retirado dos companheiros com lastima e enveja, deixando já nos inimigos seu sangue bem vingado. Todos emfim obrárão tão valerosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados. Depois de duas horas de peleija, parecia que começavão o assalto, obrando Rumecão como quem queria acabar a guerra em hum só dia; mandou peleijar as nações divididas; ou para que a emulação as incitasse, ou por conservar melhor a obediencia; e elle mandando, e peleijando, com a voz, e com o exemplo os obrigava; e não se fartando do sangue, que via derramado, louvava os ousados, afrontava os remissos, mostrando entre o horror das armas, colera com acordo. Dom João Mascarenhas se mostrou não só capitão, mas ainda companheiro de todos nos maiores perigos, peleijando e governando tão sabiamente, que não ficou devendo nada ao valor, menos á disciplina.

*Retira-se o inimigo com perda.*

70. Vendo Rumecão os muitos mortos que estavão em torno dos baluartes, e que os seus acodião já com obediencia mais remissa, mandou tocar a recolher; retirando com pressa os mortos, e feridos, como para cobrir aos seus o dano, aos nossos a victoria; porém d'elles mesmos soubemos, que perdêrão quinhentos soldados neste assalto, muitos mais os feridos; dos nossos morreo hum só soldado, os feridos forão menos de vinte. Nesta desproporção se vê, que não se alcançou victoria só com forças humanas, e que Deos defendia a causa como sua, sendo de seu poder nossas armas felices instrumentos; de que ainda nos mostrará a Historia argumentos maiores.

71. Recolhido o inimigo, chamou o capitão mór os nossos a segundo trabalho; o qual lhes fez mais facil, ou a necessidade, ou a victoria. Era preciso reparar as ruinas da fortaleza; sendo as pedras, e o barro os leitos molles, em que os nossos havião de restaurar as forças já tão quebradas; acodírão todos, faceis, e alegres ao serviço, a que o capitão mór os obrigava com seu proprio exemplo, vencendo, depois dos inimigos a mesma natureza. Amanheceo a fortaleza em parte reparada, respirando os nossos no trabalho, como em novo descanso; não lhes fazendo o peso das armas differença da noite ao dia. Ficou o inimigo tão cortado d'este assalto, que se não atreveo em muitos dias vir com os nossos a braços; fazendo a experiencia mais cauto, ou temeroso. Tentava a fortaleza por momentos com algumas arremetidas leves, para quebrantar os nossos com rebates continuos, e notar a disposição dos animos no occupar dos postos; não cessava porém a bataria, intentando enfraquecer-nos com hum lento assedio; mas como cada dia engrossava o campo com diversos soccorros, e o soldão significava o

empenho em que estava nesta guerra, resolveo Rumecão dar segundo assalto á fortaleza.

*Recorre Juzarcão a superstições.*

72. Considerando porém o dano, que havia recebido, peleijando com tão superiores forças, entendeo que o estrago dos seus devia ter causas maiores, para o que convinha aplacar o propheta. Ordenou logo, que se tirasse huma bandeira com a figura de Mafoma, e com ella désse o exercito diversas voltas em torno da mesquita, e com outras expiações barbaras, e ridiculas, tivessem a Mafamede applacado, e propicio, cuja ira retardava aos seus a victoria. Fernão Carvalho, capitão do baluarte do mar, vio discorrer aquella noite o exercito com grão copia de luzes, ouvindo a tempos as vozes, e clamores, que logo paravão em subito silencio, e tornavão a rebentar em huns gemidos de multidão confusa, succedendo aos ays, e alaridos instrumentos de guerra; e nesta supersticiosa vaidade occupárão muitas horas da noite. Deu a Fernão Carvalho cuidado a novidade, de que não pôde fazer juizo. Avisou com tudo a dom João Mascarenhas do que vira : que entendeo serião disposições para o assalto, ajudadas de hum barbaro culto, ou supersticioso rito, com que entendião conciliar a indignação de seu falso propheta.

*Outro assalto.*

73. Apercebeo-se o capitão mór para esperar esta segunda invasão do inimigo, achando a todos os soldados espiritos sãos em forças tão quebradas ; os feridos, e enfermos desemparavão os leitos, e os remedios; mais promptos a buscar o perigo, quea saude. Dom João Mascarenhas obrava, e dispunha as cousas necessarias á defensa com valor, e juizo. Amanheceo o inimigo sobre a

fortaleza (ainda mal declarada a luz do dia) com vozes, e alaridos medonhos, entre bellicos instrumentos, que fazia mais temerosos o silencio da noite. Vinha o exercito dividido em tres esquadras; trazião diante, entre outras, huma bandeira, em que estava figurado o seu propheta, para que os incitasse juntamente a religião e a regalia. Ao mesmo tempo, assaltárão os baluartes S. João e S. Thomé, e a guarita de Antonio Peçanha, com tanta furia, que lhes não deixava ver, nem temer o perigo; porém forão recebidos dos nossos de maneira, que voltárão mais depressa do que havião sobido, caindo muitos mortos, os mais feridos, e outros abrasados do fogo. Ouvião-se as vozes de Juzarcão e Rumecão, que incitavão a outros a escalar os baluartes. Estes sobírão de refresco; favorecidos da escopetaria do exercito, innumeraveis settas e outros tiros missivos. Aqui se ateou com grão calor o assalto, instando os Turcos por restaurar a opinião perdida, peleijavão estimulados da furia, ou da vergonha porfiando a sobir por entre o ferro e fogo, como homens que estimavão a vida menos que a victoria; assim chegàrão a igualar-se com os nossos, peleijando corpo a corpo sobre o baluarte.

74. Luis de Sousa, dom Fernando de Castro, com os fidalgos, e soldados de sua companhia, dérão este dia novo credito a nossas armas, obrando de maneira, que Rumecão os nomeava aos seus, humas vezes para exemplo, e outras para injuria. Os Turcos tinhão por momentos soccorros successivos; os nossos, sempre os mesmos, tão valentes se mostravão aos ultimos como aos primeiros. Fervia a guerra em todos os lugares. Dos inimigos erão já muitos mortos ou estropeados; porém o furor, e a ira, ou encobrião, ou desprezavão o dano; porque sobre o corpo d'aquelle que cahia, estribava outro o pé para arrojar a lança, ou peleijar mais firme, inventando o ardor e a inpaciencia da victoria novas finezas, ou crueldades novas.

### *Entrão Turcos o baluarte S. Thomé.*

75. Entrárão emfim o baluarte S. Thomé, que sustentárão por hum espaço largo, caindo huns, e succedendo-lhes outros. Aqui foi grande a furia do inimigo, e tambem o estrago. Os tres irmãos dom João, dom Francisco, e dom Pedro de Almeida, se mostrárão tão irmãos no valor, como no sangue, sustentando o peso de tantos inimigos o tempo que durou o assalto.

76. Os Turcos do terço de Rumecão peleijavão com os nossos corpo a corpo iguaes no sitio, no numero maiores; o perigo acrescentou esforço. Dos que entrárão o baluarte, poucos baixárão vivos, mas como tinhão já esta porta para a victoria aberta, a todo risco querião sustental-a. Rumecão, como este era o primeiro favor, que lhe dérão as armas nesta guerra, com louvores, e promessas acendia o orgulho dos Turcos. Entre os nossos se derramou huma voz, que o baluarte era ganhado; e esta fama, ou fosse ardil, ou caso, pudéra perder a fortaleza, porque os que nas outras estancias peleijavão, quasi tinhão desemparado os postos por soccorrer o baluarte, que havião perdido; principalmente os que guardavão as casas da banda da rocha, acodírão com tanto impeto ao soccorro, que se aliviárão em parte os companheiros, que do trabalho, e feridas, tinhão já as forças lassas, e quebradas.

### *Juzarcão enveste a Couraça.*

77. Dom João Mascarenhas andou pelas estancias certificando a todos, que estava por nós o baluarte, e do valor com que nelle se peleijava; que Rumecão estava vendo no destroço dos seus, que banhados em sangue se precipitavão do muro, acabando de perecer na quéda. Durava o assalto, e com as mortes, e feridas, parece,

que crescião em huns, e outros inimigos as forças, e a braveza; o que considerando Juzarcão, crendo que os poucos defensores, que tinha a fortaleza, estarião nos baluartes escalados, saindo do conflicto, se foi com alguns soldados torneando o muro, e chegando áquella parte da fortaleza, que chamão a Couraça, a qual a natureza fizéra defensavel, sem arte, pola altura, e aspereza do rochedo, em que o mar batia, e vendo que estava deserta, sem presidio, ou vigia, entendeo, que a qualidade do sitio nos tinha asseguardos; e mandando chamar hum Sangiaco de cem Turcos, e prevenir escadas, começárão a sobir por aquella parte sem que fossem vistos, nem resistidos, porque os soldados que estavão alli de guarda, com a nova do baluarte S. Thomé ser perdido, desemparando o posto, que guardavão, com mais valor que disciplina, se forão a soccorrel-o.

### *Valor de uma mulher portugueza.*

78. Sobírão os Turcos ouzadamente a rocha, e forão demandar humas casas, que estavão encostadas á igreja de Santiago, e davão passo a huma varanda baixa, em que logo arvorárão escadas para sobirem outros; e Juzarcão de fóra os animava, crendo que havia roubado a Rumecão a honra, e a victoria. Ganhárão os Turcos as casas, pelas quaes forão descendo á fortaleza, e hum mais atrevido, ou diligente, entrou em casa de huma mulher casada, pedindo-lhe dinheiro com seguro da vida; a pobre da mulher cortada de temor mostrou que sahia a buscal-o, e entrando na casa de outra vezinha, lhe contou desmaiada o perigo em que estavão; esta com o sobresalto da nova, deo aviso a outra; a qual com acordo, e forças de varão, tomou huma chuça, e indo a demandar a casa em que os Turcos estavão, vio hum d'elles á porta, como vigiando o que passava fóra e remetendo a elle, tirando-lhe alguns botes de chuça, o fez recolher dentro,

ficando-lhe o juizo tão livre no perigo, que teve acordo para cerrar a porta, e animo para esperar os Turcos, e impedir-lhe a saida; digna por certo, que entre os varões mais claros ficasse sua memoria.

### *Acode o capitão mór.*

79. As mulheres que vivião para aquella parte, assombradas de hum temor tão justo, forão em demanda do capitão mór, gritando : Turcos na fortaleza; o qual achárão com tres soldados correndo os baluartes, e ouvindo as vozes das mulheres, não menos acordado, que animoso, mandou, que se callassem, levando-as comsigo por guia á casa onde estavão os Turcos; e despedindo hum soldado dos que o acompanhavão, lhe mandou que tirasse alguma gente dos baluartes, que menos apertasse o inimigo, callando o perigo da fortaleza aos que peleijavão, e logo despedio outro soldado, para que lhe trouxesse a gente que achasse derramada por fóra das estancias. No caminho se lhe ajuntou André Bayão com outro companheiro; e chegando á casa onde estavão os Turcos, vío aquella mulher, que os tinha encerrados, defendendo-lhes a saida com esforço mais que varonil; faltandolhe na vida premio, nesta Historia nome.

### *E lança fora os inimigos.*

80. Dom João Mascarenhas, havendo por presagio da victoria, achar em huma mulher valor tão novo, sabendo d'ella, que estavão os Turcos encerrados na casa, mandou a hum Abexim, que acaso alli apparecêra, que lhe trouxesse huma panela de polvora, e porque se despachava lentamente, lhe travou de hum braço, a tempo que do eirado da igreja, onde já estavão alguns Turcos, sahio hum pelouro, que matou o Abexim, servindo ao capitão de escudo. Chegou logo hum soldado com huma panela de

polvora, e tomando-lha das mãos dom João Mascarenhas, lançando de hum vaivem as portas dentro, a quebrou entre os Turcos, onde o fogo abrasou os mais d'elles, sem lhe tocarem muitos pelouros que de dentro tirárão com pontaria certa; o que a muitos pareceo fortuna, a outros mysterio; e mostrando-se este dia igualmente capitão, que soldado, coberto de huma rodela com a espada na mão, envestio os Turcos com mais quatro que o acompanhárão, e á força de cutiladas os levou até a varanda, onde os apertou perto, que os fez precipitar da rocha com igual perigo e de que fogião, porque os mais d'elles mortos, ou escopeados, perecêrão na quéda.

*Sobem Turcos a igreja. — Vai o capitão mór a elles.*

81. Aqui foi dom João Mascarenhas avisado que sobre o eirado da igreja se vião muitos Turcos com dous guiões arvorados, os quaes do alto começavão a escopetear os nossos, que já vinhão chegando. Foi aqui grande o perigo, porque como tudo erão armas de fogo, obrava menos o valor que a contingencia. Os nossos erão menos de sessenta, os Turcos mais de cem. E vendo dom João Mascarenhas, que em quanto aquelles sustentavão o lugar, cresciào outros, mandou que lhe trouxessem escadas, ordenando o caso e a necessidade, que na sua mesma fortaleza désse elle o assalto. Encostárão os nossos ao muro huma pequena escada, e o primeiro soldado, que se lançou a ella, voltou logo derribado de muitas lançadas, que os Turcos lhe dérão. Chegárão logo escadas mais capazes e arribadas ao muro, querendo o capitão mór sobir primeiro, lhe fizérão os soldados justa força para que não passasse. Accommettêrão os nossos a sobida pelas paredes do apostolo Santiago, cuja a igreja era, assegurando-lhes o lugar a victoria. O sitio fazia desigual a peleija; huns firmes, outros dependurados quebrárão duas escadas, porque entre os nossos a competencia e o ardor de qual havia

de sobir primeiro, era outra nova guerra. O capitão mór, com as palavras e com o exemplo, animava os soldados, mais por officio que por necessidade. Andava a briga mui travada; dos nossos alguns caêrão mortos, nenhum se retirou ferido. Nos que estavão debaixo, a impaciencia de ter lugar para sobir, causava maior dor, que as feridas que vião receber aos companheiros, porque ainda em tão prolixo e perigoso cerco, os não fartava a guerra. Co:tavão-se huns aos outros com estranha crueza.

### *E retirão-se.*

82. Juzarcão animava e soccorria os seus com nova gente; assi encheo brevemente de soldados o lugar donde peleijava, que era o eirado ou abobeda da igreja. Emfim os nossos a preço de seu sangue cavalgárão o muro, depois de porfiada contenda, mostrando a differença do valor na desigualdade do lugar e do numero. Tres horas largas durou a briga, na qual os poucos que nella se achárão obrárão de maneira que merecia só esta facção particular historia; porém nem ainda os nomes lhes achamos escritos, havendo merecido com seu sangue mais distincta memoria. Forão mortos quasi todos os Turcos, huns na quéda, outros na resistencia; e sempre serião os melhores os que merecêrão ser escolhidos para facção tão grande.

83. O capitão mór entendendo, que nos baluartes inda durava o assalto, levou os companheiros a descansar em segundo perigo; e visitando as estancias achou os nossos tão empenhados na resistencia, que parecia, depois de quatro horas, começar o assalto. Ao pé dos baluartes estavão tantos mortos, que lhes faltava terra, cujos corpos facilitavão a sobida do muro. Rumecão de fóra animava, ou reprendia aos seus, segundo o brio, ou fraqueza com que combatião, incitando-os com premios, ou castigos, mostrando em todas as facções d'este cerco valor, e dis-

ciplina. Dom João Mascarenhas não descansava, ordenando, e provendo o necessario em todas as estancias, de sorte que em nenhum perigo o achavão os companheiros menos. Neste dia, que foi do apostolo Santiago, parece que nos quiz mostrar o santo, que era a victoria sua, não menos poderoso contra Mouros agora na Asia, que antes na Hespanha.

### *Morte de Juzarcão e de muitos Turcos.*

84. Durava a briga de huma e outra parte cruel, e temerosa, e Juzarcão com a dor viva de não effeituar a escala da fortaleza, que lhe foi tão custosa, vinha com os soldados de sua obediencia dar calor ao assalto; porém de hum pelouro da fortaleza, que lhe deo pelos peitos, cahio atravessado, e morto. E como era pessoa de tanta conta polo valor, e posto que occupava, foi logo a nova derramada pelo exercito, e chegando aos ouvidos de Rumecão, a recebeo com grande sentimento, ou fosse temor, ou piedade; mandou logo tocar a recolher, e retirar o corpo de Juzarcão; perda que se não pôde encobrir aos seus, que como fosse sobre outras muitas, ajuizavão, que já a victoria não valia o que tinha custado; e quando bem a alcançassem, quem havia de ficar que lograsse o triunfo? Que bem se mostrava o propheta estar contra elles indignado, pois sofria ver sua bandeira ignominiosamente rota; e a estas considerações juntavão outras, accusando a fortuna do general, e as causas da guerra, avaliando como culpas as desgraças presentes. Rumecão curava estas desconfianças com varios artificios, cobrindo a perda dos seus, e encarecendo a nossa; pondo-lhes diante dos olhos as mercês do soldão, e a fama, como parte melhor do premio que esperavão. Em este assalto perdemos sete soldados, e feridos trinta; dos Mouros passou de mil o numero dos mortos, e forão perto de dous mil os feridos.

### *O capitão mór avisa o governador.*

85. Dom João Mascarenhas, depois de ordenar o enterro dos mortos e cura dos feridos, em que não faltou com o cuidado, e menos com a fazenda que despendeo sem conta, avisou por hum catur ao governador do estado das cousas, significando-lhe a falta que tinha de gente, munições, e mantimentos. Nesta fusta, ou catur se embarcou Sebastião de Sá a rogo do capitão mór, e amigos, dizendo elle, que só no baluarte onde fôra ferido, podia ter saude ; a qual lhe desejavão poupar todos, porque naquelle cerco merecêrão suas obras fama, e vida muito mais dilatada. Chegou a Baçaim com a fusta quasi soçobrada, acodindo ao receber e hospedar dom Jeronymo de Menezes, capitão da fortaleza, enviando logo ao governador as cartas com os avisos de dom João Mascarenhas.

### *Cuidados do governador sobre soccorrer Dio.*

86. Andava neste tempo dom João de Castro mui cuidadoso dos successos de Dio, porque os temporaes do inverno lhe impedião ter novas, e despachar soccorros ; porém sem perdoar a despesa, ou perigo, quasi por debaixo dos mares, lhe acodio com munições, e gente, nos maiores apertos, como logo mostrará a historia. Tinha abalado todo o poder da India com animo de ir em pessoa descercar Dio, e parece que os successos lhe respondião ao intento, porque os reis da India lhe fazião mui honradas offertas; e os fidalgos, e soldados, sem soldo, ou mercê, se lhe offerecião.

*Chega-lhe o aviso do vigario. — Manda seu filho dom Alvaro com soccorro. — E primeiro a dom Francisco de Menezes com sete navios.*

87. Neste tempo, que era já na entrada do mez de julho, chegou á barra de Gôa a náo Espirito Santo, capitão Diogo Rebello, a qual era da conserva do governador, e por roim navegação havia invernado em Melinde; e ainda que chegou com alguma gente enferma, os ares da terra, o cuidado do governador, e o alvoroço da jornada de Dio, lhes fez em breve reparar a saude. Alegrou-se dom João de Castro com tão opportuno soccorro para engrossar a armada; porêm tardavão novas da fortaleza, que o povo interpretava como indicio de algum máo successo; quando chegárão as cartas enviadas polo vigario, das quaes o governador entendeo o aperto do sitio, as forças do inimigo, a falta em que os nossos estavão de gente, e bastimentos; e como o tempo pedia mais conclusão, que conselho, assentou comsigo enviar a seu filho dom Alvaro de Castro com hum troço da armada contra o parecer dos mareantes, que havião por temerario este acommettimento no principio do inverno. Porêm dom João de Castro sem deixar-se vencer do amor do filho, nem dos medos do tempo, resolveo enviar o soccorro; o que entendido polos soldados e fidalgos, se lhe viérão offerecer, ainda aquelles, que polos annos, e authoridade já estavão escusos. Entre estes foi dom Francisco de Menezes, que depois de occupar grandes postos, se offereceo ao soccorro com praça de soldado; o governador o levou nos braços, pedindo-lhe se guardasse para passar na armada em sua companhia; mas vendo que estava resoluto a ir neste soccorro, lhe deu sete navios, para que com elles tentasse o golfão, com os quaes partio dom Francisco com muitos soldados de brio, e alguns parentes seus, amigos de ganhar honra, que o acompanhárão.

*Parte D. Alvaro com dezenove. — Capitães que com elle hião.*

88. D'ahi a tres dias partio dom Alvaro, reconciliado já com o pai da queixa de enviar seu irmão dom Fernando primeiro, como se lhe tocassem por herança os primeiros perigos. Neste soccorro se embarcou grão parte da nobreza, a quem o gosto da empreza, e o da companhia do general, fazia desprezar os Turcos, e as tormentas. O governador lhe lançou a benção, e o embarcou com grande saudade do povo, entregando os filhos pola patria, de quem se mostrou mais amoroso pai, que de seu mesmo sangue. Depois de o governador dar ao filho algumas instrucções secretas, lhe ordenou, que estivesse á obediencia de dom João Mascarenhas, sem embargo de o eximir o posto, e assi lho escreveo; porque foi sempre dom João de Castro justo estimador de virtudes alheas. Erão dezenove os navios da armada, cujos capitães forão dom Jorge de Menezes, dom Duarte de Menezes, filho do conde da Feira, Luis de Mello de Mendoça, e Jorge de Mendoça, seu irmão, dom Antonio de Attayde, Garcia Rodriguez de Tavora, Lopo de Sousa, Nuno Pereira de Lacerda, Atanasio Freire, Pero de Attayade Inferno, dom João de Attayde, Balthasar da Sylva, dom Duarte de Sá, Antonio de Sá, Belchior Moniz, Lopo Vaz Coutinho, Francisco Tavarez, e Francisco Guilherme.

*Aprestos do governador.*

89. Logo que o governador despachou esta armada, ficou aprestando a em que determinava passar, buscando bastimentos, e dinheiro, pedido, sobre sua verdade, que era só o thesouro que conservou na India, com que se fez senhor dos corações, e fazendas de todos; o que certificaremos com os exemplos, como argumentos vivos.

### *As mulheres de Chaul offerecem suas joyas.*

90. As donas e donzellas de Chaul, movidas d'hum mesmo espirito, juntárão todas as joyas com que se adornavão, de ouro, e pedraria, e com liberalidade maior que de mulheres, as enviárão ao governador, sem preceder obrigação, ou rogo, significando-lhe, que de seus proprios filhos, e maridos tinhão menos saudade que enveja, pois o acompanhavão. Não lemos nos annaes dos Cesares acção mais generosa das matronas de Roma.

91. Acaso se achava em Goa huma dona de Chaul, chamada Catharina de Sousa, quando chegou o presente, e juntando em huma boceta todas as joyas que tinha, as enviou ao governador com esta carta :

### *Offerta e carta d'uma dona.*

« Senhor, eu soube como as mulheres de Chaul tinhão offerecido a V. Senhoria as suas joyas para a guerra. Ainda que eu me achasse em Goa, não quiz perder a parte da honra, que me dahi cabe. Por Catharina minha filha mando as minhas joyas a V. S. Não julgue, em quão poucas são, as que póde haver em Chaul, porque lhe certifico, que eu sou a que menos tenho, porque as tenho repartidas por minhas filhas. E crea V. S. que só das joyas de Chaul, póde fazer a guerra dez annos sem se acabarem de gastar. E a mercê que peço a V. S. he gastar logo estas minhas na ida do senhor dom Alvaro, porque eu espero em Nossa Senhora, que haja elle tamanhas victorias, que escuse a ida, e trabalhos a V. S. Isto peço em minhas orações, e assi que acrescente a vida V. S. e o dexe ir a Portugal diante dos olhos de senhora sua mulher, e filhas. Escrita em Goa nas casas de dona Maria, minha filha, hoje onze de junho Minha filha Catharina empenharei, se for necessario, para o serviço de V. S. »

Não sei se do amor da patria, se da benevolencia do governador, nascião estes estremos. Vimos iguaes necessidades na India, mas não iguaes finezas, como nos dias de dom João de Castro. Muitos fidalgos acabárão de ser generaes, e os velhos arrimados nos bordões se vinhão offerecer para soldados, porque não havia corpo, que pola authoridade ou polos annos parecesse pesado.

## *Antonio Moniz aceita ir a Dio.*

92. Despedido hum e outro soccorro, ficou o governador juntando o resto do poder, dispondo o governo da cidade em sua ausencia : e sempre com hum braço na paz, e outro na guerra, todas as occurrencias do Estado o achavão presente. E porque de munições, e mantimentos havia na fortaleza falta, além dos que já tinha enviado, carregou hum caravelão grande, que por ser embarcação pesada, podia mal sofrer os mares. Alguns soldados lha tinhão engeitado, parecendo-lhes risco sem gloria, lutar com os elementos, mas pola importancia do negocio, desejava entregar a caravela a pessoa de conta, a quem a honra fizesse o perigo mais facil. Communicou este negocio com Manoel de Sousa de Sepulveda, fidalgo, que polo valor, e juizo, lhe era muito aceito ; este lhe disse, que Antonio Moniz Barreto tinha brio, e industria para cousas maiores ; que ainda que tinha d'elle governador alguma leve queixa, seria para não pedir, mas não para engeitar o serviço real em occasião tão ardua ; que elle o tentaria, e da resolução traria reposta. Assi foi, que entendido por Antonio Moniz o gosto do governador, e que lhe dava huma viagem engeitada de alguns só por difficultosa, a aceitou promptamente. Do successo, e perigos que teve, diremos a seu tempo.

*Vem outro Juzarcão a continuar o cerco. — Levanta o inimigo um bastião.*

93. Com a vigilancia do governador havião entrado na fortaleza alguns soccorros, com que o perigo e trabalho carregavão sobre forças maiores, bem que não tinhão proporção com as do inimigo, porque o ultimo soccorro, que chegou ao exercito, era de trez mil infantes, conduzidos por outro Juzarcão, não menor no valor, nem melhor na fortuna, que o primeiro. Este trouxe apertadas ordens do soldão para estreitar o cerco, escrevendo a Rumecão, que não era possivel, que viessem quatro miseraveis do fim do mundo fazer aos principes de Cambaya injurias em sua mesma casa; que morressem todos na empresa, porque antes queria hum imperio deserto, que sujeito; que pois nas ruinas da fortaleza estavão já os Portuguezes meios enterrados, quando os não pudessem render como a homens, os matassem como a leões em suas mesmas covas. Rumecão não respondeo com mais, que apontar para as muralhas, e baluartes, todos postos por terra, já para gloria, já para desculpa; furioso de lhe parecer que o soldão estava mal satisfeito do que tinha obrado; mais irritado da desconfiança, que do premio, prometteo satisfazer-lhe com a morte, ou com a victoria; e como a crueldade o fazia mais obedecido, que o cargo, mandou levantar hum bastião defronte do baluarte Santiago, que se obrou com incrivel presteza; o qual guarneceo de artelharia, e gente, que ficando a cavalleiro dos nossos, não podião assomar-se, que os não pescassem as balas do inimigo.

*Os nossos o desfazem.*

94. Deu este negocio ao capitão mór não pequeno cuidado, porque se Rumecão dera por aquella parte o as-

calto, como era seu desenho, não podião resistir-lhe os nossos defensores, sem que ficassem descobertos ás balas do inimigo, e resoluto a derribar esta maquina, encommendou a facção aos dous irmãos dom Pedro e dom João de Almeida, os quaes saindo com cem soldados no quarto da modorra, achárão os Mouros huns dormindo, e outros descuidados na confiança do lugar, e da hora, e dando subitamente nelles, fizérão em pequeno espaço estrago grande; porque desacordados se metião nas lanças, e espadas dos nossos, sem conhecer a morte, ou o inimigo. Os que pudérão escapar fogindo, despertárão o arraial com gemidos, e vozes, sem saber affirmar cousa certa. Com a mesma confusão chegou a Rumecão a nova, e como os perigos da noite se fazem parecer maiores, entendeo elle, que o atrevimento dos nossos estribava em forças grandes trazidas em algum soccorro, que havia chegado a furto de suas sentinellas. Chamou os cabos a conselho, em quanto se punha o exercito em arma, e resoluto em soccorrer o bastião com o poder todo, entre ordens, e aprestos, gastou o tempo de obrar, e quando já chegou, achou a fabrica desfeita, degolado o presidio, os nossos recolhidos; facção não menos ditosa, que importante; morrêrão 300 inimigos, nenhum dos nossos.

### *Valor de quatorze soldados.*

95. Rumecão mandou logo levantar humas grossas paredes de fronte do baluarte S. João, asseguradas com huma tropa de Mouros, que por quartos fazião sentinella, e sobre o terrapleno hia plantando alguma artelharia, para d'aquelle sitio, em mais proporcionada distancia, bater o baluarte. Porêm dom João Mascarenhas, como andava vigilante em impedir os desenhos do inimigo, em huma noite tormentosa, e escura, lançou quatorze soldados per huma bombardeira, que dando de subito nos Mouros, os lançárão do posto em quanto os servidores

com picões, e outros instrumentos desfizérão a obra, do que sendo Rumecão avisado, resolveo assaltar a fortaleza com força descoberta, ordenando hum assalto geral para o seguinte dia; no qual fez huma pratica aos soldados, incitando-os com as injurias que tinhão recebido de tão poucos inimigos, quasi desbaratados dos trabalhos, da fome e das feridas; que mais honrados estavão os que alli acabárão, que os que ficárão vivos, sendo no mundo testimunhas infames de huma afrontosa guerra; que em seus braços estava salvar a honra de seu rei, vingar seus companheiros, e deixar de si no Oriente huma clara memoria; que das mercês do soldão estivessem seguros, porque havia de premiar, e contar huma a huma as feridas de todos; que se algum se atrevia a governar o bastão de general, promettia como soldado ser o primeiro que subisse no muro.

### *Assalto geral.*

96. Assi os despedio igualmente irritados da gloria, e da injuria. Logo ao outro dia ao romper da alva se abalou o exercito ao som de muitos instrumentos bellicos com as bandeiras desenroladas, que se vião tremolar dos nossos, e chegando aos muros, começárão em torno da fortaleza a arvorar escadas, favorecidas do corpo do exercito, com innumeraveis, e differentes tiros de settas, pelouros, e outras armas, ajudando o horror d'este conflicto, confusas, e duplicadas vozes, que incitando furiosamente os animos, e turbando os juizos, impedião mandar, e obedecer. Sobirão os Mouros ouzadamente os muros, os Turcos por outra parte, como envejando cada hum o perigo alheo, trabalhavão todos por ser primeiros no risco, e nas feridas. Os nossos, ainda que poucos, sendo cada hum capitão, e despertador de si mesmo, obravão de maneira, como se estivesse por conta de cada hum a honra de todos. Os primeiros que sobirão, com o

sangue e as vidas, pagárão a ouzadia; mas logo com o mesmo ardor lhes succedião outros, incitados huns do valor, outros do general, que debaixo louvava, ou reprendia aos que sobião, segundo o animo, ou fraqueza, que nelles descobria.

*Reparo dos nossos contra o fogo.*

97. Lançavão os Mouros nos baluartes granadas, panelas, e alcanzias de fogo em tanta quantidade, que os nossos peleijavão entre as chamas, que prendendo nos vestidos os abrasavão vivos. Occorreo o capitão mór neste perigo com algumas tinas de agoa, que em parte extinguião, ou refrigeravão o ardor do fogo; porèm como o inimigo entendia o dano, continuou o ardil em todos os assaltos, a que os nossos inventárão hum remedio mais facil, que efficaz, vestindo-se muitos de couro, em que o fogo não podia prender tão levemente; e dom João Mascarenhas da colgadura de guadamecins, que tinha, fez reparar a muitos, ficando-lhe as paredes nuas, e os soldados vestidos.

98. Fervia a guerra, e apenas se divisava a fortaleza, escondida entre nuvens de fumo, e só a descobria com breve luz o continuo fuzilar dos tiros; fazia horror o que se via, e o que se ouvia. Estavão ao pé do muro innumeraveis corpos, huns mortos, outros agonisando; e tudo o que se representava á vista, e ao juizo, era hum feo espectaculo de mortes, horrores, e feridas. Em todos os baluartes se peleijava em ambas as partes com grande valor, ainda que desigual pola desproporção do numero entre cercadores, e cercados. Mas o baluarte de Luis de Sousa, onde estava dom Fernando de Castro, quasi esteve perdido, porque o tomou o assalto com maiores ruinas, e foi acommettido pola gente mais escolhida do campo. Porèm fizérão os defensores illustres provas de valor, peleijando entre chamas de fogo com tão nova

constancia, que nenhum desamparou o lugar, mostrando-se sobre valentes insensiveis. Aqui se singularisou dom Fernando de Castro com esforço de maiores annos; parece que o valor não esperou a idade. Obrárão este dia os Portuguezes cousas dignas de melhor penna, e mais larga escritura. E os mesmos Turcos forão testimunhas fieis de suas proezas, dizendo que só os Franques merecião trazer barbas no rosto.

*Recolhe-se o inimigo. — Com morte de trezentos.*

99. Em quanto durou o assalto, deu o baluarte do mar muitas cargas ao inimigo, que como peleijava em tropas descoberto, recebeo grande dano. O que advertido por Rumecão, vendo suas bandeiras rotas, perdidos os melhores soldados, e que os Portuguezes havião defendido as ruinas de sua fortaleza, sem perder huma pedra, mandou tocar a recolher, sentindo o dano menos que a injuria. Foi este dia a nossas armas muitas vezes felice, porque morrendo dos inimigos trezentos, e levando dous mil feridos, não faltou nenhum dos nossos, ainda que alguns ficárão bem sangrados. Proveo logo o capitão mór na cura dos feridos, sendo a benevolencia com que lhes assistia, o primeiro remedio; acodindo aos enfermos com as despesas, e tambem com a dor, e sentimento, parecendo pai na paz, na guerra companheiro. Logo ao perigo succedeo o trabalho, reparando todos de noite o que as batarias derribavão de dia; porèm acodião todos tão alegres ao serviço, que parecia vinhão a descançar, accarretando as pedras, a terra, e a faxina.

*Trata Rumecão entulhar a cava.*

100. Vendo Rumecão o risco e a difficuldade que tinha tomar a fortaleza por escala, mandou correr com o entulho da cava do baluarte São João até o de Santiago,

obra que encommendou aos janizaros, os quaes por opinião, ou por valor soberbos, buscavão com ambição os maiores perigos d'este cerco. Erão já mortos quatrocentos, deixando entre os seus fama, e sentimento; os que restavão assistião a esta obra, que para elles foi de nenhum fruto, e de grande perigo; porque a nossa artelharia os pescava, e a muitos servidores, cujos corpos lançavão no entulho com disciplina barbara e cruel. Crescia a obra, como era de faxina, e terra, quasi amassada com sangue dos miseraveis, que nella trabalhavão, chegárão a encavalgar algumas peças, com que fazião dano aos baluartes, principalmente ao de S. Thomé, onde nos cegárão hum camelo, e mostrava já a bataria disposição para cousas maiores.

## *Torna o vigario a Dio.*

101. Neste tempo chegou á fortaleza o vigario João Coelho com nove soldados em huma embarcação pequena; e ainda que achou os mares grossos, e os ventos ponteiros, o trabalho, e a necessidade fez vencer o perigo. Referio, que o governador se aprestava com vivas deligencias para acodir ao cerco, e os grossos socorros, que já tinha enviado. Que em Baçaim ficavão quinhentos homens, que com o primeiro tempo esperavão atravessar o golfão; e que muitos impacientes na tardança tinhão tentado os mares. Pola fortaleza se derramou logo esta nova, que foi festejada dos soldados com folias e musicas; e pondo todos os olhos no mar, as nuvens lhes parecião navios : tão credulos são os homens em qualquer esperança. Forão os Mouros sabedores das novas do socorro, e antes que os nossos se engrossassem com as forças que esperavão, dispusérão hum assalto geral, resolutos a entrar a fortaleza, ou dar ao mundo e ao soldão desculpa com as mortes, com o sangue, e com as ruinas.

### *Novo assalto.*

102. Começou a bataria aquelle dia com vinte e tres canhões e alguns basiliscos, e a continuárão até o pôr do sol, e no seguinte dia até as tres da tarde. Arruinárão a mór parte dos muros, sem que os nossos se podessem cobrir com alguns reparos, ou travezes, polas continuas cargas, que dava a espingardaria do inimigo. Chegárão logo os Turcos a cavalgar o baluarte S. Thomé polas ruinas da bataria; porèm o capitão Luiz de Sousa, dom Fernando de Castro, e dom Francisco de Almeida, com outros valerosos soldados, que o guarnecião, os recebêrão nas lanças com tal furia, que os fizerão voltar, huns mortos, outros estropeados. Succedêrão logo outros de novo, que cortados do nosso ferro, fizérão aos primeiros companhia. Nos outros baluartes se peleijava com a mesma fortuna, sendo o dano igual nos Mouros, e o valor nos nossos. Estava tão rasa a bataria, que os Mouros peleijavão com os nossos iguaes no sitio, como em campo partido, servindo-lhes as ruinas de escada, mas com grande vantagem do numero, e instrumentos de fogo. Porèm os nossos merecêrão este dia huma immortal memoria, sustentando muitas horas o peso de tão desigual batalha; porque dos inimigos aos cansados, ou feridos, lhes succedião outros; os Portuguezes, sempre os mesmos, não mostravão no valor ou no tempo differença.

### *Resistencia dos nossos.*

103. Dom João Mascarenhas andava por todas as estancias mandando, e peleijando, humas vezes capitão, e outras companheiro de todos; e vendo que o baluarte S. Thomé tinha o maior perigo, por ser mais carregado do inimigo, mandou trazer muitas panelas de polvora

por aquellas honradas matronas, que desprezando o risco, e o trabalho, acodião opportunas a servir entre as lanças, e os pelouros, com nunca visto exemplo, e algumas exhortações aos soldados com juizo, e valor grande; outras com regalos, e mimos os esforçavão parecendo que buscavão, ou merecião fama igual com elles. Tinhamos o vento contrario, e levantando nuvens de pô da terra movediça, que os Mouros pisavão, quasi cegava os nossos, que estivérão a risco de perder-se só por este accidente; porèm elles peleijando com os olhos cerrados, acommettião os Mouros, mais attentos a offender, que a reparar-se. Os inimigos peleijavão desesperadamente, accordando-lhes Rumecão por momentos a honra de seu rei, e a sua.

### *Juzarcão enveste o baluarte S. João.*

104. Juzarcão com os soldados de sua obediencia acommetteo o baluarte S. João com tanto valor, que estivérão os nossos em grande perigo, porque depois de derribar os primeiros que havião sobido, tornárão outros a cavalgar as paredes com tanta furia, que sustentárão a peleija igual por muitas horas, até que desangrados do nosso ferro, huns mortos, outros desalentados, perdêrão o lugar e as vidas. Aqui foi maior o esforço e tambem o perigo, porque estando os nossos com as forças já lassas, e quebradas, sobreviérão outros Mouros de novo; porèm elles, como se tivérão poupadas as forças, e o espirito para o maior trabalho, assi rechaçárão os ultimos, como os primeiros.

### *Perda grande do inimigo.*

105. Na guarita de Antonio Peçanha se peleijou com não menor valor, nem desigual fortuna; e sem particu-

larizar accidentes, podemos ajuizar polo successo, os casos d'este dia; porque deixou o inimigo mil e seiscentos mortos, fóra innumeravel copia de feridos; cousa incrivel, de pouco mais de duzentos soldados, que serião os nossos; assi o achamos escrito nas relações e historias d'este cerco, que sendo nossas, costumão escrever louvores proprios com penna mui escaça. Nós ficámos com tres soldados menos, e com trinta feridos.

106. Da bataria que precedeo a este assalto, ficou a fortaleza quasi em roda arruinada e aberta, faltando-nos para reparal-a tempo, materiaes e gente; porèm furtavão os nossos as horas ao descanso, trabalhando de noite e derribando as casas da fortaleza, se servião das pedras e madeiramento, fazendo huma forma de defensa subita e furtiva, mais conforme ao tempo, que á necessidade.

## *Necessidades da fortaleza.*

107. Faltavão as munições e os mantimentos, porque não havia mais polvora que a que se podia fazer dia por dia, pouca e mal enxuta; falta que já começavão conhecer os Mouros, concebendo esperanças e ouzadia para aturar o cerco, avisados que a esta necessidade respondião as outras, porque já valia a tres cruzados hum alqueire de trigo, e ainda a falta d'elle era maior que o preço. Os doentes, na falta de gallinhas, comião gralhas, que acodião a cevar-se nos corpos mortos, as quaes os soldados matavão e vendião por excessivo preço. Chegou emfim a tanto extremo a fome, que não perdoavão a cães e gatos, e outras viandas semelhantes, nocivas e immundas; e com tão miseravel alimento reparavão as forças, desprezando perigos e trabalhos, vencendo com a grandeza dos animos as paixões ou affectos da mesma natureza.

### *Como se remediou a falta de panelas de polvora.*

108. Entre outros instrumentos offensivos que faltavão, erão panelas para a polvora, de que se serve a milicia da India em mar e terra; e neste cerco forão de não pequeno effeito. Esta falta se reparou, juntando duas telhas com os vazios para dentro e breadas por fóra, de que pendião murrões com as pontas accesas e arrojando-as entre os inimigos, abrasavão a muitos, e com este facil engenho, ajudárão os nossos a victoria.

### *Tomão os nossos uma lingua.*

109. Desejava o capitão mór tomar lingua para saber os passos do inimigo, que sagaz e ardiloso nos encobria seus desenhos com estranho recato; além de que do forte do mar havia tido aviso, que as mais das noites chegavão alguns Mouros até a ponte da fortaleza, onde paravão, como gente que vinha a medir, ou reconhecer o sitio para algum effeito, o silencio, a hora e a continuação, mostravão não ser a diligencia acaso; polo que dom João Mascarenhas encommendou a Martim Botelho, soldado de confiança, que com dez companheiros se fosse huma noite lançar na ponte, e que por força ou manha trabalhasse por lhe trazer hum d'estes Mouros. Foi lançado Martim Botelho com os mais companheiros polas bombardeiras da Couraça no quarto da modorra, levando sò espadas e rodelas; e chegando ao lugar determinado, se baqueárão em terra para não ser vistos dos Mouros, e a pouco espaço applicando o ouvido sentírão gente, que vinha a demandar a ponte, e levantados acommettérão subitamente os Mouros, que erão dezoito, que como se virão de improviso assaltados, voltárão as costas aos primeiros golpes, ficando só hum Nobi no campo, que se

defendia com huma lança mui valerosamente; porém Martim Botelho, vendo que era mais importante prendel-o que matal-o, lhe desviou hum bote de lança com a espada, e arcando com elle, o trouxe apertado nos braços até a fortaleza, onde foi recebido com a honra que merecia o feito.

### *Que novas deu do inimigo. — Mina-se o baluarte S. Thomé.*

110. D'este prisioneiro soube o capitão mór os intentos do inimigo, servindo-se do aviso para se vigiar de alguns ardis, que maquinavão os Turcos. Mais lhe disse que faltavão no exercito cinco mil homens mortos ao nosso ferro, sem outros cabos de nome, e que os soldados de melhor voto desconfiavão da empresa, entendendo seriamos soccorridos com a primeira vaga que o mar fizesse; porém que Rumecão com as perdas recebidas estava mais obstinado em proseguir o cerco, como homem empenhado na honra e na palavra que havia dado ao soldão. E assi aconselhado de hum engenheiro turco de Dalmacia, ordenou que se minasse o baluarte S. Thomé, onde estava dom Fernando com Diogo de Reynoso e outros capitães e cavalleiros; o que se fez com estranho silencio, sem que os nossos podessem rastrear o intento, quiçá por lhes parecer, que os instrumentos de fogo não erão tão praticados na Asia, como na nossa Europa; mas como os principaes cabos do exercito erão turcos, parece que assi trouxérão o valor, como a disciplina.

### *Trata Rumecão divertir-nos.*

111. Em quanto se trabalhava na mina, mandava Rumecão picar o muro por differentes partes para que os

nossos attentos ao perigo publico, não dessem no secreto; e por nos divertir a attenção com outra industria, mandou fabricar alguns cavallos de madeira, e postos naquella parte, que olhava o baluarte S. Thomé, dava huns longes de o tomar por escala, e determinando dar o assalto aos dez de agosto, aos nove mandou recolher a artelharia, que tinha nas estancias; e porque d'esta novidade lhe podiamos rastrear o intento, tratou de nos assegurar com outro novo engenho. Mandou na mesma noite hum Abexim á fortaleza, industriado de hum sotil engano, o qual chegado ao muro, fingindo hum temeroso recato, bradou pela vigia, dizendo que o recolhessem dentro, porque queria tratar com o capitão cousas de grande peso. Recolhido e escutado por dom João Mascarenhas, começou a arengar discretamente, execrando a perdição do estado em que se achava, pois nascido de pais christãos, perjurára a fé paterna em que fôra criado, como fruto abortivo de catholicas plantas, e que agora já com os olhos abertos vinha bater ás portas da igreja, para que os sacerdotes latinos encaminhassem ao curral de Christo tão perdida ovelha; que esta era a miseravel relação de tão desconcertada vida; que nos particulares de Cambaya lhe affirmava que o soldão tivéra aviso, como o Mogor com poderoso exercito entrava polos confins do reino, pondo-lhe tudo a ferro; e que Juzarcão, que pouco antes viéra ao exercito com treze mil infantes, trazia ordem para se unir com Rumecão, e juntos fazerem opposição ao inimigo; que com esta resolução mandára recolher a artelharia; porèm que estivesse avisado para esperar hum assalto geral ao seguinte dia, porque querião os Turcos que aquella guerra acabasse com algum estampido. Dom João Mascarenhas lhe louvou e confirmou a resolução catholica que havia tomado, e no mais lhe agradeceo o aviso, tornando-o a lançar polo muro, para que o fizesse sabedor de qualquer novidade que houvesse no campo.

112. Derramou-se pola fortaleza a nova de levantar-se o cerco com a certeza do futuro assalto, e os soldados alegres vestírão aquelle dia galas, huns festejando a vinda do inimigo, outros o fim da guerra. O capitão mór achou a gente mui disposta a esperar o assalto, que como na opinião de todos era o ultimo de tão prolixo cerco, cada hum queria deixar de suas obras a memoria mais fresca.

## *Dom Fernando doente acode ao baluarte.*

113. Dom Fernando de Castro estava de cama, curando-se de febres, e sabendo do assalto que se esperava, se levantou, fazendo força o brio á natureza; o que dom João Mascarenhas tratou de lhe impedir, humas vezes como capitão, e outras como amigo; mas, como nesta parte a desobediencia parecia virtude, quiz antes errar contra a saude que contra a opinião, vestindo armas, e acodindo ao baluarte.

## *Finge o inimigo novo assalto.*

114. Amanheceo o dia do glorioso S. Lourenço, dedicado com sua felice batalha a martyrios de fogo. Acodírão a suas estancias fidalgos, e soldados com tanto alvoroço, como se já tivérão posse do premio, e da victoria. Logo virão de longe abalar-se o exercito inimigo com ordenada marcha, derramando-se em torno da fortaleza. Laborava a nossa artelharia com não pequeno effeito. porque o inimigo, como soldado, sofreo a carga sem descompor a ordem com que vinha marchando, até ganhar o posto, e arvorar escadas para dar o assalto. Chegárão a acommetter os baluartes com resolução grande, querendo cevar os nossos na peleija, para que a confusão de conflicto servisse de coberta ao engano do fogo, que tinhão maquinado. Fazião os nossos grandes genti-

lezas nas armas, como quem se apressava a descansar na victoria, promettida no termo d'este dia.

*Dá fogo á mina. — Pessoas que perecêrão nella.*

115. No baluarte S. João se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. Peleijavão os inimigos tibiamente, até que lhes chegou o sinal de se dar fogo á mina, retirando-se a hum mesmo tempo todos; porèm o temor igual, e subito nos descobrio o engano. Bradou logo o capitão mór dizendo, que deixassem o baluarte, para que sem dano rebentasse a mina, já conhecida na improvisa retirada do inimigo. Obedecêrão todos ás vozes do capitão mór, deixando o posto; porèm Diogo de Reynoso, com desordenado valor, sustentou o lugar, tratando de covardes aos que o desemparavão. A estas vozes tornárão todos a occupar o posto, não querendo seguir a razão, senão o exemplo. Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentárão mortos o lugar que defendèrão vivos. Aqui acabou dom Fernando de Castro em idade de dezenove annos, levantado de huma doença, que a natureza pudéra fazer leve, e o valor fez mortal. Morreo dom Francisco de Almeida, continuando-se nelle o valor, e as desgraças dos de seu appellido. Aqui ficárão tambem sepultados Gil Coutinho, Ruy de Sousa, e Diogo de Reynoso, que pagou com huma vida tantas mortes, de que havia sido generoso, mas fatal instrumento. Dom Diogo de Sottomaior, voando com huma lança nas mãos, cahio em pé na fortaleza, sem receber lesão do fogo, nem da quéda. Alguns cairão no arraial dos inimigos; quasi sessenta homens perecêrão nesta desventura, e treze que escapárão com a vida, ou ficárão feridos, ou disformes do fogo. Escrevem outros com dilatada penna os casos d'este incendio. Nós por não lastimar a attenção de quem ler

esta historia, quizeramos nos successos de tão illustre cerco deixar antes em silencio este infelice dia. Admirárão-se os nossos de ver, que foi tão grande o effeito da polvora opprimida, que as pedras da fortaleza, arrebatadas do violento impulso, matárão muitos no campo do inimigo, obrando o fogo mais á vontade da natureza que ao regulado limite do inventor da mina.

### *Valor notavel de cinco soldados nossos.*

116. Passado algum espaço, logo que o fumo desassombrou a fortaleza, mandou Rumecão entrar quinhentos Turcos polas ruinas do baluarte abrasado, seguindo-os de tropel o restante do campo, porèm achárão cinco valerosos soldados, que lhes fizérão rosto, sustentando largo espaço o peso de tão nova batalha. Verdade tão estranha, que necessita de tanto valor para se escrever, como para se obrar; porèm calificada então na confissão dos proprios inimigos, e agora nas cãs de tantos annos. Acodio logo áquella parte dom João Mascarenhas com quinze companheiros, e vio dous espectaculos: hum que merecia lastima; outro espanto; e soccorrendo aos cinco soldados fizérão todos tão dura resistencia ao inimigo, que bastárão a retardar a furia de hum exercito já quasi victorioso; caso que referido só com a verdade núa, excede tudo o que escrevèrão, ou fabulárão os Gregos e Romanos.

### *Esforço de Isabel Fernandez e mais mulheres.*

117. Correo voz pela fortaleza, que os Turcos estavão já senhores do baluarte abrasado, com o que alguns soldados, que nas outras estancias peleijavão, corrèrão áquella parte como de mór perigo, e quiçá que este falso rumor salvasse a fortaleza, porque formárão hum grosso,

que bastou a fazer rosto a treze mil infantes, que tantos constão nossas historias, que acommettêrão o baluarte da mina. As mulheres, como ensinadas a desprezar as vidas, acodírão a ministrar lanças, pelouros, e panelas de polvora; e aquella valerosa Isabel Fernandez, com huma chuça nas mãos, adjudava aos soldados com as obras, muito mais com o exemplo e com as palavras dizendo em altas vozes : Peleijai por vosso Deos, peleijai por vosso Rei, cavalheiros de Christo, porque elle está com vosco. Os inimigos, como o successo da mina lhes havia aberto para a victoria huma tão larga porta, determinárão este dia concluir a empresa, incitados do general, e da occasião, peleijando já como favorecidos; os que combatião no baluarte, pola ambição de ser primeiros em facção tão illustre, se portavão com mais ardor, que os outros; e como erão janizaros, e Turcos querião só para si a gloria d'este dia. Rumecão mandou nas outras estancias reforçar o assalto, para com a diversão, em poder tão pequeno, facilitar a entrada.

### *O vigario anima os soldados.*

118. Esteve por muitas vezes perdida a fortaleza. Os inimigos muitos, e descançados : os nossos, sobre tão poucos, vencidos do trabalho de resistencia tão desproporcionada. Aqui acodio o vigarío João Coelho com hum Christo arvorado, dizendo que aquelle Deos, cuja causa defendião, era o author das victorias; com cuja vista alentados aquelles fieis, e fortes companheiros, parecião que obravão com forças mais que humanas; porque nenhum mostrava das feridas fraqueza, ou sentimento, durando na batalha com o mesmo ardor, e espirito com que a começárão.

*Nomes dos cinco soldados. — Retira-se Rumecão. — Particular valor de Isabel Madeira.*

119. Já declinava o dia, e os Turcos com os nossos mortalmente abrasados, por humas mesmas feridas vertião sangue proprio, e alheo; e como hum exercito inteiro carregava sobre tão poucos defensores, chegárão os nossos soldados a receber muitas lançadas em huma só ferida. Parecerá exageração o que como verdade referimos. Os grandes feitos, que os Portuguezes obrárão neste dia, o Oriente os diga; eu cuido, que da illustre Dio, lhes será cada pedra hum epitafio mudo. Porém dos cinco cavalleiros, que havemos referido, não deixaremos com ingrata penna os nomes em silencio. Estes forão Sebastião de Sá, Antonio Peçanha, Bento Barbosa, Bertholomeu Correa, mestre João, cirurgião de nome. Com a peleija se acabou o dia; mandou Rumecão tocar a recolher depois de haver perdido neste assalto setecentos soldados, e sem conta os feridos, de que morrêrão muitos, mal assistidos na cura, porque pola multidão cansavão os mestres, e faltavão os remedios. Dos cinco cavalleiros, que defendêrão o baluarte, morreo só mestre João, despedaçado de muitas feridas, que deixou bem vingadas, sem querer deixar a briga, nem obedecer aos amigos, que o retirárão como pessoa tão importante pola arte, polo valor não menos. Isabel Madeira, sua mulher, acodio a atar-lhe as feridas mortaes, e depois de o enterrar por suas mãos com poucas lagrimas, e grande sentimento, acodio ao trabalho das tranqueiras com as outras matronas; valor estranho, ou raras vezes visto ainda no varão mais constante.

120. Logo que se retirou o inimigo, mandou dom João Mascarenhas enterrar os mortos, que estavão nas ruinas do baluarte, sendo levados d'hum sepulcro a outro. Forão enterrados juntos pola estreiteza do lugar, e do

tempo; faltando funebres honras, e piedosas lagrimas a tão honradas cinzas; porèm dormem com saudade maior da patria em humilde jazigo, que aquelles, que em urnas de alabastro deixárão d'huma vida sem nome ociosa memoria. A dom Fernando de Castro depositárão em separado enterro, por se o governador seu pai quizesse trasladar-lhe os ossos a lugar differente; lavrar-lhe-hia tumulo mais soberbo, porèm não mais illustre. Depois que o capitão mór cobrio aos companheiros de piedosa terra, acodio a reparar o estrago, que deixára o assalto nas paredes; a que ajudárão as mulheres companheiras do trabalho, e perigo, sem reservar tempo, e lugar para a dor, e lagrimas dos filhos, e maridos, que virão expirar com seus olhos, e ellas mesmas havião sepultado, encobrindo o sentimento natural com nunca visto exemplo.

### *Determinação do capitão mór.*

121. Reparados os baluartes com as pedras ainda quentes do sangue, e do incendio, chamou o capitão mór a conselho os poucos companheiros que sobrevivêrão ao estrago, representando-lhes o miseravel estado em que se achavão; a maior parte dos defensores mortos; os que ficavão, enfermos e feridos; destroçadas as armas; corrupto o mantimento; as munições gastadas, a fortaleza posta por terra; os mares com os temporaes do inverno cada vez mais cerrados; o inimigo vigilante, e soccorrido por horas, com a noticia de todas estas faltas; o que considerado pedia á todos, que não se lembrando das vidas, o aconselhassem, como melhor poderião salvar a honra de seu rei e as suas; que entendessem, que estavão como espectaculo do mundo e tinhão sobre si os olhos do Oriente todo, expostos a merecer a maior fama ou a maior infamia; que se não podião alcançar a victoria, podião privar della aos ini-

migos, pois estava nas mãos de todos o poder acabar gloriosamente, ganhando maior honra destroçados, que os Mouros victoriosos; que os havia chamado para lhes communicar a resolução em que estava, esperando, que todos á approvassem, a qual era, que em se gastando esse pouco mantimento, e munições que havia, queimar a roupa, cravar a artelharia, e sair com as espadas nas mãos a buscar o inimigo, para que não pudesse chamar victoria aquella, em que não acharia cativos, nem despojos. Ouvido dom João Mascarenhas, não houve soldado a quem não parecesse que tardava o effeito de resolução tão valerosa. Diga Roma, se acha nos seus annaes escrita huma acção tão illustre dos seus Fabios, Scipiões ou Marcellos.

*Viagem de dom Alvaro de Castro. — Arriba a Baçaim.*

122. Em quanto estas cousas passavão andava dom Alvaro de Castro com as tormentas do inverno a braços; porque sendo vinte e quatro de junho, tempo em que se não deixão navegar aquelles mares, elles, temendo o perigo da fortaleza, e desprezando o da armada, forçava o remo navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares andavão tão cruzados, e soberbos, que comião os navios; huns abertos com a força do vento, outros sem mastos, e desenxarceados andavão sem governo á vontade das ondas, e se hião alagando por hum, e outro bordo, sem nenhum obedecer ao leme. Dom Alvaro, obstinado em soccorrer a Dio, andava a huma, e outra parte errando, vendo-se por momentos soçobrado; até que com o trabalhar do navio, lhe saltou o leme fóra, com o que impaciente arribou a Baçaim destroçado com alguns navios de sua conserva; outros tomárão differentes portos, e enseadas. Aqui achou dom Alvaro a dom Francisco de Menezes arribado com a mesma for-

tuna, depois de haver huma e outra vez tentado o golfão, que achou com tal braveza, que alijou ao mar as munições, e mantimentos que levava, por salvar o casco.

*Chega Antonio Moniz a Baçaim. — Salva o caravelão dos mantimentos. — Partem dous fidalgos para Dio. — Miguel de Arnide os acompanha.*

123. Neste tempo chegou Antonio Moniz Barreto com o caravelão das munições; e como era tão geral a tormenta, esteve muitas vezes perdido, e surgindo o entregou a dom Alvaro com animo de passar a Dio, a despeito dos mares, em qualqúer embarcação que achasse, como saboreado d'hum perigo para entrar em outro. Este dia, crescendo o tempo, começou a cassear o caravelão, e trincou duas amarras; e como era baixel tão importante, por trazer as munições do soccorro, tentou dom Alvaro acodir-lhe; e por mais que trabalhárão os marinheiros, não pudérão chegar-lhe com a força do tempo. Porèm Antonio Moniz Barreto, metendo-se em huma galveta, que acaso achou na praia, os de terra o virão mil vezes soçobrado; mas como era embarcação tão leve, e não fazia resistencia aos mares, sobre elles vagamente se sostinha. Emfim chegou, deu cabo ao caravelão, o qual contra o juizo de todos, com mais fortuna que razão, trouxe atoado. E fazendo discurso, que só aquella embarcação, por leve, e pequena poderia penetrar mares tão grossos, na qual faria menos impressão o choque, e embate das ondas, a comprou a hum mercador secretamente, e com alguns marinheiros pagos á sua vontade, se veo embarcar nella. Estava acaso na praia Garcia Rodriguez de Tavora, e vendo a resolução de Antonio Moniz, lhe pedio o levasse comsigo; escusou-se o Moniz, dizendo que lhe não convinha acompanhar-se de homem tão grande, que lhe fizesse sombra, porque queria só

para si este perigo, sem que na sua embarcação parecesse segundo. Garcia Rodriguez lhe affirmou, que em toda parte confessaria, que elle era o que o levava, e que disto lhe passaria escritos. Com tanto escrupulo se tratavão naquelle tempo os pontos da opinião. Satisfeito Antonio Moniz d'este comedimento, deu lugar a Garcia Rodriguez; e vendo-os fazer-se ao mar Miguel de Arnide, hum soldado de corpo agigantado, e maior ainda no brio, que na estatura, bradando-lhes de terra, lhes disse : « Como, senhores, sem mim passais a Dio? — Não cabeis cá » (lhe respondeo hum d'elles). Mas o valeroso soldado, lançando-se ao mar vestido, com huma espingarda na boca, hia nadando demandar a galveta. E vendo Antonio Moniz tão grande gentileza, pairou para o recolher dentro, dizendo que levava hum bom soccorro a Dio, em tão bom companheiro.

*Perigos da viagem. — Chegão a Dio. — Desconfiança brioza destes dous fidalgos. — Dão novas de dom Alvaro.*

124. Forão aquelles fidalgos navegando com tempos tão rijos, que andárão todo aquelle dia, e noite á misericordia dos ventos, obedecendo a galveta aos mares sem carreira, ou governo. Humas vezes a fazião sordir as ondas, outras perder o que tinhão canjado. Forão correndo com huma moneta ao pé do masto á discrição dos mares, que a alagavão por hum, e outro bordo, os quaes apenas podião vencer com baldes. Nesta fadiga, e risco passárão a noite toda rendidos do continuo trabalho, sem que com a escuridão d'ella, e cerração do tempo, podessem conhecer a paragem em que estavão. Amanheceo o dia com pouca differença da noite, e elles continuando com a luta das ondas, até que sobre a tarde houvérão vista da fortaleza; porém tão arrasada, que apenas se dava a

conhecer polas ruinas. Chegárão emfim a dar fundo, sem que fossem sentidos das vigias; argumenta de ser a fortaleza perdida. Bradou Antonio Moniz alto, e sendo ouvido dos de dentro, forão correndo dar aviso ao capitão mór. Aqui se conta, que perguntando as vigias, quem erão? respondèra hum soldado, que Garcia Rodriguez de Tavora; o que Antonio Moniz sofrendo mal disse: que elle era o que alli vinha; e pudéra a desconfiança chegar a maior rotura, se Garcia Rodriguez cortez, e comedido, não temperára o animo de Antonio Moniz justamente sentido; se bem o tempo, e o motivo pudérão fazer desprezar queixa tão leve. Chegou dom João Mascarenhas, e levando-os nos braços, lhes disse, quanto estimava tão opportuno soccorro. Perguntou a Antonio Moniz, onde se achava dom Alvaro de Castro, o qual lhe respondeo em voz alta, que os soldados ouvírão: Aqui, senhor, em Madrefabat o tendes com sessenta navios, e com a primeira vaga do tempo lhe vereis as bandeiras. E em secreto lhe disse, que ainda ficava em Baçaim arribado, depois de tentar o golfo muitas vezes, mas tão impaciente na tardança, que não esperaria tempo para vir soccorrel-o. Esta nova foi festejada de maneira, que os soldados com danças, e folias, esquecião os trabalhos passados, na esperança do soccorro vezinho; e os que havião militado com dom Alvaro, com a experiencia de seu brio, certificavão a vinda a despeito dos mares, e dos ventos.

### *Avisa o capitão mór a dom Alvaro. — O qual sae de Baçaim.*

125. Dom João Mascarenhas agasalhou os hospedes no baluarte S. João e S. Thomé, que erão os mais arruinados, dando-lhes estes mimos da guerra, como a benemeritos dos maiores perigos. Não era neste tempo

menor o risco, mas já menos temido. Mandou Antonio Moniz a embarcação, em que viera, a seu primo Luis de Mello de Mendoça, que lha havia pedido. Passárão nella alguns soldados estropeados com cartas do capitão mór a dom Alvaro de Castro, em que lhe dava conta de todo o succedido, referindo-lhe em somma necessidades que temos relatado. Chegou a galveta a Baçaim com grande alvoroço dos que a virão, polas novas de estar ainda por el-Rei a fortaleza, se bem misturadas com as fezes de tantas mortes, entre as quaes foi mui sentida a de dom Fernando de Castro, que em tão verdes annos deixou de si tão honrada memoria. Dom Alvaro a recebeo com a constancia de soldado, tomando por alivio achar-se com a espada na mão para vingal-a. E logo aquella mesma tarde mandou sair a armada com ordem, que todos posessem a proa em Dio, e que nenhum navio aguardasse por outro.

### *Continua Rumecão as minas. — Os nossos acodem ao reparo dellas.*

126. Entretanto Rumecão, vendo que obravão mais as minas que os assaltos, sabendo de alguns escravos, que da fortaleza havião fogido, da fome, e do perigo, o sentimento com que os nossos estavão pola falta de tantas pessoas illustres, que acabárão na mina, e a estreiteza com que se repartião as munições, e mantimentos, resolveo continuar as minas, que se obravão com menos risco, e com maior effeito; para cujo intento mandou picar o baluarte Santiago, e o lanço de muro que para elle corria, tudo por estradas torcidas, e encubertas, para nos esconder o desenho, e assegurar os seus trabalhadores. Dom João Mascarenhas cauto, e prevenido, arguindo d'aquella breve pausa, que fazião as armas do inimigo, que trabalhava em outra nova mina, temendo-se

do baluarte de Antonio Peçanha, mandou-lhe fazer alguns repairos, e abrir escutas, por onde conheceo, que por aquella parte se picava o muro; o qual o inimigo achou tão forte, que o não podia romper o picão; difficuldade que venceo com vinagre e fogo. Donde se vê, que a estes inimigos da Asia, não faltava valor, nem disciplina, como erradamente escrevem, os que em abatimento de nossas victorias, imaginárão os Mouros Orientaes barbaros e bisonhos. Com este artificio começou a arruinar o muro; e logo entre o baluarte S. Thomé e o cubello, ordenou Rumecão que se lavrasse a mina, a qual sendo conhecida dos nossos, lhe fizérão contramina, e alevantárão por dentro huma parede forte; e como estavão faltos de materiaes, e gente, acodírão aquellas honradas matronas ao serviço de tão pesada obra em beneficio dos feridos, e enfermos, que não podião suprir este trabalho, nem tão pouco escusal-o.

### *Anima Rumecão os seus para outro assalto.*

127. Logo que Rumecão teve posta em perfeição a mina, determinou á sombra d'ella dar hum geral assalto, e chamando a si os cabos do exercito, e os que estavão escolhidos para escalar o muro, escrevem, que lhes fez esta falla :

« Aquellas ruinas, que estais vendo, tintas no sangue de nossos companheiros, hão de ser hoje nosso sepulchro, ou nosso alojamento. Cem soldados são os que guardão aquellas estragadas muralhas, aos quaes a fome, e as feridas tem tirado as forças de sorte, que só peleijamos com as sombras dos que já forão homens, offerecendo os miseraveis aos nossos alfanges, vidas sem sangue. A honra que neste cerco tem ganhado com valor infelice ha de ser toda nossa, porque do fim da guerra tomão nome as empresas; que o mundo julga sempre o

valor da parte da ultima fortuna. Acabemos de ganhar aquella fortaleza, subamos a este monte de triunfos, vingaremos infinitas injurias com huma só victoria. Livremos esta escrava da Asia das prisões do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas violentados gemem. Com este ultimo assalto poremos fim a tão illustre empresa, e se acordará o Oriente idades largas com alegre memoria de tão fermoso dia. »

*Acommettem o baluarte Santiago. — Rebenta a mina com dano dos inimigos.*

128. Acabada a pratica, fallou, e animou aos particulares com razões accommodadas ao tempo e ás pessoas, sinalando premios aos primeiros que sobissem ao muro, como pudéra o mais sabio, e pratico capitão da Europa. No mesmo dia, que foi o de dezaseis de agosto, sahio o inimigo com todo o poder de seus alojamentos, e repartindo-se ordenadamente polos baluartes, deixou o maior grosso do exercito, para acommetter o de Santiago, por onde esperavão abrir a porta á victoria; ao qual se arrojárão tumultuariamente, dando espantosas vozes, e tirando sobre elles grande copia de armas de arremesso para chamarem á defensa a maior força dos nossos. Ateou-se por esta parte com maior calor a briga, até que na força do conflicto, fingindo o inimigo, que cedia á nossa resistencia, se retirou subitamente, como a sinal certo. Os nossos, que estavão sobre aviso, conhecendo o engano no temor simulado, com que se retrahião, se apartárão tambem do baluarte, esperando que rebentasse a mina. Derão-lhe os Mouros fogo, o qual achando resistencia nos repuxos, e escarpas do muro, que lhe contraposérão, rebentou pola face de fóra retrocedendo; e voando a cortina do muro, a lançou sobre os Mouros com tão grande violencia, que matou mais de trezentos, e muitos mais ficárão estropeados.

129. Ficou a fortaleza espaço grande escondida em nuvens de pó, e fumo, sem que d'huma e outra parte se conhecesse o dano; mas logo que se começárão a adelgaçar os ares, acodio o inimigo em tropas a sobir polos estragos, e ruinas do fogo com tanta certeza de victoria, que huns aos outros fazião impedimento, estimulados da cobiça do premio ou da ambição da honra. Porèm os nossos os recebèrão nas lanças, fazendo-os voltar em pedaços sobre os opprimidos da mina. Tras estes acommettèrão outros, que depois de peleijarem grande espaço, forão tambem derribados dos nossos; aos quaes desatinavão muitas settas, chuços, e alcanzias de fogo, que tiravão do campo, com que nos encravavão alguma gente, e impedião a defensa aos soldados attentos a hum e outro perigo; porèm assi abrasados, e feridos, não houve algum que largasse o lugar que sostinha, onde fizérão tão heroicos feitos, como se deixão ver no successo, e na desigualdade da peleija. O fogo que os Mouros lançavão no baluarte era tanto, que os nossos peleijavão em hum incendio vivo, a que o capitão mór occorreo mandando trazer tinas de agua, onde mitigavão, ou extinguião os vestidos, e corpos abrasados. Como a esta parte se inclinou mais o poder do inimigo tambem aqui lhe fez opposição maior a força dos nossos, com que se acendeo a peleija mais viva, soccorrida dos Mouros por momentos com gente de refresco, e assistida com a presença e voz do general que os esforçava.

### *Continuão as mulheres seu valor.*

130. Antonio Moniz Barreto e Garcia Rodriguez de Tavora dérão aqui de seu valor huma illustre prova, sostendo o peso dos inimigos com constancia não vulgar, mostrando os mesmos brios nos perigos da terra, que nos do mar. Muita parte da honra d'este dia coube àquel-

las nunca assaz louvadas matronas, não só companheiras no trabalho, mas tambem no perigo. A boa velha Isabel Fernandez com huma chuça nas mãos, animava aos soldados com palavras, e melhor com o exemplo; e as de mais entre as settas, as lanças, e pelouros, ou mostravão seu esforço, ou servião ao alheo.

151. Nos outros baluartes não estavão as armas ociosas, porque em todos se peleijava para com a diversão facilitar a entrada polo de Santiago onde havia rebentado a mina. Ordenou tambem Rumecão, que se batesse a Igreja da fortaleza, que podia ser arrasada por estar eminente, crendo naquelle lugar, seria mais sensitiva a offensa. Porèm os nossos dérão tão grande pressa aos inimigos, que chegavão já froxos, e tibios a escalar o muro, detidos no horror de seu mesmo estrago.

*Retirão-se os inimigos com perda. — Mojatecão louva o valor dos nossos.*

152. Mandou Rumecão tocar a recolher impaciente, deixando sobre quinhentos mortos, sem conto os feridos. Qualquer dos nossos se podia contentar com a honra que ganhou este dia. Miguel de Arnide, aquelle valeroso soldado, se assinalou tanto, que mostrou ser ainda aquelle corpo pequeno para tamanho espirito; e como a tão crescida creatura acompanhavão forças proporcionadas, o que alcançava com o primeiro golpe, escusava o segundo. Mojatecão, que tinha vindo ao exercito com hum soccorro grosso e do valor dos Portuguezes fallava com desprezo, formando differente juizo com as experiencias deste dia, dizia que erão dignos de que os servissem as gentes, e que a fortuna do mundo estava em serem elles tão poucos, porque a natureza, como a leões, os tinha feito raros, encerrando-os nas covas do ultimo Occidente.

### *Avisado Rumecão de tres escravos fugidos.*

133. Este dia perdemos sete soldados, e ficárão vinte e dous abrasados, e já os sãos erão tão poucos, que não bastavão a curar os feridos, e menos a repairar as ruinas da fortaleza, para que faltava tempo, materiaes e gente, mas como Rumecão achava nos assaltos tão dura resistencia, fazia de nossas forças differente conceito. Neste tempo fugírão para o inimigo tres escravos nossos, os quaes levados a Rumecão, lhe affirmárão que na fortaleza não havia sessenta soldados que podessem tomar armas, e estes muito debilitados com a fome e continuo trabalho das obras e vigias, nos quaes não acharia mais que obstinação sem forças. Com a certeza d'este aviso, resolveo Rumecão assaltar-nos com todo o poder para o seguinte dia, declarando aos seus o estado em que nos achavamos, e mandando que todos o ouvissem da boca dos escravos; os quaes discorrendo polo exercito, espalhavão alegres a relação de nossas miserias.

### *Dá outro assalto. — Valerosa resistencia dos nossos.*

134. Logo que amanheceo se ordenou o exercito para dar o assalto, no qual como o ultimo da guerra, se quizérão achar todos, e alguns vestírão galas, crendo que hião mais a triunfo que a peleija. Saírão de seus alojamentos com todas as insignias arvoradas, tocando diversos instrumentos, que alternados com a vozeria do campo, articulavão eccos barbaros e medonhos, e como trazião vencido o medo com as noticias que temos referido, de longe se avançárão ao baluarte S. Thomé, que por estar quasi todo arrasado, as ruinas lhes servião de escadas. Era de Turcos esta primeira tropa, que arremetêrão confiados, como a dar a victoria; porém os nossos

quebrando entre elles algumas panelas de polvora, os fizérão retirar abrasados. Com a mesma furia chegárão outros, que depois de peleijarem algum espaço, voltárão tambem como os primeiros, sangrados do nosso ferro. Mas Rumecão, crendo que tão continua resistencia nos teria consumidos, como o ferro que cortando se gasta, ajuizando nossa fraqueza de seu mesmo estrago, bradou aos seus que sobissem a tomar posse da fortaleza, que já não havia quem se lhes oppozesse. Aqui arremetteo tumultuariamente hum grão troço de Mouros esforçados, ou credulos ás vozes do general. Estes com o primeiro alento cavalgárão o muro, e começárão a peleijar com os nossos braço a braço, muitos e descansados contra poucos já lassos e feridos; porêm tirando forças do brio e necessidade, se mostrárão tão valentes aos ultimos como aos primeiros. Alguns dos inimigos cahião e succedião outros, com que esteve a fortaleza muitas vezes perdida. Aqui acodio dom João Mascarenhas, animando os seus como grão capitão, peleijando como o melhor soldado, e próvido a todas as occurrencias da guerra, tinha prompto todo o genero de armas, de que se ajudavão os nossos, ministrados por aquellas valerosas mulheres. Luis de Sousa, capitão d'aquelle baluarte, fez grandes gentilezas nas armas este dia. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, dom Pedro e dom Francisco de Almeida, fizérão obras dignas de maior escritura, e todos os mais cavalleiros e soldados que aqui se achárão alcançárão bem merecida fama.

### *Acommette Rumecão o baluarte S. João, e retira-se.*

155. Mandou Rumecão acommetter o baluarte S. João, crendo pola informação dos escravos que achasse a entrada franca, mas obrárão tanto os poucos defensores que tinha, que obrigárão a retirar o inimigo com perda

e com vergonha. Rumecão, assombrado do que via, affirmava que eramos instrumentos da indignação do céo contra Cambaya, e segunda vez tratou de applacar Mafoma com algumas expiações barbaras e ridiculas; e porque nos assaltos perdia muita gente sem fruto, e os soldados já timidos desprezavão a obediencia com o horror de tão quotidiano estrago, tornou a tentar as minas, como artificio, ou mais efficaz, ou mais seguro. E primeiro mandou abrir muitas setteiras na parede que dividia o exercito da nossa fortaleza, por onde recebião os nossos muito dano, porque peleijavão como em campo raso, sem abrigo da muralha que estava arruinada. Começárão a laborar os seus arcabuzes, dando continuas cargas.

### *Intenta arrombar a cisterna.*

156. Ordenou que com hum quartão se batesse a cisterna, a qual se chegára a arrobar-se, nos perderiamos com sede, como mal sem remedio. Esta cisterna está á entrada d'huma rua, que chamamos a Cova, que foi a cava antiga dos Mouros, onde se recolhia a gente inutil. Aqui cahião muitos pelouros com dano dos miseraveis, que alli se abrigavão, e perigo da abobeda que cobria a cisterna. A este perigo occorreo o capitão mór, ordenando huma tranqueira alta de vigas e entulho, com que remedeou hum e outro dano, furando as casas pola parte de dentro, com que d'humas a outras se dava serventia segura.

### *Rebenta outra mina com dano dos inimigos. — Perigo grande dos nossos. — Arvora o inimigo tres bandeiras no baluarte Santiago.*

157. Entretanto trabalhavão os Mouros na mina que hia demandar o baluarte Santiago, o que entendido dos

nossos, ordenárão por dentro repuxos fortes e abrírão alguns vãos por onde se vazasse o fogo. Chegado o termo de rebentar a mina, achou tal resistencia nas escarpas, que deo com parte de baluarte para a banda de fóra, matando quantidade de soldados e mineiros que assistião na obra, sem que dos nossos perigasse algum, ficando inteira a cortina do muro: seria caso, mas tão raro, que pareceo milagre. Em rebentando a mina, sobírão de tropel os Mouros polas ruinas de baluarte, donde se lhe oppozérão os nossos, desvelados das continuas vigias, debilitados das fomes e feridas, sustentados mais na grandeza do espirito que em forças naturaes; mas ainda assi os animou a honra e o perigo, de sorte que parecião peleijar com forças descansadas e inteiras, detendo a furiosa corrente do inimigo á custa d'elle mesmo. Era o lugar capaz de peleijarem muitos, e a desigualdade do numero fazia o perigo maior. O ruido das armas, a confusão das vozes, impedião mandar e obedecer. Caírão muitos Mouros, mas pola diligencia dos cabos lhes succedião outros, com o que não deixavão respirar os nossos, acommettidos de longe com armas de arremesso, e de perto peleijando braço a braço. Assi aturárão muitas horas esta dura contenda. Tivérão os inimigos lugar de arvorar tres bandeiras no baluarte, defendidas de boa copia de espingardeiros. D'este lugar forão descendo ao muro até a igreja do apostolo Santiago, que ficava encostada ao mesmo baluarte, metendo-se nos altos da casa; com o que ficou o baluarte, e a igreja, a metade sustentada dos Mouros, e a outra dos nossos.

### *Cuidado do capitão mór nos reparos.*

158. Sobreveo a noite, pondo termo á discordia, não a paz, senão a natureza; e ainda assi com golpes vagos e incertos continuárão huma cega batalha. Ordenou logo

o capitão mór huma fraca trincheira que mais nos dividia, que amparava do inimigo; a qual se obrou com as armas nas mãos, quasi furtiva, ficando por alojamento dos soldados o lugar da batalha; onde, nem sobre as armas podião ter seguros hum pequeno repouso, porque nem para curar as feridas tinhão tempo ou lugar opportuno. Não descansava o capitão mór com as armas, e menos com o espirito. Mandou aquella noite assestar hum camelo á porta da igreja que ficava a cavalleiro do baluarte, e com elle varejava os Mouros, que recebião muito dano, em quanto conservavão a posse do que tinhão ganhado, até que se cobrírão com huma trincheira grossa, que os assegurava.

### *Sae de Baçaim Luis de Mello. — Perigos que tem na viagem.*

159. Não se passava menos perigo no mar do que na terra, porque logo que chegou a Baçaim a galveta de Antonio Moniz, ao outro dia, que se contavão quatorze de agosto, se embarcou nella Luis de Mello de Mendoça con quinze companheiros, e após elle era em hum catur dom Jorge e dom Duarte de Menezes com dezesete soldados; e dom Antonio de Attayde, e Francisco Guilherme cada hum em seu navio con quinze soldados. Luis de Mello se foi logo engolfando, sordindo pouco, porque levava o vento polo olho, e quanto mais se afastava da terra, via os mares mais grossos; e como a galveta era pequena e estroncada, e as ondas tão soberbas, que rebentavão em flor, quebrando-se cruzadas com a força do temporal, começou a entrar-lhe a agua por hum e outro bordo, que os marinheiros despejavão com baldes, vendo-se por momentos soçobrados, com que já areados e timidos, grumetes e soldados requerião a Luis de Mello que arribasse, dizendo que sabião peleijar com homens e não com os elementos; que já não era valor, senão por-

fia, perderem-se sem fruto ; que contra a indignação de Deos, não valia esforço. Porèm Luis de Mello os applacou, dizendo que naquella galveta, e com a mesma tormenta passára Antonio Moniz, que não levava melhores companheiros que elle, nem lhe tinhão mais cortesia os mares ; que ninguem acabára cousas grandes sem perigo ; e que quando seus companheiros e amigos estavão ás lançadas com os Turcos, não havião de esperar os mares leite e os ventos galernos para ir a soccorrel-os ; que quando as ondas lhe comessem o navio, sobre a espada havia de chegar a Dio ; que trabalhassem, que Deos os havia de ajudar.

### *Resiste aos que querem arribar. — Chega a Dio e dá novas de dom Alvaro. — Chegão outros fidalgos.*

140. O temor, ou o pejo d'estas palavras, fez por então aquietar a todos, assi forão aquella tarde, e noite lutando com a tormenta, esperando que cada onda os soçobrasse, e não podendo já as forças com o trabalho, vendo crescer o temporal por instantes, se conjurárão os marinheiros e soldados a obrigar a Luis de Mello por força, que arribasse; do que sendo avisado por hum Gomez de Quadros, soldado de sua obrigação, tomou as armas todas e recolhídas no payol, se poz em sima com a espada na mão, dizendo que quem lhe fallasse em arribar, ás estocadas lhe havia de dar a reposta ; que a vida de nenhum d'elles era de maior preço que a sua, para se não quererem perder, onde elle se perdia ; que posessem os olhos em Dio, porque nem a honra, nem a salvação tinhão já outro porto. Vendo os soldados esta resolução e os marinheiros mais temerosos do capitão que da tormenta, seguírão sua viagem sempre alagados e com a morte bebida, parecendo que cada rajada de vento os sepultava. Assi forão em continuo naufragio nave-

gando, até que sobre a tarde houvérão vista da fortaleza, donde forão olhados com espanto e alegria. Os Mouros lhes tirárão muitas bombardadas ao entrar da barra; surgírão sem dano na couraça, onde o capitão os veo a receber com grande alvoroço; a quem Luis de Mello affirmou que não poderia tardar dous dias dom Alvaro de Castro; nova que foi festejada de todos com demonstrações que os Mouros entendèrão, de que fizérão juizo, que andaria já no mar o soccorro, a cuja causa determinou Rumecão apertar mais o cerco. Luis de Mello com os seus foi aposentado no baluarte Santiago, de que o inimigo tinha a maior parte, que havia guarnecido com os soldados mais escolhidos do campo, apostados a morrer na defensa do que tinhão ganhado. Ao seguinte dia chegárão dom Jorge e dom Duarte de Menezes, havendo passado os mesmos riscos com a mesma constancia que Luis de Mello. Com estes soccorros, maiores na qualidade que no numero, parecia que tinha já outro semblante a guerra.

## *Peleija no baluarte Santiago.*

141. Importunavão os novos hospedes a dom João Mascarenhas, que os deixasse ver o rosto ao inimigo, tentando deital-o fóra do baluarte Santiago, o que elle concedeo levemente, querendo tambem acompanhal-os. Aprestárão-se para o outro dia, e em amanhecendo sobírão po'os muros com que o inimigo se cobria, lançando-se aos Mouros tão impetuosamente, que os deitárão fóra sem lhes valer o esforço e resistencia com que se defendèrão. O estrondo das armas chegou aos ouvidos de Rumecão primeiro que o aviso, e acodindo com todo o poder áquella parte, tornou a travar com os nossos com igualdade no lugar e vantagem no numero. Aqui se peleijou de ambas as partes, braço a braço, e corpo a cor-

po, ferindo-se com as armas curtas, sustentando cada hum com o sangue e com a vida o lugar que occupava. Os nossos, com tão inferior partido, fizêrão tantas gentilezas nas armas, que os Mouros olhavão de fóra com temor e espanto; porèm como erão tão desiguaes as forças do inimigo, tornou a recobrar aquella parte do baluarte que já tinha ganhado, e reforçando-a com guarnição dobrada, mandou dar hum assalto geral á fortaleza. Peleijava-se por todas as partes com huma mesma furia; cahião muitos Mouros, huns cortados de ferro, e outros abrasados de fogo: mas no mais vivo d'este conflicto se começou a escurecer o dia com huma cruel borrasca de ventos, agua, trovões e relampagos, parecendo que no ar se accendia outra nova batalha.

*Perigo da fortaleza e valor dos nossos. — Retira-se Rumecão com muito dano. — Entra soccorro ao inimigo.*

142. Os Mouros, vendo que a agua nos apagava as cordas, e que não podião ser offendidos com as panelas de polvora, nem outros instrumentos de fogo, interpretando a favor divino o curso, ou variedade dos tempos, por entre espessos chuveiros se chegavão aos nossos sem medo, com vozes e algazarras, como de quem tinha o ceo propicio. Foi este o dia em que maior valor mostrárão os nossos, e em que a fortaleza teve maior perigo, porque os Mouros se metião pelas lanças e espadas, ou brutos, ou valentes. Durou seis horas tão porfiado assalto, até que tornou a abrir o dia, e os nossos se começárão a aproveitar das panelas de polvora, com que abrasavão muitos, cuja vista aos outros resfriou o orgulho, peleijando mais cautos, até que se lhes acabou o dia, e Rumecão tocou a recolher, deixando quatrocentos mortos e mais de mil feridos; dos nossos faltárão sete, forão

mais os feridos. Neste assalto se achárão todos os fidalgos do soccorro, mostrando no valor as mesmas qualidades que no sangue. Dom João Mascarenhas fez ás vezes de capitão e de soldado sabia e valerosamente, assistendo sempre ao perigo, sem faltar ao governo. Esta noite passárão os nossos mui vigiados pola vezinhança do inimigo, que havia recebido do soldão novas honras, pelos apertos em que tinha os cercados; e lhe havia entrado hum soccorro de cinco mil infantes com muitos cabos turcos, que Rumecão quiz logo avistar com os nossos, para lhes mostrar os contendores que tinha, como em prova do que havia obrado.

### *Chegão a Dio mais fidalgos.*

143. Ao seguinte dia depois do assalto, entrárão pola barra dom Antonio de Attayde e Francisco Guilherme, que não achárão menos bravos os mares que os outros, que temos referido. Dissérão que não podia tardar hum dia dom Alvaro de Castro, porque se tinha já levado a armada com ordem, que nenhum navio esperasse por outro. Os soldados festejárão a nova e o soccorro, com musicas e folías continuas, com que já parecião passatempos os perigos do cerco.

### *Desconfia Rumecão da empresa. — Abre outra mina, que se atalha.*

144. Entendendo Rumecão que vinhão chegando á fortaleza alguns soccorros, e que em abrindo o tempo não serião Portuguezes tardos em dar-se huns aos outros a mão nos maiores perigos, começou a desconfiar da empresa, vendo que os trabalhos não quebravão os animos dos nossos, e que os seus soldados nas conversações não tinhão por justificada a causa d'esta guerra,

accusando aos quebrantadores da paz por nós fielmente guardada. Temeo a disposição que via para algum motim, a que atalhava encarecendo o miseravel estado dos nossos, e a infallibilidade que tinha da victoria. Fez pagas aos soldados, e mandou prégar pelos cacizes a certeza de gloria para todos os que morressem nesta guerra; e as mercês com que o soldão havia de remunerar aos libertadores da patria, não se esquecendo do temporal á volta do divino. E porque as minas erão de menos risco que os assaltos, e obravão com maiores effeitos, determinou de as ir proseguindo. Com este desenho, mandou abrir huma grande mina no lanço do muro que hia do baluarte S. João a fechar na guarita de Antonio Peçanha; porèm como os nossos andavão sobre aviso, ainda que Rumecão, cauto e ardiloso, fazia aos outros baluartes ponta, mandando trabalhar nelles de noite com estrondo para com esta diversão cobrir o intento; comtudo dom João Mascarenhas teve noticias da mina, contra a qual se assegurou como das outras vezes, trabalhando os fidalgos nos reparos, cujo exemplo fazia aos soldados o trabalho mais leve.

### *Dá-se-lhe fogo, e os nossos defendem as roturas.*

145. Chegado o termo de se dar fogo á mina, se abalou o exercito, e começou a tornear a fortaleza. Vinhão diante dous Sanjacos capitaneando huma tropa de Turcos, que erão os que havião de entrar polas roturas, que se abrissem ao rebentar da mina, a qual com tremendo estampido voou polos ares toda a face do muro. Corrèrão logo os Turcos, ainda cegos do fumo, e da terra, levantada nos ares com o impulso do fogo, porèm achárão outro muro contraposto, a que o fogo, ou não chegou, ou achou resistencia; vírão com tudo, que a guarita de Antonio Peçanha ficára por tres partes aberta,

e voltando áquella parte as armas, intentárão ganhal-a; mas os nossos acodírão a defendel-a, como lugar mais fraco, retardando a corrente do inimigo.

### *Retira-se o inimigo.*

146. Aqui andou por hum espaço a briga mui travada, peleijando cercadores e cercados como em campo raso. E crendo Rumecão, que estava naquelle lugar todo o poder dos nossos, mandou acommetter os outros baluartes, onde tambem os Portuguezes lhe mostrárão o ferro. Metêrão este dia os inimigos infinitos pelouros na fortaleza, dos quaes não recebemos dano, estando ella quasi arruinada, caso que, por ser raro, pareceo milagroso. Durou emfim o combate algumas horas, retirando-se o inimigo com o mesmo dano que outras vezes, os nossos com a mesma fortuna.

### *Acommette Rumecão o baluarte S. Thomé.*

147. Rumecão, que já tinha por injuria a dilação do cerco, como homem, que buscava os perigos, e o dano por disculpa, acommetteo o outro dia o baluarte S. Thomé em pessoa, fazendo com seu risco exemplo, e mandou por differentes capitães escalar os outros baluartes, parecendo a invasão d'estes dias, hum successivo assalto. Aqui peleijárão os Mouros, mais como desesperados, que valentes, correndo atravessados pelas lanças, e espadas dos nossos a morrer, e a matar juntamente; mais promptos a offender, que a reparar-se, buscando a morte, como porta para a imaginada gloria, que lhe promettão os cacizes, maquinando este diabolico incentivo em beneficio da empresa, e desprezo da vida. Com este ardor sofrêrão o peso da batalha muitas horas, perdendo oitenta dos seus, sobre cujos corpos peleijavão, incitados da dor

e da injuria dos companheiros mortos. Peleijárão emfim com tal porfia, que sustentárão aquella parte do baluarte, onde se combatia, e nella arvorárão bandeiras, cobrindo-se com vallos e estacadas.

*Successos no baluarte Santiago. — Valor particular d'um soldado. — Retira-se outra vez o inimigo.*

148. Não andavão menos quentes as armas no baluarte Santiago. Duas vezes o tivérão ganhado os inimigos, mas forão tão valerosamente resistidos, que o tornárão a perder depois de bem sangrados. Aqui foi tanto o fogo, que os inimigos lançárão, que os nossos peleijavão abrasados, soccorrendo-se, por unico remedio das tinas de agua para refrigerar-se. Antonio Moniz Barreto com dous soldados se achavão sós no baluarte detendo a furia do inimigo, e querendo o Moniz sair-se a mitigar nas tinas o ardor do fogo, travou d'elle hum soldado, dizendo : « Ah ! senhor Antonio Moniz, deixais perder o baluarte d'el-Rei ? — Vou-me banhar naquellas tinas (lhe tornou elle) que estou ardendo em fogo. — Se os braços estão sãos para peleijar, tudo o al é nada » (lhe respondeo o soldado). Cuja advertencia aceitou o Moniz, tão pagado do valor que o soldado mostrava, que o trouxe comsigo para o reino, e lhe alcançou despacho, confessando generosamente o seu desar para credito alheo ; chamando-lhe sempre com honrado appellido, o soldado do fogo ; nem as relações d'este successo no lo dão a conhecer por outro nome.

*Retira-se outra vez o inimigo.*

149. Neste, e nos outros baluartes se peleijou este dia com valor, e perigo igual, que não podemos relatar por extenso, por serem os casos tão semelhantes, que pare-

cendo huma mesma cousa repetida, se escrevem, e se lem com fastio; porém ainda que a relação d'este cerco não deleite com a variedade, quem negará, que foi esta facção huma das mais illustres que se achão nas historias humanas, da qual fizérão estimação justa as mais bellicosas nações da Asia e da Europa. Retirado do assalto o inimigo, se fortificou nas ruinas da fortaleza, donde continuamente se mostravão as armas.

*Sae Antonio Correa a fazer alguma presa. — Enveste com doze Mouros, que o prendem. — É presentado a Rumecão.*

150. Ao seguinte dia, despedio dom João Mascarenhas em hum catur a Antonio Correa, com vinte companheiros, soldado de grande valor a quem não sabemos o nascimento, se bem suas obras o merecião, ou suppunhão illustre. Sahio da barra, e torneando a Ilha, como lhe foi ordenado, se recolheo sem presa; e como os soldados de valor se não contentão com obrar bem, senão ditosamente, tornou o Correa ao mesmo negocio cinco vezes (mais desconfiado, que obediente) a tentar a fortuna; mas como o que parecia caso, era mysterio, ordenou, ou permittio o Ceo, que o valeroso soldado fizesse da empresa porfia, o qual, como se a desgraça fora culpa, se accusava a si mesmo. Tornou emfim com mais importuna experiencia a rogar, ou conhecer sua sorte, e dando volta á Ilha, divisou ao longe hum fogo, que a distancia fazia mais pequeno, e remando contra aquella parte, deixando os companheiros no catur, saltou em terra, caminhou algum espaço só, até que a mesma luz do fogo lhe descobrio doze Mouros, que em torno d'elle reparavão o frio. Voltou logo aos companheiros alegre, dizendo que saissem, porque tinhão como nas mãos a presa que buscavão; porém os soldados, ou esquecidos de si

mesmos, ou servindo á Providencia mais alta, o não acompanhárão, como dando lugar á fortuna do capitão, o qual vendo a fera resolução dos soldados, se foi só a demandar os Mouros, bastando-lhe o animo para acommetter o perigo, que não podia vencer. De repente envestio os Mouros, os quaes amedrontados com o subito acommettimento, huns fugírão, outros se defendião timidos, e sobresaltados, mas tornados em si, e vendo-se acutilados de hum só homem, começárão a fazer-lhe rosto já com mais ousadia, voltando os que fugírão, a defender-se unidos, e em quanto Antonio Correa se acutilava com huns, outros o sojugárão pelos lados, e ainda depois de preso, como a fera, o temião atado; assi o levárão a Rumecão, mostrando as feridas que recebêrão, em credito do preso.

### *Quer persuadil-o a deixar a Fé.*

151. Mandou Rumecão que o soltassem, perguntando-lhe, que gente haveria na fortaleza? se viria o governador a Dio? com que poder e em que termo se esperava o filho? Elle lhe respondeo, com grande segurança, que na fortaleza havia seiscentos homens, que cada dia importunavão o capitão que os levasse ao campo; que esperava brevemente a vinda de dom Alvaro com oitenta baixeis, o qual em desembarcando sairia a campanha, porque algumas galés que trazia, havião mister chusma de Turcos; que o governador aprestava maior poder, porque queria acabar d'huma vez com as cousas de Cambaya Rumecão, que sabia a verdade de nossas forças, envejou hum coração tão livre em tão baixa fortuna, fazendo estimação (como soldado) de quem entre prisões o desprezava. Rogou-lhe que se fizesse Mouro, porque com melhor lei teria melhor fortuna, e conheceria a differença de servir a hum monarca rico ou a piratas pobres.

Porèm o valeroso cavalleiro, escandalizado na injuria de favores tão feos, lhe respondeo que os Portuguezes, pola lei e polo Rei, estavão sempre promptos a derramar o sangue, que Mafamede fora hum enganador, infame por obras, e doutrina; que se em Cambaya havia renegados, serião de outras nações, qual o fora seu pay Coge Çofar, que como monstro da terra em que nascèra, os pais, e a patria o negavão de filho.

### *Afrontas que lhe faz. — Manda-o degolar.*

152. Rumecão, não podendo sofrer de hum escravo as injurias da lei, e as da pessoa, inflammado do zelo, e do desprezo, o mandou ante si afrontar no rosto, primeiro que lhe tirassem a vida, crendo, que lhe seria mais leve a pena, que a injuria; e logo entre baldões, e mofas, o mandou passear nú as ruas da cidade, inventor barbaro de tão novo supplicio, já contra o homem, já contra a humanidade. Porèm o cavalleiro de Christo, como soldado já de outra milicia, com mais castigado valor vencia sofrendo. Rumecão depois d'estas injurias, dizendo que pedia satisfação de sangue a honra do propheta, mandou que fosse degolado, e a palma, que começou a merecer soldado, alcançou martyr. Foi levantada a cabeça em huma pica, e posta em lugar onde os nossos da fortaleza a vissem; os quaes com sentimento natural (mas injusto) como soldados, lhe vingárão o sangue; como catholicos lhe envejárão a morte. Entrárão ao outro dia os soldados de sua companhia, os quaes o capitão mór não quiz ver nem castigar, tendo respeito ao tempo, porèm elles remírão a culpa, com se arriscar em todas as occasiões, como homens, que aborrecião huma vida sem honra. Muitos d'elles morrèrão quasi voluntariamente, accusados de seu mesmo delicto. Os Mouros nos fazião mofas, e algazarras de longe, apontando para a

cabeça de Antonio Correa, havendo por satisfação de tantos danos aquella recompensa, e já mais atrevidos fazião a despeito dos nossos algumas gentilezas.

153. Entre o baluarte S. Thomé e o de Santiago, estava huma bandeira arvorada, a qual desejou arrancar hum Mouro, crendo o poderia fazer sem risco, por ser o muro baixo, e pouco vigiado; ao qual chegou furtado sem ser visto dos nossos, e sobindo polas ruinas travou da haste, e ainda que a abalou forcejando, nunca pode leval-a, e soltando-a temeroso, a deixou encostada; e vendo o pouco que lhe custára a primeira ouzadia, tornou com o mesmo recato a buscar a bandeira; porèm ao tempo, que para pegar nella, hia soltando o braço, hum soldado nosso lhe encarou a espingarda e o derribou morto. Aconteceo isto á vista do arraial, que lhe tinha festejado o primeiro acommettimento com gritas e louvores; agora o olhavão caido com hum profundo silencio; corrèrão os nossos com grão velocidade a cortar-lhe a cabeça, que arvorárão, avistando-a com a de Antonio Correa.

154. Os Mouros, que estavão fortificados no entulho do baluarte S. Thomé, forão ganhando terra, palmo, e palmo, á custa de seu sangue, levando sempre diante montes de terra, e rama, que os cobria, e fortificava. Porèm dom João Mascarenhas mandou levar hum basilisco ás portas da igreja, que como lugar eminente lhe ficavão em bataria os Mouros, donde os varejou com tanta furia, que lhes rompeo as defensas, e com morte de muitos forão desalojados.

## *Extremos em que está a fortaleza.*

155. Já neste tempo estava arrasada a fortaleza, e os Portuguezes, em lugar de muros, defendião suas mesmas ruinas; o inimigo dentro dos baluartes ás portas da victoria; os mantimentos, huns erão, polo tempo, cor-

ruptos ; outros, pola qualidade, nocivos, de que resultavão doenças de tão má qualidade, que os sãos recebião maior dano do contagio, que da hostilidade.

### *Torna dom Alvaro a arribar.*

156. Tinha partido de Baçaim dom Alvaro de Castro com cincoenta navios (assi chamão quaesquer baixeis na India, inda que sejão caravelas latinas, ou embarcações de remo); e como vinhão empachados com munições e bastimentos, não podendo sofrer mares tão grossos, tornárão a arribar em poppa destroçados e abertos, tomando diversas angras e enseadas, onde o temporal os lançava. Entre os mais navios, que forão correndo com a tormenta, foi o de que era capitão Athanasio Freire, o qual indo demandar a terra, se foi metendo na enseada de Cambaya quasi alagado, e tão perdido, que de commum acordo se assentou varar na primeira terra, que avistassem, havendo, que precedia a vida á liberdade, assi forão encalhar junto a Surrate, onde forão cativos, e levados a soldão Mahamud, que os mandou aprisionar, e meter na masmorra, onde tinha Simão Feo com outros Portuguezes.

### *Chega Ruy Freire a Dio.*

157. Ruy Freire, que vinha na conserva de dom Alvaro em hum navio seu, com soldados pagos á sua custa, sofreo melhor os mares, e navegando aquelle dia, e outro com fortuna, avistou a costa de Dio, para onde se foi chegando até ir demandar a fortaleza ; e entrando pola barra foi surgir na couraça, onde foi bem recebido de todos, e deo ao capitão mór as novas da vinda de dom Alvaro, tão esperada como importante, porque inda não sabia da arribada, de que daremos conta.

*Prosegue dom Alvaro a viagem. — Toma uma náo de Cambaya. — Chega á fortaleza com quarenta navios. — Como é recebido do capitão mór.*

158. Dom Alvaro de Castro e dom Francisco de Menezes arribárão com tormenta geral a Agaçaim perdidos, aonde se reformárão brevemente, e tornárão acommetter o golfão com a maior parte dos navios de sua conserva; e vencendo a furia do temporal, houvérão vista da outra costa por junto de Madrefaval. Nesta paragem appareceo de longe huma náo grossa, que se vinha furtando á nossa armada. Mandou dom Alvaro ao Mestre, que arribasse sobre ella, o que fizérão mais dous navios, que vinhão na sua esteira. Amainou logo a náo, que era d'el-rei de Cambaya, e vinha de Ormuz, lançou dous mercadores fóra, que viérão apresentar a dom Alvaro hum cartaz passado antes da guerra; o qual fez represaria na náo, e a mandou levar a Goa, para que visse o governador se era de presa. As drogas que trazia erão coral, chamelotes, larins, e alcatifas, que tudo foi julgado por perdido. E logo dom Alvaro de Castro, seguindo sua derrota, tomou a barra de Dio com quarenta navios empavezados; trazião todos flamulas e galhardetes, dando de si huma mostra bellicosa, e alegre. Saudou a fortaleza com toda a artelharia, que tambem lhe respondeo com a mesma, tocando todos os instrumentos de guerra. Mandou o capitão mór abrir as portas da fortaleza para receber dom Alvaro, baixando todos os fidalgos, e soldados a receber, e festejar a armada, em que de mais da pessoa de dom Alvaro, vinhão fidalgos, e cavalleiros de muita conta. Trazião munições, e bastimentos para mui largo tempo, porque não quiz o governador deixar á cortesia dos mares, negar, ou abrir passagem a segundo soccorro. Aposentou-se dom Alvaro no baluarte, em que acabou seu irmão dom Fernando; passárão-se a

elle os soldados de sua milicia, e os mais dos fidalgos, huns como companheiros de sua dor, outros de suas victorias; e como a general do mar lhe hião pedir o nome sem querer separar-se de sua obediencia, opinião encontrada com o tempo, e mais com a disciplina. Porèm dom Alvaro disse ao capitão mór, que elle vinha sojeito a suas ordens; o que parecendo lanço de urbanidade a dom João Mascarenhas, lhe respondeo com a mesma cortesia; mas dom Alvaro lhe mostrou a instrucção que trazia, que entre as excellencias de governador, não foi a mais pequena, na qual dizia, que ainda que a juridição do cargo, e as provisões reaes o eximião de qualquer subordinação, que não fosse a do governador da India, que elle mandava a seu filho dom Alvaro, que estivesse ás ordens de dom João Mascarenhas, porque assi o pedia a muita honra, que naquelle cerco tinha ganhado; temperança de varão verdadeiramente grande; porque onde havia perdido hum filho, e aventurava outro, da fama, que ajudára a ganhar com seu sangue, não quiz para si nada; sem duvida maior neste desprezo, que depois na victoria.

### *Avisão ambos o governador do estado da fortaleza.*

159. Rumecão sabendo da vinda de dom Alvaro, disse, que já tinha na fortaleza prisioneiros para honrar seu triunfo, mandando trabalhar com mais calor nas minas. Despedio logo dom Alvaro a seu navio com cartas ao governador, do estado em que achára a fortaleza; e dom João Mascarenhas o avisou de todos os successos passados. Haveria já na fortaleza seiscentos homens, todos soldados de opinião, com os quaes lhe pareceo a dom João Mascarenhas que podia intentar cousas maiores que a defensa. Mandou logo assestar tres camelos contra as estancias do inimigo, que as batêrão tão furio-

samente, que Rumecão reforçou as fortificações que tinha, tão attento a offender, como a defender.

*Enveste o inimigo outra vez, e retira-se.*

160. Dos assaltos passados ficou nas ruinas do baluarte S. Thomé, hum basilisco soterrado de estranha grandeza, o qual o capitão mór desejou sobir á fortaleza, e ordenando cabrestantes, e engenhos, nunca lhe foi possivel; e querendo ao menos segural-o, para que os inimigos se não servissem d'elle, o mandou liar com viradores grossos; porèm os Mouros forão cavando por baixo das paredes do baluarte, e picando as pedras do alicesse; até que faltando-lhe os fundamentos, viérão as paredes a terra, ficando o basilisco atado, e suspenso nos ares. Acudírão logo os Mouros a entrar o baluarte, aos quaes fez rosto dom Francisco de Menezes com os de sua companhia, que ahi se achavão, travando com os Mouros huma pendencia assaz de bem renhida; e como este era o primeiro dia, que vírão a cara do inimigo, o carregárão com as mãos tão pesadas, que houve a seu pesar de retirar-se, deixando muitos dos companheiros no campo; mas no tempo que mais fervia a briga, liárão outros o basilisco com hum calabrote forte, e o levárão arrastando, quasi a furto dos nossos, que attentos á peleija não dérão fé da obra, que os Mouros fazião.

*Determinão os nossos ir buscal-a.*

161. Andava dom João Mascarenhas com grande vigilancia sobre os desenhos do inimigo, temendo mais as minas, que ser acommettido com força descoberta; o que entendido polos soldados de dom Alvaro, temerosos com o exemplo fresco de dom Fernando de Castro, e outros fidalgos, e soldados, que morrêrão abrasados, s

conjurárão em saír a peleijar com o inimigo, timidos no perigo duvidoso, temerarios no certo.

### *O capitão mór trata dissuadil-os. — Dom Alvaro e dom Francisco fazem o mesmo.*

162. Dizião, que não querião com obediencia inutil perecer abrasados, quando podião morrer na campanha victoriosos ou vingados; que pois sabião peleijar como homens, não querião acabar como feras, atados ao perigo; que de dous escolhião antes o que podião vencer, que o de que não podião fogir. Dom João Mascarenhas os dissuadio, quanto lhe foi possivel, primeiro com razões, depois com a authoridade do cargo e da pessoa; mas tudo foi sem fruto, porque estavão tão vãos, e altivos com sua mesma culpa (como tinha semblante de virtude) que esperavão da desobediencia premios, e louvores. Dom Alvaro de Castro acodio a detel-os, estranhando-lhes resolução tão fêa, dizendo : que el-Rei sentia mais a desobediencia de hum soldado, que a perda d'huma fortaleza; que o capitão mór só tocava o governar, a elles obedecer e peleijar. Dom Francisco de Menezes lhes disse, que fossem embora a infamar o nome portuguez, que a honra levavão já perdida, a vida grandemente arriscada; que quando escapassem das armas de seu inimigo, não poderião livrar-se da indignação justa de seu Rei, ao qual desprezavão na pessoa de seu capitão mór com sedição tão fêa. Porèm elles fatalmente obstinados, se ordenárão para dar a batalha, dizendo que de nenhum delicto se engeitava a victoria por disculpa; e quando se perdessem, ficavão fóra do premio e do castigo; que elles acodião pola honra do Estado, que estava mais costumado a tomar praças aos Mouros, que perder as suas.

*Proseguem os soldados seu intento. — O capitão mór e fidalgos os accompanhão por atalhar o maior perigo.*

163. O mais que se pôde acabar com os amotinados, foi, que ficasse a invasão para o seguinte dia, deixando-lhes por conselheiro aquelle breve tempo, em que podião considerar o que convinha á honra, e saude de todos. Porèm elles, fatalmente conformes, amanhecèrão resolutos, e promptos á batalha, dizendo ao capitão mór, que se os não quizesse governar, entre si mesmos escolherião cabeça. Vendo pois dom João Mascarenhas, que já acompanhar aos desatinados, era hum lanço forçoso, e que os de fóra sempre julgão melhor a causa dos temerarios, que a dos prudentes; elle, dom Alvaro, e os mais fidalgos resolvèrão seguil-os, onde com nova disciplina, obedecião os capitães, mandavão os soldados.

### *Saem os nossos e em que ordem.*

164. Haveria na fortaleza (como temos dito) seiscentos homens, dos quaes ficárão nas estancias cento; dos outros fez dom João Mascarenhas tres batalhas; as duas deo a dom Alvaro de Castro e dom Francisco de Menezes, e outra tomou para si; logo saírão da fortaleza, e com o primeiro impeto ganhárão as estancias que os Mouros tinhão feito na cava, deixando-lhas com facil resistencia. Por esta sombra de victoria começou a ruina, porque os nossos altivos, e desordenados remetèrão ao muro. O primeiro que o sobio foi dom Alvaro, ajudado dos dous irmãos Luiz de Mello e Jorge de Mendoça, que tras elle sobirão. Dom Francisco de Menezes entrou por outra parte, sendo dos primeiros Antonio Moniz Barreto, Gar-

cia Rodriguez de Tavora, om Jorge e dom Duarte de Menezes, dom Francisco e dom Pedro de Almeida.

*Resistencia dos inimigos. — Reprende o capitão mór os amotinados.*

165. Rumecão, Juzarcão, e Mojatecão, viérão com grossas companhias a encontrar-se com os nossos, entre os quaes se começou a batalha, sustentada de nossa parte com mais valor que disciplina. Dom Francisco de Menezes foi levando do campo os Mouros, que não podendo sofrer o peso d'este encontro, perdèrão muita terra, até que soccorridos de outros muitos, detivérão a corrente dos nossos. Dom João Mascarenhas sobindo o muro, quasi ao mesmo tempo que os outros cabos, vio muitos soldados do motim, que estavão ao pé d'elle sem ouzar cavalgal-o, e em voz alta lhes accuzou, com palavras fêas, a desobediencia e a fraqueza, os quaes callados, como querendo responder com as obras, o seguírão. E logo acommettendo os inimigos, que andavão baralhados com dom Alvaro, lhes fizérão perder parte do campo; mas como o partido era tão desigual, os Mouros se forão melhorando, e carregando os nossos, de sorte que se desordenárão.

*Valor e disciplina de dom Alvaro. — Sobe o muro, donde cahio d'uma pedrada.*

166. Dom Alvaro fez obras, que respondèrão bem ao sangue, opinião, e ao valor; não faltou á disciplina, difficil de conservar nas desgraças; porque foi ordenando, e recolhendo os seus, quanto lhe foi possivel, retirandose mui acordado com o rosto sempre no inimigo, o qual lhe havia degolado alguma gente, e outra se desmandava, não podendo sofrer o impeto dos Mouros; o que vendo

Jorge de Mendoça, inda que estava já ferido, tomou a dom Alvaro nos braços para o sobir ao muro; mas podendo-o mal fazer, por estar desangrado, foi ajudado de seu irmão Luiz de Mello; e estando dom Alvaro já sobre a parede, lhe dérão huma pedrada, que o fez cair da outra parte sem sentido.

### *Passa um pelouro a Luis de Mello.*

167. Depois de Luis de Mello acodir a dom Alvaro, salvou tambem o irmão, ficando elle com Garcia Rodriguez de Tavora, Antonio Moniz, e outros fidalgos, detendo o impeto dos Mouros, em quanto os mais sobião, até que foi passado d'hum pelouro, de que cahio quasi mortal. Os companheiros o levantárão, e pozérão em sima da parede, donde foi levado á fortaleza, e d'ahi a Chaul, onde acabou da ferida, merecendo seu singular esforço, senão mais gloriosa morte, mais dilatada vida.

### *Morte de dom Francisco de Menezes.*

168. Dom Francisco de Menezes, peleijando mui valerosamente, cahio atravessado d'hum pelouro, com cuja morte os de sua companhia se começárão a retirar desordenadamente. Aqui foi o estrago maior, porque o inimigo, conhecendo o desarranjo dos nossos, carregou sobre elles com maior ouzadia.

### *Acordo do capitão mór. — Fidalgos que se assinalárão neste dia.*

169. Dom João Mascarenhas se portou nesta desgraça com valor, e acordo, humas vezes retirando os seus, outras fazendo voltas ao inimigo em quanto se recolhião os

desmandados, com que evitou grande parte do dano ; e tendo já salvado as paredes, se derramou huma voz, que era a fortaleza perdida, em que os soldados se começárão a espalhar por differentes partes, como gente desbaratada. Neste tão apertado conflicto bradou dom João Mascarenhas aos seus, afeando-lhes a retirada, e peleijando tão valerosamente, que só, com alguns poucos que o seguião, deteve o inimigo. Os fidalgos, que aqui se achárão, alcançárão, em dia tão infelice, illustre nome. Lopo de Sousa ao pé do muro se defendeo d'hum grão tropel de Mouros, fazendo-os afastar muitas vezes, com tal valor, que o acommettião de longe com armas de arremesso, até que atravessado polos peitos d'hum dardo cahio morto, deixando bem vingado seu sangue. Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodriguez de Tavora, dom Duarte e dom Jorge de Menezes, que trazia dezesete feridas, fizérão ao inimigo mui custosa a victoria.

*Enveste Mojatecão a fortaleza, e retira-se. — Ordena o capitão mór os soldados. — Perda dos nossos nesta desordem.*

170. Rumecão, querendo tirar maior fruto de nosso desatino, mandou a Mojatecão, que fosse demandar a fortaleza com cinco mil soldados, cortando o passo aos que se recolhião destroçados, e acommettendo o baluarte S. Thomé, achou nelle a Luis de Souza, que com a artelharia, e espingardaria lhe matou muita gente ; porèm o Mouro atrevido com o calor da victoria, insistio na escalada ; mas foi tão valerosamente resistido, que se tornou a retirar com dano conhecido. Dom João Mascarenhas trabalhou tanto, que tornou a ordenar os soldados, que andavão derramados, dos quaes fazendo hum batalhão cerrado, guiou á fortaleza, e encontrando muitos Mouros, desmandados na segurança da victoria, deo nelles

tão valerosamente, que muitos deixárão as vidas, e os de mais o campo. Perdêrão-se nesta desgraça trinta e cinco pessoas, em que entrárão os fidalgos, que havemos referido, e forão mais de cem os feridos, mas em tão desordenada empresa, ainda se teve a desgraça por menor que o erro. O capitão mór foi logo demandar a dom Alvaro, que ainda achou sem falla, e a juizo dos cirurgiões, mui contingente a vida, cujo perigo durou aquelles dias, que a philosophia chama decretorios ou criticos; porèm fez a doença termo, cobrando dom Alvaro saude com alegria de todos, que o amavão polas qualidades do sangue e da pessoa. Nuno Pereira se achou neste conflicto, o qual depois de peleijar com valor conhecido, se recolheo com quatorze feridas. Pedio licença para se ir curar a Goa, onde tinha sua casa, e era casado de pouco, com fazenda abundante, da qual no serviço d'el-Rei gastou grão parte, até perder a vida, como diremos.

*Anima-se Rumecão com este successo. — Continua as minas, e os nossos os reparos.*

171. Vendo-se Rumecão com tão inopinada victoria, havida por hum valor desordenado dos nossos, concebeo maiores esperanças do successo, resoluto a ver o fim da empresa, para a qual começou a achar nos seus mais prompta obediencia, perdendo na experiencia d'aquelle dia muita parte do temor, que tinhão a nossas armas. Deo logo conta ao soldão da victoria, que na Corte se festejou com alegrias publicas, e Rumecão recebeo d'el-rei honras de homem victorioso, sendo d'aquelle dia em diante mais assistido de gente, munições, e dinheiro, acodindo muita parte da nobreza a militar com elle, esperando gozar de sua fortuna. Mandou logo continuar a obra do baluarte, furtando-lhe por baixo a terra, para que descarnado arruinasse o peso, faltando o fundamento

sobre que assentava. Este desenho divertio dom João Mascarenhas, mandando fazer outro forte por dentro, que fechava em circuito menor, que por abraçar menos terra, era mais defensavel. Não se pôde esconder a Rumecão a obra, e carregando para aquella parte muitos Mouros, tiravão de continuo aos trabalhadores pedras, dardos, alcanzias de fogo, huns com pontaria certa nas partes que descobria o muro, e outros por elevação, com que ferião a nossa gente, mais attenta ao trabalho, que á defensa; polo que o capitão ordenou se trabalhasse de noite com luzes escondidas, pondo as pedras pola estimação, e tino, do que tinhão desenhado de dia.

### *Fabricão uma nova cidade.*

172. Rumecão altivo, e confiado com o bom rosto, que lhe mostrou a guerra na ultima peleija, como em desprezo da vinda do governador, que se esperava, começou a edificar huma nova cidade, como quem já lograva os ocios do triunfo na imaginada victoria; ou fosse por dar aos seus confiança, ou que obrava como homem credulo na prosperidade dos successos, que já se promettia; fez palacios para sua pessoa com a policia, e grandeza, que pudéra em huma paz ociosa. Para os cabos maiores ordenou aposentos, empenhando-os a defender suas proprias moradas, mostrando nesta fabrica não menor artificio, que soberba. Mandou atravessar com barcas a passagem do rio naquella parte, que se serve da Alfandega para a villa dos Rumes, as quaes depois de firmes com mui grossas amarras, terraplenou igualmente, por onde (como em ponte, ainda que tremola, segura) tinhão facil passagem os carros, que bastecião a cidade. Da confiança com que Rumecão se dava a tão custosa fabrica, se derramou huma voz por muitos reinos vezinhos, e distantes de Cambaya, que era perdida a nossa fortaleza; e esta fama co-

mo grata aos ouvidos dos Mouros e gentios, se espalhou por todo o Oriente, até chegar a receber o soldão congratulações de muitos principes, que lhe davão emboras da victoria. Em Goa se ouvião os ecos d'esta nova, com temor e silencio, e ainda que vaga, e sem author, chegou aos ouvidos do governador, fazendo-se mais certa polo secreto, e recato com que huns a referião a outros.

### *Cuidados do governador.*

173. Esta desgraça que se temia, parecia que tomava certeza da tardança que havia nos avisos de Dio; porque nem da armada de dom Alvaro se sabia cousa certa, e os que querião divertir o governador, mais podião desprezar, que negar a fama que corria; e elle, sendo o mais interessado, vendo quão necessario era animar o povo, mostrava hum coração inteiro, desmentindo com o semblante as novas, que temia.

### *Chega do reino a Goa dom Manoel de Lima.*

174. Com este cuidado passava o governador, divertindo-se com os negocios, e aprestos da armada, que solicitava com viva diligencia, quando lhe dérão aviso, que na barra surgíra huma náo do reino, de que era capitão dom Manoel de Lima, e se apartára de cinco mais, que vinhão na mesma conserva, á ordem de Lourenço Pirez de Tavora. Das outras vinhão por capitães dom João Lobo, João Rodriguez Peçanha, Fernand'Alvarez da Cunha, Alvaro Barradas. Estimou o governador a vinda de dom Manoel de Lima, pola pessoa e pola occasião. Vinha provido na fortaleza de Ormuz, que el-Rei lhe deo por desviar alguns encontros entre elle e o governador Martim Affonso de Souza, com quem andava atravessado, espe-

rando que viesse da India para lhe pedir satisfação de algumas queixas. Estes desabrimentos curou el-Rey, como pai, interessado na paz d'hum e outro vassallo. Quizera dom Manoel partir-se logo a Dio com trezentos soldados á sua custa; porèm o governador o divertio, querendo acompanhar-se d'elle na armada, servindo-se de seu valor e experiencia na facção presente.

*Tem o governador novas de Dio. — Piedade e alegria com que as recebeo. — Valor com que se portou na morte de dom Fernando, seu filho.*

175. O governador andava sobre maneira cuidadoso dos negocios de Dio, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a capitaina em que fora dom Alvaro. Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indiciar de longe as novas que trazia. Occorreo á praia grande parte do povo, solicito a perguntar polos filhos, parentes e amigos, e os menos empenhados, polo commum do Estado. O capitão foi levado aos paços do governador, satisfazendo polo caminho a duplicadas e molestas perguntas. Achou o governador com o bispo dom João de Albuquerque e Fr. Antonio do Casal, custodio dos Franciscos. A primeira cousa que o governador perguntou foi se estava ainda a fortaleza por el-Rei seu senhor, ao que o capitão respondeo que estava e estaria. A cuja nova, ajoelhando-se o governador, com os olhos no ceo, deo a Deos as graças, não sem derramar lagrimas, significadoras da piedade com Deos, do zelo com seu principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho dom Fernando, que recebeo com tanta constancia, que de fóra lhe não conhecêra mudança no rosto ou nas palavras, como se fôra fraqueza parecer pai, ou indignidade ter affectos de homem. Fez mercê ao capitão, e o mandou

que fosse alegrar a cidade com as novas que trazia, e logo recolhendo-se, chorou em secreto o filho, esperando tempo á dor, sem injuria do lugar e do animo. Aquelle mesmo dia, aportou o navio, em que vinha Nuno Pereira, o qual das feridas falleceo no mar. Foi o corpo enterrado com todas as pompas funeraes que se devião á pessoa, acompanhado do governador, nobreza, e povo, deixando de si este fidalgo saudosa memoria.

### *Procissão em acção de graças.*

176. Ao seguinte dia, se fez huma solemne procissão de graças, a que assistio o governador vestido de escarlata, consolando com novo exemplo o povo, na morte de seu proprio filho. Por este navio, soube da saida que os nossos fizérão desordenada e forçosa, que fôra occasião de tantas mortes, e do perigo em que ficava dom Alvaro, cuja dor soube aliviar, ou encobrir, como quem dos filhos estimava menos a vida que a memoria.

### *Soccorros que manda a Dio.*

177. No mesmo dia, despedio Vasco da Cunha, para que fosse polas bahias e enseadas da costa, recolhendo os navios da armada de dom Alvaro, e os levasse a Dio. Por elle escreveo a dom João Mascarenhas congratulações da honra que havia ganhado, não menos para si que para o Estado; affirmando-lhe que em breves dias iria avistar a Dio com todo o poder ... Estado, para o que não perdoava a nenhuma despesa e diligencia; e que em quanto se aprestava a armada, lhe mandaria soccorros, que bastassem assegurar a fortaleza, e enfrear o inimigo; o que executou promptamente, porque logo após Vasco da Cunha, despachou a Luis de Almeida com seis caravelas e quatrocentos soldados, com muitas munições, e

bastimentos, e grão copia de materiaes importantes para as necessidades do cerco. E foi tão incansavel a diligencia com que se aprestava, que em brevissimo tempo se poz de verga d'alto toda a armada, e só lhe faltavão os soccorros de Cananor e Cochim para levar-se; porque era tal o amor e obediencia com que lhe assistião, que as donas e cavalleiros de Goa, lhe vinhão a offerecer os filhos e a fazenda; levando esta armada tantas benções do povo, como outras soem levar lagrimas e queixumes.

## *Chega Vasco da Cunha a Baçaim. — Entra em Dio com Luis de Almeida.*

178. Vasco da Cunha, seguindo a instrucção que levava, foi recolhendo os navios, que achou naquellas enseadas desaparelhados da tormenta, e com elles entrou em Baçaim, onde achou o capitão mór dom Jeronymo de Menezes com quinze navios aprestados para soccorrer Dio, empenhado de novo com o sentimento da morte de seu irmão dom Francisco, que temos referido; porèm havia retardado a partida alguns dias, por ter avisos certos, que o Bramaluco vinha cercar aquella fortaleza logo que o visse ausente, diversão procurada polo soldão em beneficio dos cercadores. Dom Jeronymo, vendo-se mais empenhado na defensa de Baçaim, que no soccorro de Dio, entregou a Vasco da Cunha os navios; o qual partido encontrou a Luis de Almeida com as seis caravelas, e todos em conserva entrárão em Dio, representando soccorro mais crescido no numero dos vasos, porèm a fortaleza ficou assegurada da fome e do perigo, e os soldados pagos, e bastecidos, mais desejavão, que temião a guerra.

*Vai Luis de Almeida esperar as nãos de Méca. — Toma duas. — Entra em Dio com ellas. — Nao quer dom Alvaro resgatar um janizaro, e mando-o enforcar. — Tomão os nossos quatorze gelvas ao inimigo.*

179. Era já o tempo em favor dos nossos, e começavão a senhorear o mar os navios do Estado. Dom Alvaro, como capitão mór do mar, mandou a Luis de Almeida com tres caravelas, de que elle hia por cabo, e nas duas Payo Rodriguez de Araujo e Pedro Affonso, com ordem que fossem demandar a barra de Surrate a esperar as náos de Méca, que viessem buscar aquelle porto; os quaes, seguindo sua viagem, a poucos dias virão atravessar duas náos, huma grossa, e outra de menos porte. Logo que Luis de Almeida as avistou, foi demandal-as com os traquetes dados. Vinhão as náos arrasadas em popa, e tanto que houvérão vista de nossas caravelas, voltárão n'outro bordo; mas, como as caravelas hião mais boyantes, e erão mais ligeiras, soltando as vélas, as alcançárão logo. Luis de Almeida abordou a náo grande, em que vinha per capitão hum janizaro parente de Coge Çofar, que fiado na grandeza da náo, artelharia, e gente, que trazia, começou a defender-se, ateando-se entre huns e outros huma renhida contenda. De ambas as partes se derramava sangue; peleijavão os Mouros por necessidade, os nossos por officio; e como erão melhores no valor e disciplina, entrárão a náo, onde os Mouros, com a ultima desesperação mais atrevidos, peleijavão como para acabar vingados, até que com a morte dos principaes, se rendèrão os outros. Ao janizaro achárão atravessado de muitas feridas, o qual Luis de Almeida mandou passar á sua caravela, e curar com resguardo. A outra náo rendeo Payo Rodriguez de Araujo com leve resistencia. Depois d'este feito se deteve Luis de Almeida naquella paragem os dias de seu regimento, nos quaes tomou al-

gumas embarcações de mantimentos, que hião bastecer o exercito, fazendo varar outras em terra, com que se conheceo alguma falta na provisão do campo ; e logo entrou em Dio com as náos da presa, e os Mouros enforcados nas vergas, dando estranho pesar ao campo tão lastimosa vista. Rumecão offereceo polo capitão janizaro, que (como dissemos) lhe era conjunto em sangue, trinta e dous mil pardaos de ouro ; porém dom Alvaro mandou que o enforcassem, porque não viera a vender sangue, senão a derramal-o ; que dos Mouros não queria outro despojo, que as cabeças. Espantou a Rumecão a ira, aos Turcos o desprezo, e por não ter dom Alvaro embainhada a espada dos seus, em quanto não chegava a batalha, mandou alguns navios de Baçaim e Chaul tomar as gelvas que bastecião o inimigo ; o que fizérão tão ditosamente, que preárão quatorze, trazendo polas veigas os Mouros enforcados, de que já era menor o sentimento que o espanto, vendo que não tinha a colera e vingança dos nossos, piedade, ou limite.

### *O governador declara em conselho a resolução de ir a Dio.*

180. Entretanto dom João de Castro, resolvendo comsigo dar a el-rei de Cambaya hum castigo, de cujo exemplo resultasse nos principes da Asia a paz e reverencia do Estado, quiz primeiro palpar ou satisfazer aos juizos de fóra, para que os que approvassem o intento, achasse dóceis na execução de seu mesmo conselho. Para este effeito, chamou a si o governo da cidade, ecclesiastico e secular, com os fidalgos, e soldados de nome, aos quaes declarou o animo com que estava de ir descercar pessoalmente a Dio, e dar a Rumecão batalha em seus alojamentos ; que dado que todos o sabião como particulares, lho queria certificar em commum, para que na

approvação da republica, levasse como parte da victoria a justiça da causa. Ouvido o governador, agradecêrão todos em primeiro lugar a modestia de se querer subordinar ministro independente; logo o fervente zelo, com que queria em serviço da patria sacrificar a vida sobre o sangue ainda fresco de seus proprios filhos. Chegados a votar na materia, discorrèrão com sentimentos differentes. Dom Diogo de Almeida Freire, capitão mór de Goa, a quem os annos, e os casos da guerra, tinhão dado experiencias largas, fallou d'esta maneira.

### *Parecer de D. Diogo de Almeida em contrario.*

181. « As pequenas forças, que hoje temos, são formidaveis a nossos inimigos, em quanto as não conhecem, porque toda esta Asia avalia nosso poder polas victorias, mais que polos soldados, de sorte que só a fama das cousas passadas nos conserva as presentes. Tem V. S. junto nesta armada todo o poder da India, com que apenas podemos contar dous mil Portuguezes, e tentamos estremecer o mundo com brado tão pequeno. Esta arvore do Estado, de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raízes apartadas do tronco por infinitas legoas, convem que as sustentemos, arrimada na paz de huns, e no respeito dos outros. Nunca podemos responder ao que se espera de nossas forças juntas, porque huma victoria pouco nos acredita, e hum só estrago nos acaba. Temos a nossa fortaleza soccorrida; de que serve em huma chaga já curada, esperdiçar o remedio das outras? que nova prudencia nos ensina aventurar em huma só batalha o que se tem ganhado em tantas victorias? Temos poder para nos conservar inteiros, não temos forças para nos reparar perdidos. Nenhum grande soldado deo batalha campal, senão necessitado, porque onde o destroço costuma ser igual, só fica com o victo-

rioso o campo, e a fama inutil. De Dio não queremos, nem podemos ter mais, que a fortaleza; pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso sangue, o mesmo de que somos senhores? Que novos povoadores temos para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser Mouros ou gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes, que agora nos offendem? Vamos a peleijar com Turcos, e com Mouros superiores em numero, iguaes em armas e disciplina; se tivermos hum successo adverso, não temos salvação, porque a terra é sua; se o alcançarmos prospero, nenhum fruto tiramos da victoria. Com armas navaes conquistámos a India, com ellas a havêmos de conservar, porque temos a vantagem dos vasos e da marinharia. Se não queremos vencer, senão em batalhas, arrasemos as nossas fortalezas, derribemos os muros das cidades. Se me dizem que é honra do Estado, arruinar por huma offensa hum reino, já estivera despovoado o Oriente, se todos os que nos fizérão guerra recebessem o ultimo castigo. Por ventura accusaremos a Affonso de Albuquerque, porque depois de sofrer tantas hostilidades, e enganos dos reis, e governadores de Ormuz, o não deixou abrasar? Perderá aquella grande fama, que mereceo na terra, porque nas offensas e cavillações do Çamorim, não deixou o Malabar destroido? Macülará Nuno da Cunha aquelle illustre nome, porque depois das traições de Badur, não fez guerra a Cambaya? Iremos destroir ao Turco, polo atrevimento, com que cercou o seu Baxá a nossa fortaleza? Aprestaremos nossas armadas contra o Achem, porque tantas vezes nos assaltou Malaca? Meteremos a fogo e sangue este Hidalcão, por nos tolher cada dia os mantimentos, e inquietar as terras de Bardez e Salsete? Que desesperação nos arrastra, a offerecer a garganta do innocente Estado ao cutelo inimigo? Esta armada tão espantosa nas apparencias, e no poder tão debil, é freo a Rumecão, aos nossos muro; porèm

desembarcados em terra estes poucos soldados, abrirá o Oriente os olhos ao segredo de nossas forças, e todos estes principes trabalharão por romper a fraqueza das prizões, em que os temos atados. Gloria foi do imperio romano vencer em muitas batalhas Quinto Fabio Maximo; depois foi salvação escusar huma. Os primeiros conquistadores nos fizérão a casa, a nós só toca o conserval a. Se na oppugnação de Dio, perdeo o inimigo hum exercito, que falta a esta facção para victoria? E que para castigo? A offensa intenta-se com forças iguaes; a vingança com muito superiores, porque não se ha de ir a satisfazer hum aggravo com risco de nova injuria. Mórmente, que em nada tem a fortuna maior imperio, que nas cousas de guerra; alcanção-se muitas vezes as victorias por leves accidentes, e por outros se perdem. Será pois justo deixar na contingencia d'hum successo o cetro oriental, com espanto, e enveja das gentes, fundado sobre tantas victorias? Se perdermos esta armada, onde está junto todo o poder da India, que thesouros poupados tem S. Alteza para nos mandar outra? Começaremos a rogar, ou a conquistar de novo os principes da India; tornaremos á sua infancia este imperio já encanecido; viveremos na cortesia das coroas que temos offendido, ficando creaturas miseraveis d'aquelles de quem fomos senhores. »

## *Reposta do governador.*

182. As razões de dom Diogo de Almeida satisfizèrão aos de sua opinião, abalárão os que tinhão outra; porém dom João de Castro, seguro na resolução tomada, discorreo em contrario, dizendo: Que nenhuma nação dominante se satisfazia com a guerra defensiva entre seus inferiores; que o Estado se fizera no Oriente arbitro da paz e da guerra, buscando os mais dos principes da Asia

nossa sombra para viver seguros; que todas as fortalezas que tinhamos na India se conservavão com as mesmas armas, com que forão ganhadas; que o respeito, que nos tinhão os Mouros e gentios não duraria mais, que até saber que podiamos sofrer huma injuria; que todos estes principes estavão attentos ao castigo de Cambaya, e não ouzárão atégora ajudal-a com forças auxiliares, temerosos de poderem cair sobre suas ruinas; porèm se vissem que nos contentavamos com reparar os estragos de nossa fortaleza, e atar as feridas, que nos tinhão aberto, as tornarião a rasgar de novo, encaminhando o segundo golpe ao coração do Estado; que a reputação era alma dos imperios; o sofrimento nos particulares, virtude; nas coroas, ruinas; que tinhamos perdido neste cerco tantos fidalgos illustres, tantos cavalleiros e soldados de nome, que cobririão os vivos, como sinaes infames, as feridas que recebèrão nesta guerra, se as não vissem vingadas; que ficava que contar ao mundo d'este cerco, senão a paciencia com que o toleramos? Que o Estado mais se assegurava com a fama, que com todas as drogas do Oriente; as quaes só erão de preço, quando as recebiamos, não por commercio, senão como tributo; que ultimamente, não queria, que a primeira fraqueza de nossas armas acontecesse nos dias de dom João de Castro; que elle estava resoluto a peleijar; a culpa seria d'hum só, a victoria de todos. Referio o governador estas palavras com hum espirito presago do triunfo antevisto, ou da esperança do sucesso, ou da grandeza do animo.

### *Continua Rumecão com outra mina. — A que deo fogo, sem dano nosso.*

183. Em Dio não estavão ociosas as armas, porque Rumecão, valeroso e constante, não assombravão os da-

nos recebidos, nem os soccorros esperados dos nossos. Sabia o poder, com que o governador vinha em pessoa, ainda estimado por maior na fama, que na apparencia; mas nem assi dobrou da resolução de proseguir o cerco, esperando a ultima fortuna. Mandou minar a guarita de sobre a porta, em que estava Antonio Freire, e ainda que se trabalhava com estranho silencio, divertindo a attenção dos nossos com ardís differentes, o capitão mór, a quem nenhum caso ou accidente achava descuidado, lhe penetrou a obra, à qual contrapoz os mesmos reparos, que outras vezes. Dérão os Mouros fogo a mina em dez de outubro, a qual rebentou sem dano pola face de fóra, retrocedendo o fogo por achar resistencia nos repuxos, e vírão os Mouros por dentro outra parede levantada, espantados de que anteviamos os fins de todos seus desenhos, não lhes valendo a força, nem a industria contra tão valerosos e prevenidos inimigos. Rumecão ainda que experimentava que nas minas era menor o fruto que o trabalho, ou por cansar os nossos, ou por ter os seus em boa disciplina, começou a abrir outras, que sendo tambem conhecidas, se atalhárão, as quaes não referimos, porque não involvèrão successo memoravel, como por evitar o fastio de relatar cousas tão parecidas. (V. Nota X.)

# LIVRO TERCEIRO

---

### *Parte o governador para Dio.*

1. Aos dezesete de outubro deste anno de mil quinhentos quarenta e seis, entregando dom João de Castro o governo da cidade ao bispo dom João de Albuquerque e a dom Diogo de Almeida Freire, soltou as vélas em direitura a Baçaim, onde quiz esperar alguns soccorros e mantimentos, que vinhão retardados, porque fez opinião de não estar o governador da India em Dio, hum só dia cercado, querendo com a felicidade de Cesar, chegar, ver e vencer.

### *Com que armada e capitães.*

2. Constava a armada de doze galeões grossos, de que era capitaina S. Diniz, em que hia embarcado o governador; dos outros erão capitães Garcia de Sa, Jorge Cabral, dom Manoel da Sylveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, João Falcão, dom João Manoel Alabastro, Luiz Alvarez de Sousa. Os navios de remo erão sessenta, de que erão os principaes capitães dom Manoel de Lima, dom Antonio de Noronha, Miguel da

Cunha, dom Diogo de Sottomaior, o secretario Antonio Carneiro, Alvaro Perez de Andrade, dom Manoel Deça, Jorge da Silva, Luis Figueira, Jeronymo de Sousa, Nuno Fernandez Pegado o Ramalho, Lourenço Ribeiro, Antonio Leme, Alvaro Serrão, Cosme Fernandez, Manoel Lobo, Francisco de Azevedo, Pedro de Attayde Inferno, Francisco da Cunha, Antonio de Sa o Rume, Cosme de Paiva, Vasco Fernandez, tanadar mór de Goa, cabo de quinze fustas, cotias e taurins, em que hião os canarins de Goa, e outros navios de Cananor e Cochim.

## *Chega a Baçaim e faz guerra a Cambaya.*

5. Em seis dias afferrou Baçaim, vindo buscal-o ao navio dom Jeronymo de Menezes, seu cunhado, capitão mór d'aquella fortaleza, consolando-se reciprocamente hum na morte do irmão, outro do filho. E porque o governador não queria ter ociosas as armas, despachou dom Manoel de Lima com seis navios ligeiros, para que na enseada de Cambaya fizesse algumas presas nos navios que soccorrião ou bastecião o campo do inimigo. Naquella paragem andou alguns dias, em que tomou sessenta cotías de Mouros com mantimentos; mandou espedaçar os corpos, e trazidos á toa, os soltou nas bocas dos rios, para que a corrente os levasse á ilha, onde fossem vistos com horror e espanto de que a ira dos Portuguezes inventasse cada dia crueldades novas. Acabado o tempo do regimento, se recolheo dom Manoel com sessenta Mouros pendurados nas vergas dos navios; espectaculo mais grato á vingança que á humanidade. O governador alegrando-se com estes ensayos da guerra que emprendia, tornou a mandar dom Manoel de Lima com trinta navios, e instrucção que todo o maritimo de Cambaya posesse a ferro e fogo, para que a memoria do castigo durasse nas ruinas.

*Lourenço Pirez o vai buscar. — E outros fidalgos.*

4. Lourenço Pirez de Tavora, capitão mór das náos do reino (como temos referido), aportou em Cochim com os mais navios de sua companhia, e achando ahi novas do cerco, partio a Goa com toda a diligencia, crendo que acharia o governador em terra; e sabendo que se tinha levado toda a armada, róta batida foi demandar Dio, antepondo o serviço real aos interesses da viagem, cujo exemplo seguírão muitos fidalgos reinoes, sendo a primeira terra, que pisárão da India, as ruinas de nossa fortaleza. Entre os quaes passou dom Antonio de Noronha, filho do viso-rei dom Garcia, com sessenta soldados á sua custa; que estas erão as riquezas que os fidalgos d'aquelle tempo hião buscar ao Oriente, porque erão então melhores drogas as feridas, que agora os diamantes. Nestas náos teve o governador cartas do infante dom Luis, que referiremos, porque se veja a attenção com que el-Rei e o infante olhavão as acções mais pequenas dos ministros, fazendo d'ellas acertado juizo, para lhes responder com premio ou castigo, e a singeleza do trato, tão alheo da soberania ou altivez de outros tempos; e não será para os saudosos d'aquella idade, prolixa esta memoria. (V. Nota XI.)

*Carta do infante dom Luis.*

«Honrado governador, polas cartas que escrevestes a el-Rei, meu senhor, e a mim, vi o discurso de vossa viagem depois de partido de Moçambique até chegar á India, e o que nella fizestes até partida das náos, e o estado em que achastes a terra e condição dos homens, e devassidão dos tratos, e a fraqueza da armada, e como vos houvestes com o Hidalcão nas cousas do Meale, e assi nas cousas de Ormuz, e com os fidalgos, que tinhão licenças de Martim Affonso para levarem lá drogas, e tudo

mais que por vossas cartas dizeis. E porque el-Rei, meu senhor, vos responde a todas estas cousas em particular, o não farei eu, senão em somma. E porèm não deixarei de dizer quanto me assombrou cá em terra o perigo que passastes a travez da ilha do Comaro, porque verdadeiramente foi acontecimento mui grande e temeroso, e porèm eu o tomo como por boa estrea, porque me parece que vos quiz nosso Senhor mostrar nisto que vos ha de salvar dos perigos da terra da India, para que he necessario tanto milagre, como usou com vosco, em vos salvar de tamanho perigo; polo que eu lhe dou muitas graças, e folguei de saber que dom Jeronymo de Noronha vos teve companhia neste perigo, pois nosso Senhor tambem o salvou a elle, e he cousa de homem tão honrado, como elle he, participar dos perigos e trabalhos de seu capitão. Quanto ás mais cousas que me escreveis, porque el-Rei, meu senhor, vos responde a todas em particular, e eu fui presente ás mesmas repostas, me pareceo acertado tornarvol-as a referir, porque por suas cartas vereis o contentamento que tem de como nessas partes o começais a servir, e a boa opinião que a gente tem de vós, o que particularmente vos manda que façais em cada cousa. O que vos eu disto mais posso dizer-lhe, que estou mui contente do modo que levais nas cousas dessa terra, e do que nella fazeis e dizeis, porque bem se mostra nisto, que o passar tantos climas vos não mudou de quem ereis e da conta em que vos eu sempre tive, porque vos não contentais de mostrar isto assi por obras; mas além disso, vos sois sempre penhorando com palavras de demonstrações a fazer o mesmo ; o que eu tenho por mui certo, que vós fareis sempre inteiramente quanto humanamente se poder fazer. Do modo que escrevestes a Sua Alteza não estou menos contente, porque viérão vossas cartas mui bem ordenadas, e nellas todas as cousas necessarias, e nenhumas superfluas; e bem se vè nellas o mesmo que acima digo, e que entendeis as cousas,

e que tendes zelo e desejo de as fazer sem respeito temporal de amor, nem interesse; o que muito folgo de vos ouvir, porque ainda que eu tenho por certo que o fareis assi, parece huma grande avondança de coração e de virtude, que nelle tendes, folgardes tanto de o dizer; polo que eu espero em nosso Senhor, que vos ha de cumprir vossos bons desejos, e que vos ha de trazer d'essa terra com muito vosso contento e honra; porque não póde deixar de succeder isto a quem nenhuma cousa procura, senão o serviço de Deos e de seu rei: e ainda que vos isto ha de custar grandes trabalhos, lembre-vos que nelles está o merecimento das cousas; e que a Christo Senhor nosso conveo passal-os para entrar na sua gloria; e se vos parecerem as cousas difficiles, lembre-vos que estas são as em que Deos põe a mão, e o que ajuda a quem o serve nellas com a tenção, com que vós fazeis, e os homens não podem pôr mais de sua casa que a vontade e a diligencia; e por isso São Paulo não attribuia a si, mais que o plantar das cousas, porque Deos ha de dar o incremento; e assi o dará elle em todas vossas cousas, como as plantardes com o zelo que eu confio, que vós tendes em todas, e por isso vos não espantem as grandes, nem tenhais em pouco as pequenas; fazei igual ponderação, e os fins d'ellas remetei-os a nosso Senhor; e posto que algumas vos não saião como desejais, nunca entre em vós desconfiança, em quanto fizerdes as cousas com justo zelo e limpa tenção, porque muitas vezes permitte nosso Senhor aos que o mais servem, que fação erros, para que merecão na paciencia e na confiança d'elle, e se espertem mais nas cousas e se acrescentem em maior perfeição. Fazei justiça como a entenderdes, tomando sempre conselho e parecer nas cousas, como fazeis; conservai-vos na limpeza de vossa pessoa, que usais acerca dos combates dos gostos temporaes e interesses d'essa terra, e com isto venha o que vier, porque tudo será para bom fim. Nas cousas que tocão ao culto divino, na conver-

são dos infieis, vos esmerai muito, porque estas são as armas que principalmente hão de defender a India. Procurai de lançar d'essa terra as despesas sobejas dos homens, e as branduras e delicadezas de que usão; e os vestidos e paramentos de casas que tratão, dispondo-os para estas cousas branda e suavemente com o exemplo que lhes dais, e de vossos filhos, e com fazer favor e mercê aos que usão do contrario; e se estas cousas não poderdes emendar, não vos espanteis disso, porque as que se danão com tempo, com tempo se hão de tornar a emendar, e não se podem remediar de improviso; por isso ide continuando com vosso bom proposito, e fazendo as cousas segundo a disposição do tempo e o sujeito das pessoas em que haveis de obrar, que com isto espero em nosso Senhor, que encaminhe todas as vossas cousas a seu serviço, e ao d'el-Rei, meu senhor, e á vossa honra, como desejais. Quanto ao que me dizeis, que procure, que vossa estada seja lá breve, bem vejo que tendes muita razão de o desejar assi, e me parece que se não póde tratar até não ver as vossas cartas, que este anno embora virão, e por isso deixo a reposta d'este ponto para o anno que embora virá. E acerca de que me escreveis de dom Alvaro, vosso filho, eu fallei á Sua Alteza naquelle negocio, e Sua Alteza o conhece bem, e está bem informado das qualidades de sua pessoa, e deseja de lhe fazer honra e mercê; e porèm por algumas razões, que Sua Alteza vos manda escrever, e porque este anno escreve, que não manda lá nenhum despacho, houve por bem deferir este para responder a elle o anno que vem, e por entretanto lhe manda fazer a mercê, que vereis por suas provisões; a mim me fica mui bom cuidado de lhe lembrar tudo o que a vossos filhos toca; espero em nosso Senhor, que se faça de maneira que elle receba honra e mercê de Sua Alteza, como vossos filhos, a quem deseja fazer a que vós lhe mereceis; e podeis ter por certo que Sua Alteza está em mui verdadeiro conhecimento da vontade com

que servis, e mui contento do modo que o tendes feito até aqui. Eu fallei a Sua Alteza em Affonso de Rojas, e por vosso respeito lhe fizera logo a mercê que lhe eu pedi, mas porque (como digo) mandar dizer ás pessoas que andão na India, que este anno não manda lá nenhum despacho, deferio o de Affonso de Rojas para o anno que vem, e diz que para então lhe fará mercê; eu terei cuidado, se a Deos aprouver, de vos mandar a provisão, e folgo em muito das boas novas. que me dais de Affonso de Rojas, e de crer he, que sendo irmão do mestre Olmedo, e estando em vossa companhia, não póde deixar de ser homem de bem. O que mandastes nas náos que vierão, me foi dado, e com tudo folguei, por ser cousa que veo da vossa mão, agradeçovol-o muito. Escrita em Almeyrim a vinte seis de março de mil quinhentos quarenta e sete.» O Infante dom Luis.

### *Danos que faz dom Manoel de Lima em Surrate.*

6. Partido de Baçaim dom Manoel de Lima, entrou de noite o rio de Surrate, e sobindo por elle com a maré, avistou huma povoação grande, que ainda que não era habitada de Abexins, tinha d'elles o nome. Estava a povoação da banda de Levante, derramada em huma estendida planicie, e ainda que o lugar era aberto, tinha dous mil vezinhos, que asseguravão a defensa com algumas trincheiras, sem outra fortificação, fiados quiçá em que os seus nesta guerra erão os invasores, e nas espaldas, que lhes fazia o exercito, que tinhão na campanha. Sahio dom Manoel em terra, e os nossos com a mesma ordem, com que desembarcavão, hião envestir o inimigo, mais valerosos que disciplinados. Os Mouros tivérão animo para esperar, não para resistir, menos assombrados do temor dos nossos, que do horror de seus primeiros mortos, cujo sangue os intimidou de maneira que voltárão as costas. Perecêrão muitos na fogida, pou-

cos na resistencia; foi o estrago grande, porque não perdoou a espada dos soldados a sexo, nem a idade. Mandou dom Manoel pôr fogo ás casas, abrasárão-se fazendas e edificios. O furor desprezou a cobiça: mandou cortar as mãos a hum só Mouro, que deixou com vida, para que não levasse novas sem sinaes da victoria.

## *Assola a cidade de Antote.*

7. Sahio do rio a armada, e costeando dous dias, houve vista da cidade de Antote, conhecida pola soberba dos edificios, e riqueza de seus habitadores gressos com o commercio maritimo. Estes prevenidos com o estrago alheo, resolvèrão-se a defender suas casas, ou morrer dentro nellas; tão iguaes andão na estimação com a vida, estes bens da fortuna. Tomou dom Manoel terra, inda que não sem sangue, porque os Mouros viérão esperar os nossos, mostrando-se na resolução soldados, mas não na disciplina, porque divididos em magotes, acommettião aos nossos com tiros vagos, e incertos, descobrindo o mesmo temor na resistencia, que depois na fogida. Dom Manoel os foi levando, até os encerrar na cidade, onde a vista das mulheres e filhos, o fez deter piedosos. Aqui pareceo aos nossos, que tinhão inimigos, porque peleijavão com amor de pais, tibios em defender as proprias vidas, valentes em amparar as alheas; mas como o valor não era natural, e nascia de affectos piedosos ou cobardes, cedeo a piedade ao temor, deixandonos a cidade, os filhos, e a victoria. E como dom Manoel hia mais a destroir que a vencer, deo a cidade ao fogo. A crueldade sobejou ao estrago, porque a muitas donzellas Bramanas, na cor, e formosura, como as da nossa Europa, não perdoou a victoria, eximindo-as da culpa o sexo; o perecer, da espada.

*E outros lugares, e recolhe-se.*

8. Foi dom Manoel de Lima assolando os lugares da costa por toda aquella enseada de Cambaya, fazendo taes estragos, que o não fartava o sangue, nem a victoria. Emfim se recolheo com mais gloria que despojos; e achou o governador já na ilha dos Mortos com toda a armada junta, com a qual no seguinte dia, que forão seis de novembro, se fez na volta de Dio; hião os navios boyantes, cheos de flamulas, e galhardetes, dando de si huma fermosa vista.

*Chega o governador a Dio.*

9. Tanto que da fortaleza descobrírão a armada, foi o contentamento universal de todos, como os que depois de tantos diluvios de sangue, vião quem lhes levava a paz, pola victoria. Embandeirou-se a fortaleza toda, vestindo-se de alegria as prostradas ruinas. Mandou o capitão mór desparar a artelharia. O governador lhe respondeo do mar com huma espantosa salva, a que succedèrão os instrumentos musicos, e guerreiros das trombetas bastardas, solemnizando com alegres vesperas hum temeroso dia. Os Mouros tambem disparavão muitas peças, mostrando da chegada do governador alegria ou desprezo.

*Faz conselho no mar. — Mete a gente na fortaleza.*

10. Ficou dom João de Castro no mar aquella noite, donde mandou chamar ao seu navio o capitão mór, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge Cabral, e outros fidalgos de conselho; aos quaes significou a resolução com que vinha de peleijar, sobre que não queria parecer alheo; que o governador da India, não

desembainhava a espada para se defender, senão para castigar; que no modo de acommetter o inimigo, o aconselhassem todos. Garcia de Sá lhe approvou a resolução tomada, apontando razões, que ao governador forão mui gratas, pola pessoa, e polos fundamentos. Sobre a fórma de peleijar se discorreo, e assentou modo, que se teve encoberto até a execução. Ordenou que se metesse a gente na fortaleza no silencio da noite, e em quanto desembarcava, com musicas, instrumentos e tiros dos navios, occultar a Rumecão o intento. Em tres noites passou a gente á fortaleza por escadas de corda; o que se obrou tão cautamente, que o não pôde entender o inimigo.

### *Discurso de Rumecão. — Que exercito tinha. — E como o dispõe.*

11. Rumecão, mostrando-se mais ousado no perigo vezinho, disse aos seus: que se o governador quizesse peleijar na campanha, entrarião os Mouros na fortaleza polas portas, e não polas muralhas; que com as bandeiras Portuguezas esperava varrer a casa do propheta; que peleijavão pola liberdade de tantos principes, que gemião opprimidos do peso da servidão, e tributos; que poupassem o valor para vingar injurias de muitos annos em hum só dia; que com o peso de tantas victorias já não podia o Estado; que ordenava a fortuna trazel-os juntos, para os acabar de hum só golpe. Esforçou estas arrogancias o Turco com mandar, que a todos os soldados se dobrassem as pagas. Passava de quarenta mil homens o exercito, erão os mais dos cabos turcos, soldados velhos, chamados com avantajadas pagas, a quem a fama do valor fizera conhecidos. Havião chegado de refresco ao campo setecentos janizaros, que quizerão com soberba militar separados, como para verem os Mouros, quem lhes dava a victoria. Guarneceo Rumecão as estancias,

e poz o grosso do exercito nas partes onde lhe pareceo, que poderia pojar a nossa armada, sem que a confiança lhe fosse impedimento á disciplina. D'esta sorte esperou a invasão dos nossos, á resistencia prompto, e na batalha incerto.

*Resolve o governador dar batalha. — Ordem que deo á armada.*

12. Tendo o governador recolhido na fortaleza já todos os soldados, achou sobre acommetter o inimigo, opiniões diversas; e como as razões de huns e outros cahião sobre a contingencia do successo, não se podião escolher, nem reprovar sem o conhecimento do futuro a todos escondido. Garcia de Sá com authoridade dos annos, do valor, e do sangue, discorreo outra vez sobre conveniencias da batalha; mas dom João de Castro, mandando guardar silencio a todos, disse: que a sorte estava já lançada; que dos valerosos seria bem julgado, dos fracos não queria approvação; e os de fóra esperarião o successo para fazer juizo. Aquella tarde gastou em dispor os soldados para o seguinte dia, para que a dilação não alterasse os animos, ou a resolução. Ordenou que os bateis da armada esperassem sinal com tres foguetes da fortaleza, para que no mesmo tempo, que os nossos determinassem sair, fossem remando contra aquella parte donde o inimigo se temia, tocando os instrumentos de guerra, fingindo todas as demonstrações de saltar em terra, metendo polas perchas das fustas muitas lanças, cuja vista daria apparencias ao engano; e a do governador se daria a conhecer de longe, polo lugar, e bandeira real, e polos atavios; simulação, que ou nos deo, ou ajudou a victoria.

*Faz outras prevenções.*

13. Amanheceo o dia, em que se contavão onze de novembro, dedicado á memoria do glorioso S. Martinho, bispo Turonense, que nos podia favorecer santo, e ajudar soldado. Com a primeira luz do dia, appareceo o governador no terreiro da fortaleza com bastão de general, vestido de armas brancas com tanta magestade, que na pessoa se respeitava o cargo. Celebrou-se missa em hum altar patente a todos, para que ao Deos dos exercitos se pedisse a victoria. Commungou o governador e a maior parte dos soldados, e o custodio dos Franciscos publicou indulgencia plenaria aos que morressem na batalha. Acabado este acto, mandou tirar as portas da fortaleza, e guizar com ellas hum almorço aos soldados, para que a confiança do general, e a desesperação de algum abrigo, igualmente servissem á victoria, fazendo-lhes o peleijar preciso, por gloria, ou por necessidade; disse assi aos soldados :

*Falla aos soldados.*

« Entramos em huma batalha, onde vencidos, honraremos nosso Deos com o sangue ; vencedores, nosso Rei com a victoria. A força do exercito inimigo são Turcos e janizaros, os quaes como soldados mercenarios, buscão a guerra, aborrecem a peleija. A outra parte se compõe de nações differentes, o soldo as obriga a estar juntas, mas não a estar conformes. Não são estes mais valerosos que seus pais, e avós, não serão mais felices ; a todos sujeitárão nossas armas. Este imperio da Asia é filho de nossas victorias, criàmolo em seu primeiro berço, sustentemolo agora já robusto, que depois de largas idades nos ha de mostrar ao mundo com o dedo a fama d'este dia. Animar a batalha, fôra esquecer-me que somos Portuguezes. »

*Ordem em que os poz.*

14. Nesta forma tinha ordenado a gente. Deo a vanguarda a dom João Mascarenhas, devendo-se-lhe este maior perigo, como premio dos outros; aggregou-lhe quinhentos Portuguezes, seiscentos Canarins, quinhentos Naires. A dom Alvaro de Castro, outros quinhentos Portuguezes, em que entravão todos os fidalgos, e capitães de sua armada. A dom Manoel de Lima, outros quinhentos. O governador ficou com os mais, que serião oito centos Portuguezes com alguns Canarins e Malabares.

*Commette a armada terra.—Acode alli Rumeção.— O governador sae da fortaleza. — Brio lastimoso de tres soldados.*

15. Os Mouros cada dia engrossavão o campo, e de fresco tinhão chegado Alucão, e Mojatecão com cinco mil soldados. Mandou o governador fazer sinal à armada com os foguetes, o qual conhecido, partio à voga arrancada, e arrimando-se à praia, desparou a artelharia toda nas estancias dos Mouros; escondeo a fumaça os navios por hum espaço largo, com que o inimigo não acodio ao que havia de temer, senão ao que temia, solicito no perigo imaginado, descuidado no certo. Rumecão com o grosso do exercito carregou aquella parte do mar a impedir a desembarcação aos nossos. O governador sahio a este tempo da fortaleza com escadas prevenidas para encostar ao muro. Dom João Mascarenhas foi com os de sua companhia cingindo a cava, por sobir por aquella parte, onde estava o baluarte de Diogo Lopez de Sequeira. Antonio Moniz Barreto, que hia nesta conserva, encommendou a sua escada a tres valentes soldados; estes forão os primeiros que ensanguentárão a victoria,

sem que chegassem a vel-a. Tinhão vindo aquelle anno nas náos do reino com Lourenço Pirez de Tavora; erão naturaes da villa do Torrão, e trazião cartas a Antonio Moniz de sua mãi, que lhos recommendava, as quaes lhe dérão estando para entrar na batalha; elle as recebeo alegre, dizendo aos soldados que, se livrasse com vida, lhes faria bons officios com o governador; ao que elles respondèrão conformes, que só naquelle dia necessitavão de seu favor, que ao diante seus procedimentos lhes farião passagem; que lhes pedião lhe entregasse aquella escada, seguro de que a saberião arvorar e defender com as vidas. Antonio Moniz, vendo brios tão honrados em soldados humildes, lhes entregou confiado, dizendo, fiava d'elles o credito e a escada; a qual logo que levantárão com desgraçado valor, hum tiro cego lhes estroncou as cabeças.

### *Desafio estranho.*

16. Referirei hum estranho desafio, que deixára de escrever por lastimoso, se não fôra tão illustre. Dom João Manoel e João Falcão, fidalgos de muita opinião, andavão entre si mal avindos por desconfianças leves, que no juizo dos homens, vem a pesar aquillo em que se estimão. Tratárão de averiguar no campo estes desabrimentos, fazendo juiz d'esta porfia o valor, ou o caso. Os padrinhos, que entravão na contenda com mais livre juizo, reduzírão a questão a mais honrado duello, discorrendo, que o governador tinha a pique a jornada, e que o desafio, que sempre era delicto, seria agora escandalo; que polo bando perdião as cabeças; e que dom João de Castro não em pai, ainda que o parecia, sofria culpas, mas não atrevimentos; que podião sanear as honras, onde arriscavão as vidas; concertando-se, que o que primeiro, e com maior valor sobisse o muro do inimigo, ficasse por melhor reputado na singular, e na commum

batalha; inventando, com engenhoso valor, mortes com premios, desafios sem culpa. Satisfizérão-se da proposta, hum e outro inimigo, pedírão a parentes e amigos lhes tivessem as escadas, como homens que havião de peleijar pola honra do Estado e pola sua. Começárão de sobir a hum mesmo tempo. Dom João Manoel, lançando huma mão ao muro, lha levárão d'hum golpe; acodindo com a outra tambem lhe foi cortada; soccorrendo-se dos cotos para ferrar o muro, com golpe de alfange lhe levárão a cabeça. João Falcão acommetteo ao mesmo tempo o muro, e tendo já vencido, defendendo-se valerosamente, foi morto a cutiladas. Sobre qual d'estes dous contendores deo maiores provas de valor, fizérão os soldados de brio juizos differentes; nós diremos, em beneficio de ambos, que não devia mais á honra, quem deo tudo por ella.

### *Que faz dom João Mascarenhas. — Que faz dom Alvaro de Castro.*

17. Começou dom João Mascarenhas com os seus a arrimar as escadas, sobindo muitos com tanta resolução, como fortuna, porque ainda que recebidos nas lanças, vencêrão a resistencia; estes comprárão a gloria de ser primeiros com o perigo de se achar sós no campo, tendo o peso dos Mouros em quanto lhes chegavão os companheiros. Os feitos de armas, que se obrárão nesta primeira escada, se deixão conhecer da postura com que se combateo; pois os Mouros peleijavão firmes, e os nossos pendentes. Dom Alvaro de Castro e dom Manoel de Lima atravessárão o muro por differentes partes, recebendo na maior resistencia, maior dano. Perdêrão alguma gente em quanto peleijavão derramados; logo que se firmárão dérão lugar mais franco a que os seus sobissem.

*Perigo do governador na ponte. — Livra por milagre. — Acclama victoria. — E prosegue-a. — Que diz de Lourenço Pirez.*

18. O governador achou no raso maior perigo, que teve na sobida, porque encaminhou logo á ponte, que estava defendida com hum grosso de gente, e muitas peças assestadas nella; a importancia de ganhal-a era igual ao perigo. Acommetteo-a o governador a risco aberto; o valor foi singular, o caso milagroso; porque chegando muitas vezes os Mouros o murrão ás peças escorvadas, nenhuma tomou fogo, successo para milagre, opportuno; para accidente, raro. Porèm não quiz o Ceo toda a victoria, porque crescendo os Turcos na defensa da ponte com escopetas, panelas de polvora, e lanças de arremeço, retardárão o impeto dos nossos. Alguns voltárão os rostos aos pelouros, quiçá para mostrar-nos Deos quanto valemos, deixados em nós mesmos; fogião os fracos, detinhão-se os valentes; porèm dom João de Castro a nenhum inferior no esforço, maior que todos no acordo, com alguns que o acompanhavão, cerrou com o inimigo, bradando a vozes altas: Victoria, fogem os Turcos. Esta voz se derramou com tão felices eccos, que os nossos outra vez unidos, buscárão sua bandeira; e os inimigos timidos, ou credulos, forão perdendo o campo, sendo esta voz do general a porta por onde entrou a victoria. Aqui fizérão os nossos estrago, como de vencedores, e o que era ardil, já parecia verdade. O governador, sem perdoar instante á sua fortuna, foi atravessando o campo, e como nem a victoria tem temeridades, nem o temor conselho, dom João cercado de quasi todo o exercito inimigo, se acclamou victorioso, fogindo por aquella parte os Mouros, sem dano, mas já desordenados. Emfim tivemos por seu lado a victoria, primeiro que a batalha. Entre os da companhia do governador, se affir-

mou sem contradição, que fôra elle o primeiro que cavalgára o muro, e d'este feito não achou testimunha contra si, mais que a si mesmo, que lisamente disse, que Lourenço Pirez de Tavora primeiro afferrára o muro; não querendo o credito da fama menos averiguada, havendo por escusado furtar honra, quem sabia ganhal-a.

### *Oppõe-se Rumecão. — Peleija o governador pessoalmente.*

19. Avisado Rumecão da desordem com que os seus fogião, acodio com hum grosso batalhão de Turcos a deter, ou estorvar a victoria, e como a vantagem do numero era tão superior, retardando a furia dos nossos, igualou a batalha. Durou a porfia espaço largo. Foi derribada duas vezes a bandeira real; o que vendo o governador, bradou impaciente: Que é isto, Portuguezes? tirão-vos das mãos a victoria? tirão-vos a bandeira? E remettendo o inimigo coberto d'huma adarga, em que trazia duas settas cravadas, com a voz e com o exemplo animou os soldados de maneira que com furiosa corrente fizérão retroceder aos Mouros, fogindo os ultimos com o terror dos primeiros.

### *Estancias dos inimigos ganhadas, e por quem. — Rumecão se forma no campo raso.*

20. Dom Alvaro de Castro e dom Manoel de Lima, feitos em hum só corpo, se fizérão envejar de seus soldados e de seus inimigos. Acommettêrão a Alucão e Mojatecão, valentes Turcos, e cabos principaes do exercito, que muito espaço lhes fizerão duvidosa a victoria. O sangue, tingia as armas, tingia a terra; a vozaria dos Mouros estremecia o campo, como perigo novo; o horror e a confusão arrebatava os sentidos, de sorte que muitos

sentião as mortes primeiro que as feridas ; cedeo emfim ao valor o numero, e os Turcos se retirárão com infinitos mortos e estancias perdidas. Dom João Mascarenhas acommetteo a Juzarcão, ao qual ganhou o posto, com não menos valor, nem peor fortuna. Rumecão, não perdendo animo, nem acordo com a primeira desgraça, esperou a ultima, formando seus esquadrões no campo aberto, ou fosse necessidade ou confiança, porque em tão numeroso exercito, mais se conhecia o temor que a perda, e como é proprio nas desgraças accusar a fortuna, fez Rumecão suas expiações com vozes e alaridos supersticiosos, que os nossos ouvírão, como para conciliar a indignação dos astros.

### *O governador e seu filho o investem. — Dom Alvaro o rompe. — Torna Rumecão a fazer rosto.*

21. João de Castro, não querendo perder hum só momento de tão formoso dia, juntou a si o pequeno exercito, e dando a vanguarda a seu filho dom Alvaro, arrostou o inimigo, que o esperou formado e estendendo as pontas da mea lua com que estava plantado, veo cingindo a nossa infanteria ; porèm dom Alvaro, como se quizéra para si só a gloria d'este dia, envestio o inimigo com tanta gentileza, que foi entre os seus o primeiro que chegou a ferir os Mouros, commettendo ou abrindo com a espada e rodela hum esquadrão cerrado. Sustentou o inimigo o campo na primeira envestida, mas não podendo sofrer o peso da batalha, começou a retirar-se em desordem. Os nossos, rompendo de todo as fileiras turbadas, seguião mais que destroçavão os inimigos rotos. Por esta parte se começou a declarar a victoria ; mas Rumecão, com hum grosso batalhão de Mouros, janizaros, fez aos nossos rosto, que derramados no alcance, ou desprezárão, ou esquecèrão a disciplina.

*Perigo e constancia de dom Alvaro. — Arvora Fr. Antonio do Casal um crucifixo. — Animão-se os nossos. — Rumecão se retira e dom Alvaro entra na cidade.*

22. Aqui esteve dom Alvaro perdido, porque não podendo seus soldados resistir divididos, hião deixando nos inimigos o campo e a victoria, sem que as vozes de dom Alvaro, e constancia com que peleijava, podesse deter a huns, nem ordenar a outros; tão pendente está do mais leve accidente a fortuna da guerra. Fr. Antonio do Casal, de cujo valor religioso fazem os authores memoria, com hum crucifixo arvorado, começou, com piedosas e esforçadas razões, a reprender e animar os nossos, mostrando-lhes a imagem de Christo, exposta outra vez na cruz a segundas injurias; aconteceo que huma pedra perdida desencravou hum braço do crucifixo e lho deixou pendente, mostrando-se em huma mesma perspectiva o sagrado transumpto aos filhos inclinado, aos infieis caido. Os nossos, com maior espirito nas injurias do ceo que nas do Estado, mostrárão differente valor em differente causa, devendo mais á offensa de quem erão creaturas, que ao imperio de quem erão soldados. Subitamente se unirão conformes e recobrando forças, mais forão os instrumentos da victoria, que os authores d'ella. Rumecão se retirou desbarratado, e dom Alvaro baralhado com elle, entrou de envolta na cidade, achando já maior estorvo nos mortos que cahião, que resistencia nos vivos, que se defendião.

*Ajunta-se-lhe dom Manoel de Lima. — E dom João Mascarenhas.*

23. A este tempo chegou dom Manoel de Lima, tão valeroso no mar, como na terra; o qual pola parte que

lhe tocou, rompeo o inimigo, até se juntar com dom Alvaro, e entrados na cidade, fizérão cruel estrago nos Mouros, que rotos e divididos buscavão salvação na fugida mais que na resistencia; já o semblante da guerra mais parecia saco, que batalha; os nossos achavão Mouros, não achavão inimigos; muitos metidos polas casas roubárão suas mesmas fazendas, que occultavão, como furto á victoria; outros deixavão as armas, por fugir mais ligeiros. Dom João Mascarenhas entrou por outra parte na cidade, dando neste dia glorioso fim a tão illustre cerco.

### *Offerece Rumecão nova batalha. — O governador o desfaz.*

24. O governador ainda peleijava no campo, solicito da victoria dos seus, certo na sua, quando lhe chegou aviso, que a cidade estava já rendida; mas Rumecão, pondo tropeços á victoria, tornou a rebentar, como mina, com oito mil soldados, ordenando-se em fórma de dar, ou esperar nova batalha; que era o poder tão grande que das reliquias do seu estrago fez outra nova guerra; sahião a este tempo da cidade dom Alvaro de Castro, e dom João Mascarenhas, e dom Manoel de Lima a congratular-se da victoria com o governador, quando virão a Rumecão no campo com outro novo exercito. O governador não querendo que a suspensão parecesse temor, quasi com o mesmo alento da primeira batalha, commetteo a segunda, ordenando tres esquadrões, os dous, que buscassem os inimigos polos lados, e elle pola frente. Nesta ordem acommetteo o inimigo, o qual mais desesperado que constante aguardou o primeiro impeto dos nossos, mas como peleijava já timido e desconfiado, e os seus com cobarde e forçada obediencia lhe assistião, com leve resistencia nos deixárão o campo; bem que em todas as facções do cerco e da batalha se mostrou Ru-

mecão tão valeroso, como disciplinado; mas nas adversidades merêce-se melhor, do que se alcança a fama.

*Alcança-se a victoria. — Morre Rumecão.*

25. Abrírão-se os Mouros pola frente, e o governador, á maneira de rio impetuoso, cuja corrente tudo leva diante, quasi indefesos os foi desbaratando. Já no campo se fazia estrago sem batalha; os Mouros parecião inimigos na fugida, e não na resistencia; e como os nossos acommettião algumas mangas, que se mantinhão inteiras, elles mesmos se desordenavão por remedio, fugindo huns dos outros com igual, ou mais certo perigo, que fugião dos nossos. Outros, por não parecer inimigos arrojavão as armas, como instrumentos que nos podião acordar aggravo, ou vingança. Emfim naquella tragedia se representavão todos os affectos, de que o temor se veste. Rumecão vendo tudo perdido vestindo huma pobre cabaya, se lançou entre os mortos, occultando-se á ira, e á victoria; porèm huma pedra tirada de mão incerta, o livrou, com a morte, do triunfo. Muitos d'este homicidio se fizèrão authores, como já nos tempos de Galba, de quem quizérão ser mais os matadores, do que forão as feridas. E em nossos dias, e nosso mesmo reino, vimos tambem hum caso nada dessemelhante.

26. Advertidamente callei os casos particulares d'esta batalha, porque se não podem louvar huns, sem injuria de outros; só dos cabos, e pessoas maiores, démos breve noticia, por reverencia do lugar e do sangue; demais, que na confusão de huma batalha, difficultosamente se podem particularizar accidentes com o rigor da verdade; e he certo que aquelles, a cuja penna não escapárão os atomos do caso mais occulto, ou buscárão soccorros para a historia, ou penetrárão os acontecimentos com vista mais aguda. Basta saber que tão illustre empresa honrou naquelles tempos nossas armas, nestes nossa

memoria; e creo que em todas as facções da Asia, nos cercos, não tivemos maior; nas batalhas, não tivemos igual.

*Varia estimação do numero dos inimigos. — Parabens da victoria.*

27. O numero do exercito inimigo se não pode averiguar ao certo, porque com estimação desigual, huns o sobem a sessenta mil, outros dissérão menos, e nem os Mouros, que ficárão cativos, soubérão formar juizo certo da gente que perdérão. Mas de qualquer maneira foi a desproporção tão notavel de hum poder a outro, que bastou a dar polo mundo hum espantoso brado; e nas historias alheas achamos a victoria escrita com mais honrado applauso, do que em nossas memorias; e se a patria imitára a gratidão do imperio romano com filhos benemeritos, déra a ler ao mundo as obras de dom João de Castro em sublimes estatuas, que como annaes de bronze, fossem volumes publicos a todas as idades. Não achamos que respondessem os premios a seu merecimento, quiçá para a fazer maior, o alcançou nesta parte a desgraça dos varões excellentes; logrou porém, como premio de duração mais larga, a fama de seu nome. Os principes da Asia com ambiciosas mensagens lhe dérão emboras da victoria, e a camera de Goa o chamou duque, ou fosse que o advertia, ou que o desejava. El-rei dom João o honrou com titulo de viso-rei da India, sendo do Estado quarto em tempo. Os outros premios devia de os sepultar a mesma terra, que cobrio suas cinzas, ficando só sua posteridade hereditaria da gloria de tão grande ascendente.

*Despojos della. — Saco da cidade. — Favor divino que nos assistio. — Quantos Mouros morrêrão. — Nossos mortos e feridos.*

28. Recolheo o governador os despojos, que forão os reaes, muitas bandeiras, e quarenta peças de artelharia grossa, em que entrava aquella que hoje temos na fortaleza de S. Gião, que do lugar, em que se ganhou, inda conserva o nome. Entregou a cidade ao saco, sem reservar para si hum só ferro de lança, sempre das riquezas do Oriente desprezador constante. D'esta e outras virtudes nasceria affirmarem os Mouros, que fôra o governador assistido de algum poder divino, porque sobre o tecto da igreja virão huma donzella, cujos raios não podia soffrer a vista, cujo aspecto lhe enfraquecia os corações, com que deixavão as armas, huns timidos, outros reverentes. Não temos este favor do céo por indigno de credito, se olhamos a piedade do general, a justiça da causa. Dos Mouros morrèrão cinco mil, em que entravão Rumecão, Alucão, Accedecão, e outros Turcos de nome, ficárão seiscentos cativos, que depois servírão ao triunfo; dos nossos faltárão trinta, forão quasi trezentos os feridos.

*Reedifica o governador a fortaleza. — Empenha para isso os cabellos da barba.*

29. Poucos dias descansou o governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a fortaleza desde a primeira pedra; obra que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel; porque as despesas de tão prolixa guerra tinhão apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se havião feito empenhos, que só se podião remir com a paz de muitos annos; porèm o governador, sem se atar aos

inconvenientes, começou a dar principio á nova fabrica, desenhando-a em fórma differente que a antigua, porque a juizo de homens intelligentes, convinha estender o sitio, engrossar o muro, fazer os baluartes mais vezinhos, e lavrar armazens para recolher as munições, e mantimentos, em parte enxuta, em que se conservassem bem acondiçoados, differentes dos outros, que pola humidade do terreno, corrompião os bastimentos. Os materiaes não se podião comprar, nem conduzir sem pagas e jornaes; pedreiros, peões, e architectos, pedião suas ferias. Não tinha o governador baixellas, nem diamantes de que poder valer-se, assi recorreo a outros penhores, a que a fidelidade deo valia, a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu filho dom Fernando para fazer d'elles á cidade de Goa, hum nunca visto empenho; mas como a terra inda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pedio vinte mil pardaos á camera de Goa, abrindo-lhe o amor da patria huma estranha porta por onde não soubérão entrar aquelles fidelissimos Décios, Curcios, e Fabios, de que Roma ainda hoje soberba, de entre as ruinas de seu imperio, lhe salvou a memoria. Accompanhava o penhor a seguinte carta.

### *Carta que o governador dom João de Castro escreveo de Dio á cidade de Goa.*

« Senhores vereadores, juizes e povo, da muito nobre e sempre leal cidade de Goa, os dias passados vos escrevi por Simão Alvarez, cidadão d'essa cidade, as novas da victoria, que me nosso Senhor deo contra os capitães d'el-rei de Cambaya, e callei na carta os trabalhos e grandes necessidades em que ficava, por que lograsseis mais inteiramente o prazer, e contentamento da victoria; mas já agora me pareceo necessario não dissimular

mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos em que fico, e pedir-vos ajuda para poder supprir, e remediar tamanhas cousas, como tenho entre as mãos; porque eu tenho a fortaleza de Dio derribada até o cimento, sem se poder aproveitar hum só palmo de parede; de maneira que não sómente he necessario fabrical-a este verão, de novo, mas ainda de tal arte e maneira, que perca as esperanças el-rei de Cambaya, de em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho tenho outro igual, ou superior a elle, aldemenos para mim muito mais incomportavel de todos, que são as grandes oppressões, e continuos achaques, que me dão os Lasquerins por paga, de que lhes eu dou muita certeza, porque d'outra maneira se me irião todos, e ficarei só nesta fortaleza; o que será occasião de me ver em grande perigo, e por esse respeito toda a India, como quer que os capitães d'el-rei de Cambaya com a gente que ficou do desbarato, estão em Suna, que é duas legoas d'esta fortaleza, e el Rei lhes manda cada dia engrossar seu campo com gente de pé e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra batalha; para as quaes cousas me he grandemente necessario certa somma de dinheiro, polo que vos peço muito por mercê, que por quanto isto importa ao serviço d'el-Rei nosso senhor, por quanto cumpre a vossas honras e lealdades, levardes avante vosso antigo costume e grande virtude, que he acodirdes sempre ás estremas necessidades de S. Alteza, como bons e leaes vassallos seus, e polo grande, e entranhavel amor, que a todos vos tenho, me queirais emprestar vinte mil pardaos, os quaes vos prometto como cavalleiro, e vos faço juramento dos santos Evangelhos de volos mandar pagar antes de hum anno, posto que tenha, e me venhão de novo outras oppressões, e necessidades maiores, que das que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar dom Fernando meu filho, que os Mouros matárão nesta fortaleza, peleijando por serviço

de Deos, e d'el-Rei nosso senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mais achárão-no de tal maneira, que não foi licito inda agora de o tirar da terra; polo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodriguez de Azevedo; porque como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem movel, nem cousa alguma de raiz, por onde vos possa segurar vossas fazendas, sómente huma verdade secca e breve, que me nosso Senhor deo. Mas para que tenhais por mais certo vosso pagamento, e não pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira pódem ficar sem elle, como outras vezes aconteceo, vos mando aqui huma provisão para o thesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos vos vá pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos. E o modo que neste pagamento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por escusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos em que fico, porque tenho por muito certo, por todos os respeitos, que assima digo, haverdes de fazer nesta parte tudo, e mais do que puderdes, sem entrevir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas, e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. Encommendo-me, senhores, em vossas mercês. De Dio, a vinte e tres de novembro de mil quinhentos quarenta e seis. »

### *Os cidadãos de Goa lhos tornão. — Hoje se conservão.*

30. Chegado o mensageiro a Goa, lhe respondeo o povo com maior quantidade que a pedida, vendo que tinhão hum governador tão humilde para os rogar, tão grande para os defender. Remettèrão-lhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se conservão em mãos do bispo inquisidor geral seu dignissimo neto, que os recolheo em huma urna, ou pyramide de cristal, assen-

tada em huma base de prata, na quâl estão gravados em torno disticos differentes, que fazem de acção tão illustre, engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de dom João de Castro. Levárão os portadores do dinheiro a carta que se segue.

*Carta da camera de Goa em reposta da do governador.*

« Illustrissimo e excellente capitão geral, e governador da India, polo muito alto, e muito poderoso, e muito excellente principe el-Rei nosso senhor. Diogo Rodriguez de Azevedo chegou a esta cidade segunda feira seis dias do mez de dezembro, e o dia seguinte deo em camera huma carta de sua illustrissima Senhoria, que foi lida com muito prazer e grande contentamento, por sabermos de sua saude ; a qual boa nova sempre queriamos saber, e muito melhores lhe desejamos ; e por ella a cidade, e todo este povo em geral e em especial, damos muitas graças a nossa Senhora Virgem Maria, Madre de Deos, nossa avogada, que tendo os povos da India a V. S. Illustrissima por seu duque e governador, que em nossas afrontas e trabalhos nunca careceremos de ajudas divinaes, por merecimento de seu catholico e modesto viver, e auto, e obras de muitas louvadas virtudes ; e com esta esperança vivemos em novo repouso, porque a presente e gloriosa victoria, que por seu prudente conselho e grande esforço, e cavallaria venceo, ẽ descercou a fortaleza de Dio, e desbaratar, e destruir o poder del rei de Cambaya, com mais outros vinte mil homens Mouros, Turcos, Rumes, Corações, e christãos renegados da fé de nosso Senhor, Allemães, Venesianos, Genovezes, Francezes, e assi d'outras muitas e diversas nações, dos quaes grão parte d'elles forão mortos a ferro de lança e espada, de que a cidade tem certeza de pessoas de bem, que de vista forão presentes ; os quaes bons

serviços nos mostrão claros sinaes, que ao diante, prazendo a nosso Senhor, e a seu amparo, não temeremos outros trabalhos, que de futuro se apresentão do proprio rei de Cambaya com outro novo poder, e outros reis, e senhores nossos comarcãos, e os de toda a India, que são de certo inimigos nossos, e de muitas inimizades além de serem infieis inimigos de nossa santa fé catholica, dos quaes huns e outros não temos segura, nem firme paz, antes temos sinaes de faltas, e enganosas amizades. E quanto ao emprestimo que em nome d'el-Rei nosso senhor nos manda pedir, responde a cidade, que os moradores faremos de presente, e sempre, que cumprir, servirmos S. Alteza com as fazendas e vidas, e com as almas. E porque a tenção da cidade, e de todos he servir vossa illustre Senhoria havendo respeito, que o tal emprestimo cumpre muito ao serviço d'el-Rei nosso senhor, cuja a cidade he, e todos somos, com muita diligencia e cuidado d'aquelle dia, que Diogo Rodriguez de Azevedo deo o recado até o fazer d'esta, que são vinte e sete de dezembro, se ajuntárão vinte mil cento quarenta e seis pardaos, e huma tanga, de cinco tangas o pardao; os quaes emprestou esta cidade, a saber cidadãos, e o povo, e assi os Bramenes mercadores gameares e ourives. E escrevemos em certo a V. S. que esta cidade e os honrados moradores, polo servir, temos obrigação de pôr as vidas e as fazendas com melhor vontade do que o faremos por nossas proprias honras e interesses. E quanto, senhor, aos penhores que nos manda, a cidade e moradores nos temos por aggravados de V. S. ter tão pouca confiança em nós e em nossas lealdades, que para cousa que tanto cumpria ao serviço d'el-Rei nosso senhor, e a seu Estado real, não era necessario tão honrados e illustres penhores, porque nossa lealdade nos obriga ao serviço d'el-Rei em a presente necessidade, e depois disso as obrigações em que somos, e a grande affeição, e muito amor que V. S. tem a esta cidade e moradores ; e por

ello e tudo o mais que n ste caso lhe sentimentos, lhe beijamos as mãos, e rogamos a nosso Senhor que lhe dê perfeita saude e o prospére de muita honra e grandes victorias contra os inimigos de nossa santa fé. E todavia, Senhor, Diogo Rodriguez de Azevedo lhe torna a levar os seus penhores; e assi lhe levão elle e Bertholomeu, bispo procurador da cidade o dito dinheiro, que lhe a cidade, e povo d'ella emprestárão de sua boa e livre vontade. E assi lhe levão mais a provisão, que cá mandou para o thesoureiro pagar o dito dinheiro, e lhe pedem por mercê que tudo aceite, como de leaes vassallos, que somos a el-Rei nosso senhor e a V. S. mui obrigados. Escrita em camera a 27 de dezembro de 1547. E eu Luis Tremessão, escrivão da camera, o mandei escrever, e sobescrevi por licença que para ello tenho, Pero Godinho, João Rodriguez Paez, Ruy Gonçalvez, Ruy Diaz, Jorge Ribeiro, Bertholomeu, bispo. » (V. Nota XII.)

### *Continúa a obra da fortaleza.*

31. Continuava a obra da fortaleza com tanto gosto dos officiaes e jornaleiros, que crescia sem tempo, sendo tão pontuaes as pagas dos servidores e soldados, que havião, que só para o governador estava o Estado pobre. Além do emprestimo da cidade, lhe enviárão as donas e donzellas em hum cofre a pedraria e joyas, com que a fraqueza feminil serve ao poder e á vaidade, offerta de que não podião esperar retribuição ou usura; donde se vê, quanto melhor servidas são dos povos as virtudes, que as tyrannias dos regentes.

### *E a guerra de Cambaya. — Dom Manoel de Lima a faz. — Vai á cidade de Goga. — Que saquea e abrasa.*

32. Ordenou a dom Manoel de Lima, que com trinta navios avistasse os lugares da costa de Cambaya, e os

abrasasse todos, mostrando ao soldão, que a vingança não acabára na victoria; porèm que na cidade de Goga não entrasse, por ter aviso, que a ella se recolhera toda a gente que escapou da batalha. Dom Manoel, a quem ainda esperava a fortuna por aquella enseada, se foi correndo a costa, e a poucos dias de viagem lhe sobreveo hum temporal tão rijo, que o levou a necessidade da tormenta a demandar abrigo no mesmo porto, que pola instrucção lhe fôra prohibido. Os da cidade, como ainda tinhão presente a imagem do passado perigo, tanto que vírão as mesmas armas, de que estavão cortados, desempárárão a cidade, assi os soldados como a gente popular e inutil, fugindo para o sertão com igual desacordo. Estava ancorada no porto huma náo de Mouros, que era do Zamaluco, bom correspondente do Estado, o qual, vendo a fugida dos Mouros, começou a capear aos nossos, para que dessem na cidade. Dom Manoel, não entendendo o sinal do navio, pareceo-lhe que de confiado o chamava á peleija, e pondo-se logo em armas colerico e impaciente, notou, que a cidade se despejava, e o miseravel povo corria com hum tropel confuso a demandar huma pequena serra, que lhe ficava á vista, crendo que a distancia e aspereza do sitio os livraria da invasão dos nossos. Conheceo dom Manoel o intento com que lhe capeava o navio, e perplexo entre a occasião e a obediencia, poz o caso em conselho; e como entre os soldados de valor, he sempre o brio o primeiro interprete das ordens, votárão, que se entrasse a cidade, porque a instrucção do governador não podia comprender todos os accidentes, o qual se estivera presente fôra o primeiro que saltasse em terra. Seguio logo a execução o conselho. Entrou dom Manoel a cidade quasi sem resistencia; o saco dos soldados foi grande, e o que desprezou a cobiça, se entregou ao fogo, que abrasou fazendas e edificios; foi o dano maior do que a victoria. Cativou dom Manoel tres Baneanes, dos quaes soube que toda a gente

se salvára em hum lugar da serra, que ficava em pequena distancia; determinou assaltal-o, para que os fugitivos, e oppostos, igualasse o castigo. Foi amanhecer sobre o lugar levando os Baneanes por guia, forçados com miseravel necessidade a entregar os filhos e parentes; e os que se imaginavão no abrigo do sertão seguros, virão primeiro sobre si a espada, que vissem o inimigo. Não fez o estrago differença de causa, de pessoa a pessoa; naturaes e estrangeiros, culpados e innocentes, pagárão com as vidas o delicto, ou proprio, ou alheo. Das pessoas passou á religião a injuria; dentro dos pagodes mandou enforcar a muitos, que na vaidade de suas superstições he culpa inexpiavel. Degollou os gados do contorno, salpicando as mesquitas com o sangue das vacas, animal que, como deposito das almas, venerão com culto abominavel.

### *Embarca-se e periga. — Destroe Gandar.*

33. Embarcado dom Manoel de Lima, tornou a cortar a enseada, onde se vio perdido sem tormenta, porque o fluxo e refluxo das ondas he tão impetuoso, que basta a destroçar os navios. Passado mais adiante, houve vista da cidade de Gandar, povoada de mercadores gentios, rica polo commercio, e fraca polos habitadores. Esta foi na primeira envestida rendida e abrasada, sendo, que entregavão os naturaes as fazendas como preço das vidas, que não podérão salvar oppostos, nem rendidos; porque a ira, ou deshumanidade dos soldados, antes buscava o sangue, que os despojos. Muitos outros lugares da enseada destruio, durando nas cinzas, e ruinas muitos annos as memorias do estrago; e os naturaes, que sobrevivèrão ás miserias dos outros, se recolhêrão ao interior do reino, onde com segura pobreza entretinhão as vidas.

*Recolhe-se a Dio. — Deixa dom João Mascarenhas a praça. — Dom Manoel de Lima se offerece a ficar nella.*

34. Deo dom Manoel volta a Dio, onde achou ao governador entre os materiaes da nova fabrica, a cuja vista crescia o edificio. Desejava deixar a fortaleza em defensa, porque o chamavão a Goa different s negocios. Porèm dom João Mascarenhas, ou cansado, ou satisfeito dos trabalhos do cerco, fez deixação da praça, sem acabar o tempo, querendo aquelle anno vir ao reino lograr tão merecida fama. Quiz o governador dissuadil-o, temendo que ninguem lhe aceitasse a fortaleza, porque com a victoria, e alteração do commercio, faltavão os estimulos da honra, e de proveito, que são os maiores incentivos, de que os homens se vencem. Porèm dom João Mascarenhas resoluto a passar ao reino nas náos de Lourenço Pirez de Tavora, obrigou ao governador a que buscasse capitão para a praça, que já alguns fidalgos lhe havião engeitado, aborrecendo lugar de tantas victorias, quiça polo perigo, que tem succeder a varões excellentes; porèm dom Manoel de Lima, ou por complacencia do governador, ou por confiança de si mesmo, se offereceo para ficar na praça.

*Toma Antonio Moniz algumas náos. — Vingança barbara d'el-rei de Cambaya.*

35. Entretanto o governador se aprestava para passar a Goa, mandou Antonio Moniz Barreto com alguns navios a esperar as náos de Cambaya, que por intelligencias secretas sabia, que havião de visitar a costa de Pór e Mangalor, as quaes elle encontrou, rendeo, e trouxe a Dio, cujas fazendas ajudárão a reparar as despesas do Estado. El-rei de Cambaya, com o sentimento de tantas perdas,

rebentou em huma vingança barbara, mandando matar dous prisioneiros nossos innocentes, que do tempo da guerra lhe ficárão cativos, vingando-se de tão grandes injurias em sombras tão pequenas.

### *Avisos de Ormuz. — Descripção de Baçorá. — Os Turcos se fortificão nella.*

56. Concluidos os negocios de Dio, começou a fortuna a sobresaltar o Estado com novos accidentes. Teve o governador duplicados avisos de Ormuz, que os Turcos com crescido poder tinhão lançado de Baçorá a Mahamet As-Enam, fiel amigo do Estado, o qual chamava nossas armas, para com forças auxiliares resistir ao commum inimigo. Vião-se não de longe os perigos, e as consequencias, que resultavão de tão roim vezinho, com quem apenas podiamos caber no mundo, quanto mais no Estado. Ponderava-se a importancia de Baçorá, como fundamento lançado para cousas maiores, de cujo sitio daremos huma breve noticia. He Baçorá povoação de quatro mil vezinhos, situada na Arabia Feliz, em altura de vinte e quatro gráos para a banda de Norte; aparta-se do rio Eufrates em pequena distancia. Distará da fortaleza de Ormuz duzentas legoas, de Babylonia pouco mais de quarenta. De Ormuz a ella se navega ao longo da costa pola parte da Persia, por ter melhores surgidouros e aguadas. A ilha he povoada de Mouros oppostos aos Turcos, por serem (ainda que cultores de Mafamede) differentes na crença, porque seguem os ritos e ceremonias do Persa, a quem dá a beber o demonio as abominações de Mafoma em vasos differentes. Aqui se fortificárão os Turcos, e começárão a ganhar os Arabios vezinhos, huns com as armas, outros com beneficios, criando em Baçorá novo principe, que, como descendente de seus antigos reis, seria aos Arabios grato, e aos Turcos fiel; liberalidade,

com que mostravão entrar com semblante de amigos, escondendo a ambição de senhores. A justiça d'este, que os Turcos saudárão por rei, escrevem outros em dilatadas letras, cuja relação deixo, por ser ao gosto importuna, e alhea da historia.

*Vai dom Manoel de Lima para Ormuz. — E dom João Mascarenhas torna a ficar em Dio. — O que delle escreve o governador a seu filho dom Alvaro. — E a el-Rei de todos.*

37. Resolveo o governador despachar a dom Manoel de Lima para a fortaleza de Ormuz, que pola morte de dom Manoel da Sylveira lhe cahia, tomando a obrigação da guerra com os Turcos, como pensão da prasa, ficando outra vez a fortaleza de Dio, como pedra reprovada dos que a edificavão ; porque não havia fidalgo, que quizesse ficar com o trabalho da fortificação, havendo dom João Mascarenhas levado as honras do perigo. Não sei se as cousas da India correm hoje por esta opinião. O governador se molestava, de que lugar de tantas victorias ficasse tão aborrecido. O que entendido por dom João Mascarenhas, se lhe offereceo para ficar aquelle inverno na praça ; cousa que o governador estimou sobre modo, dizendo-lhe, que em quanto a fortaleza estava imperfeita, a fama de seu nome serviria de muro. E porque se veja quão facil era este grande varão em authorisar honras alheas, referirei a carta que escreveo a seu filho dom Alvaro, quando entendeo que dom João Mascarenhas iria a Goa para passar ao reino.

« Lá vai o senhor dom João Mascarenhas, tal qual os Mouros e gentios confessão ; e eu, que sou bom christão, faço a mesma confissão de seu esforço, porque em todas as batalhas o achei sempre a meu lado. Vai-se embarcar para o reino ; rogo-vos muito, que lhe façais o mesmo tratamento, que a minha pessoa, e não consintais, que

tome outra pousada, senão a vossa, porque alem de elle o merecer, espero em Deos, que tornará muito cedo a estas partes, a emendar meus descuidos. »

Tambem escreveo a el Rei largamente sobre os merecimentos dos homens, de si não fallou nada, mostrandose agradecido aos serviços de todos, e só aos seus ingrato.

### *Deixa naquella costa a dom Jorge.*

58. Concluidas as cousas de Dio, deixou o governador a dom Jorge de Menezes com seis navios, para que andasse o resto do verão na enseada de Cambaya; e mandou lançar pregão em todos os lugares confinantes, que todos os Mouros e gentios podessem tornar a povoar a ilha, porque debaixo de sua justiça estarião as pessoas e commercios seguros, gozando da paz, e liberdade antigua; e como a verdade recebe credito do valor, tornárão os gentios a buscar assi o abrigo de nossas armas, como de nossas leis, vindo copia de mercadores, e vezinhos a engrossar o trato, havendo por mais segura a paz, que começava nos limites da guerra.

### *Embarca-se para Goa. — Chega, e é visitado no mar.*

59. Embarcou-se o governador para Goa, aonde o esperava o applauso universal das gentes, como eccos articulados da victoria. Chegou a tomar porto em breves dias, onde viérão a visital-o ao mar o bispo, capitão mór e regentes, pedindo-lhe se detivesse em Pangim, em quanto a cidade dispunha o triunfo, com que o queria receber, porque não reputasse o mundo aquelle povo por barbaro ou ingrato; que triunfo tão merecido não era ambição da pessoa, mas gloria do Estado; que das victorias levavão os reis o fruto, os vassallos a fama;

que bem podia desprezar o premio, sem engeitar a memoria.

### *Decreta-se-lhe triumpho. — Fabrica d'elle.*

40. Deixou-se o governador vencer d'este agrado do povo, como quem não podia desprezar as honras do triunfo, sem injuria dos que lho ajudárão a merecer; nem pôr limite ás alegrias populares em odio da prosperidade de todos, de cujas demonstrações festivas tinhão na fortuna disculpa, nos Cesares exemplo. Para os quinze de abril de quarenta e sete se destinou o dia do triunfo, primeiro e ultimo, que vírão nossas armas, costumadas a lograr fama sem gloria. Fabricou a cidade no bazar de Santa Catherina hum espaçoso caes, cujo material cobrião varias alcatifas. Rasgou-se a porta da cidade até o alto do muro, como que se mostravão as pedras humildes ou gratas. Era a tapeçaria das muralhas de custosos brocados. A grandeza não podia sobir a mais; o gosto não se contentava com menos. Em partes era o adorno de diversos velludos; para que o ouro servisse á magestade, as cores ao deleite. Na portada se vião dous leões dourados, sustentando em huma, e outra tarja as Ruélas dos Castros, sempre illustres, agora triunfantes. Junto ao caes corria hum dilatado bosque de arvoredo, que com interrompidas sombras mitigava o calor, sem occultar o dia. Via-se o mar coberto de náos e galeões, de fustas e almadias, que das ilhas vezinhas concorrèrão, todas embandeiradas e alegres. Estava no terreiro do Paço huma fortaleza, desenhada pola planta de Dio, e dentro algumas bombardas carregadas sem bala, e outros instrumentos de fogo, com que figuravão huma representação alegre dos passados horrores. Na mesma fortaleza se escondião curiosas danças, que com acordadas vozes contavão ao governador louvores a numeros atados, deleitando o ouvido na armonia, e juizo na letra.

o concerto das ruas, como para dar a conhecer a opulencia do Oriente; as telas de lavores, por usuaes, se olhavão com desprezo. As galas dos moradores, taes, e tantas que parecia que triunfava o povo. Nem seria menos dos animos o applauso, se os corações se virão, pois erão demonstrações voluntarias de naturaes affectos.

*Entra o governador. — Um vereador lhe faz pratica. — Recebem-no com paleo. — Ordem do triumpho. — Vai á Sé. — Reconhece a Deos por autor de suas victorias.*

41. Abalou o governador de Pangim em huma galeota, cujo adorno a fazia differente das outras; levava comsigo os fidalgos velhos, que o acompanhárão na jornada, igualmente parciaes na gloria e no perigo. Hião diante os galeões da armada, a quem seguião as embarcações de remo com as velas içadas nos palancos, e todos navegando assombrados com o verdor de differentes ramos, parecião da terra hum bosque tremulo, huma cidade erratica. Logo que avistárão a fortaleza, lhe dérão huma tão temerosa salva, que a guerra parecia real, mais que apparente; como contraposta lhe respondeo a artelharia de terra, com tal horror, que os sentidos não conhecião differença da batalha ao triunfo. Para dar passo á galeota do governador, se abrio a armada toda. Vinha custosamente trajado, dando o que era seu ao tempo, vestindo não menos airosamente as galas, do que vestia as armas. Trazia huma roupa Franceza de setim carmesim com troçaes de ouro que lhe tomavão os golpes, e como quem não queria perder memorias de soldado, vestia huma coura de laminas assentada em brocado com seus tachões de prasa, gorra com plumas, mostravão ouro as guarnições da espada. No caes o esperavão os cabos da

milicia, nobreza e regimento da cidade, com os quaes entrou a primeira porta, onde hum vereador na lingoa latina lhe orou discretamente, discorrendo, como por beneficio de seu valor tinhamos humilhado o mais soberbo cetro do Oriente, cujas ruinas serião de sua fama os elogios maiores; que agora tinha Portugal seguro o Estado, em seus braços segunda vez nascido, cujas armas servião tanto á Fé, como ao imperio, obrando, que em tão remotas partes se ouvissem os brados do Evangelho; que agora os Mouros e gentios crerião, que não podia deixar de ser Deos grande, o Deos de tantas victorias; que ainda depois de idades largas no Oriente mostrarião com o dedo os navegantes o lugar da batalha, ficando por tradição o estrago da Cambaya de nação a nação, de reino a reino; que os pais o contarião aos filhos, ainda sobresaltados na memoria dos perigos passados; que já nossas bandeiras gloriosamente enroladas poderião descansar no templo da paz, aberto o da victoria. Sobre os accidentes de seu governo discorreo largamente, parecendo ao povo, que antes abreviava, que encarecia suas virtudes, maiores na consideração dos estranhos, do que em nossos elogios. Rematou a oração na suavidade de musicos instrumentos, differentes e acordes. Logo se disparárão algumas peças, cujas balas erão doces diversos, que caindo em pequena distancia forão á gentalha do povo convite, inda que arrebatado, alegre. Os vereadores da cidade recebérão ao governador com paleo, e logo hum cidadão de authoridade, inclinado e reverente, lhe tirou a gorra da cabeça, pondo-lhe nella huma coroa triunfal e na mão huma palma. Diante caminhava o custodio dos religiosos franciscos com o crucifixo, que levou na batalha, e o braço desencravado, e pendente (sinal com que já de tão longe aquella magestade divina, nesta e naquella idade nos assegura os reinos, e as victorias). Seguia-se a bandeira real de nossas quinas, olhadas com admiração nova de Mouros e gentios. Logo

os estandartes de Cambaya arrastados á vista de Juzarcão, e outros capitães maniatados, que representavão a tragedia de sua fortuna, a elles lastimosa, a nós alegre. Vião-se seiscentos prisioneiros arrastando cadeas; tras elles as peças de campanha, com varias e numerosas armas. As damas das janellas banhavão ao triunfador em agoas destilladas de aromas differentes. Os officiaes, que tratavão o ouro, ou preciosas drogas, lhe vinhão a offerecer voluntarios tributos, sendo a igualdade dos animos outra cousa maior, que o triunfo. Os templos adornados, e abertos se mostravão benevolos e gratos; nesta fórma chegou a visitar a cathedral, metropoli do Oriente, onde o bispo e clero o recebêrão com o hymno *Te Deum laudamus*. Entrado na Sé, reconheceo com piedosas offertas ao author das victorias, e por ser já tarde com abreviadas ceremonias se recolheo aos paços, não cabendo a magestade do triunfo nas horas de hum só dia.

---

# LIVRO QUARTO

Poucos forão os reinos do Oriente, que no governo de dom João de Castro não alterassem aquelle Estado com diversos movimentos de guerra, ou com armas oppostas, ou com reciprocas discordias, chamando nossas forças a conciliar a paz ou ajudar a victoria, vendo-o muitas o Oriente, em serviço da religião, cingir a espada.

*Religiosos franciscos passão a Ceilão.*

1. Havia el-rei dom João enviado alguns religiosos franciscos á ilha de Ceilão, exemplares na vida e na doutrina, para que com o sangue e com a palavra testimunhassem a verdade evangelica, sendo este o maior cuidado de nossos principes, cujas bandeiras mais vezes vio tremolar a Asia em obsequio da religião que do imperio. Entrados estes religiosos na ilha, forão recebidos d'el-rei de Cotta com benigna hospedagem, começando a nascer segunda vez no Oriente o Sol divino. Ouvio aquella gentilidade a voz do Ceo, e ao beneficio da terra inculta respondia o fruto, encaminhando ao curral da Igreja infinitas ovelhas.

*Prégão a fé em Candea, e el-Rei se inclina a ella.*

2. Passárão estes embaixadores do Evangelho a dar novas da luz a el-rei de Candea, no coração da ilha, o qual achárão grato no tratamento das pessoas, e facil obediencia da doutrina: foi instruido nos mysterios de nossa crença para que com fé mais robusta se lavasse nas agoas do baptismo. Deo aos religiosos terra, materiaes, e despesas para a fabrica d'hum templo, sendo esta a primeira fortaleza que levantou a conquista do Evangelho naquella ilha contra os erros da idolatria; porque das vozes do apostolo S. Thomé (se alli chegárão) nem nos entendimentos havia luz, nem na terra memoria.

*Mostra inconstancia. — Os religiosos o animão.*

3. Mostrava-se este principe aos preceitos de nossa religião obediente; mas ainda não constante, porque o temor de alterar os vassallos na mudança da lei, lhe fazia, por não perder o que amava deixar o que entendia; porque como planta ainda sem raizes, o inclinavão a huma e outra parte contradições humanas. Tentárão os religiosos desviar-lhe estes tropeços do caminho da vida, affirmando-lhe que debaixo do amparo de nossa religião e nossas armas, assegurava huma e outra coroa, porque estava naquelle tempo governando o estado aquelle dom João de Castro, que pola fé sabia derramar o sangue, polos amigos arriscar o Estado.

*Sua resolução. — O governador zela esta conversão, e manda a isso Antonio Moniz.*

4. Ouvio bem el-Rei esta proposta, dizendo que se o governador lhe mandasse soccorro, não só professaria a fé, porèm que a prégaria a seus vassallos. Com esta re-

solução partio hum religioso a Goa, e certificado o governador da causa de sua vinda, zelou a conversão d'aquelle principe, como o maior negocio do Oriente; não menos prompto a dar á Igreja filhos, que ao Estado victorias. Despachou logo com sete fustas a Antonio Moniz Barreto, e ordem que encontrando-se com navios nossos, os levasse comsigo; escrevendo áquelle principe honradas cartas, acompanhadas de muitos donativos. Mas em quanto Antonio Moniz vai navegando, fallaremos na tomada de Baroche, por guardar a ordem dos tempos na relação dos successos.

*Sitio e fortificação de Baroche. — Trato dos moradores. — Madre Maluco a senhorea.*

5. Tinha o governador despedido de Dio a dom Jorge de Menezes, para que na enseada de Cambaya fizesse todas as hostilidades possiveis, mostrando ao soldão, que com os estragos passados nossas armas não embotárão os fios. Tomou dom Jorge algumas embarcações de mantimentos que passavão a bastecer os portos do inimigo, porque acabasse a fome aquelles que perdoára a espada. Deo huma tarde vista á cidade de Baroche, cujos edificios lhe representárão na magestade a policia de Europa. Estava situada em huma eminencia, cingida de muros de ladrilho, que mais servião ao adorno, que á defensa. Comtudo se deixavão ver diversos baluartes, obrados não sem alguma luz de fortificação, guarnecidos de muita artelharia, que senhoreava as entradas do porto. Com a elevação do sitio se descobrião portadas de cantaria lavrada, onde a correspondencia de torres, e janellas mostravão de seus habitadores o poder e artificio. Era o trato da terra, de finissimas sedas, droga, que d'aquelle porto se navegava a muitos do Oriente. Possuia Madre Maluco esta cidade, tributada das aldeas vezinhas, que

na fertilidade, e na grandeza lhe compunhão hum mediano estado.

*Dom Jorge a entra de noite. — Põe-lhe fogo. — Toma della o appellido.*

6. Acaso tomárão os nossos huma almadia de pescadores naturaes da terra; que perguntados, dissérão da cidade o que temos referido. E querendo saber dom Jorge, que presidios havia na cidade, dissérão, que toda a milicia levára Madre Maluco a Amadabá, corte do soldão, e que só ficavão ao presente alguns mecanicos, e outra gente de trato. Dom Jorge parecendo-lhe opportuna a occasião de assaltar a cidade, ainda que era o poder desigual para facção tão grande, como os successos pendem dos accidentes, determinou tentar a fortuna, e por assegurar os moradores, se fez na volta do mar, como quem navegava por differente rumo, levando comsigo os pescadores, para na entrada lhe servirem de guias. Tanto que anoiteceo tornou a armada a demandar o porto, e saltando em terra, sem que a confiança, ou descuido do inimigo se assegurasse em defensa, ou sentinella alguma, forão ferindo os nossos naquella gente desarmada, e fraca, onde a noite, a confusão e no sono, os trazia a encontrar o perigo, de que andavão fugindo. Errando miseravelmente, se desviavão tanto dos seus, como dos inimigos, fugindo dos que tambem fugião. Os gemidos dos filhos não movião os pais á piedade, e menos á vingança; porque o temor subito obrava com os peores affectos da natureza. Os lamentos, e gritos das mulheres, esses as descobrião, sendo seus ais seu maior perigo. E os que escondidos em suas casas escapárão ao ferro, nellas mesmas os abrasou o incendio, não ficando aos miseraveis para a morte remedio, senão escolha. A hum mesmo tempo se fazia a invasão e o saco. Foi o estrago como em guerra sem resistencia; o despojo,

como em cidade entregue. Alcançou emfim dom Jorge nesta empressa fama sem risco, victoria sem inimigo. Porèm não duvidamos, que se achára opposições maiores, podéra conseguir seu valor o que obrou sua fortuna. Mandou dar a cidade ao fogo, aonde em breves horas os nobres, e plebeos, as plantas, e edificios se convertèrão em lastimosas cinzas, sem que a natureza as distinguisse, lugar as separasse. Embarcou-se alguma artelharia miuda, e rebentou-se a grossa, sendo esta facção tão celebre entre os nossos, que fizérão tomasse o appellido de Baroche, quem tinha o de Menezes, como já as ruinas de Carthago dérão a Scipião o nome de Africano.

### *Acode o Maluco tarde.*

7. Acodio o Maluco com cinco mil cavallos, cedo á lastima, tarde ao remedio; e vendo que o ferro e fogo não deixára cousa alguma com semelhança do que havia sido, voltou impaciente a el-rei de Cambaya, como quem levava em chaga fresca a dor mais sensitiva. Representou-lhe o estrago da cidade, aggravo que parecia maior, por ser depois de tantos. Sentio o soldão este novo accidente, jurando acommetter outra vez Dio, que era a pedra do escandalo, onde se quebravão as forças de tamanho imperio. Em tanto pois, que os odios de Cambaya respirão na imaginada vingança, discorreremos no espiritual de Candea, que como semente afogada entre espinhas, não chegou a lograr fruto.

### *O rei de Cotta dissuade ao de Candea da conversão.*

8. Entendia o Madune, rei de Cotta, como o de Candea buscava com a mudança de religião a protecção do Estado, e como estes gentios são observantes zeladores

de seus erros, buscou meios para lhe persuadir que era idolatria necessaria á coroa; affirmando-lhe, que com a nova crença faria aos vassallos desobedientes, aos reis inimigos, ingrato a seus antigos idolos, que havião prosperado o cetro de Candea tantos annos em reaes ascendentes; que o governador da India devia ser o mais insolente homem da terra, pois não sofria que o mundo tivesse outro rei, nem outro Deos, mais que os que servia e adorava; que não negava ser a religião dos Portuguezes, ou melhor, ou mais felice, pois cultivão o Deos das victorias; porèm que a elle lhe bastava servir aos deoses da patria, em que nascèra, sem desejar melhor posteridade, ou mais ambiciosa fortuna que os que lhe precedèrão. E quem sabia se o governador queria fazer da piedade motivo para lhe usurpar o cetro? que não recebesse na ilha homens tão valerosos, que em nenhuma parte sabião já estar, senão como senhores; que se os Franques lhe promettião trazer a casa melhor lei, e augmentar-lhe o estado, quem com inteiro juizo havia de dar credito a tão nova bondade de homens que nunca mira; e mais quando estes não erão tão desprezadores do humano, que não viessem do fim do mundo a dominar a Asia; que se queria exemplos, mais reinos acharia por elles destroidos, que doutrinados; que era verdade que os seus jogues (que elles chamão sacerdotes) erão faceis em derramar o sangue pola lei que ensinavão, mas que este o farião, ou como ambiciosos do nome, ou prodigos da vida; se já não era, que no Occidente havia mais loucos que nas outras regiões, e davão todos naquella perigosa teima de doutrinar ao mundo; que ultimamente lhe aconselhava, como rei e amigo, que devia degollar o soccorro dos Franques, que esperava, para dar satisfação a seus antigos deoses, justamente indignados de os querer desemparar por divindade estranha; que pola soberba de lhe virem dar luz ao entendimento, ou pola ambição de lhe usurpar o reino, me-

recião este castigo na contingencia d'hum ou outro delicto; que para este effeito o ajudaria com armas e soldados, fazendo commum a causa, pois o era tambem a injuria dos idolos de todos.

*O de Candea consente nisto.*

9. O miseravel principe, não podendo levantar-se de todo com o peso de seus antigos erros, se deixou persuadir das razões do barbaro e fraudulento amigo, porque os olhos ainda cegos com as nevoas da idolatria não podião sofrer as luzes da verdade que lhe amanhecia; e logo ou incauto, ou violentado, conspirou na traição do Madune, como enfermo frenetico, contra os instrumentos da saude indignado; esperárão emfim os hospedes, resolutos em executar a maldade que tinha concebido.

*Viagem de Antonio Moniz. — Chega a Candea, acha tudo trocado.*

10. Entretanto, partido Antonio Moniz de Goa, achou em differentes portos alguns navios nossos, que conforme á instrucção que levava, aggregou á sua armada. Dobrado o cabo de Comorim, e passados os baixos de Manar, foi demandar Baticalou, para d'ahi entrar em Candea, caminhando por terra. Levava doze fustas de remo, de que tirou cento e vinte soldados escolhidos, e com elles foi caminhando com a segurança de quem hia buscar hum principe amigo e obrigado, e sobre tudo senão fiel ainda, ao menos grato já e benevolo ás verdades da lei que lhe prégavamos. Chegado a Candea, como tudo fervia em armas, não pôde ser a traição tão cauta, que Antonio Moniz a não entendesse por diversos avisos, e pola simulação com que tentárão dividir-lhe os soldados para os poder matar mais a seu salvo. De mais, que o rei lhes

não quiz ver o rosto, quiçá por não descobrir nos affectos a consciencia temerosa e culpada. Antonio Moniz se sahio logo da cidade, mandando queimar os impedimentos e bagages que trazia, ficando assi mais livre para a defensa e para a retirada, e juntando os soldados lhes disse :

### *Trata voltar-se.*

11. « Companheiros e amigos, todos sabeis a traição que nos tem ordenado este rei infiel, a quem viemos soccorrer e servir ; entendo que nos commetterão com força descoberta, pois tem agora huma razão, ou causa mais para nos offender, que he, havermos conhecido seus enganos. Nenhum de nós terá mais vida que em quanto a souber defender. Póde salvar-nos o valor e a conformidade; soccorros não esperamos de fóra, pois estão em nós mesmos; e estes barbaros não se empenhárão na traição, se virem que he custosa; e que muito façamos nós agora por nós mesmos o que vinhamos a fazer por elles, que he derramar o sangue? Os caminhos que guião a Batecalou, onde está nossa armada, devem estar occupados do inimigo, polo que nos parece que vamos demandar o rei de Ceitavaca, fiel amigo do Estado, onde acharemos hospedagem e abrigo seguro para d'ahi irmos a buscar nossa armada. »

### *É acommettido dos inimigos.*

12. Logo que Antonio Moniz começou a marchar se descobrírão os inimigos em tropas, acommettendo-nos com settas, dardos, e pedras, e outras armas d'este genero, com que nos ferírão alguma gente, determinando com este importuno modo de peleija acabar-nos sem risco. Trazia o inimigo, ao parecer, hum corpo de oito

mil homens regidos por seus cabos, o que chamão Modeliares, destros naquelle modo barbaro de acommetter, e retirar, superiores aos nossos no numero, e na agilidade, e sem duvida hum e hum nos forão derribando a todos, se os não fizera afastar a nossa espingardaria, de que recebèrão dano, e temor grande, vendo cair alguns subitamente mortos; de que espantados os outros, nos seguião mais timidos, e cautos; assi nos forão picando todo aquelle dia, humas vezes atrevidos, e outras cobardes, e com este sequito desigual, e importuno, hião dando aos nossos a carga lenta, mas nunca interrompida.

### *Trabalhos que passa.*

13. Sobreveo a noite, de que os nossos receberão mais segurança, que repouso, porque sempre os forão inquietando com tiros vagos, e perdidos, sem que os pobres soldados podessem ainda sobre as armas receber algum breve descanso; mastigando o biscouto com os olhos no inimigo, e as mãos nas armas. Assi passárão até o seguinte dia, que descobrirão os barbaros mais soltos, e atrevidos; perdido, ou mitigado aquelle horror primeiro, que lhes fazião os instrumentos do fogo, chegárão emfim a ferir-nos de perto com armas curtas, com o que foi forçado Antonio Moniz deter a marcha, e fazer algumas voltas, em que lhe degollamos gente, e cativamos, entre outros, hum seu Modeliar, que no habito, e nas armas, parecia o regente de todos; o que mostrou ser assi no risco, e ouzadia, com que intentárão livral-o, fazendo muitas arremettidas, de que saírão cortados, porèm sempre constantes naquella invasão porfiada, que já os nossos não podião aturar, rendidas as forças do trabalho.

### *Prudencia com que modera os seus.*

14. Alguns forão de parecer, que fizessem rosto ao inimigo, e se livrassem peleijando, ou acabassem vingados; porèm Antonio Moniz lhes disse, que a melhor parte do esforço era o sofrimento; e que só este os podia salvar; que tinhão a maior parte do caminho vencido; que marchando vigiados, e unidos, não poderião receber grande dano; que por grande, que o perigo fosse, seria depois maior o gosto, quando o recontassem gloriosos e seguros. Assi lhes foi o capitão criando espiritos novos, e enfreando a desesperação de tão prolixa resistencia, até os visitar a noite como alivio dos trabalhos do dia; na qual os barbaros tambem quebrados deixárão em alguma maneira respirar os nossos. Porèm tanto que amanheceo, tornárão a seguir a presa mais furiosos, parece que corridos de achar opposição tão valerosa em poder tão pequeno. Aqui se desenvolvèrão mais soltos contra os nossos, que já se defendião, ainda que com os mesmos animos, com forças mais remissas.

### *Esforço com que peleija. — Retira-se.*

15. Mandou Antonio Moniz quebrar as pernas ao Modeliar, que levava cativo, e lançal-o na estrada, a quem os seus, deixando a peleija, acodirão logo detidos do amor, ou da piedade do maioral, ou companheiro que vião em tão miseravel estado, ficárão os nossos hum espaço largo, como sem inimigo; porèm subitamente movidos de hum espirito de lastima ou vingança, acommettèrão impetuosamente os nossos em hum passo estreito, que hia fechar em huma ponte, fundada sobre hum grande rio, que se não vadeava. Mostrou aqui Antonio Moniz avantajado esforço, fazendo com nove companheiros rosto aos inimigos em quanto seus soldados passavão; e

como os teve da outra parte, quebrou hum lanço da ponte, industria, com que tolheo aos barbaros a passagem, e sequito. Não alcançou Antonio Moniz fama popular por tão heroica defensa; porèm entre os poucos, que soubérão fazer justa estimação das obras excellentes, mereceo esta retirada aplausos de huma grande victoria. Chegárão enfim ao rei de Ceitacava, onde achárão benigna, e fiel acolhida, reparando-se da fome, feridas, e trabalho, com liberalidade piedosa, e grata, offerecendo-lhes suas forças para a vingança de tão justo aggravo.

*Arrepende-se el-rei de Candea. — Manda-lhe um mensageiro.*

16. O pobre rei de Candea arrependido da maldade commettida por inducção do Regulo vezinho, aborrecendo a traição, como cousa criada em peito alheo, enviou a Antonio Moniz hum mensageiro com dez mil pardaos para os gastos da armada, escrevendo-lhe, que o sentimento era seu, o os erros alheos; que pois o fôra buscar infiel, não o desamparasse christão; que o Deos, em que começava a crer, por isso era tão grande, porque perdoava offensas; que aquellas tenras flores, que começavão a abrir no jardim da Igreja, não as quizesse deixar desabrigadas ás injurias do ardor da idolatria; que pois viérão com armas limpar aquelle mato de superstições gentilicas, não se espantasse de sair lastimado das espinhas, e cardos da infidelidade; que sendo tão benigno o Deos, que lhe prégavão, com justiça sem misericordia não salvaria os homens; que a quem não desprezava o Ceo, não desprezasse a terra; que lhe pedia o soccorresse, porque estava prompto a offerecer polo amparo a fazenda, e pola fé o sangue.

*Quer Antonio Moniz tornar. — Os seus o encontrão. — Recolhe-se á armada.*

17. Com esta carta esteve Antonio Moniz resoluto em se tornar a Candea, representando-se-lhe maiores os interesses da religião, que os perigos da vida. Porèm os soldados, como abraçados com a taboa, em que havião escapado, não quizérão sahir do abrigo do principe amigo, dizendo que o primeiro engano fôra do traidor fementido, o segundo seria do capitão crédulo e incauto; que se não querião tornar a fiar da vibora, que huma vez os mordèra; porque se os quizera matar quando obrigado d'hum grato soccorro, que faria, quando offendido na injuria de seu exercito afrontado? Que querião agradecer a Deos hum milagre, antes que pedir outro; que o governador os não mandava como apostolos, senão como soldados; que se hião a derramar o proprio sangue pola fé, fossem sem armas, mas que a sua vocação era defender a lei com a espada, e não pregal-a. Vendo Antonio Moniz que os soldados estavão frios no zelo, e duros na obediencia, entendendo que se Deos quizesse salvar aquelles póvos, abriria os caminhos, resolveo buscar sua armada; e em quanto elle navega, tornaremos ás cousas do Hidalcão, que temos retardadas.

*O Hidalcão manda sobre as terras firmes.*

18. Sobresaltado o Hidalcão com a presença do Meale em Goa, tentou com o remedio das armas purgar estes receos; e porque as guerras de Dio tinhão hum pouco desangrado o Estado, crendo acharia no governador confiança ou descuido nascido das victorias, sabendo a cidade de Goa o tinha ausente, acommetteo as terras de Bardez, e Salsete, que asseguradas na paz estavão sem defensa. Despedio quatro mil soldados, que sem golpe

de espada as senhoreárão, fazendo, que os agricultores lhe acodissem com os frutos e foros annuaes, que pagavão ao Estado. Chegou a Goa o aviso d'esta entrada, que deo grande cuidado, por não se achar com forças para fazer ao inimigo rosto. Resolvèrão esperar a vinda do governador, cujo nome bastaria a quebrantar ao Hidalcão o orgulho, presidiando entretanto a fortaleza de Rachol para deixar ás incursões do inimigo este pequeno freo.

*Retirão-se de temor dos nossos. — Manda outra gente e quer ella vir.*

19. Logo que o governador chegou a Goa, dando os primeiros dias ao gosto dos successos passados, não querendo dar outros ao descanso, como homem, que tinha a paz por vicio, a guerra por costume, passou a Agaçaim, donde despedio a dom Diogo de Almeida Freire, com novecentos homens, para que desalojasse o inimigo, que estava com quatro mil soldados nas aldeas vezinhas. E tanto que os Mouros tivérão aviso, que a nossa gente marchava, sem esperar o som das caixas, nem a vista das bandeiras, se recolhérão ao sertão; o que a todos pareceo respeito ás victorias de Dio, cuja fama tinha cheo de temor, e reverencia o Oriente todo. Ficou outra vez a campanha á nossa obediencia, logrando com os receos da guerra huma paz mal segura, qual se podia esperar de principe queixoso e vezinho. O Hidalcão, dando-se na fugida dos seus por afrontado, acodio pola opinião das armas, como segunda causa para mover a guerra, mandando oito mil soldados a senhorear as terras da contenda, em quanto aprestava poder maior, intentando (como elle dizia) onde aventurava o reino, arriscar a pessoa. Porém em quanto o estrondo d'estas armas se não ouve em Goa, fallaremos das cousas de Malaca e

Maluco, por serem dispostas com a providencia do governador, e acabadas com sua fortuna.

### *El-rey Aeyro preso em Goa. — É absoluto pelo governador.*

20. Estava Bernardim de Sousa despachado com o governo das Malucas, ilhas, que como tão distantes do coração do Estado, recebião mais tibia obediencia, assi na sujeição dos naturaes, como na liberdade dos governadores, que obravão voluntarios e independentes. Tinha Jordão de Freitas enviado a Goa a el-rei Aeyro, ligado com prisões, indignas da coroa, e criminado com processos alheos da verdade. Os quaes dom João de Castro mandou verificar por tela de juizo, e absoluto o pobre rei dos delictos impostos, depois de o hospedar com real tratamento, lhe restaurou com honras e favores a injuria do innocente cetro, mandando a Bernardim de Sousa lhe fosse dar a posse do reino com maior reverencia, que de nossos governadores costumavão receber seus passados, para que conhecessem aquelles póvos a clemencia e justiça do Estado, distribuida por igual balança a subditos e amigos.

### *Levado a Ternate. — É restituido aos seus.*

21. Chegou Bernardim de Sousa á ilha de Ternate, e saltando em terra, se foi meter na fortaleza, sem as ceremonias, com que a ambição d'aquelles povos costuma receber a seus governadores. Jordão de Freitas, que na subita vinda do successor, e na consciencia culpada, estava lendo o processo de suas demasias, ficou sobre maneira alterado, conhecendo da inteireza de dom João de Castro, que não permittia aos capitães mores, que aos reis amigos fizessem, nem sofressem injurias, e que se não podia justificar Aeyro, sem o condemnar a elle. Com-

tudo deo a Bernardim de Sousa posse da fortaleza, a quem logo acudirão os filhos de Aeyro, mais a saber dos castigos do pai, que a esperal-o: tão timidos são os juizos dos homens nas cousas que desejão. Bernardim de Sousa lhes disse, que o fossem desembarcar da náo tão honrado, que pareceria, que mais fôra representar serviços, que responder a culpas. Os filhos ainda incredulos no gosto da inesperada nova, forão correndo á praia, seguidos de multidão do povo, que avaliava por cousa rara, justiça contra hum poderoso, admirando-se da igualdade de nossas leis, indifferentes a naturaes e estrangeiros. Desembarcou Aeyro, dizendo que nossos braços lhe dérão a victoria de nós mesmos; e que das excellencias do governador da India fallaria sempre com o dedo na boca. Levantados em as mãos levava os grilhões, com que d'alli partira preso, servindo-se da memoria do aggravo para o agradecimento. Com esta justiça repousárão cousas de Maluco, em grata obediencia, muitos annos.

## *Conjurão varios reis contra Malaca.*

22. Gozava neste tempo Malaca d'huma profunda paz, assentada sobre as amizades e commercio dos principes vezinhos; e porèm el-rei de Viantana achando-se com forças para intentar qualquer empresa grande; o poder e o ocio lhe trouxérão á memoria muitos aggravos esquecidos, que dos reis de Patane havia aquella casa recebidos; e como era bem correspondido dos principes de Quedá, Pam, e outros confinantes, teve meios para os colligar, fazendo-os parciaes na vingança de alheas injurias. Pozérão sobre o mar huma grossa armada, capitulando, que o de Viantana se contentaria com a vingança do inimigo, e elles ficarião com os despojos da guerra, a respeito de aventurarem o sangue na satisfação dos aggravos de outro.

### *Que faz o capitão d'ella.*

23. Era nesta occasião Simão de Mello capitão de Malaca, e sabendo das discordias d'estes principes, escreveo a Diogo Soares de Mello, que estava no porto de Patane, que se viesse áquella fortaleza, porque como todos aquelles reis erão amigos do Estado, queria antes ser arbitrio, que parcial em suas differenças; de mais, que era razão politica, deixar que a guerra os quebrantasse, para que desangrados vivessem na paz, e obediencia de nossas armas mais sujeitos, considerando que o tempo lhes podia dar occasião, e as forças ouzadia, porque para o odio, bastava sermos nós dominantes; e para a guerra, o poder não busca outras causas.

### *Sae em terra o Achem, e recolhe-se logo.*

24. Diogo Soares, não engeitando o aviso, despedio alguns navios de carga para a China, e elle com duas galeotas se partio na via de Malaca. Andava neste tempo o Achem ás presas com vinte velas grossas, fazendo com forças de senhor o officio de cossario. Tomou alguns juncos de bastimentos, e fez no mar outros insultos em navios de amigos. Com a fortuna cresceo o atrevimento, chegando a desembarcar de noite no porto de Malaca, para poder dizer que chegara a pisar terra de nossa obediencia, e logo com esta gloria, ganhada tanto a furto, se tornou a embarcar.

### *Sae a buscal-o a armada.*

25. Tocou-se na cidade a rebate, onde o temor, e a noite fez maior o perigo, fugindo muitos de suas mesmas sombras. Chegárão á fortaleza as vozes dos que só temião, porque vião temer, assombrados do medo sem pe-

rigo. Mandou o capitão mór a dom Francisco d'Eça com alguns soldados, que entrados na povoação dos Chelins, virão na confusão, e temor de todos a imagem da guerra, menos o inimigo, que estava já embarcado, sem levar mais que a fantastica vaidade de haver saltado em terra. Sentio Simão de Mello a covardia do Achem, como se fosse injuria; tão respeitadas estavão as paredes daquella fortaleza, que parecia insolencia acommettel-as, avistal-as delicto. Mandou logo por hum Bantim ligeiro, espiar os passos do Achem, em quanto lançava ao mar dous caravelões, e seis fustas, para os mandar em busca do inimigo. Aportou nesta occasião Diogo Soares de Mello com as duas galeotas, que temos referido, como trazidas por nossa fortuna a ajudar á victoria. Nomeou a dom Francisco d'Eça por cabo d'esta esquadra, o qual ainda mal armado, com a pressa de quem acodia a pendencia subita, se fez na volta do mar, com instrucção, que se em dez dias não achasse o inimigo, se recolhesse ao porto, porque não hia bastecido para mais largo tempo.

*Tem novas delle o capitão, e quer seguil-o. — Os soldados se amotinão. — Diogo Soares os applaca.*

26. Navegárão oito dias sem encontrar a armada, e chegados a huma ilha, tivérão novas que o inimigo estava ancorado em Quedá, viagem de dous dias. Determinou dom Francisco passar avante; porèm os soldados se amotinárão, dizendo que era de capitão bisonho seguir a quem fugia, que os bastimentos estavão já acabados, que elles não hião peleijar com a fome, e que, se o regimento do capitão mór se estreitava a dez dias, melhor era a obediencia que a victoria. Porèm Diogo Soares de Mello, inda que inferior no posto, maior na authoridade, disse que todo o capitão que se voltasse, havia de peleijar com elle primeiro, porque maior serviço faria a el-Rei em

meter no fundo soldados desobedientes, que inimigos atrevidos. Applicado nesta forma hum temor com outro, navegárão a Quedá, onde soubérão que o inimigo estava em hum porto oito legoas distante; resolveo dom Francisco seguil-o, visto estar tão vezinho. Aqui foi a murmuração dos soldados maior, mas não o atrevimento, porque virão que a injuria era mais do temor que do perigo; assi forão seguindo a capitaina com maiores demostrações de gosto, do que nunca tivérão, ou fosse por dourar os receos passados, ou que os corações presagos da victoria criárão mais honrados affectos.

### *Avistão e acommettem o inimigo. — Rende Diogo Soares a capitaina.*

27. Avistárão naquella mesma tarde a cidade de Parlés, em cujo porto estava o inimigo, surto em huma enseada que fazia o rio em pequena distancia da cidade. Mandou o capitão mór sondar o rio e abalisar com ramas o canal para fugir dos bancos, e sabendo pola sonda, que tinhão as caravelas fundo, acommetteo a entrada a tempo, que o inimigo vinha com duas galés e outros navios buscar a nossa armada, porque polas espias entendeo, que erão navios mercantes, em razão de haverem vista da terra dos caravelões sómente, por estarem as fustas, e galeotas, cubertas com a sombra de huma ponta torcida em voltas, que alli faz o rio. Trazia o inimigo duas galés diante, que davão escolta a outra muita fustalha; as quaes como achárão soldados, aos que imaginavão mercadores, quizérão voltar, mas como o rio era muito estreito, e ellas vinhão arrazadas em popa, o não podérão fazer, sem que primeiro lhes chegassem os nossos. Atracados em breve espaço, tingirão as armas, e ainda o rio em sangue. Diogo Soares entrou a galé capitaina com cincoenta soldados, e achou nos Mouros

tão porfiada resistencia, que todos forão mortos, porèm nenhum rendido ; com o mesmo orgulho peleijárão os outros. Conheceo-se a victoria polos vasos, mas não polos cativos. Parece, que com obstinação honrada nenhum quiz sobreviver á sua ruina. A resistencia do inimigo he argumento do valor dos nossos, pois não só peleijárão com valentes, mas com desesperados.

### *Embaixada dos conjurados.*

28. Entretanto el-rei de Viantana e os mais confederados recebèrão tantas satisfações do de Patane, que assentárão com maiores vinculos a paz; estes, sabendo que a nossa armada era saída, ajuizando que a fortaleza ficaria sem guarnição bastante, viérão tentar, se esta occasião lhes abria caminho para tirar de Malaca tão pesado vezinho; e como o odio os fazia atrevidos, e o temor covardes, quizérão com o semblante da paz disfarçar-nos a guerra. Enviárão hum capitão pratico a Simão de Mello, significar-lhe o sentimento, que tinhão de haver o Achem desbaratado a nossa armada, e que sabião que com o gosto da victoria, juntava poder maior para vir sobre a fortaleza, que como tinha tão poucos defensores, era forçoso, que o valor cedesse á multidão, pois o numero, e a occasião dava as victorias; que elles como amigos do Estado lhe pedião licença para desembarcar naquelle porto, e remirem com seu sangue a fortaleza de tão certa ruina, e faria o mundo juizo, que erão melhores amigos no trabalho, que na prosperidade. Alèm d'esta mensagem cautelosa, vinha o enviado instruido, que notasse os soldados que tinha a fortaleza, e do semblante do capitão conjecturasse o valor, ou receo com que ouvia o destroço da armada ; por ser o coração nos affectos mais fiel, que a lingua.

*Reposta do capitão de Malaca.*

29. Porém Simão de Mello, entendendo que a offerta era traição, e o mensageiro espia, determinou feril-os polos seus mesmos fios, servindo-se de enganos contra enganos. Respondeo agradecido a tão opportunos soccorros, como lhe offerecião, e que em retorno de tão grata amizade, lhe pedia alviçaras da victoria, que os seus navios alcançárão do Achem, de que naquelle instante havia tido aviso; e que na fortaleza tinha gente, e munições sobejas para os servir contra seus inimigos; que o Achem saíra d'aquelle porto fugindo; que os Portuguezes tivérão no alcance difficuldade; na victoria, nenhuma. Estas palavras recebêrão credito da segurança com que se dissérão, ficando o Mouro crédulo, e descontente no esforço do capitão, na victoria da armada; levando aos seus por reposta, que o capitão mór, ou entendêra o ardil, ou desprezára o medo.

*Faltão novas da armada. — Queixa-se o vulgo. — O P. Xavier o socega. — Pronostica a victoria. — E annuncia o modo della.*

30. Simão de Mello com estas cousas entrou em grande cuidado, porque a tardança da armada fazia a nova contingente, accusando-se de leve e temerario, por haver empenhado as forças d'aquella praça contra hum inimigo, de cuja paz não tiravamos fruto, nem gloria da ruina, porque humilde prova de valor seria destroçal-o com forças iguaes, se o tinhamos vencido com muito inferiores. Assi discorria o capitão, como se não pudéra haver desgraça sem culpa. Hião na armada embarcados os casados de Malaca, cujas mulheres, e filhos com lagrimas anticipadas ao successo, choravão a victoria, que ignoravão, queixando-se do capitão, que quizera com-

prar fama com o sangue alheo; sendo mais conveniente ao Estado huma paz honrada, que huma victoria inutil. E já tumulto popular tocára em liberdade, se o mestre Francisco Xavier (que então a India respeitava penitente, e agora o mundo venera santo) não enfreára o povo, lembrando-lhe a paciencia nas adversidades, não só como virtude, senão como remedio; descobrindo-lhe cauto, mas tambem compassivo, huns longes de mais alegres novas, que mais parecião alivios de proximo, que annuncios de propheta. Quando no mesmo dia, em que se deo a batalha, estando á vista de numeroso povo, ensinando os caminhos da vida, se arrebatou subitamente em hum extasis profundo, como bebendo em suave silencio os segredos divinos; até que despertando da mysteriosa pausa dos sentidos, rompeo em agradaveis vozes, dizendo, que prostrados ante os altares, déssemos graças ao Autor das victorias porque naquella hora desbaratára Deos com nossos braços a armada do inimigo. O povo reverente no presagio do interprete divino, com gratas e piedosas lagrimas louvava a Deos no santo, começando dos estremos do pesar, mais segura a alegria. Aquella mesma tarde estando doutrinando a plebe em huma ermida vezinha, referio os casos da batalha com tão particulares accidentes, como quem sabia o successo, de quem deo a victoria; e d'esta felicidade cremos, foi o glorioso santo intercessor e oraculo, o qual com muitas outras illustrações divinas antevio os segredos escondidos com espirito presago do futuro. Ficou Malaca gozando d'huma honrada paz, assegurada com a victoria, que temos referido; porém o governador em Goa, ainda com as armas quentes no sangue d'huma batalha, o chamavão a outra.

*Cuidados do Hidalcão. — Manda gente á terra firme.*

31. Entre o Hidalcão e o Estado deixou Martim Affonso de Sousa vivas as causas dos odios, que temos referi-

do, de que dom João de Castro lhe não podia dar satisfação, sem afronta; nem negar-lha, sem guerra. Com a retirada dos Mouros estavão á nossa obediencia as terras de Bardez e Salsete, nascendo os frutos da agricultura, quasi debaixo das armas com que os defendiamos. O Hidalcão, como via com seus olhos as terras, e tambem os aggravos continuados na retenção que avaliava injusta, cada dia nos acordava com as armas seu direito, sobresaltado juntamente com a presença do Meale em Goa, que era veneno, que acommettia o coração do reino; e entendendo que com as entradas dos seus subitas e furtivas, mais irritava, que enfraquecia o Estado; e que com a negação dos mantimentos, empobrecia os vassalos, e engrossava os vezinhos, de cujos portos os recebiamos. Entrou em consideração de nos fazer a guerra com poder descoberto, em que aventurasse o reino e a pessoa, deixando na fortuna d'huma batalha, a justiça d'humas e outras armas; e como a paz e a tyrannia o tinhão feito rico, erão-lhe faceis as despesas da guerra, que havia de mover, quasi dentro em sua mesma casa. Despachou logo oito mil soldados a senhorear as terras de contenda, em quanto se dispunhão forças maiores para sustentar o que aquellas ganhassem.

### *Dom Diogo de Almeida lhe sae. — O governador o faz recolher.*

32. O governador, com o primeiro aviso d'esta entrada, ordenou que dom Diogo de Almeida Freire, com novecentos Portuguezes, e alguns Canarins de soldo, e huma companhia de cavallos, fosse encontrar o inimigo, ficando elle em Pangim para o soccorrer com o resto da gente, se o Hidalcão viesse pessoalmente; fama que os Mouros derramavão, e nos querião persuadir, ou se persuadião. Dom Diogo de Almeida partio com esta gente, e fez alto na fortaleza de Rachol, a cuja vista teve algumas

escaramuças leves com o inimigo, que não quiz empenhar o poder, nem aceitar a batalha, que lhe offereciamos, quiça conhecendo, que não podiamos sustentar guerra lenta pola falta de provizões, e incommodidades do terreno alagadiço, e retalhado em esteiros, onde não podiamos ter alojamento enxuto, nem servir-nos de cavallaria em todos os lugares da campanha; huns, que pola humidade nos tolhião a passagem, outros pola aspereza; inconvenientes mais faceis de vencer aos Mouros, que como naturaes da terra sabião melhor os passos, e estavão feitos ao trabalho de calcar os pantanos com agilidade e soltura. Demais, que erão bastecidos com maior abundancia, como senhores do paiz. Vendo pois dom Diogo, que o inimigo tinha a escolha de peleijar, ou retirar-se, e que os mantimentos lhe faltavão, consultou o governador, que lhe ordenou, que recolhesse a gente na fortaleza de Rachol, em quanto resolvia o que se devia obrar.

### *E põe esta guerra em conselho.*

53. Voltou o governador de Pangim a Goa, onde poz em conselho o estado das cousas, e desejos que tinha de opprimir o Hidalcão com guerra mais pesada para evitar as molestias de tão repetidas entradas, ficando d'huma vez com as mãos livres para acodir a negocios differentes, o que não poderia ser, deixando armado, e sem castigo tão importuno vezinho. Porèm a todos pareceo, que a guerra se differisse para tempo opportuno, qual seria o do verão seguinte, em que os nossos podião campear já no terreno enxuto, e com forças maiores, engrossadas com os soldados reinoes, que nas náos de viagem se esperavão; que o fim das empresas não era a brevidade, era a victoria.

*Dilata-se para outro tempo. — Exercita a guerra na paz. — Favorece os soldados.*

34. O governador, ainda que bellicoso, e mal sofrido, houve de sojeitar a vontade ao entendimento, esperando monção, em que podesse pedir ao Hidàlcão mais rigorosa conta de seus atrevimentos. O que assentado ordenou a dom Diogo de Almeida Freire, que retirasse a gente, deixando a fortaleza de Rachol com sufficiente presidio, pondo ás correrias do inimigo este pequeno freo. E como o governador era no exercicio das armas incansavel, em quanto não tinha real a guerra, parece que se deleitava com a imagem d'ella. Hia todos os dias ao campo, onde mandava aos soldados tirar á barra, jogar as armas, formar esquadrões, incitando a huns com premios, a outros com louvores, fazendo com a emulação e exercicio crescer estas virtudes, trocando huma cidade pacifica e politica em escola de armas, que estes erão os saraos e comedias, onde com util e bellicosa diversão se recreava o povo, tendo com a frequencia d'estes ensayos os soldados tão bem disciplinados, que nas occasiões da guerra verdadeira, nenhum caso, ou accidente os tomava de novo. Passando pola rua de Nossa Senhora da Luz, vio em huma casa terrea quantidade de armas em hum cabide, tratadas com tal lustro e asseo, que se pagou da limpeza e concerto com que estavão dispostas, e tendo a redea ao cavallo, perguntou quem na casa vivia. Acodio a lhe responder o mesmo dono, que era hum Francisco Gonçalvez, soldado de fortuna. O governador, depois de o louvar de curioso e bem occupado, lhe mandou dar trinta pardaos, com que lustrasse o ferro; sendo que nos dias de seu governo tiverão pouco tempo as armas para criar ferrugem.

*Tem avisos de Dio.*

55. Era já entrado o mez de agosto, e o governador, como antevendo as occasiões futuras, não perdia momento em municionar, bastecer a armada, quando aportou na barra de Goa Francisco de Moraes, capitão d'hum catur, com cartas de dom João Mascarenhas, em que o avisava que o soldão de Cambaya juntava todas as forças de seus reinos com voz de pôr segundo sitio áquella fortaleza; que convinha mostrar-lhe este verão as armas, porque attento á segurança de sua mesma casa, deixaria de inquietar a alhea; mórmente, que impedindo-lhe nossas armadas a liberdade da navegação e os uteis do commercio, abriria os olhos para ver que só da paz do Estado pendia sua prosperidade.

*Communica-os ao senado e pede-lhe ajuda. — Offerecem-lhe quanto tem. — E as mulheres suas joyas. — Avisa Chaul e Baçaim.*

56. O governador mandou juntar o governo da cidade, a quem deo copia da carta de dom João Mascarenhas, pedindo-lhe o ajudassem, para acabar de domar ou reduzir este inimigo; e ainda que esta exacção os tomava sobre tão fresco empenho, foi a proposta do governador tão grata a todos, que lhe offerecèrão as vidas e as fazendas, como se fôra o serviço do Estado, alimento e herança dos filhos que criavão. Esta felicidade de tempos não alcançou a India em todos os governos. Dom João de Castro lhes pedio dez mil pardaos, com que o povo o servio promptamente. E as mulheres de alguns cidadãos ricos lhe mandárão quantidade de joyas com huma carta chea de hônradas queixas polas não haver aceitado, nem despendido na primeira offerta; mostrando-se as de Chaul, ainda que no exemplo segundas, na offerta

maiores. Porèm o governador, escasso no uso e dispendio de tão fieis donativos, lhes tornou a remetter agradecido, e pagando-lhes nas honras dos maridos e filhos, tão liberal e opportuno serviço. Avisou aos moradores de Baçaim e Chaul das noticias do capitão de Dio e despesas da armada, e necessidade em que estava para que o ajudassem; os quaes lhe respondèrão tão faceis ao serviço real, que parecia recebião as novas occasiões de perigo e despesa como premio do que tinhão servido.

### *Chegão náos do reino. — Ordens que trazem.*

37. Andava o governador dando expediente aos aprestos da armada, quando lhe chegou nova que na barra de Goa havião lançado ferro duas náos do reino, que se apartárão da conserva de outras. Tinhão aquelle anno partido do reino seis, sem capitão mór; das que chegárão erão capitães Balthasar Lobo de Sousa e Francisco de Gouvea; das quatro que faltavão, dom Francisco de Lima em S. Philippe, e vinha provido na capitania de Goa; Francisco da Cunha no Zambuco; e estas duas partirão tarde, e viérão tomar a barra em vinte e tres de setembro. De outra náo, que era a Burgaleza, vinha por capitão Bernardo Nazer, invernou em Socotora, e aportou em Goa nos ultimos de maio. Era capitão da outra dom Pedro da Sylva da Gama, filho do conde almirante, despachado para Malaca, e por roim navegação de seu piloto, se perdeo nas ilhas de Angoxa: salvou-se porèm a gente, que passou a Moçambique, e d'ahi, repartida por outras embarcações, chegou á India. Nestas náos veo ordem ao governador que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique, por avisos que se tinhão, de haverem Rumes de vir a ella, e convinha assegurar os moradores, e o porto como escala principal de nossas náos, tolhendo ao inimigo o impedimento que nos podia fazer no commercio de Çofala e Cuama.

*Resolve a guerra do Hidalcão. — Ordena sua gente.*

58. Achava-se o governador com tres mil soldados portuguezes e alguns soccorros de Naires de Cochim, que forão as maiores forças, que juntou na India, e considerando que o Hidalcão, com sua ausencia, poderia perturbar o Estado, attento a não ficar em Goa quem lhe fizesse opposição bastante, resolveo buscal-o no interior do sertão, necessitando-o a aceitar a batalha, porque tinha para esta guerra tão precisa, taixado o poder e o tempo. Communicou esta resolução com os regentes da cidade e aos cabos da milicia, e a todos pareceo a occasião opportuna. E como o governador era nas execuções sobre maneira presto, e tinha a gente prompta, repartio em cinco esquadras os soldados, segundo a disciplina da India, de que fez cabos a seu filho dom Alvaro, dom Bernardo, e dom Antonio de Noronha, filhos do viso-rei dom Garcia de Noronha, Manoel de Souza de Sepulveda e Vasco da Cunha. Hia tambem dom Diogo de Almeida Freire com duzentos cavallos e os casados de Goa, a quem se aggregárão os peões da terra, em numero de mil e quinhentos. Presidiava a fortaleza de Rachol Francisco de Mello com trezentos soldados portuguezes e alguma infanteria dos naturaes, ao qual avisou o governador que se apresentasse para se ajuntar com elle na villa de Margão.

*Vem-lhe embaixadores do Canará. — Ouve-os e despede-os. — Retira o Hidalcão a gente.*

59. Neste tempo chegárão a Goa embaixadores do rei do Canará, que pretendião a confederação do Estado, para com armas auxiliares molestar ao Hidalcão, seu confinante. Foi este reino, entre os Orientaes, pola grandeza do imperio, o mais illustre; polos principio

da origem, o mais desvanecido, fabulando mil tradições apocrifas, com que a veneração real servio a lisonja. Ouvio o governador a embaixada com ceremonias decentes á ambição do Rei e grandeza do Estado ; e logo capitulárão amizades com condições honestas a huma e outra coroa. Tanto que o Hidalcão entendeo a resolução do governador, mandou retirar a guarnição das terras firmes, como declinando o golpe da primeira invazão, querendo cansar o Estado com aquella forma de guerra repentina e furtiva, aos nossos intoleravel, a elle facil.

### *O governador os segue.*

40. Soube o governador que os Mouros erão recolhidos a Pondá, onde estavão abrigados com a artelharia do seu forte ; alguns capitães forão de parecer que o governador não seguisse o inimigo, que fugia, opinião envelhecida dos maiores soldados; porèm dom João de Castro, não querendo vestir de balde as armas, mandou passar avante, dizendo que queria castigar ao Hidalcão em sua mesma casa. Foi esta resolução grata aos soldados, crendo que levavão na fortuna do general grão parte da victoria. Marchou o campo aquelle dia duas legoas, e já sobre a tarde houve vista do inimigo, que da outra parte d'huma ribeira o esperava, para lhe impedir o passo com hum corpo de dous mil soldados.

### *Dom Alvaro peleija na vanguarda. — Os Mouros fogem. — Manda o governador seguil-os. — Retirão-se ao sertão.*

41. Dom Alvaro de Castro, que levava a vanguarda, se lançou ao rio, vadeando e peleijando juntamente ; o inimigo lhe deo a carga de arcabuzaria, com que lhe derribou alguma gente ; porèm sem impedir ou retardar aos

outros, que passavão. Os demais capitães cortárão o rió por differentes partes, e quando chegárão, achárão a dom Alvaro baralhado com os Mouros, e já tão apertados que hião deixando o campo, porque como não era seu intento peleijarem no raso, tanto que vencemos o rio, cessárão da opposição, que nos fazião, retirando-se ordenados á sua fortaleza de Pondá. O governador mandou seguil-os, o que se fez aquelle dia por sima de alguns estrépes, que encravárão a muitos; e chegando a Pondá, vio a todos os capitães do Hidalcão ordenados em forma de dar ou aceitar batalha. O governador, com o mesmo passo da marcha que levava, mandou acommettel-os; os Mouros na resolução parece que conhecèrão a pessoa de dom João de Castro, e como se dérão lugar á fama de seu nome, lhe deixárão o campo, onde só com o respeito alcançou a victoria. Retirou-se ao sertão o inimigo, onde pola aspereza da terra não podia ser seguido. Entrou dom Alvaro na fortaleza, que achou desemparada; forão muitos de parecer que se desmantellasse; o governador porèm, com mais altivo acordo, mandou que aos miseraveis fugitivos se deixasse aquelle abrigo; era desprezo, e pareceo piedade.

## *Volta a Goa.*

42. Ficárão outra vez as terras á nossa obediencia, sem paz segura, nem guerra continuada. O Hidalcão tinha forças para nos tolher os frutos, mas não para lograr-os; e peleijava já mais pola reputação que polos interesses da campanha. Voltou o governador a Goa, onde tinha a armada prompta para passar ao Norte, não tendo outro lugar para o descanso, que o mar, ou a batalha; e como o tempo chamava as vélas, e os successos trazião aos soldados contentes, não foi necessario, para se embarcarem, bando ou diligencia.

*Torna a Dio.*

43. Achou-se o governador no mar com cento e sessenta fustas, de que erão os capitães dom Alvaro de Castro, dom Roque Tello, dom Pedro da Sylva da Gama, dom João de Abranchez, dom Jorge d'Eça, dom Bernardo da Sylva, Vasco da Cunha, Francisco de Lima, Francisco da Sylva de Menezes, dom Jorge de Menezes o Baroche, Manoel de Souza de Sepulveda, Cide de Sousa, Duarte Pereira, Diogo de Sousa, Garcia Rodriguez de Tavora, dom João de Attayde, dom João Lobo, Gaspar de Miranda, dom Bras de Almeida, Jorge da Sylva, dom Pedro de Attayde Inferno, Antonio Moniz Barreto, Cosme Eanes Secretario, Melchior Correa, Sebastião Lopez Lobato, Antonio de Sá, Alvaro Serrão, dom Antonio de Noronha, Diogo Alvarez Telles, Antonio Henriquez, Aleixo de Abreu, Antonio Dias, Balthasar Dias, Balthasar Lopez da Costa, Damião de Sousa, Manoel de Sá, Fernão de Lima, Alonso de Bonifacio, Antonio Rebello, Antonio Rodriguez Pereira, Melchior Cardoso, Cosme Fernandez, Nuno Fernandez, Francisco Marquez, Duarte Dias, Diogo Gonçalvez, Francisco Alvarez, Francisco Varella, Luis de Almeida, Francisco de Brito, Gonçalo Gomez, Gregorio de Vasconcellos, Gome Vidal, capitão da guarda do governador, Antonio Pessoa, veador da fazenda da armada, Gonçalo Falcão, Gonçalo de Valladares, Galaor de Barros, Gaspar Pirez, João Fernandez de Vasconcellos, Fernando Alvarez, João Soarez, Ignacio Coutinho, João Cardoso, João Nunez Homem, João Lopez, Lopo de Faria, Manoel Pinto, Lopo Soarez, Manoel Pinheiro, Lopo Fernandez, Manoel Affonso, Marcos Fernandez, Nuno Gonçalvez de Leão, Pero de Caceres, Pero de Moura, Ruy-Pirez, Pero Affonso, Pero Preto, Luis Lobato, Simão de Areda, Francisco da Cunha, Simão Bernardez, Thomé Branco, patrão mór da ribeira, Coge Percoli, lingua; e os navios que vié-

rão de Cochim, de que os cabos erão nossos. Forão nesta conserva alguns navios de particulares, que por benevolencia do governador servírão graciosamente o Estado.

### *Chega a Baçaim. — Manda dom Alvaro a Surrate.*

44. Com toda esta frota foi o governador surgir em Baçaim, donde mandou algumas espias a Cambaya, para reconhecer as forças e desenhos do inimigo, de cujo poder se fallava em todos aquelles portos com temor e espanto; e os Guzarates, crédulos ou soberbos, dizião que o soldão poria d'esta vez o Estado debaixo de seu açoute. Aqui teve o governador aviso que Caracem, genro de Coge Çofar, estava na fortaleza de Surrate, com pequeno presidio na confiança do exercito vezinho. Dom João de Castro, desejando acommetter alguma das praças, que cobria a sombra do inimigo, mandou a seu filho dom Alvaro com sessenta vélas, para que sobindo o rio de Surrate, despachasse alguma pessoa de confiança, que notasse o estado da fortaleza ou tomando lingua da terra, soubesse com que munições o presidio Caracem se achava, e parecendo, que se podia tomar a fortaleza por escala, lhe désse logo o assalto, porque polas mesmas pisadas, que deixasse, iria a soccorrel-o.

### *Despede dom Alvaro a dom Jorge.*

45. Chegou dom Alvaro com a armada ao primeiro poço, que fica na entrada do rio, e logo despachou a dom Jorge de Menezes Baroche, com seis fustas, para reconhecer a fortaleza. Sobio dom Jorge polo rio, remando á voga surda, até que sendo visto da fortaleza, lhe tirárão algumas bombardas. Os das fustas voltárão logo os remos, ou timidos, ou cautos, por mais que lhes bradou dom Jorge, que esperassem. Aqui foi o perigo

maior, donde se não temia, porque d'huma povoação de Abexins, que estava sobre o rio, tirárão muitas peças; o que visto por dom Jorge, saltou em terra, e entrando a povoação ganhou a artelharia dos reductos com valor, e animo tão quieto, que a baldeou nas fustas, sem que lhe fizesse estorvo a gente que acodia de terra. Esta segurança fez parecer o poder maior, quiçá medindo o inimigo nossas forças por nosso atrevimento.

*E outros capitães. — Que lhes succede.*

46. Logo que dom Alvaro despedio a dom Jorge com as fustas, mandou tras elle outras duas, de que erão capitães Francisco da Sylva de Menezes e João Fernandez de Vasconcellos; os quaes, desejando tomar lingua em terra, surgírão em hum poço antes da povoação dos Abexins, donde mandárão os marinheiros, que fizessem aguada; que saltando em terra caminhárão quasi hum tiro de espera. Caracem, tanto que ouvio as bombardadas, que se tirárão da povoação dos Abexins, como havemos referido, despedio quinhentos Turcos, para que os soccorressem; os quaes achárão as estancias perdidas e a artelharia embarcada; e passando mais avante forão vistos dos marinheiros, que fazião aguada; que bradárão a Francisco da Sylva, dizendo que do campo havia inimigos; e Francisco da Sylva caminhou logo a soccorrel-os, accompanhado de João Fernandez de Vasconcellos, e fazendo hum esquadrão cerrado, investírão com os Turcos e os rompèrão, ficando alguns caídos com a carga da espingardaria, que os nossos lhes dérão. Dom Jorge, que se hia recolhendo, quando vio as fustas surtas, e que os nossos peleijavão em terra, poz nella a proa, e acodio a tempo, que pôde carregar ao inimigo, o qual se recolheo fugindo, deixando alguns companheiros mortos no campo. Custou-nos a victoria hum soldado.

### *Voltão a dom Alvaro.*

47. Embarcárão-se os nossos, e forão na companhia de dom Jorge a demandar a armada; o qual, referindo a dom Alvaro o successo, e a observação que fizéra, pareceo aos cabos, que não tinha lugar a facção, visto estar a armada descoberta e a terra appellidada. Só dom Jorge sustentou tenazmente, que se devia acommetter a fortaleza, sendo a grandeza de seu animo a maior razão, com que o persuadia : porém erão as contradicções tão vivas, que não podia acontecer sem culpa o mais feliz successo.

### *Que fez o governador em Baçaim.*

48. Em quanto dom Alvaro esteve no rio de Surrate, o governador surto deo expediente a diversos negocios, e como sobre valeroso, era tambem bizarro, derramou fama, que havia de prender o soldão dentro em Amadabá, onde á vista dos Turcos, que o asseguravão, o havia de assar vivo. E como esta voz recebia credito de tão grandes victorias, huns aos outros a referião os Mouros temerosos ou credulos. O governador, por fazer apparente o medo ou a galantaria, mandou lavrar huns espetos grandes, como quem para descansar dos negocios mais graves, se deleitava em diversões briosas. Costumavão os soldados d'aquelle tempo trazer nos cintos humas machadinhas mui polidas, que servião de cortar as driças, e enxarceas dos navios de preso, e tambem de arrombar caixões, e fardos; este era o uso, o outro era coberta. Desgostava-se o governador de armas, que tinhão tão humilde serviço, e vendo acaso passar Fausto Serrão de Calvos, soldado limpo, com huma machadinha, lhe disse, que os homens de conta, só a espada cingião airosamente. « Senhor (lhe respondeo o soldado), sem esta ma-

chadinha não servem os espetos de V. Senhoria, porque não poderemos assar inteiro a el-rei de Cambaya. »

*Ajunta-se com seu filho. — Avista o soldão. — Apresenta-lhe batalha.*

49. Foi o governador ajuntar-se com dom Alvaro na barra de Surrate, onde soube que a fortaleza estava soccorrida. Passou d'ahi com toda a armada junta a avistar Baroche ; de cujo porto despedio a Francisco de Sequeira, capitão dos Naires de Cochim, para sondar o rio, e ver o que se podia obrar, informando-se do estado da fortaleza com vista de olhos. Este capitão sobio polo rio até haver vista do exercito do soldão derramado por huma dilatada campina. Era fama que trazia duzentos mil soldados ; o certo he que era a multidão tão grande, que cobria os campos vezinhos e distantes. Referio ao governador o que vira, o qual, altivo de se ver tão temido, quiz avistar as forças do inimigo por credito de sua mesma fama. Mandou que levantasse ferro a armada, e foi sobindo até dar fundo na frente do exercito, cujo numeroso poder secava os rios. E desembarcando em terra, formou campo, e apresentou batalha ao soldão ; acção tão valerosa, que entre as memoraveis do mundo não deve esta ser segunda. O soldão nem aceitou, nem recusou o conflicto ; esperou ser acomettido, assi como buscado. Vio ao governador, não lhe quiz ver a espada. Porèm dom João de Castro, como buscando nova gloria, em facções não vulgares, chamou a si os cabos e fidalgos de nome, aos quaes fallou nesta substancia.

*Falla aos seus.*

50. « Temos á vista o maior rei da Asia, e o maior exercito : anda buscando occasiões a fortuna de nos fa-

zer famosos, para que sobre esta victoria, na obediencia do Oriente, descansemos as armas. Confesso-vos a desigualdade tão grande entre hum poder e outro; porèm nossas esquadras não se contão polo numero, senão pola virtude. Aquelles são os mesmos que, ha poucos dias, destroçámos em Dio, não he necessario a estes fazer novas feridas, rasguemos mais as que inda trazem abertas. Seu mesmo numero os faz mais temerosos, vendo embaraçados os caminhos para poder salvar-se; se hontem nos deixárão o campo, tendo-nos sitiados, como nos hão resistir agora victoriosos? Mal sustentarão a honra de seu rei, os que perdérão a sua. Maior poder he o nosso que o do inimigo, peleijão de nossa parte a fama e a victoria. Não creo que haverá quem engeite a grande parte que lhe cabe na gloria d'este dia. »

*Reposta dos fidalgos e cabos. — Está no campo tres horas e embarca-se.*

51. Os fidalgos e soldados dissuadirão o governador de tão perigoso acomettimento; porque em forças tão desproporcionadas, ainda era digna de reprehensão a victoria, que os homens grandes fiavão mais da razão que da fortuna; que olhasse pola conservação, pois já lhe sobejava fama; que assaz era haver desembarcado, e offerecer ao soldão batalha, pisando sua mesma terra. O governador se deixou vencer d'estas razões, temendo mais a culpa que o perigo. Dom Jorge lhe pedio quinhentas espingardas, para com ellas fazer alguma sorte no inimigo; porèm dom João de Castro, como lhe desviárão o golpe da batalha, parece que não quiz lastimar o soldão com chaga tão pequena. Esperou tres horas na campanha, sem que o inimigo se movesse, e logo mandou embarcar os soldados, que o fizérão tão desassombrados, e seguros, como em porto do Estado, facção a mais gloriosa que tivemos sem sangue.

*Damnos que faz.*

52. De Baroche foi o governador atravessando a Dio, e despedio alguns navios por dentro da enseada de Cambaya a destruir os lugares da costa, a que havia perdoado a espada dos nossos. Estes talárão as hortas, e palmares plantados para a recreação e alimento de seus habitadores, abrasárão grão copia de navios, derribárão soberbos edificios, de que ainda hoje se conserva a lastima, e a memoria nas prostradas ruinas.

*Chega a Dio. — D. João Mascarenhas faz deixação da praça. — O governador a entrega a Luis Falaco.*

53. Aportou o governador em Dio, onde o capitão mór o veo receber á praia, e os naturaes da ilha lhe fizérão festas como soberbos na sogeição de tão valeroso inimigo. Dom João Mascarenhas lhe lembrou a licença que já tinha para passar ao reino, a qual o governador lhe não quizera conceder, nem podia negar; alguns fidalgos lhe havião engeitado a praça, temendo, parece, não ter as occasiões, que seus antecessores. Quando chegou áquelle porto Luis Falcão, que vinha de governar Ormuz, e primeiro que elle havião chegado ao governador algumas notas de seu procedimento, toleraveis por não tocarem no valor, e justiça de seu governo. O governador o chamou, e lhe disse os cargos de que o sindicárão, os quaes desejava esquecer, como amigo, e não podia como superior; que com novos serviços podia pôr silencio em defeitos passados, ficando naquella fortaleza, em que S. Alteza e o mundo tinhão postos os olhos. Luis Falcão a aceitou, rendendo ao governador as graças por tão honrado castigo, offerecendo despender da praça a fazenda, que adquiríra em Ormuz, e a que no reino tinha. Este

brio lhe louvou, e accendeo dom João de Castro com favores publicos.

*Embarca-se, e damnos que faz. — Compaixão do governador.*

54. Concluidas as cousas de Dio, se embarcou o governador em direitura a Baçaim, dando vista á costa de Pór e Mangalor, aonde abrasou as cidades de Pate e de Patane. Os moradores fugindo ao açoute, salvárão no sertão as vidas, e parte das fazendas, faltando-lhes valor, e acordo para se defender, ou morrer em suas mesmas casas. Cento e oitenta embarcações, que estavão em differentes portos, mandou dar ao fogo, vendo seus miseraveis donos o incendio com lagrimas inuteis. Ouvião-se de longe as vozes e os gemidos, desprezados da ira e da victoria. Alguns velhos e meninos, que não pudérão salvar-se, mandou o governador livrar do incendio; misericordia aos soldados importuna, grata á humanidade. Os despojos se entregárão ao fogo, sendo menor a presa que o destroço. Muitos outros lugares d'aquella costa, sem nome, forão arruinados, ficando este cerco de Dio mais famoso pola vingança, do que pola victoria.

*Passa a Baçaim. — Sente não se tomar Surrate.*

55. D'aqui se passou o governador a Baçaim, determinando gastar o que restava do verão na guerra de Cambaya, donde despachou algumas espias para saber os passos do inimigo, dos quaes soube, que na corte de Amadabá não havia casa sem lagrimas, e que o soldão mandára com rigoroso decreto, que se não fallasse no cerco, e batalha de Dio, como se tivérão as leis imperio na dor ou na memoria. D'estes mesmos enviados entendeo

o governador, que as fortalezas de Surrate e Baroche, se despejárão á vista da armada de dom Alvaro, que pudéra tomal-as por escala, se não fôra encontrado dos cabos, que lhe dissuadirão; de que dom João de Castro mostrou tão vivo sentimento, como se acertar as occasiões fôra necessidade; chegando sua modestia a romper em palavras, que accusavão os capitães da armada de tibios e remissos.

### *Lembra a el-Rei os que servírão.*

56. Neste breve ocio, que o governador teve em Baçaim, começou a escrever para o reino, fazendo tão honradas lembranças a el-Rei dos homens que servírão, que mostrava ser este zelo, ou gratidão, virtude singular entre tantas; e os soldados se avantajavão no valor, assegurados, que não lhes faltaria o general com o premio ou com o zelo.

### *Torna o Hidalcão com guerra.*

57. O Hidalcão, entendendo que as forças do Estado estarião, ainda que gloriosas, quebradas com as victorias, tornou a occupar as terras firmes com hum exercito de vinte mil infantes, á ordem de Cala Batecão, hum valeroso Turco nascido na Dalmacia, pratico nas linguas e disciplina de Europa. Este senhoreou sem contradição as terras, fazendo recolher á fortaleza de Rachol alguns poucos soldados nossos, que avisárão a Goa do poder do inimigo.

### *O capitão de Goa lhe quer sair.—A cidade o encontra.*

58. Recebido este aviso, dom Diogo de Almeida com conselho do bispo, que governava, e de alguns fidalgos

e soldados, resolveo desalojar os Mouros com a milicia da terra, primeiro que se fortificassem, e crescendo em atrevimento, e forças, chegassem a avistar as muralhas de Goa, cidade dominante. Ordenada a gente que o havia de acompanhar, e estando para marchar já prompto, viérão os vereadores, o governo da cidade com requerimentos, e protestos, que não passasse avante, nem arriscasse com forças tão desiguaes a cabeça do Estado, que o governador estava em Baçaim com armada chea de soldados victoriosos, com que podia castigar o inimigo, contra o qual levaria, como segundo exercito, seu nome e sua fortuna.

### *Avisa ao governador.*

59. Durou entre cidadãos e soldados a controversia de maneira, que por pouco chegára a sedição e discordia; zelando huns a conservação da cidade, outros a reputação das armas. Emfim partírão, e composérão a differença com que se désse aviso ao governador, pois estava vezinho; o qual logo que entendeo que o governo politico se queria adjudicar a direcção da guerra, reprendeo asperamente sua animosidade; e a dom Diogo de Almeida agradeceo, confirmou a resolução de buscar o inimigo, ordenando-lhe que o esperasse em Pangim, com a gente, onde seria em breves dias.

### *Embarca-se logo. — Avista Dabul.*

60. Não bem tinha dom João de Castro soltado da mão a penna com que escreveo ao reino, quando tomou a espada. Aquelle dia que recebeo o aviso, mandou tirar peça de leva, e ao seguinte desamarrou a armada, e indo costeando avistou a cidade de Dabul, já fámosa polo castigo que lhe dérão nossas armas, e agora dos

pórtos do Hidalcão a principal escala. Deixavão-se ver de longe muitos jardins, pomares, e edificios polidos, que mostravão a delicia e grandeza de seus habitadores; seria a cidade de quatro mil vezinhos, com dous fortes, e alguns reductos, que defendião a entrada do porto; e dado, que a facção era para mui discursada, resolveo o governador entreprendel-a.

### *Sae dom Alvaro em terra. — O governador o segue, e toma a cidade.*

61. Aquella tarde andou a armada pairando á vista da cidade, notando os surgidouros e defensas; e ao seguinte dia no quarto d'alva, mandou o governador passar aos bateis a seu filho dom Alvaro com dous mil homens para saltar em terra, sendo elle dos primeiros, que a pisárão por meio de muitas bombardadas. Aquí fizérão os inimigos rosto, impedindo ou retardando a passagem dos nossos; esteve a batalha igual hum largo espaço; fazendo-os ouzados na peleija, o lugar e a causa; as vozes das mulheres e filhos, que ouvião, lhes fazia receber as feridas sem dor e sem receo; os mortos que cahião, não lhes fazião exemplo ao temor, senão á vingança. De ambas as partes se derramava sangue, e a constancia de huns e outros inimigos fazia contingente o successo. Quando chegou o governador com o resto do poder, e carregou o inimigo de maneira, que começou a fraquear na defensa; pouco a pouco nos foi largando o campo, até que com declarada fugida nos deixou a victoria. Entrou o governador com os Mouros de envolta na cidade, onde perecêrão muitos á vista das mulheres, que não soubérão deixar, nem defender. Ao estrago succedeo a cobiça; o despojo igualou á victoria; apenas se pôde recolher a fazenda nas vasilhas da armada. Ardeo em poucas horas a cidade com terrivel

incendio, ficando segunda vez lastimosas suas ruinas pola memoria de hum e outro estrago. Perdemos nesta facção cinco soldados, o inimigo duzentos; maior numero seria o dos feridos.

*Chega a Agaçaim.*

62. O governador, deixando a cidade abrasada, se tornou a embarcar, e foi demandar Agaçaim, onde o esperava dom Diogo de Almeida com cento e cincoenta cavallos, e a milicia da terra, com quantidade de barcas para passar a gente. Reteve-se o governador aqui hum dia, em que se informou dos desenhos e forças do inimigo; e logo no seguinte, que era vespera do apostolo S. Thomé, se resolveo acommetter os Mouros, e invocar o nome do santo na batalha, não lhe querendo tirar a honra da protecção da India comprada com a doutrina, e sangue derramado na Cruz de seu martyrio.

*Enveste os inimigos.*

63. Estava o inimigo alojado na villa de Morgão, que de Agaçaim ficava em pequena distancia; o que sabido polo governador, ordenou a sua gente em duas batalhas. A primeira deo a seu filho dom Alvaro de Castro, companheiro de suas victorias, com quem forão os Naires de Cochim e os casados de Goa. A segunda, que tomou para si, se compunha de todos os fidalgos, e soldados da armada; aos quaes a cavallaria da cidade guarnecia os lados. Nesta ordem mandou fazer a marcha, lançando alguns cavallos diante, que descobrissem o campo.

### *Fogem.*

64. Os Mouros estavão derramados sem ordem ou disciplina, como gente que não temia inimigo ou o não esperava; porèm tanto que alguns soldados, que andavão polo campo, vírão nossas bandeiras, e por vista, ou aviso, entendèrão que o governador os buscava, forão dar conta a Cala Batecão sobresaltados, encarecendo o poder, que o temor ou a distancia fazia mais crescido. O Turco, assombrado de ter já sobre si tão victoriosas armas, não teve mais acordo, que para fazer com a fugida aos seus exemplo. Deixárão nos quarteis as tendas, bastimentos e bagages, e ainda as viandas da cea, já quasi cozinhadas, que forão para o trabalho da marcha, necessario, e suave despojo. Nesta fugida começou a tomar o governador posse das terras e da victoria.

### *Dom Alvaro os segue.*

65. Passárão-se os Mouros á outra banda de hum caudaloso rio, que só se podia atravessar por huns vallos ordenados á maneira de ponte. Este cortou o inimigo por impedir o sequito dos nossos, porèm com tanta pressa, que ainda a terra movedissa deixava passo aberto, e ainda que difficil, não perigoso. Por esta parte tentou dom Alvaro a passagem do rio, começando poucos e poucos a vadeal-o, como a estreiteza do lugar a sofria.

### *Voltão. — Mata dom Diogo o general.*

66. Não estava tão alheo de si o inimigo, que perdesse a occasião de peleijar com tão conhecida vanta-

gem. Voltou com seus ao rio, mostrando-nos que fôra ardil o temor cauteloso. Carregárão os Mouros sobre os que hião passando trémulos, poucos, e desordenados. O governador os animava a que passassem com a voz, com o imperio, com a presença, mas o temor venceo a obediencia; voltárão os primeiros, não sem derramar sangue, e com peores sinaes, que os das feridas. Já a este tempo a impaciencia do governador fez acommetter o rio por differentes partes. Dom Diogo de Almeida o vadeou com hum troço da cavallaria, achando por aquella parte melhor váo e melhor fortuna; porque se topou com o general dos Mouros, que a cavallo andava, ordenando e animando os seus, ao qual envestio com grande gentileza. Do encontro veo o Turco a terra caido, mas não desacordado, porque levantando-se, meteo mão ao alfange, e buscou a dom Diogo; que inda que não perdeo a sella, ficou desarmado com a força do golpe, por hum pequeno espaço; mas tornando a cobrar-se, acommetteo segunda vez o Turco, soccorrido de dous soldados, e o deixou com muitas feridas estendido no campo.

*Peleija o governador. — Alcançou a victoria. — Em dia de S. Thomé, e com seu nome.*

67. Os outros capitães, ainda que com difficuldade, atravessárão o rio, estimulados do exemplo do governador, que vião andar com os inimigos envolto, mais envejado que obedecido de seus mesmos soldados, que derramados, e sem ordem, se lançavão ao rio, huns tardos, outros precipitados; porèm depois que passou a gente toda, carregou com tal força o inimigo, que não podendo sofrer o peso da batalha, foi desemparando o campo. O governador, que não perdoava accidente á sua fortuna, foi apertando os Mouros, já timidos e desordenados, de sorte que em breve espaço rematou a victoria.

Morrêrão poucos dos nossos, forão muitos feridos; nos Mouros foi estrago grande, e no alcance maior que no conflicto; porque como os nossos não tomavão cativos, com o mesmo golpe cortavão oppostos, e rendidos. Dom Alvaro de Castro, mandando e peleijando, nunca pareceo mais filho de tal pai que neste dia. Os outros fidalgos e cavalleiros se houvérão tão iguaes no valor, que nenhum mereceo segunda fama. Com o nome de S. Thomé e em seu dia, se venceo esta batalha, dando seu favor aos catholicos Orientaes hum testimunho illustre. Foi esta rota memoravel, e anda cantada muitos annos das donzellas de Goa, inventando na singeleza de versos faceis, louvores sem artificio, nem lisonja.

*Despacha as náos do reino. — Elogio de dom João Mascarenhas.*

68. Despedio o governador a gente, e foi-se descansar a Pangim, escusando-se de ter a festa em Goa, desprezando as palmas e triunfos marciaes justamente; pois era já seu nome na voz do mundo, maior que todo applauso. Aqui esteve despachando as náos de carga, que havião de voltar ao reino, em que foi embarcado dom João Mascarenhas, varão mais constante nos perigos da Asia, que nas adversidades da patria. Foi recebido d'el-Rei e da nobreza com honras não vulgares. Os premios não respondêrão com igualdade aos serviços. Foi conselheiro d'el-rei dom Sebãstião no Estado, depois hum dos governadores do reino. Casou com dona Elena, filha de dom João de Castellobranco, de que deixou illustre e fidelissima posteridade.

*Continúa o governador a guerra. — Damnos que faz.*

69. Não pareceo a dom João de Castro que estava o Hidalcão ainda bem cortado de nossas armas; resolveo

quebrantal-o com mais pesada guerra. Assegurou com grosso presidio as terras de Salsete, deixando a dom Diogo de Almeida com cento e vinte cavallos, e mil peões da terra; e nos rios de Rachol ordenou, que ficassem alguns navios para defensa das aldeas vezinhas; cujos lavradores desemparavão as terras, vendo o dominio d'ellas incerto, e contingente pola instabilidade dos successos da guerra. Entendendo pois o governador que seria facil de prostrar hum reino declinado, foi continuando com o Hidalcão a guerra, querendo que de seu castigo fizessem argumento os emulos do Estado. Mandou embarcar os soldados, que tinha sempre promptos, porque era a todos nos perigos companheiro, e nos trabalhos pai; e dando á véla, foi navegando por aquella costa do Hidalcão, a qual destruio com tão igual açoute, que não deixou lugar, que pudesse consolar as miserias de outro; não se livrou nenhum pola resistencia, alguns pola distancia.

*Assola Dabul o de cima.—Tala a campanha.*

70. Outro Dabul, que chamavão de sima, que por espaço de duas legoas se apartava da praia, estava por forte, e por distante rico com os depositos, e fazendas de muitos; mas nem assi lhe valeo o abrigo da terra, para se eximir da fortuna dos outros; porque o foi demandar o governador, dando a seu filho dom Alvaro o primeiro perigo, a que chamão os soldados vanguarda (que estes erão os favores d'aquelle pai, e os d'aquelle tempo), porèm quando chegou, os Mouros tinhão assegurado no interior do sertão pessoas e fazendas. Não achárão os nossos cousa, que servisse á victoria, ao estrago si; porque os edificios, que não pudérão servir ao despojo, pagárão com a ruina. Viérão as mesquitas e pagodes a terra, deixando os idolos desfeitos e prostrados, sem que a ira dos nossos de pedra a pedra fizesse differença, cho-

rando aquelles Mouros e gentios com humas mesmas lagrimas as miserias de seus deoses e as suas. Passou a indignação de nossas armas a talar a campanha, destruindo os gados e palmares, para que a fome acompanhasse a guerra; espada de que os não podia livrar a fuga ou resistencia. Ficou emfim tão assolado tudo, que das povoações á campina se não fazia differença pola vista, senão pola memoria.

### *Vai a Baçaim. — Faz damnos a Cambaya.*

71. Recolheo-se o governador a Baçaim, donde voltou as armas á guerra de Cambaya, despedindo alguns capitães para que danassem todo aquelle maritimo, fazendo presas nas náos de Meca, que vinhão ancorar nos portos da enseada; o que dom Antonio de Noronha e dom Jorge Baroche, fizérão com felices armas, crescendo com presas e victorias, reputação, e forças ao Estado, sendo nossas armas respeitadas e temidas, nos dias de dom João de Castro, de maneira que os mais dos principes da Asia, vezinhos e distantes, com voluntaria obediencia tributavão ao Estado, para no abrigo de nossas forças defender ou assegurar os reinos. D'esta verdade nos darão os reis de Campar e Caxem não leves argumentos.

### *Rax Solimão quem foi. — Chega a Adem. — Degolla o Rei.*

72. Escrevem nossas chronicas, e com maior espanto as estranhas, aquelle famoso cerco de Dio, que defendeo Antonio da Sylveira, de quem as armas do Turco recebêrão na India, ou a primeira, ou a maior afronta. Foi general da empresa Rax Solimão, que depois de perder no sitio grande parte da armada, o temor de nossas náos ainda ancoradas no porto, o fez retirar fugindo, e dei-

xando em terra bagages e feridos. Este, vendo que não pudéra conseguir a facção promettida a seu senhor, o qual, soberbo e imperioso, não costumava aceitar satisfação de culpas ou desgraças, quiz antes arriscar a fidelidade, que a cabeça. Entrou no porto de Adem com voz de amigo, onde o Rei o mandou visitar com mimos, e refrescos da terra, cauto porèm, e vigilante em guardar a cidade, porque a fé e o poder fazião ao Baxá sospeitoso. O Turco, que vio sua traição temida ou descoberta, quizera por escala acommetter a cidade, porèm temeo a fortaleza da praça, o valor dos Arabios; e assi recorreo a outro ardil mais vil e mais seguro; qual foi mandar-se desculpar com o Rei de não entrar na cidade, por não perder a monção, que lhe pedia quizesse vir a bordo, porque tinha que lhe communicar negocios do Grão Senhor, em beneficio de seu reino. O pobre rei, facil, e crédulo em prosperar o Estado, se foi logo ver ao mar com o Baxá, assegurado da consciencia innocente; mas o tyranno, esquecido da fé e humanidade, o mandou descabeçar na galê entre baldões e mofas, deleitando-se cruel em traição tão fea. Morto o Rei, foi facil ao Baxá occupar a cidade na violenta morte de seu principe, temerosa e confusa. E porque pola vezinhança dos Turcos custou cuidado, e sangue ao Estado, daremos d'ella huma breve relação.

## *Sitio de Adem.*

73. Jaz situada na costa da Arabia Feliz, em altura do polo artico de doze gráos e hum quarto, abrigada de huma pequena serra, que com alguns castellos lhe defende a entrada da terra. Está assentada na boca do estreito, o porto limpo, capaz de ancorar navios de todo porte; ainda que descoberto aos ponentes, que são os ventos que alli cursão nas monções do estio. A arte e a natureza a fizérão defensavel por terra, assegurando-se da ambi-

ção dos Regulos vezinhos, e incursões dos Alarves Arabios, que com importunas correrias molestão a campanha. Está no porto huma pequena ilha medianamente fortificada, a que os naturaes chamão Cirá, defronte fica outro surgidouro, abrigado de muitos ventos, onde costumão dar fundo náos que navegão a Meca. Não tem rios ou fontes que fertilizem a terra, e tambem as aguas do céo lhe faltão por dous e por tres annos, ou seja condição do clima, ou castigo secreto; assi a conduzem em cafilas de camelos de partes mui remotas. A droga principal da terra he ruyva, mas o que mais lhe importa he ancoragem das náos que navegão o estreito. A gente he bellicosa e cruel; segue com promptidão a guerra, polos despojos mais que pola victoria.

*Solimão a occupa.— Quem lhe succede. — Os moradores a offerecem a el-rei de Campar.*

74. Occupada polo Baxá a cidade, vendo-se, inda que intruso, obedecido, começou a quebrantar o povo com diversos gravames, tirando-lhe as forças para melhor os dominar, timidos e sojeitos. Aos poderosos mandava degollar, e confiscar sem causa, sendo a vida culpa, a riqueza delicto. O sofrimento dos miseraveis era melhor para virtude, que para remedio; porque até da paciencia servil dos innocentes se cansava o tyranno. No dominio na cidade lhe succedeo Marzão, e tambem nos insultos, tão crueis, que apurárão de todo a paciencia dos pobres moradores, resolvendo-se a podel-o soffrer como inimigo, mas não como senhor. Tivérão meios para offerecer a el-rei de Campar a cidade e a obediencia, dizendo, que com qualquer soccorro acommetterião os Turcos descuidados com o dominio pacifico, e quasi hereditario, e muito mais com o desprezo de homens, que tinhão, ao parecer, perdido a memoria de sua liberdade, e sua injuria.

### *Aceita-a o Rei, e que faz.*

75. O Rei vezinho, com palavras de lastima e agrado, lhe aceitou a offerta, ou fosse ambição ou humanidade. Escolheo entre os seus mil soldados benemeritos de facção tão grande, querendo ser o mesmo rei companheiro e capitão de todos. Partírão no silencio da noite, e chegando á cidade, lhe dérão os conjurados huma porta, por onde entrárão, fazendo-se senhores do castello com leve resistencia. Marzão, com quinhentos Turcos, se fez forte nos paços, mais certo do perigo, que das causas e authores d'elle. Com a primeira luz do dia appareceo el-Rei capitaneando os seus e logo enviou a Marzão hum trombeta, dizendo que aquella cidade era sua por antigos pretextos, e agora por eleição dos proprios moradores, que opprimidos com a intrusão do Baxá tivérão a voz, e a liberdade atadas para não pronunciarem o nome de seu natural principe ; que elle os vinha amparar como a affligidos, e mais como a vassallos ; que se quizessem deixar a cidade, lhes faria tratamento de amigos, permittindo-lhes levar as armas e roupa que tivessem ; e quando não, a justiça, e a victoria o farião duas vezes senhor de seus mesmos vassallos.

### *Que fazem os Turcos. — São soccorridos. — Mensageiros dos moradores a Ormuz.*

76. O Turco, entendida a conspiração dos Arabios, e que para se defender lhe faltavão forças e bastimentos, obedeceo ao tempo, saindo com as bandeiras arvoradas, tocando caixas, a occupar hum castello distante oito legoas, do qual intentou com os soccorros de Baçorá reduzir a cidade á servidão primeira. Começou assaltando aos de Adem as cafilas, que basteciáo a cidade, a qual, como

recebe do sertão agua e mantimentos, padeceo em breves dias grandes necessidades; porque se alguns bastimentos lhe entravão, erão poucos, custosos, e furtivos. Com lagrimas o povo lastimado pesava em huma mesma balança a fome e tyrannia; males, de que só tinha miseravel escolha. Engrossava o tyranno seu partido com soccorros continuos, a que não podia o Rei fazer opposição com forças iguaes, discorrendo com as cabeças do povo sobre os meios de salvar a cidade, lhe trouxérão á memoria a fama de nossas victorias contra Turcos, e a fidelidade de nossa protecção aos confederados. Resolvèrão mandar huma terrada ao capitão de Ormuz, que então era dom Manoel de Lima, offerecendo huma fortaleza, e os rendimentos da alfandega, dando-nos juntamente a conhecer o perigo do Estado, se os Turcos firmassem o pé naquella praça.

77. Era fama que o Marzão esperava de Baçorá em breve importantes soccorros, e que se deixassem engrossar o poder, acommetteria a cidade com força descoberta; polo que el-rei de Campar, mostrando-se no discurso e no valor soldado, não querendo que este tronco prendesse com maiores raizes, determinou com tres mil homens escolhidos cercar a fortaleza; o que emprendeo com maior resolução que fortuna, porque nos primeiros assaltos o matárão. Os Arabios cortados do temor, com a morte do Rei, deixado o sitio, viérão a sepultar o corpo, sendo na occasião a vingança mais opportuna que a piedade.

### *Topa dom Payo de Noronha.*

78. A terrada que navegava a Ormuz, entrando o cabo de Rosalgate, se encontrou com dom Payo de Noronha, que com doze navios de remo guardava aquelle estreito, e entendida a pretenção do Arabio, parecendo-lhe este

soccorro digno de todo grande soldado, escreveo ao capitão de Ormuz, que se não houvesse de tomar esta honra para si, lha não negasse a elle. Dom Manoel lhe mandou mais dous navios, e alguma gente escolhida, para que fosse assegurar a cidade, em quanto lhe aprestava maiores forças; e ao embaixador d'el-rei de Campar, depois de lhe fazer honrado tratamento, aconselhou que pedisse ao governador da India armada, que elle era tal que não negaria amparo aos amigos do Estado, mórmente contra Turcos, cuja guerra tomavamos como herança de nossas armas.

### *Chega a Adem. — E não se ha bem.*

79. Chegou dom Payo a Adem, onde foi recebido com a benevolencia e grandeza que puderão a seu proprio principe, entregando-lhe a cidade, tanto para a defensa, como para o governo. Arvorárão huma bandeira nossa, pola qual se apostárão a morrer todos, sangrando-se nos peitos com demonstrações e ceremonias barbaras, mas fieis, protestando que defendião aquella cidade, como membro do Estado, de quem já erão por obediencia vassallos, e filhos por amor. Porèm dom Payo se portou de maneira, que fez declinar a opinião de nossas armas no Oriente, e nós troncaremos os accidentes d'esta historia em beneficio de tão grande appellido; dado que andão de outra penna mais livre referidos em vulgares escritos.

### *Os moradores envião a Goa.*

80. Desemparados os de Adem por dom Payo, nem assi perdèrão a devoção do Estado, defendendo a cidade com a voz de Portugal na boca; e porque ou não tinhão, ou não quizérão outro abrigo, que o de nossas armas, resolvèrão enviar huma pessoa real ao governador, que lhe

significasse o estado em que se achavão; de cujas miserias podiamos tirar nova fama, não desprezando a gloria de amparar affligidos; que o principe de Adem queria receber do Estado as leis, e a coroa, a quem se faria feudatario com hum grato e honesto tributo.

### *Alegra-se o governador.*

81. Dom João de Castro se alegrou de ver soar seu nome e suas victorias nos ouvidos dos principes remotos, fazendo-os não só reverentes, mas sojeitos. Em Goa houve grande alvoroço com a mensagem, vendo que a fortuna do governador tornava ao Estado as felicidades da primeira India, pois aonde outras armas mal havião chegado por noticia, as suas chegavão por imperio.

### *Manda seu filho. — Com que armada.*

82. Deo o governador esta empresa a seu filho dom Alvaro, tão benemerito de todas, que não pareceo a eleição de pai, mas de ministro. Quizérão-se embarcar com elle muitos fidalgos velhos, que o governador desviou com hum modesto decreto, ordenando que se ficassem em Goa, porque necessitava d'elles para cousas maiores; era porèm tão grande o gosto da jornada, que recebèrão o decreto como aggravo de todos; parece que era o vicio d'aquelles tempos a ambição dos perigos. O governador os satisfez, alegre de ver aquelles espiritos criados debaixo de sua disciplina. Mandou logo cifar, e bastecer trinta navios de remo, de que fez capitães a dom Antonio de Noronha, filho do viso-rei dom Garcia, Antonio Moniz Barreto, que hia provido na fortaleza, que se havia de fazer em Adem, dom Pedro d'Eça, dom Fernando Coutinho, Pero de Attayde Inferno, dom João de Attayde, Alvaro Paez de Sottomaior, Fernão Perez de Andrade,

Pero Lopez de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho, irmão de Diogo Botelho, de casa do infante dom Luis, Alvaro Serrão, Luis Homem, Melchior Botelho, veador da fazenda, Gomez da Sylva, Antonio da Veiga, Luis Alvarez de Sousa, João Rodriguez Correa, Diogo Correa, que tinha vindo com o embaixador de Adem, Diogo Banho, Pero Preto, Alvaro da Gama, e outros.

### *Outra embaixada de Caxem. — Reposta do governador.*

83. Poucos dias antes que çarpasse a armada, chegou a Goa hum embaixador d'el-rei de Caxem, a quem os Fartaques vezinhos havião usurpado grande parte do reino. Este, como reinava na outra contracosta da Arabia, sabendo que Adem era soccorrida de nossas armas, ajuizando que com a mesma armada o podiamos restaurar, escreveo ao governador que não seria menos grato ao mundo restituir a Caxem, que defender a Adem. Representava quam fiel hospedagem achárão nossas armadas em seus portos, fazendo resenha das que alli havião ancorado em tempos differentes, a cuja causa se fizera aos Turcos suspeitoso; offerecia alèm da fidelidade moderado tributo. O governador, entendendo que estes soccorros reputavão nossas forças, e criavão amigos ao Estado, assentou, que com a mesma armada se désse favor ao de Caxem, visto ser huma mesma a viagem, e a despesa, com que se podia obrar huma e outra empresa. E porque os de Adem, como cercados, necessitavão de prompto soccorro, o governador antevendo, que o corpo da armada podia chegar tarde, frustrando o intento, e cabedal, despachou logo a dom João de Attayde com quatro navios para que entrasse em Adem, e entretivesse o cerco até chegar dom Alvaro. Dom João de Attayde deo á véla, e por lhe ventar o Noroeste grosso, desaparelhou hum dos

navios, que arribou destroçado, os mais forão seguindo sua viagem.

*O que passou em Adem.*

84. Entretanto peleijavão em Adem obstinadamente cercadores e cercados, derramando de ambas as partes sangue. Carregava o peso d'esta guerra sobre alguns Portuguezes da armada de dom Payo, que mostrárão valor illustre em nascimento humilde; os quaes se empenhárão na resistencia, como se defendèrão sua patria no principado alheo. Estes bastárão a embaraçar aos Turcos a victoria muitos dias, e como erão soldados de fortuna, nossas chronicas com ingrato silencio lhes callárão os nomes, como se a virtude necessitára de heroicos ascendentes, e fossem menos honrados estes por suas obras proprias, que os outros polas alheas. Creo que com injuria da natureza criárão novas leis os poderosos, em que não só fazem hereditarios os morgados, mas os merecimentos.

*Chegão Turcos.*

85. Estando as cousas de Adem na contingencia que temos referido, appareceo a armada dos Turcos, que constava de nove galés reaes, e algumas galeotas, as quaes dérão visto á cidade, e surgindo fóra da enseada, sairão em terra, armárão tendas, e fortificárão alojamento, avisando ao Baxá se lhes aggregasse com a gente que tinha. Os Arabios, que virão sobre si forças tão grandes, acodião remissos á defensa, huns tibios, outros desconfiados, parecendo-lhes insuperavel o valor e o poder dos inimigos, e já em privadas juntas accusavão em seu rei a ambição de dilatar a coroa com o sangue do innocente povo, não cabendo seu espirito na fortuna de seus antecessores. Porèm os Portuguezes, que com elles estavão, vendo que

dos casos mais arduos era mais gloriosa a fama, esforçárão os Arabios, mostrando-lhes a resistencia necessaria e possivel; offerecendo-se de novo por companheiros voluntarios de sua fortuna; o que bastou a criar-lhes outros espiritos novos, com que se apostárão a morrer na defensa; menos pola obrigação, que polo exemplo.

*Poem-lhe cerco. —Dom Payo manda recolher os nossos.*

86. Sitiárão a cidade os Turcos, pondo-lhe duas batarias com algumas peças de disforme grandeza, entre ellas duas, que chamavão Quartaos, jogavão bala de quatro palmos de roda, fizérão nos muros mais ruinas, que brechas, com que aos cercados o perigo ensinou a disciplina, fazendo seus reparos, e travezes por dentro, com que entretinhão, e rebatião os assaltos, e fazião aos Turcos duvidosa e custosa a victoria. Porêm dom Payo de Noronha (arrastado de algum fatal destino) privou aos Arabios da victoria, aos nossos da honra, mandando secretamente avisar a todos os Portuguezes se viessem a elle, desemparando a defensa do principe feudatario e amigo, faltando ás obrigações do cargo e ás do sangue. Os mais dos Portuguezes obedecèrão; só Manoel Pereira e Francisco Vieira, dous soldados de fortuna, dissérão que aquella cidade era d'el-rei de Portugal, e que na defensa d'ella havião de perder as vidas; parece que na milicia d'aquelles tempos primeiro se perguntava polo valor, que pola disciplina. Estes sustentárão a cidade até o ultimo dia, ganhando melhor opinião na ruina, que os Turcos na victoria.

*Que fazem os Arabios.*

87. Logo que os Arabios entendêrão que erão os Portuguezes recolhidos, perdida a esperança da defensa,

tratárão de partidos; mandou porèm o principe cessar a pratica, dizendo que antes sairia da cidade desbaratado, que rendido; que aquella bandeira d'el-rei de Portugal não havia deixar ganhal-a aos Turcos sem nodoas de seu sangue: fidelidade digna de ser melhor assistida de nossas armas. Continuou os assaltos o inimigo, conhecendo já nos moradores divisão e fraqueza, com que tornou a tomar calor a pratica da entrega; a qual o principe atalhou sempre, a si mesmo fiel e ao Estado. Porèm o perigo, a fome, e a desconfiança, dobrárão alguns dos moradores para darem ao inimigo huma porta secreta, por onde entrou a cidade. O principe com a vida desempenhou a fidelidade promettida ao Estado, peleijando com espirito real, mas infelice. Manoel Pereira e Francisco Vieira salvárão hum infante, que levárão a Campar, consolando aos vassallos com aquelle pequeno ramo de seu prostrado tronco.

### *Successo de Dom João de Attayde.*

88. Dom João de Attayde, que deixámos no mar com tres navios, foi fazendo viagem, e porque tinha ventos de servir, em poucos dias vio a costa da Arabia, e foi demandar a cidade de Adem, e entrando a remo na bahia, deo de rosto com as galés que estavão surtas; e porque ainda cursavão os Levantes, se tornou a sair para o pégo. Os Turcos, logo que vírão os navios, levárão as ancoras, e os forão seguindo tão appressadamente com a vantagem do remo, que os navios de Gomez da Sylva e Antonio da Veiga lhes ficavão já quasi debaixo dos esporões das galés, e vendo que lhes não era possivel a fugida, menos a resistencia, varárão os navios na terra, que lhes ficava perto, onde salvárão as vidas. Dom João de Attayde, como levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pôde, vendo-se muitas vezes perdido, até

que sobreveo a noite, com que se fez na volta do Abexim, em cuja costa espalmou o navio no ilheo de Mete, que faz frente ás cidades de Barbara e Zeila. Os que se salvárão em terra forão buscar o abrigo d'el-rei de Campar, onde achárão Manoel Pereira e Francisco Vieira, de quem soubérão os successos que temos referido; forão hospedados, e providos de tudo com amor e abundancia.

*Viagem de dom Alvaro.— Faz conselho, e que assenta.*

89. Dom Alvaro de Castro, partindo com toda a armada junta, como levava os Levantes em popa, fez a viagem breve, e tanto avante, como os ilheos de Canecanim, lhe sahio dom João de Attayde, do qual soube a perda de Adem, e como lhe corrêrão os Turcos, de cujas galés se livrára com o favor da noite. Dom Alvaro, e os fidalgos e soldados da armada, mostrárão justo sentimento d'esta nova, avaliando em menos a perda do Estado, que o desar de nossas armas, porque das quebras da opinião, entre naturaes, e estranhos, dura sempre a memoria. O embaixador, e cunhado d'el-rei de Campar, que hia na armada, sentio vivamente as mortes do cunhado e sobrinho, consolando-se porêm muito com saber, que nada ficárão devendo á honra, nem á fidelidade, mostrando nestas considerações animo tão inteiro, como se buscára alivio a dor alhea. Dom Alvaro, com os cabos da armada, poz em conselho o que se devia obrar; e pareceo a todos, que visto o soccorro de Adem estar frustrado, voltassem as armas em beneficio do rei de Caxem, como trazia por instrucção a armada, a quem os Fartaques vezinhos tinhão tomado a fortaleza de Xael; a qual senhoreava hum porto, que era dos poucos, que este Regulo tinha, a principal escala; empresa mais util que difficil.

### *Vai a Xael. — Intenta a escala.*

90. Mandou dom Alvaro governar a Xael, e surgindo á vista do castello, os Fartaques temerosos, ou amigos, recebêrão como de paz a armada. Era o forte fabricado de adobes, com quatro cubellos tão pequenos, que bastavão para o guarnecer trinta e cinco soldados, que o presidiavão. Estes, tanto que vírão a armada, lançárão fora huma mulher, que entendia e fallava a nossa lingua, a qual perguntando polo capitão mór, lhe disse que os Fartaques erão amigos do Estado; que se vinhamos em demanda d'aquella fortaleza, a largarião logo. A muitos pareceo, que se lhe aceitasse porque de inimigos tão poucos, e sem nome, não esperavamos gloria, nem despojo; os mais votárão, que por authoridade de nossas armas os mandassem render á discrição. Entendida pola mulher esta resolução, disse que os Fartaques saberião defender as vidas e o castello, mal satisfeita da reposta dos nossos. Os Mouros tirárão logo huma bandeira branca, e arvorárão outra vermelha, a que succedeo tirarem os nossos algumas bombardadas, com pontaria tão incerta, que não fizérão dano. Dom Alvaro rodeou com todos os seus a fortaleza, que mandou acommetter por escala por differentes partes, assegurando os que subião com a espingardaria de baixo; e porque era a carga continua, não ouzavão apparecer os Mouros. Fernão Perez foi o primeiro que começou a sobir por huma escada, levando o seu guião diante, que arvorou, e sustentou no muro. Quasi ao mesmo tempo, sobio Pero Botelho com o mesmo risco e fortuna que o primeiro. Estes franqueárão aos mais a sobida.

### *Peleijão os Arabios até morrer todos.*

91. Antonio Moniz Barreto, dom Antonio de Noronha, dom João de Attayde, e outros, forão demandar a porta da fortaleza, que estava entulhada com fardos de tamaras, e não pudérão entrar, sem que os nossos viessem por dentro, e a desentulhassem. Os Fartaques se retirárão a dous cubellos, donde se defendião com desesperado valor, engeitando as vidas, que dom Alvaro lhes offerecia, que parece querião perder para vingança, ou para desculpa da força, que não pudérão defender; que até entre estes barbaros he o valor a primeira virtude. Peleijárão emfim os Mouros até acabar todos, não merecendo nome de esforço a obstinação barbara, donde não podião esperar victoria, nem vingança. Dos nossos morrêrão cinco, e passárão de quarenta os feridos.

### *Ganha-se a praça.*

92. Ganhada a fortaleza (facção mais importante ao Regulo, que grande a nossas armas), a entregou dom Alvaro ao embaixador d'el-rei de Caxem, que mostrou a gratidão do beneficio, então em bastecer a armada, depois em ter com o Estado fiel correspondencia; e porque se hia gastando a monção, se foi dom Alvaro invernar a Goa, onde foi recebido com applauso maior que a victoria; festas que o governador fomentou como pai, e dom Alvaro estimou como soldado.

### *Chega Lourenço Pirez a Lisboa.*

93. Tomou Lourenço Pirez de Tavora a barra de Lisboa com as cinco nãos de sua conserva; as quaes tivérão não só breve, mas facil, e prospera viagem. Dissemos

como nellas vinha dom João Mascarenhas, cheo de fama e de merecimentos. As novas de Dio se derramárão logo polo povo, ajuizando cada hum, como entendia, a paciencia do cerco, a resolução da batalha. O vulgo não sabia pôr taixa nos louvores de dom João de Castro, como gente sem enveja das pessoas, e fortunas maiores. Os fidalgos e grandes ajudavão ou consentião a voz universal de todos, sendo virtude rara, poder sofrer de seus iguaes a fama : e não houve algum tão ambicioso, que desejasse para si melhor nome, nem mais illustres obras.

### *Festeja-se a nova de Dio.*

94. Vestírão galas os reis e a côrte, e determinárão dia para dar graças na capella com offertas pias e reaes. Houve hum douto sermão em que se dissêrão do governador encomios e virtudes. El-Rei deo conta da victoria ao summo pontifice e aos maiores principes da Europa, que todos lhe congratulárão como a mais illustre facção do Oriente. Na carta que escreveo a el-Rei dom João de Castro, pedia para se vir ao reino, mostrando que não buscava póstos, quem deixava os maiores ; e porque não parecesse ambição nova o desprezo de tudo, pedia a el-Rei duas geiras de terra, que partem com a sua quinta de Sintra, e rematão em hum pequeno cabeço, que ainda hoje conserva o nome do Monte das Alviçaras. Parece que nas honras teve el-Rei consideração de seus serviços, e o premio á sua fortuna. Tudo se verifica da sua carta, de que damos a copia.

### *Carta d'el-Rei dom João terceiro.*

95. « Viso-rei amigo. Eu el-Rei vos envio muito saudar. A victoria, que Nosso Senhor vos deo contra os capitães

de el-rei de Cambaya, foi de tão grande contentamento para mim, como era razão, que eu tivesse por tal e tamanho vencimento, e por quão grandes mercês e ajudas nisso recebestes de Nosso Senhor, polas quaes elle seja muito louvado e muito se deve á vossa prudencia e grande animo que naquelle dia mostrastes; e assi no que fizestes no grande apressado soccorro, que mandastes á fortaleza de Dio em tão desvairado tempo, offerecendo ao mar vossos filhos, em que se vio quanto mais pode com vosco o que importa a meu serviço, que o affecto natural de pai; o que eu assi estimo, como he razão, vendo que não sómente desbaratastes tão grande poder de inimigos, mas ainda destes muita segurança a toda a India, no grande receo, que aos inimigos d'ella fica com esta tamanha victoria; cujo serviço assi he razão que eu tenha na conta que elle merece, como que tenha d'elle o contentamento que se requere. E do fallecimento de vosso filho dom Fernando recebi mui grande desprazer, assi por ser elle vosso filho, como porque hia mostrando naquella idade quem houvera de ser em toda a outra; e pois acabou tão honradamente e em tão grande serviço de Nosso Senhor e meu, deveis de sentir menos sua perda e dar graças a Nosso Senhor por como foi servido que acabasse; o que sei, que vós fizestes, mostrando ainda no esquecimento da morte do filho, a lembrança do que cumpria a meu serviço; das quaes cousas assi serei sempre lembrado, que não sómente volas conhecerei com grande contentamento d'ellas, mas ainda com muita mercê; a que agora quiz dar principio nas que faço a vós e a vosso filho dom Alvaro, guardando o remate d'ellas para o cabo de vosso serviço, que eu confio e tenho por mui certo, que será tal como forão os que atégora me tendes feitos; e com esta confiança, e com a experiencia que eu d'isso tenho, desejando muito neste tempo vos fazer mercê em tudo, considerando porèm quanto isto cumpria a meu serviço, e vendo por vossas

obras quanta mais conta tinheis com elle, que com todas vossas cousas, houve por bem de vos não dar licença para vos virdes como me pedieis. Polo que vos encommendo muito e mando, que o hajais assi por bem, e que nesse carrego me querais ainda servir outros tres annos, no fim dos quaes vos mandarei licença para vos virdes embora. E eu espero em Nosso Senhor, que vos dê mui boa disposição para o fazerdes. Porèm se por sima de que tanto cumpre a meu serviço, como he ficardes-me ainda servindo nessas partes por este tempo, vos a vós parecer, que tendes todavia necessidade de vos virdes, folgarei de mo escreverdes, e entretanto esperareis minha reposta. Pedro de Alcaçova Carneiro a fez em Lisboa, a vinte de outubro de mil quinhentos quarenta e sete.»

Rei.

Creo que nos pede attenção maior a carta da rainha dona Catherina, onde não he só real a firma, mas tambem o discurso, ajuizando as acções da victoria com madureza de varão e brios de soldado.

### *Carta da rainha dona Catherina.*

96. «Viso-rei. Eu a Rainha vos envio muito saudar. Vi a carta que me escrevestes, na qual particularmente me dais conta de que tendes feito e provido em todas as cousas, que vos pareceo, que cumprião ao serviço d'el-Rei, meu senhor, e a defensão e segurança d'essas partes, e de tudo ser tão conforme a quem vós sois, e à grande confiança que Sua Alteza de vós tem, recebo tanto contentamento, como he razão, assi por ver que Sua Alteza he de vós tão bem servido, como pola muita honra que nisso tendes ganhada. E quanto ao cuidado e grande diligencia com que logo entendestes no corregimento e previmento da armada, foi grande principio e mui necessario para remedio de tamanhas cousas, como depois

se offerecèrão; e por certo tenho que por mui grande que fosse o trabalho que nisso levastes, seria maior o contentamento que terieis de ser tão bem empregado. E a guerra que fizestes ao Ilidalcão foi cousa mui bem acertada, pois tão claro se vio nella o contrario da opinião, que dizeis se tinha, que da guerra dos Portuguezes lhe não podia vir dano; o que seria causa de a mover tantas vezes, nem de sua paz se lhe seguia proveito, polo que não estimaria quebral-a. E se elle soubera quem vós sois, e quanto mais vos lembra a honra, que o proveito, nem curára de vos fazer o offerecimento que vos fez ácerca de Meale; mas a pouca impressão que fez em vós, e vosso claro desengano, lho daria a conhecer. E quanto ao negocio do cerco e guerra da fortaleza de Dio, foi mui grande mercê de Nosso Senhor a victoria que vos alli deo contra tamanho poder e numero de inimigos de sua santa fé catholica, que de tão diversas partes alli erão juntos, e mui claro sinal de elle ter de sua mão o Estado de essas partes, e lhe dou por tudo tantos louvores, como he razão, e lhe devo. E muito acrescenta no grande contentamento, que el-Rei, meu senhor, e eu temos de tamanho vencimento, ver com quanta prudencia e discrição provestes em todas as cousas que para se poder alcançar erão necessarias, e quão animosamente vos houvestes no diá da batalha, e com quanta presteza soccorrestes aquella fortaleza, offerecendo a isso vossos filhos em tão fortes tempos; o conhecimento que Sua Alteza e eu temos de todas estas obras, e do grande fruto que d'ellas se seguio, he mui conforme á qualidade e grandeza d'ellas, e assi confio que o Sua Alteza mostre, na honra e mercê que vos fará e porque tudo se vos deve; e bem o deo a entender no gosto e contentamento com que logo quiz dar a isso principio, nas que agora fez a vós e a vosso filho dom Alvaro, segundo vereis por sua carta. E do fallecimento de dom Fernando, vosso filho, recebi mui grande desprazer, assi por quanto sei, que o havieis de

sentir, como pola perda de sua pessoa, que segundo tinha mostrado naquelle feito, se póde bem ver que foi grande; mas eu tenho tal conhecimento de vós e de vossa muita prudencia e virtude, que sei certo que em todo tempo em que Nosso Senhor o levára para si, vos conformáreis vós com sua vontade, e tomáreis de sua mão; quanto mais sendo naquelle, em que por defensão de sua fé, e em tamanho serviço de Sua Alteza, tão honradamente acabou, e cumprio com a obrigação de quem era, que são razões mui grandes para vós muito o deverdes fazer assi, e me pedis acerca de vossa vinda, em que dona Leonor, vossa mulher (que eu muito folguei de ver polo merecimento de sua pessoa e virtudes, e pola muito boa vontade que lhe tenho), me fallou de vossa parte como em cousa que tanto deseja; estimára eu muito de com gosto e contentamento de el-Rei, meu senhor, poder nisso satisfazer a vós e a ella; mas polo muito que Sua Alteza tem de vosso tão bom serviço, e pola grande falta que lá poderia fazer em tal tempo vossa pessoa, houve por bem de se servir ainda lá de vós, outros tres annos, segundo por sua carta vereis. E tenho por muito certo que por todas estas razões o havereis assi por bem, e vos rogo muito que assi seja, e espero em Nosso Senhor, que vos dará saude e forças para o poderdes fazer, e vos ajudará e esforçará em todos vossos trabalhos, pois d'elles se segue tanto seu serviço, e pois sabe que o principal respeito porque Sua Alteza o ha assi por bem, he saber que será elle lá de vós inteiramente servido. E na lembrança, que entre tamanhos trabalhos e tão importantes negocios, tivestes d'aquellas cousas minhas, que levastes a cargo, se vê bem, quanto desejo tendes de nisso e em tudo me servir; o qual eu estimo, como he razão. E quanto o que toca a Diogo Vaz, por outra carta vos escrevo o que nisso folgarei que se faça. Com o benjoim de boninas e com todas as mais cousas que me enviastes por Lourenço Pirez de Tavora, recebi muito prazer, por

ser tudo tão bom, que bem parece ser enviado com tão boa vontade, a qual eu ainda mais estimo, e tudo vos agradeço muito. E dos criados meus e pessoas que me escreveis, que lá tem bem servido, e assi das cousas em que vos parece necessario prover, farei lembrança a el-Rei, meu senhor, como pedis que faça. O que Sua Alteza houver de prover, assi nas mercês que houver de fazer a todos os que lá o servem, ha de ter tanto respeito ao que vós em tudo lhe escreverdes e pedirdes, como é razão, que seja; e muito vos agradeço a boa informação que a Sua Alteza dais dos meus criados, que naquelle feito de Dio se achárão, e assi o muito favor e boas obras que sei que a todos lá fazeis por meu respeito. Pedro Fernandez a fez em Lisboa, a trinta dias de outubro de mil quinhentos quarenta e sete. » A Rainha.

Não he de menor estimação a carta, que lhe escreveo o infante dom Luis, como de principe emfim, que tão grande juizo soube fazer de merecimentos e virtudes.

## *Carta do infante dom Luis.*

97. « Honrado viso-rei. Recebi vossa carta que veo nesta armada de Lourenço Pirez de Tavora, em que me dizeis que recebestes a minha, que por Luis Figueira vos mandei : e agradeço-vos muito dizerdes-me que vos parecèrão bem as lembranças, que vos fazia, e muito mais o pordel-as em obra; e bastava para o eu crer, que seria assi, ainda que vos eu não conhecèra, ouvir o que lá fazeis, e ver que com a boca chea me escreveis vossos trabalhos, pobreza e abstinencia, cousas com que se vence o diabo, o mundo, e a carne, que nessas partes da India tem tanto poder; o que he maior victoria, que a d'el-rei de Cambaya, nem ainda de todo o poder do Turco. Polo que em quanto viverdes, não deveis de temer cousa alguma, mas antes esperai em Nosso Senhor, que vos

ajudará, como agora fez na defensão e batalha de Dio, em cuja victoria vós tendes muito que lhe louvar, pois vos fez instrumento de tanto serviço seu, el d'el-Rei, meu senhor, e de tanta honra vossa, e de todos os Portuguezes, assi dos que se achárão com vosco, como dos que estivérão ausentes. He certo que vos tendes feito nesta jornada, desdo primeiro dia, que tivestes novas do cerco de Dio, até o de vossa e nossa victoria, tudo o que entendo que hum valeroso e astuto capitão podia fazer, assi na presteza dos soccorros, como em pordes vossos filhos por balisas da fortuna, e perigos do inverno, e mares da India, para que os outros os tivessem em menos; no que se mostra bem claro, quanta mais parte tem em vós o serviço d'el-Rei, meu senhor, e a obrigação de vosso cargo, que os effeitos naturaes de pai, que são os que mais forção a natureza. E no sofrimento que mostrastes na morte de dom Fernando de Castro, vosso filho, se confirma bem esta opinião; e certo que eu o senti por mim e por vós, e houve por mui grande perda, por quão certos sinaes nelle via de seu grande esforço, e creo que nisso lho quiz Deos pagar com o tirar de vida tão trabalhosa por meios tão honrados, e de tanta gloria sua, que deve ser grande causa de vossa consolação. Dom Alvaro de Castro, vosso filho, não empregou mal sua jornada, pois com tantos trabalhos e perigos soccorreo a fortaleza de Dio, a tempo que sua chegada foi por então o remedio d'ella; e de como se nisto houve, e no dar nas estancias dos inimigos, e em tudo o mais lhe lanço muitas benções por vossa parte e minha. E tornando a vossa determinação de aventurardes vossa pessoa, e o Estado da India, por soccorrerdes Dio, foi mui boa, pois de o não fazerdes estava tanto mais aventurado; e o chegardes a Dio, e ordenardes vossa embarcação, mandardes que os navios acommettessem a terra a tempo que havieis de dar a batalha, e o modo de acommetter, que nisso tivestes, tudo me pareceo digno de agora, e sempre dar-

mos muitas graças á Deos Nosso Senhor, e de S. Alteza vos fazer muitas mercês, a que agora dá principio, como vereis acerca de vós e de vosso filho, e assi o deve fazer e fará nos fidalgos e cavalleiros que nessa jornada com vosco o servírão, em especial a dom João Mascarenhas, que se houve, no peso d'esse cerco, como honrado capitão e esforçado cavalleiro. Folguei muito de ver o modo, que tivestes no escrever a S. Alteza sobre os serviços que os fidalgos e cavalleiros, que nessas partes andão, lhe fizérão no negocio de Dio, no que se vio, que tinheis com seus trabalhos conta. Isto fazei sempre por amor de mim; e folgai de louvar os homens, porque já que está certo, não faltar quem diga d'elles os males (que haveis de castigar os que nelles sentirdes) razão he tambem, que os bons os levanteis, para que os que lá não poderdes galardoar, S. Alteza por vossa informação o faça. Eu fallei sobre vossa vinda, como me escrevestes, que me elle não concedeo, e me deo para isso duas razões, que a meu parecer, ainda que vós tenhais muitas para vos desejardes de vir, S. Alteza tem muitas mais para vos mandar rogar, que os sirvais nesse governo outros tres annos, o que haveis de folgar de fazer por servirdes a Nosso Senhor pola grande mercê que vos tem feito, e a S. Alteza pola confiança que de vós tem, e contentamento de vosso serviço. E confiai em Deos, que vos dará forças para poderdes com os grandes trabalhos, e desordens da India, e eu espero nelle, que fazendo-o vós assi, venhais encher estes picos da serra de Sintra de Ermidas, e de vossas victorias, e que as visiteis, e logreis com muito descanso vosso. Nas cousas particulares, vos não fallo, porque el-Rei, meu senhor, vos escreve o que ha por seu serviço, em reposta da carta geral que lhe escrevestes, que vinha em muito bom estylo e em muito boa ordem. Escrita em Lisboa, a vinte e dous de outubro de mil quinhentos quarenta e sete. »

O infante dom Luis.

98. Deixa-se bem ver d'estas cartas, quão gratos erão aos reis os serviços de dom João de Castro. Negou-lhe el-rei dom João a licença que pedia para vir descansar ao reino, como em beneficio da patria e do Oriente : prorogou-lhe outros tres annos do governo com nome de viso-rei; não teve vida para lograr este acrescentamento; para o merecer, si; fez-lhe mercê de dez mil cruzados de ajuda de custo, e patente de capitão mór do mar da India a seu filho dom Alvaro, cargo que já exercitava com menos annos, que victorias.

### *Manda el-Rei seis náos á India.*

99. Tinha entendido el-rei dom João, polos avisos do viso-rei, que a segurança da India necessitava de ter a todo tempo forças promptas para todas as occurrencias do Estado; e que os estragos de Cambaya, junto com o respeito, criavão odio nos principes vezinhos, cuja ruina era para outros exemplo. Com estas e outras considerações, despachou este anno para a India seis náos, que partírão em monções differentes. Das primeiras tres, que partírão em novembro, era capitão mór Martim Correa da Sylva, que levava á fortaleza de Dio. Os outros capitães erão Antonio Pereira e Christovão de Sá; e porque na costa da India teve a capitaina os ventos ponteiros, esgarrou, e não podendo ferrar Goa, foi tomar Angediva, donde mandou aviso ao viso-rei para o prover do necessario, visto ser-lhe forçado invernar em aquelle porto. O piloto de Christovão de Sá soube-se marcar melhor, porque tanto que avistou a costa da India, foi metendo de ló para se pôr a barlavento de Goa, e houve vista da terra por Carapotão, donde foi demandar a barra.

*Chega uma a Goa. — Juramento que toma.*

100. Logo que o viso-rei soube que entrára náo do reino, mandou desembarcar os doentes, que elle em pessoa foi visitar e prover. E certo que entre as excellencias d'este bom viso-rei, podemos dar o primeiro lugar á charidade, porque não costuma ser virtude de soldado, e menos de ministro. Recebeo as vias, em que achou as honras e mercês que havemos dito, estimando estas para desempenho, aquellas para premio; de que os fidalgos a si proprios se davão parabens, contentes de que ficasse o viso-rei outro triennio governando, como quem entendia, que tinhão nelle os soldados pai, e o Estado homem.

*Adoece o viso-rei. — Deixa o governo.*

101. Achava-se dom João de Castro gastado menos dos annos que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veo a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal; o que elle, conhecendo pola molestia de repetidos accidentes, se aliviou do cargo do governo. Chamou ao bispo dom João de Albuquerque, dom Diogo de Almeida Freire, ao doutor Francisco Toscano, chanceller mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobatto, seu ouvidor geral, e a Rodrigo Gonçalvez Caminha, veedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes vezinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario geral da India, ao guardião de S.-Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda d'el-Rei, a quem fez esta falla.

*Falla aos do conselho.*

102. « Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da India faltão nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro, com que se me comprasse huma gallinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comião os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei; e não he de espantar, que esteja pobre hum pai de tantos filhos. Peço-vos que em quanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real huma honesta despesa, e pessoa por vós determinada, que com modesta taixa me alimente. »

E logo pedindo hum missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até a hora presente, não era devedor á fazenda real d'hum só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de christão, judeo, Mouro, ou gentio; nem, para authoridade do cargo ou da pessoa, tinha outras alfayas que as que de Portugal trouxera; e que ainda a parta, que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera já mais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama vião; só a seu filho dom Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao reino. Que disto lhes pedia mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, el-Rei, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da cidade, a qual se pudéra ler, como instrucção, aos que lhe succedèrão; nos quaes, creo, ficou a memoria mais viva que o exemplo.

*Recolhe-se com o P. Xavier. — Sua morte. — Enterro, e sentimento.*

103. Logo que o viso-rei entendeo que era chamado a mais dura batalha, fugindo á importuna diversão de cuidados humanos, se recolheo com o Padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem tão seguro piloto; o qual lhe foi, todo o tempo que durou a doença, enfermeiro, intercessor e mestre. Como não adquirio riquezas, de que dispor de novo, não fez outro testamento que o que deixou no reino, quando passou a governar a India, em mãos do bispo de Angra, dom Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E recebidos os sacramentos da Igreja, rendeo a Deos o espirito em seis de junho de mil quinhentos quarenta e oito, quarenta e oito de sua idade, e quasi tres de governo d'aquelle Estado. As riquezas, que grangeou na Asia, forão suas heroicas obras, que neste papel virão a ler os futuros com saudosa memoria. No seu escritorio se achárão tres tangas larins, e humas disciplinas, com sinaes de usar muito d'ellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado. Mandou em S. Francisco de Goa depositar seu corpo, para que d'alli se trasladassem os ossos á sua capella de Sintra. Tratou-se logo do funeral, não menos lastimoso que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres e plebéas.

*Vem seus ossos ao reino. — Depositão-se em S. Domingos de Lisboa. — Trasladão-se á Bemfica.*

104. Depois de alguns annos, vièrão seus ossos ao reino, que forão recebidos com reverente e piedoso applauso, ultimo beneficio que com suas cinzas ha recebido a patria, e trazidos aos hombros de quatro netos seus

ao convento de S. Domingos de Lisboa, onde muitos dias se lhes fizêrão sumptuosas exequias. D'aqui forão segunda vez trasladados ao convento de S. Domingos de Bemfica, onde (posto que em capella alhea) estivérão alguns annos com tumulo decente, até que o bispo inquisidor geral dom Francisco de Castro, seu neto, lhes fez capella e sepultura propria; na traça, na materia e na escultura, depois das reaes, a nenhuma segunda; cuja relação não desagradará, em beneficio da memoria do avô e piedade do neto.

### *Onde estão hoje.*

105. Dista o convento de S. Domingos de Bemfica, dous mil passos da cidade de Lisboa. Hum lugar vezinho lhe dá aquelle nome. Foi o sitio d'elle em propriedade dos senhores reis de Portugal; no qual, por sua frescura, tinhão huma casa de campo, que frequentavão, já para diversão dos negocios, já para o exercicio da caça. El-rei dom João o primeiro vendo-se devedor a Deos de tantas victorias, entre outras acções de graças, fez d'estes paços doação á ordem de São Domingos, com terras, hortas, e pomares vezinhos, em vinte e dous de maio de mil trezentos noventa e nove, para se fundar este convento, que não só teve os alicesses reaes, senão os augmentos. Obrigou-se o fundador (por provisão, que nos archivos do convento se guarda) a amparar e defender as cousas e religiosos d'elle; solicito na causa de Deos, valeroso na sua. El-rei dom João o segundo lhe dotou huma grossa fazenda, que com nome da Quinta das Ilhas hoje possue a casa, sem lhe impor obrigação, que podesse fazer menos grata, ou liberal a esmola. El-rei dom Manoel, ainda que repartido em cuidados e fabricas maiores, deixou nos sacrificios d'este templo religiosa memoria, ordenando que se dissessem cada semana aos Anjos duas missas cantadas a favor dos navegantes; que

este era o astrolabio de seus descobrimentos, e as forças das victorias orientaes d'aquella idade. A rainha dona Catherina tratou esta casa como capella sua, offerecendo-lhe de seu oratorio reliquias de reverencia e preço; entre outras, em uma grande cruz de prata, um pedaço do santo Lenho, que sendo offerecido por mãos reaes, califição a certeza de tão superior donativo; accumulando os senhores reis nesta casa, a beneficios temporaes, os sagrados. El-rei dom Philippe o segundo lhe acrescentou os proprios com huma honesta esmola. Foi sempre dos mais observantes da religião este convento, que com nome de Recoleta, não permitte declinação ou indulgencia do primeiro instituto. Nelle, como em escola de virtudes, se costumavão retirar os filhos mais benemeritos da ordem; huns a fugir, outros a descansar das prelasias, para vagar a Deos em ocio santo, e reformar o espirito.

106. Nesta casa, por fundação e disciplina illustre, descanção as cinzas victoriosas de dom João de Castro, em uma capella e sepultura de religiosa grandeza. He esta da instituição de corpus Christi, tem a porta principal no claustro do convento, e sobre ella pendente hum escudo relevado das armas do fundador; abraça o largo d'ella quarenta palmos; tem mais de setenta o comprimento, proporção a que os architectos chamão dupla; e à obra, dorica. He d'huma só nave de pedraria brunida, o lageamento de pedras de cores tambem brunidas. Em torno a circunda interiormente hum composto, e proporcionado pedestal; sobre que se funda a armonia da mais architectura. Tem seis arcos com pilares interpostos, sobre bases; capiteis, e simalhas tambem em torno, com seis luzes obradas com respeito à architectura. Tem hum retabolo e sacrario (em que sempre está o Santissimo Sacramento alumiado com duas alampadas de prata) de obra de talha com florões, tudo dourado; e no alto hum painel da cea do Senhor. Detras do altar, e retabolo ha

coro dos noviços, para cuja criação, e melhor serviço do Senhor, se lhes fez casa com vinte cellas, e mais officinas que formão o corpo d'hum convento. O tecto da capella, depois de coroada com a simalha, he tambem de pedraria apainelado com artezões e molduras. Dos seis arcos que a compõem, ficão os dous primeiros nos presbyterios; no da parte do Evangelho, está huma porta, que dá serventia para a tribuna, e aposentos do fundador; e no da parte da Epistola, outra para o serviço da sanchristia. Os outros quatro occupão quatro sumptuosas sepulturas, cujas urnas formão pedras de cores lustradas, que descansão ás costas de elefantes de pedras negras.

107. No primeiro arco, que fica junto ao do presbyterio da parte do Evangelho está a sepultura de dom João de Castro, onde, antes de se fechar, forão recolhidos seus ossos, com o seguinte epitaphio :

D. Joannes de Castro XX. pro Religione in utraque Mauritania stipendiis factis, navata strenue opera Thunetano bello; mari Rubro felicibus armis penetrato; debellatis inter Euphratem et Indum nationibus : Gedrosico Rege, Persis, Turcis, uno prælio fusis; servato Dio, imo Reipub. reddito, dormit in magnum diem, non sibi, sed Deo triumphator; publicis lacrymis compositus, publico sumptu præ paupertate funeratus. Obiit octavo id. Junii. Anno M. D. XLVIII. ætatis XLVIII.

Estão em o seguinte arco junto a este, os ossos de dona Leonor Coutinho, sua mulher.

108. Da parte da Epistola, em o arco que responde ao da sepultura de dom João de Castro, está a de dom Alvaro, seu filho, em que do mesmo modo forão postos seus ossos; tem o epitaphio que se segue :

D. Alvarus de Castro, magni Joannis primogenitus, cui pene ab infantia discriminum socius, pugnarum præcur-

sor, triumphorum consors, æmulus fortitudinis, hæres virtutum, non opum : regum prostrator et restitutor : in Sinaï vertice eques feliciter inauguratus : a Rege Sebastiano summis regni auctus honoribus ; bis Romæ, semel Castellæ, Galliæ, Sabaudiæ legatione perfunctus. Obiit IV. calend. Septem. anno M. D. LXXV. ætatis suæ L.

E logo no outro arco junto a este, está dona Anna de Attayde, sua mulher. No vão d'esta capella, se fez hum carneiro com seis arcos de pedraria, em hum dos quaes ha altar para se dizer missa; e os mais tem repartimentos para os ossos e corpos dos defuntos.

109. Dotou o bispo inquisidor geral, fundador d'esta capella, ao convento de Bemfica, para sustento dos religiosos, que hão de assistir ás obrigações d'ella, duzentos e quarenta mil réis de juro em cada anno, situados nas rendas da camera d'esta cidade de Lisboa, repartidos pela ordem seguinte. Cento e vinte mil réis por tres missas quotidianas. Cincoenta (anticipada esmola) polos anniversarios, que ha de ordenar em seu testamento. Quarenta para fabrica e provimento da capella. Trinta para se poder acodir ás necessidades dos religiosos, que naquelle noviciado residem, para a custodia e limpeza da capella. Além do que a ornou de muitas peças ricas e devotas; e a sanchristia d'ella de todo o necessario ao culto divino ; assi ornamentos para as festas, como para os dias ordinarios; roupa branca, castiçaes, tocheiras, lampadas, ceriaes, e mais cousas semelhantes ; tudo com abundancia e perfeição.

*Ascendencia de dom João de Castro.—Que filhos teve. — Elogio de dom Alvaro de Castro.*

110. Dom João de Castro, tão claro polo sangue como polas virtudes, nasceo em Lisboa a vinte e sete de fevereiro de mil e quinhentos ; foi filho segundo de dom Al-

varo de Castro, governador da casa do Civel, e de dona Leonor de Noronha, filha de dom João de Almeida, segundo conde de Abrantes, neto de dom Garcia de Castro, que foi irmão de dom Alvaro de Castro, primeiro conde de Monsanto, filhos de dom Fernando de Castro, netos de dom Pedro de Castro, e bisnetos de dom Alvaro Pirez de Castro, conde de Arrayolos, e primeiro condestable de Portugal, irmão da rainha dona Ines de Castro, que foi mulher d'el-rei dom Pedro o Cruel. Era este condestable filho de dom Pedro Fernandez de Castro, a quem chamárão em Castella, o da guerra, que vindo a este reino, principiou nelle a illustre casa dos Castros, que em tanta grandeza se tem conservado. O qual dom Pedro era por baronia descendente do infante dom Fernando, filho d'el-rei dom Garcia de Navarra, casado com dona Maria Alvarez de Castro, filha unica do conde Alvaro Fanhez Minaya, quinta neta de Lain Calvo, de quem deriva sua origem esta familia. Sendo moço casou dom João de Castro com dona Leonor Coutinho, sua prima segunda, maior na qualidade que no dote; com a qual, retirado na villa de Almada, fugio com anticipada velhice ás ambições da Corte. Passou a servir a Tanger, aonde deo de seu valor as primeiras, mas não vulgares provas, bem que d'estas alcançamos mais fama que noticia. Tornou á corte, chamado por el-rei dom João o terceiro, e como já seus brios não cabião no reino, passou á India com dom Garcia de Noronha. Acompanhou a dom Estevão da Gama na jornada do estreito do mar Roxo, e fez d'esta viagem hum roteiro, obra util, e grata aos navegantes. Tornando a Portugal, se retirou á sua quinta de Sintra, descansando na lição dos livros, sempre exemplar, no ocio e na occupação. Outra vez cingio espada para seguir as bandeiras do imperador Carlos na jornada de Tunez, onde a seu nome ajuntou gloria nova. Acabada esta empresa, se recolheo a Sintra, escondendo-se á sua propria fama; soube fugir

dos cargos, não pôde livrar-se. El-rei dom João o chamou para general das armadas da costa, serviço em que a seu valor respondèrão os successos. Passou ultimamente a governar a India, onde, com as victorias que havemos referido, assegurou e reputou o Estado. Nas horas que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descreveo em copioso tratado toda a costa que jaz entre Goa e Dio, sinalando os baixos e recifes; a altura da elevação do Polo, em que estão as cidades, restingas, angras, e enseadas, que formão os portos; as monções dos ventos, e condições dos mares; a força das correntes, o impeto dos rios; arrumando as linhas em taboas differentes; tudo com tão miuda e acertada geographia, que o pudèra esta só obra fazer conhecido, se já o não fôra tanto polo valor militar. Com igual semblante o virão as incommodidades da patria, e as prosperidades do Oriente, parecendo sempre o mesmo homem em diversas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de não pedir nada. Fazia razão e justiça a todos igualmente, sendo nos castigos inteiro, mas tão justificado, que mais se podião queixar da lei que do ministro. Era com os soldados liberal, e com os filhos parco, mostrando mais humanidade no officio que na natureza. Tratava com grande respeito as acções de seus antecessores, honrando até aquellas de que se apartava. Sem estragar a cortezia, conservou o respeito. Dos grandes parecia superior, dos pequenos pai; vivia de maneira que emendava as culpas com o exemplo, mais que com o castigo. Sempre zelou a causa de Deos, primeiro que a do Estado; nenhuma virtude deixou sem premio; alguns vicios, deixava sem castigo, melhorando assi muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos que recebia dos principes da Asia, mandava carregar na fazenda real, virtude que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavão nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Evitou (como ruina

do Estado) chatinar aos soldados; nenhuma facção emprendeo, que não conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado, conservou virtudes de religioso; era frequente em visitar os templos, grande honrador dos ministros da Igreja, compassivo e liberal com os pobres; devotissimo da cruz, cujo sinal adorava com inclinação profunda sem differença de lugar ou tempo. E tão religiosamente ardia no culto deste sinal santissimo, que quiz mais lavrar templo a sua memoria, que fundar casa a sua posteridade, deixando como em piedosa benção a seu filho dom Alvaro, que se na graça, ou justiça dos reis achasse alguma gratidão de seus serviços, do premio d'elles edificasse na serra de Sintra hum convento de recoletos franciscanos, advertindo que com a invocação da Cruz se titulasse a casa. Dom Alvaro de Castro, que das virtudes de tão piedoso pai foi legitimo herdeiro, ordenou a fabrica do convento, menos grande pola magestade do edificio, que pola santidade dos varões penitentes que o habitão. Sendo a primeira vez mandado polo senhor rei dom Sebastião com embaixada ao papa Pio IV, impetrou d'elle privilegiar o altar do dito convento para todas as missas, e para o dia da Invenção da Cruz, indulgencia plenaria a todos os que rogassem polas necessidades maiores da igreja; e advertidamente pola alma de dom João de Castro: graça tão singular e nova, que a não vimos concedida a principes soberanos. Parece que andava em Italia tão viva a fama de suas victorias, como de suas virtudes, qualificadas com tão illustre testimunho do Vigairo de Christo. Por estas e outras virtudes, cremos, terá alcançado no Ceo melhores palmas em mais alto triumpho. Teve tres filhos, que todos, como benção do pai, seguírão os perigos da guerra. Dom Miguel, o mais moço, que nos dias d'el-rei dom Sebastião passou á India, e falleceo capitão de Malaca. Dom Fernando, que falleceo abrasado na mina do

baluarte de Dio. Dom Alvaro, com quem parece que partio as palmas e as victorias, filho e companheiro de sua fama; o qual, tornando ao reino, sem outras riquezas que as feridas que recebeo na guerra, casou com dona Anna de Attayde, filha de dom Luis de Castro, senhor da casa de Monsanto. Foi d'el-rei dom Sebastião particular aceito, fidando-lhe os maiores negocios, e lugares do reino, fez diversas embaixadas a França, Castella, Roma, e Saboya. Foi do conselho do Estado, e unico veador da fazenda; entre cargos tão grandes, acabando valido, morreo pobre. (V. Notas XIII e XIV.)

FIM

# NOTAS

---

# ELENCO

DOS DOCUMENTOS E SEU CONTEUDO

---

# INDEX

DAS PRINCIPAES COUSAS D'ESTA HISTORIA

# NOTAS

---

## PREFAÇÃO

No mez de março do corrente anno 1827, em que começámos esta breve escriptura, tivemos a inesperada fortuna de adquirir duas preciosas collecções de documentos originaes : huma, que contèm oitenta e tantas cartas de el-rei dom João III, da rainha senhora dona Catherina, do infante dom Luiz, e do cardeal infante dom Henrique, escriptas, a maior parte a dom João de Castro, e algumas a seu filho dom Alvaro de Castro, desde o anno de 1527 até o de 1549; e outra, muito mais volumosa, tambem de cartas originaes, dirigidas aos mesmos pai e filho por alguns principes e senhores do Oriente, pelos capitães das fortalezas dos Estados portuguezes da Asia, pelas camaras, veadores da fazenda, fidalgos, e outras pessoas, que ali servião a el-Rei no tempo do governo de dom João de Castro.

Logo que em nosso poder tivemos estas collecções, passámos hum por hum todos os seus numerosos documentos, e comparando os factos, que delles authentica-

mente constão, com os que refere Jacinto Freire de Andrade na vida de Castro, observámos que era facil verificar huns, accrescentar outros, rectificar aquelles, em que o escriptor parece ter sido menos bem informado, e determinar as datas, de que elle muito se descuidou.

Reflectindo pois quam grato seria ás pessoas amantes da virtude e do verdadeiro heroismo tudo o que illustrasse a vida de tão excellente varão, e quam util, assim para a historia, como para a litteratura, a publicação de muitos dos referidos documentos, pareceo-nos satisfazer a hum e outro empenho, escrevendo as breves notas que se contêm neste opusculo, e autorizando-as com as copias fieis dos documentos, que tivemos por de maior interesse, principalmente com relação ao particular objecto que queriamos tratar.

O fructo deste trabalho he o que agora apresentamos á Academia; tendo por muito certo que se as notas não merecerem a sua approvação, ou não parecerem dignas da luz publica; nem por isso perderão valor os preciosos documentos, até agora ineditos, que lhe ajuntamos, e que, sem duvida, hão de ser devidamente avaliados por todas as pessoas judiciosas e eruditas.

---

# NOTAS

## NOTA I.

(Freire, liv. I, § 1-4.)

Supposta a natureza dos documentos que derão occasião a este opusculo, e o tempo em que forão escriptos, facilmente ajuizará o leitor, que nos não he possivel illustrar com factos novos o pouco que Jacinto Freire escreveo, sobre os primeiros annos da vida de dom João de Castro; e sómente diremos, quando for tempo, alguma cousa de seus estudos e applicações filosoficas. Cabe porèm aqui notar, que a primeira carta d'el-Rei, que temos na nossa collecção, he datada de Coimbra, aonde então estava a côrte, a 25 de outubro de 1527, e nella lhe diz el-Rei, que querendo servir-se delle em cousa que muito cumpria, lhe encommendava e mandava, que viesse á sua presença, o mais em breve que podesse, *e de ho assy fazerdes, como de vós confio* (conclue a carta) *recceberey prazer, e vo-lo aguardecerey.*

Reflectindo na data desta carta, e notando que dom João de Castro nasceo em 1500[1], embarcou para Tanger aos dezoito annos de sua idade, e servio alli nove annos[2]; facil he de concluir que no mesmo anno, em que elle voltou de Tanger, e

[1] Freire, liv. IV, § 110.
[2] Id., liv. I, § 4.

mandou el-Rei chamar á côrte, para o empregar em cousas de seu serviço, estando já, sem duvida, informado do nobre esforço, e severa disciplina, de que o illustre mancebo havia dado provas e exemplo n'aquella praça, e guerra de Africa.

---

## NOTA II.

### *Jornada de Tunez.*

(Freire, liv. i, § 9-14.)

Não nos consta em que serviço fosse empregado dom João de Castro n'aquelle anno de 1527, e ainda nos seguintes até o de 1535, data da segunda carta d'el-Rei, que temos na collecção.

Neste porém de 1535 lhe escreveo el-Rei de Evora, a 8 de março, dizendo-lhe que polo conde de Castanheira tinha sabido, como elle D. João de Castro *era chegado a Lisboa*, e vinha com desejos de ir servir na armada de Antonio de Saldanha, que então se preparava, em auxilio do imperador Carlos V, para a facção de Tunez, o que el-Rei lhe agradecia, e mandava dizer ao conde, que lhe désse huma caravella. E accrescenta el Rei : *bem certo som, que nom he necessario encomendaruos da maneyra, que me nesta vyagem aveis do seruir, por quam bem vysto tenho como o fazeis em todallas outras :* palavras que parece referirem-se a serviços immediata e precedentemente feitos, e que por ventura encherião o vazio dos oito annos, que decorrêrão desde 1527 até 1535[1].

[1] Não sendo crivel, á vista do que deixamos dito, que dom João de Castro estivesse ocioso nestes oito annos ; conjecturamos que el-Rei o mandaria por capitão de algum dos navios das armadas, que por aquelles tempos andavão guardando, quasi de continuo, as costas do reino, infestadas de corsarios, e de que elle mesmo foi depois capitão mór ; ou que tambem seria empregado na armada que em 1534 foi mandada em soccorro de Çafim, sob o commando de dom Garcia de Noronha. (Andrad., *Chron. de dom João III*, part ii, cap. 90.)

Tres dias depois desta carta, tornou el-Rei a mandar escrever a dom João de Castro, recommendando-lhe a brevidade, que da sua parte devia pôr em aprestar-se, sem detença alguma, para aquella viagem, visto que o Imperador era já partido para Barcelona, e ao conde da Castanheira se expedia ordem para *fazer prestes, e partir a armada, com a moor breuidade e prèsa.*

A armada sahio com effeito da barra de Lisboa pelo meado de março do dito anno de 1535, e parece haver-se recolhido em outubro, segundo se collige da Chronica de Azinheiro[1].

---

## NOTA III.

### *Primeira passagem á India.*

(Freire, liv. I, § 15 e seg.)

Na armada do vice-rei dom Garcia de Noronha, que sahio de Lisboa no fim de março de 1538, passou dom João de Castro, a primeira vez, á India, hindo por capitão da náo *Grifo*[2], e levando em sua companhia seu filho D. Alvaro, ainda muito moço.

Já então foi dom João de Castro nomeado por el-Rei em terceira successão para governar a India no caso do fallecimento do governador e vice-rei dom Garcia, e dos outros indicados nas primeiras successões, como consta da provisão original, que copiámos do R. Archivo da Torre do Tombo, e se acha no *Corpo Chronol.*, P. I, maço 61, docum. 28; nomeação que muito honra a dom João de Castro, e de que nos não lembra ter encontrado noticia nos escritores que delle escrevêrão.

Durante esta viagem, escreveo de Moçambique ao seu illustre amigo o infante dom Luiz, a 5 de agosto do dito anno de 1538, e pela resposta do infante se vê que dom João de Cas-

[1] Ined. da R. Academ. das Scienc. de Lisboa, tomo V, pag. 362

[2] Andrad., *Chron. de dom João III*, part. III, cap. 57.

tro se havia occupado no mar em escrever observações e reflexões, que o douto infante julgava serião mui *proveitosas e necessarias* áquella navegação, e que até então não tinhão sido *consideradas, nem comprehendidas*, etc.

Chegado á India a 11 de setembro de 1538[1], acompanhou o vice-rei na expedição de Dio, em novembro do mesmo anno[2], não como *soldado de fortuna* (segundo a frase de Freire, liv. I, § 17), mas sim hindo por capitão de huma galé, como expressamente refere Diogo do Couto, decad. 5, liv. V, cap. 6.

Por aquelle tempo, escreveo dom João de Castro a el-Rei, como vemos pelas duas repostas, que temos na collecção, datadas de Lisboa, huma em 22 de maio de 1539, e outra em 10 de março de 1540, as quaes ambas copiámos, e vão entre os documentos com os numeros 4° e 5°. Por ellas se collige o zelo, intelligencia, e avisado conselho, com que dom João de Castro olhava as cousas do Oriente, e escrevia sobre ellas a el-Rei; e se mostra ao mesmo tempo o conceito que el-Rei tinha deste illustre varão, e quam mal fundado he o que em contrario pretende insinuar Couto, decad. 6, liv. I, cap. 1, he o proprio Jacinto Freire, neste liv. I, § 26, e em outros lugares.

Depois que o vice-rei dom Garcia de Noronha voltou de Dio a Goa, que foi meado já o mez de março de 1539[3], mandou seu filho dom Alvaro de Noronha a Panane, para ahi concertar, assignar, e jurar as pazes com o çamorim de Calecut, e lhe deo *por coadjutores dom João de Castro e Fernão Rodrigues de Castellobranco, veador da fazenda e secretario*[4].

Foi com effeito dom João de Castro nesta jornada por capitão d'hum galeão; e ajustadas as capitulações, *se concruhio antre todos o assento das pazes, que foy escrito pollo secretario, em que assinárão dom Alvaro, o veador da fazenda,* dom João de Castro, *e os capitães de Cochim e Chale*, etc.[5], nova prova do respeito que já então se tinha aos distinctos talentos, probidade, e prudencia do illustre Castro, e da parti-

[1] Andrad., *Chron. de dom João III*, part. III, cap. 57.
[2] *Id.*, part. III, cap. 67.
[3] And., *Chron.*, part. III, cap. 70.
[4] Cout., dec. 5, liv. VI, cap. 7. Andrad., *Chron.*, part. III, cap. 71.
[5] Andrad., *Chron.*, part. III, cap. 71.

cular consideração que se dava á sua pessoa e ao seu grande juizo e intelligencia nos negocios publicos.

Sobre o que accrescentaremos ainda aqui o grande testemunho de dom Christovão da Gama, que escrevendo de Goa a el-Rei em 18 de novembro de 1540, lhe dizia ácerca de dom João de Castro as seguintes notaveis palavras :

« Sem duvida que deve Vossa Alteza de fazer grande comta de dom João de Castro, porque até aguora não vy omem que mays necessaryo fosse pera a Imdia, que ele; porque certefyquo a Vossa Alteza que mays merecem estes dous anos que o qua servyo, que déz doutrem muito bem servydos : porque alem de ho servyr com o seu na yda dos Rumes, ele foy causa de se despachar armada ao tempo que se acabou ; porque segumdo a comdysão forte de dom Garcia, se não ouvera quem lhe soportára tudo, lhe lembrára per muytas vezes ho que comprya a voso servyso, muy mal se pudera aquabar nada : e depois de nossa vymda, estamdo ho Vyso-Rey entrevado por ver a total destruição em sua armada, e em todas as outras cousas, ele se pôs a todo o rysquo a lhe fazer lembrança do que se comprya a serviço de Vossa Alteza, e não foi pouquo acometer ysto, por quamto arreceavam todos as repostas do Vyso-Rey por quam perygosas eram para os que querem ser omrados nesta terra, a qual lembransa a elle lhe custou quaro, e crea Vossa Alteza que a maneyra de seu vyver he tam necessarya qua, quomo as prégasons : e certo eu tenho para mym que se algum omem pode merecer muyto em pouquo tempo, que he ele : em outra cousa ho não vejo trabalhar senão nas de seu servyso, e elle o vay servyr nesta vyagem tam onrada, que dom Estevam faz, num galeão, em que á de gastar ho que per vemtura não tem, e leva huma fusta em que á dyr de Yuda a Suês [1]. »

Depois do fallecimento do vice-rei, ficando por governador da India dom Estevão da Gama, e resolvendo emprehender a expedição do estreito, tantas vezes recommendada por el-Rei, o acompanhou dom João de Castro, indo por capitão do galeão *Coulão-novo* [2].

[1] R. Archiv., *Corpo Chronol.*, P. I. maço 75. Docum. 20 original.
[2] Andrad., *Chron.*, part. III, cap. 76.

A armada se fez á véla da barra de Goa a 31 de dezembro de 1540; entrou o estreito nos ultimos dias de janeiro de 1541, e navegando até junto de Suês, ahi foi dom João de Castro incumbido do difficil e arriscado empenho de reconhecer a armada turca, que estava n'aquella paragem, o que executou no dia 27 de abril de 1541 [1]. Nesta jornada escreveo dom João de Castro *o Roteiro*, de que falla Jacinto Freire neste lugar, e cujo nome he tão conhecido dos eruditos, quanto desejada a sua publicação [2].

A armada voltou á costa da India em agosto de 1541, e em janeiro de 1542 embarcou dom João de Castro, com outros fidalgos, para o reino, na náo *São Thomé*, que chegou a salvamento na entrada de julho [3], e logo a 25 de setembro do mesmo anno, estando elle *na sua quinta junto a Cintra*, o mandou el-Rei chamar a Lisboa para objecto de seu serviço, como se vê pela

[1] Andrad., *Chron.*, cap. 79. Couto, dec. 5, liv. VII, cap. 9.

[2] Acerca deste Roteiro, esperamos que o leitor nos releve o copiarmos aqui as palavras de F. João dos Santos, na sua *Ethiop. Orient.*, liv. V, cap. 20, aonde tratando incidentemente dos diversos modos, porque se tem pretendido dar a razão deste nome de mar Vermelho, diz assim: « Este mar nunca teue nem tem as agoas vermelhas; mas comtudo algumas vezes aparecem ruyvas em muitas partes d'elle, por causa do muito coral vermelho, que tem nacido pollo fundo d'aquellas mesmas partes; e por essa rezam não apparece todo da mesma côr, senão sómente naquelles lugares, onde ha este coral, que faz parecer a mesma agoa vermelha, ou roxa, com reuerberação do sol, quando as agoas estão claras. Esta experiencia fez dom João de Castro, quando veio a este mar, em uma grossa armada da India, da qual elle depois foy gouernador. Este prudente capitão correo de proposito quasi todo este mar Roxo, como elle conta nos seus commentarios geographicos, que fez de todas estas terras; e nos lugares, onde via estas manchas vermelhas, mandaua mergulhar alguns homens, grandes mergulhadores, que ja leuaua pera este effeito, os quaes indo abaixo, ao fundo do mar, pera fazerem experiencia daquella vermelhidão, trouxerão muytos pedaços de coral vermelho, que arrancarão do fundo e affirmarão que toda a mais vermelhidão, que appareçia, era coral vermelho. »

Este Roteiro sahio finalmente á luz publica em Paris no anno passado de 1833, como diremos adiante, Not. XIV.

[3] Couto, dec. 5, liv. VIII, cap. 2.

carta regia, que temos na collecção, escrita por Pero d'Acalçova Carneiro, com a referida data, e assinada por el-Rei.

---

## NOTA IV.

*É nomeado capitão mór da armada da guarda costa.*

(FREIRE, liv. I, § 21 e 22.)

A ordem que dom João de Castro recebeo para vir á côrte, e de que acabamos de fallar na precedente nota, teve sem duvida por objecto querer el-Rei encarregal-o de capitanear a armada, que se mandava fazer prestes para guardar a costa d'estes reinos; por quanto logo no 1° de dezembro do mesmo anno de 1542 o achamos nomeado capitão mór d'ella, por alvará de el-Rei, no qual se contêm, além da nomeção, o regimento que havia de seguir no desempenho daquelle cargo. Deste regimento nos pareceo conveniente offerecer aos nossos leitores a integra, e vai entre os documentos n° 6.

Parece que dom João de Castro sahio logo ao mar no proprio mez de dezembro de 1542; visto que por outras cartas d'el-Rei consta ser chamado á sua presença em 14 de abril do seguinte anno de 1543, e dar-se-lhe em 10 de maio nova ordem para hir esperar as náos da India n'aquella paragem, aonde parecesse que ellas devião vir ter; cumprindo *em tudo o mais* (diz a carta) *o regimento que illeuastes, quoando fostes por capitão mor da outra armada da costa, o anno passado:* as quaes ultimas palavras se não podem commodamente entender senão do mez de dezembro precedente, de cujo principio data a nomeação e regimento.

Nesta segunda sahida ao màr, tomou dom João de Castro huma náo franceza, com a qual entrou em Cascaes, por ordem que el-Rei para isso lhe mandou em carta de 16 de junho do referido anno 1543, voltando logo ao mar, aonde successivamente lhe forão dirigidas differentes providencias d'el-Rei, em cartas de 20 e 23 de junho, de 30 de julho, e de 5 e 7 de

agosto do mesmo anno, na ultima das quaes lhe manda que agradeça a seu filho dom Alvaro, e a outros capitães, o que tinhão feito para salvar a náo *S. Felipe*, que tocára no cachôpo, e lhe falla já da jornada de Ceuta, para que o tinha destinado, e que el-Rei desejava se fizesse com a mór brevidade.

---

## NOTA V.

### *Jornada de Ceuta.*

(Freire, liv. i, § 23-31.)

Por alvará de 9 de agosto de 1543, foi dom João de Castro encarregado de hir á cidade de Ceuta, levando em sua conserva os navios da gente, artilharia, munições, e mais cousas, que n'aquella praça havião de ficar : e se lhe deo o regimento, que devia seguir em sua hida e estada.

Por hum dos artigos deste regimento, lhe encommenda o Rei o exame das fortificações de Ceuta, Alcacer, Tanger, e Arzilla; dos reparos, ou obras, que nellas se devião fazer; do estado dos armazens, gente, armas, etc., e ao mesmo tempo lhe ordena que havendo nova da armada dos Turcos[1], elle dom João se fique em Ceuta, assy como (diz) me mandastes « lembrar que o queryeis fazer ; » e que nesse caso escolha, para vir por capitão de seu galeão, e conduzir a armada a Lisboa, huma pessoa, que para esse mister seja idonea, por quanto (accrescenta el-Rei) « ainda que pera me seruirdes nessa armada seja tempo, e aja necesydade disso; pola confiança que de vós tenho, e pola grande importancia da cousa, sendo caso que os Turcos viesem, me quero servir de vós nyso. »

No seguinte dia 10 de agosto, mandou el-Rey chamar dom João de Castro, e tendo praticado com elle, lhe fez expedir

[1] Parece que se temia então alguma interpreza do celebre Barbaroxa, que andava infestando as costas da Italia. Os nossos escriptores, que podémos consultar, não fazem menção destas prevenções d'el-Rei, nem indicão os seus motivos.

novas e particulares ordens sobre o que devia fazer em Alcacer, as quaes constão de outro regimento de 13 do mesmo mez e anno. Ambos os regimentos vão copiados, e são os num. 8 e 9 dos documentos.

Depois d'aquelle dia 13 de agosto (e não a 12, como diz Freire no § 28), sahio dom João de Castro com a armada para Ceuta, sem se deter no caminho, nem poder (ao que parece) ter então cabimento a facção do estreito de Gibraltar, de que falla o mesmo Jacinto Freire nos §§ 28-30; não só porque as suas instrucções, e os regimentos, que levava, não davão lugar a isso; mas tambem porque em 22 e 27 do dito mez já el-Rei suppõe em Ceuta, pois lhe escreve para a dita cidade (docum. n. 10 e 11): e por outra carta regia de 28 se manifestar haver dom João effectivamente lá chegado, e ter já feito a desembarcação das munições, e começado a cumprir as outras cousas, que el-Rei lhe ordenára nos citados regimentos.

A 24 de dezembro, estava dom João de Castro no Tejo, de volta da expedição de Africa, e nesta volta he que parece haver succedido o encontro da armada com sete náos de corsarios, segundo consta da carta regia de 27 d'aquelle mez, da qual damos tambem copia; não só porque ella mostra conta, em que el-Rei tinha este grande homem, a quem jamais escrevia sem expressões de grande louvor e confiança; mas tambem porque este, e os mais documentos, que deixamos allegados na presente e antecedente nota, podem servir para rectificar o que diz Jacinto Freire nos lugares respectivamente apontados, e para desvanecer alguma confusão, com que elle parece ter descrito esta época da vida de seu heroe.

Dissemos que dom João de Castro estava no Tejo a 24 de dezembro de 1543: não tardou porèm muitos dias, que tornasse a sahir ao mar, com o mesmo cargo de capitão mór da armada, e com grandes poderes e alçada, que el-Rei lhe concedeo por seu alvará de 28 do dito mez e anno, da qual expedição se recolheo em fevereiro de 1544, hindo então descançar de tantos tão continuos e tão importantes trabalhos, até o principio de 1545, em que foi nomeado governador India.

E para que se não entenda que estes mesmes poucos mezes de descanço forão obra de seu genio izento (como algumas vezes parece querer inculcar Jacinto Freire) ou de menos consideração, que el-Rei tivesse a seus eminentes serviços, damos debaixo do nº 15 a propria carta de el-Rei, que o manda descançar e que por extremo honra o monarca e o vassallo; e ainda accrescentamos, que por outra de 11 de julho do mesmo anno de 1544 lhe pedio el-Rei parecer e conselho sobre a organisação da nova armada, que queria mandar ao mar para guarda das costas do reino.

---

## NOTA VI.

### *Vai por governador da India.*

(Freire, liv. I, § 32 e seg.)

A 5 de janeiro de 1545, já dom João de Castro estava nomeado para governador da India; porque nessa data se lhe expedio o regimento, pelo qual havia de dirigir-se no aparelhar, e prover de gente e mantimentos os navios da armada [1].

Em quanto ao dia em que a armada sahio do porto de Lisboa, e que Jacinto Freire (§ 37) diz ter sido a 17 de março, parece-nos haver nisto alguma equivocação; visto que em 22 do dito mez ainda el-Rei escreveo a dom João de Castro, ordenando, que Martim Affonso de Sousa, « que ora está (diz) por meu capitão mór, e gouernador nas partes da India, venha na naao Sam Thomé, em que ora vós his, se ele for mais contente de vir nela, que na naao São Pedro, que he minha, » etc.

[1] A carta patente, que dom João de Castro levou, para por ella se lhe entregar a India, he datada de Evora, a 28 de fevereiro de 1545; e por huma nota, posta no reverso, se vê que foi registada no livro do registo da casa dos contos, e fazenda da India, a fol. 96, por Antonio Gonsalves, escrivão da meza da mesma fazenda, em Goa, a 25 de agosto de 1547.

## NOTA VII.

### *Chega a Moçambique.*

(Freire, liv. I, § 38.)

De Moçambique escreveo dom João de Castro a el-Rei, como se vê da resposta, que el-Rei lhe deo em huma extensa carta de 8 de março de 1546, a qual copiamos por inteiro, entre os documentos (nº 25) por nos parecer de alguma importancia para a historia. Pelo conteudo desta carta verá o leitor :

1º Que a viagem de dom João de Castro até Moçambique tinha sido boa e feliz ; e que se deve ter, pelo menos, por duvidoso o que diz Freire (§ 37) do grave perigo, e quasi milagrosa salvação da sua náo, na costa de Guiné ; devendo, por ventura, referir-se este acontecimento a outro lugar, e occasião, que adiante notaremos[1] ;

2º Que não menos se deve ter por duvidoso o que Jacinto Freire affirma no § 38 sobre a reforma, ou nova edificação da fortaleza de Moçambique, mandada fazer polo governador : por quanto da carta d'el-Rei sómente se infere que dom João de Castro lhe mandara na verdade o *debuxo* d'aquella fortaleza, e alguns avisos sobre os seus defeitos, e possiveis melhoramentos ; mas que nada emprehendêra sem esperar, como devia, a resposta, e approvação d'el-Rei[2];

[1] Veja-se a Nota VIII, no principio.

[2] O proprio Jacinto Freire, esquecido (ao que parece) do que tinha escrito neste lugar ; quando no liv. IV, § 37, falla das náos que chegárão á India em setembro de 1546 e maio de 1547, diz que nestas náos fôra ordem ao governador, que mandasse alargar o sitio á fortaleza de Moçambique, o que seria inutil, se a obra já estivesse feita, como elle suppõe. O certo he que nem dom João de Castro reformou a fortaleza de Moçambique, quando alli passou ; nem o pôde fazer depois que para isso recebeo as ordens d'el-Rei, por lho impedirem os trabalhos da guerra, e logo a morte. Fr. João dos Santos, na sua *Ethiop. Orient.*, liv. III, cap. 4, fallando da fortaleza nova de Moçambique, diz assim : « Esta fortaleza he huma das mais fortes que ha na India ; foi traçada assi ella, como a de Damão, por hum architecto, que foy sobrinho do arcebispo santo de

3º Que a época do descobrimento dos rios de Lourenço Marquez se deve referir ao tempo (pouco mais ou menos) em que dom João de Castro escrevia de Moçambique; e que el-Rei, tendo então a primeira noticia desta empreza, julgou conveniente ordenar o seu proseguimento;

4º Que el-Rei, informado das novas e repetidas tentativas dos Castelhanos sobre Maluco, tinha feito tratar este negocio pelo seu embaixador na côrte do imperador Carlos V, e dava, em consequencia disso, as suas ordens ao governador da India, para obstar aos progressos d'aquella usurpação;

5º Que por aquelles tempos se negociava em Constantinopla a paz como Turco, sendo agente da negociação por parte d'el-Rei, ao principio Duarte Catanho [1], e depois Gaspar Palha; e que, sem embargo disso, el-Rei se não descuidava de prevenir os casos possiveis da guerra, maiormente no que tocava á conservação do poder portuguez na India.

Achão-se finalmente na mesma carta outras providencias d'el-Rei, e entre ellas algumas, que dizem particular respeito aos progressos da christandade no Oriente, as quaes não julgamos necessario especificar aqui, porque mais adiante se nos offerecerá opportuna occasião de tornarmos a fallar dellas.

Além desta carta, e poucos dias depois da sua data, escreveo el-Rei outras duas a dom João de Castro, huma em 13 de março, sobre os negocios da Ethiopia [2]; e outra em 14, sobre

Braga D. Fr. Bertholameu dos Martyres, da ordem dos prégadores, o qual architecto, sendo mancebo, se foy a Flandres, donde tornou grande official de architectura; e depois disso foy mandado á India pola rainha dona Catherina, quando governava este reyno, pera fazer estas fortalezas, o que foy no anno do Senhor de 1558, quando dom Constantino foy por vice-rei da India; e tornando este architecto da India, foy se pera Castella, onde tomou o habito da ordem de S. Hieronymo, e foi muy aceito a el-rey Philippe II, e por sua traça se fizerão muitas obras no Escurial. »

[1] Sobre a naturalidade e caracter de Duarte Catanho, veja-se Andrade, *Chron.*, part. III, cap. 50.

[2] Com esta carta se achão, por copia, outras duas escritas por el-Rei ao imperador da Ethiopia, e aos Portuguezes, que la existião desde o tempo de dom Christovão da Gama. Por ellas verá o leitor, 1º que el-Rei ainda conservava o desejo, e a esperança de descubrir

as terras firmes de Gôa, e sua pretendida venda ao Hidalcão. Ambas nos parecêrão dignas de se publicarem, e são os nos 26 e 27 dos documentos.

Ultimamente damos, debaixo dos numeros 28 e 29, as respostas da rainha senhora dona Catherina e do cardeal infante dom Henrique ás cartas que dom João de Castro lhes escreveo tambem de Moçambique, porque ainda que ellas não importem tanto aos conhecimentos historicos, mostrão comtudo a estimação que dom João de Castro merecia e gozava; e nos dão, por outra parte, huma boa prova da attenção benevola, com que os principes portuguezes tratavão, n'aquelles tempos, os sujeitos, que por seus serviços e relevantes qualidades se fazião benemeritos dessa distincção.

---

## NOTA VIII.

*Sahe de Moçambique e chega a Goa.*

(Freire, liv. I, § 39-41.)

Na sahida de Moçambique, e a través da ilha do Comaro he que a náo de dom João de Castro correo o grande perigo, de que fallamos na precedente nota, e que Jacinto Freire, equivocadamente, refere á costa de Guiné na Africa occidental. Consta das duas cartas da Rainha e do infante dom Luiz, escritas a dom João de Castro em resposta ás que elle lhes escreveo depois de ter chegado á India.

D'ahi em diante continuou a armada sua navegação com prospera viagem até aferrar a barra de Goa, aonde chegou a 10 de setembro, excepto sómente a náo *Santo-Espirito*, de que era capitão Diogo Rebello, a qual por má navegação,

alguma communicação entre aquelle imperio e a costa oriental, e occidental de Africa; 2º o conceito, que se deve fazer da pessoa e qualidades de dom João Bermudes, que os nossos escritores chamão patriarcha da Ethiopia, e sobre o qual se deve ler o que diz Tellez, *Histor. da Ethiop.*, liv. II, cap. 6 e 20.

invernou esse anno em Melinde, e passou á India no seguinte de 1546[1].

Da India escreveo dom João de Castro a el-Rei, nas primeiras náos que de lá vierão para o reino; mas não temos na collecção a resposta : temos sim as duas da rainha e do infante dom Luiz, acima indicadas, as quaes julgamos conveniente dar por copia, não só por serem de taes pessoas, e comprovarem o que no começo desta nota deixamos dito; mas tambem porque a do infante, em especial, merece ser lida com toda a reflexão, por quam propria he para mostrar os elevados sentimentos d'aquelle principe; o alto conceito que elle fazia do seu illustre amigo; os sabios e prudentes conselhos que lhe dava; e até o sizudo, grave, e apurado estylo com que lhe escrevia. Estas duas cartas são os numeros 30 e 31 dos documentos[2].

---

## NOTA IX.

*Sobre o* § 69 *do liv.* I *de Jacinto Freire.*

Neste § 69, traz Jacinto Freire copiada huma carta d'el-Rei para dom João de Castro, a qual pelo seu conteudo, estilo, e formulario nos pareceo sempre mui notavel, e talvez suspeita : não nos atreveremos comtudo a negar a sua authenticidade, porque pareceria isso, em nós, sobeja ousadia; e nos limitaremos tamsómente a notar aqui os fundamentos da nossa desconfiança.

[1] Gaspar Correa diz que dom João de Castro chegou a Goa no 1° de setembro com Garcia de Sousa e dom Jeronymo, e que aos 10 chegou dom Manoel da Silveira.

[2] A carta do infante, de que aqui fallamos, vem copiada em Freire, liv. III, § 4, sem alteração na substancia do texto; ha comtudo, na copia, falta de algumas palavras, mudança de collocação em outras, e erro notavel na data, que deve ser de 16, e não de 26 de março : por isso não julgamos inutil produzil-a de novo entre os documentos.

Primeiramente, reflectindo no que he, ou se pode chamar, mero formulario, observamos, que de setenta e mais cartas originaes, que temos á vista, mandadas escrever por el-Rei a dom João de Castro, e por el-Rei assignadas, nem huma só começa como esta « governador amigo » senão todas pelo nome do sujeito a quem se dirigem « dom João » ou « dom João de Castro » ou (depois que teve carta de conselho) « dom João de Castro, amigo, » e accrescentando sempre a formula « eu el-Rei vos envio muito saudar » ; e sómente huma destas cartas que el-Rei lhe escreveo, depois de o ter nomeado vice-rei, começa nomeando-o pela dignidade « viso-rei, amigo » e accrescentando sempre « eu el-Rei vos envio muito saudar. »

Em segundo lugar : nenhuma das mesmas cartas traz a formula da data com o *anno do nascimento* por extenso, como nesta de Jacinto Freire « dada em Almeirim a 8 de março, anno do nascimento de nosso Senhor Jesu-Christo de 1546, » formula que sómente tinha lugar nas cartas patentes, e em outros titulos, ou diplomas de maior importancia. Pelo contrario, nas simples cartas regias, taes como são todas as que temos na collecção, se diz tamsomente, v. gr. « escrita em Cintra a 13 dias de agosto de 1543 » ou « escrita em Almeirim a 8 de março, N... a fez, anno de 1546 » ou « N... a fez em Evora, a 8 de março de 1546, » etc.

Em terceiro lugar : não achamos em nenhuma das mesmas cartas, nem em outros diplomas, que el-Rei falle jamais de si no numero plural, dizendo v. gr. (como a cada passo diz nesta carta de Jacinto Freire) « — nossa cidade de Goa — partes da India a nós sujeitas — he nossa vontade — havemos sido informados — vos mandamos — de tudo isto nos pareceo darvos conta — » etc. E este argumento he tanto mais forçoso, e decisivo, quanto he certo, que el-rei dom João III ordenou por huma sua provisão de 16 de junho de 1524, que d'ali em diante, em quaesquer alvarás, provisões, cartas, ou escrituras suas, se dissesse « eu el-Rei » e não « nós el-Rei, » e que aonde se dizia « fazêmos saber » dissesse « faço saber » ou « mando » ou « ey por bem, » etc. [1]

[1] Andrad , *Chron. d'el-rei dom João III*, part. I cap. 48.

Deixando porém os formularios, e voltando ora ás nossas reflexões para o conteudo da dita carta, notamos nella ordens tão positivas, e ao mesmo tempo tão violentas, e de tão difficil, e até perigosa execução, ácerca da extinção da idolatria, e dos ritos e festas gentilicas, nos lugares do Oriente sujeitos aos Portuguezes, e habitados, em grande parte, de gentios e mahometanos, que nos parece não concordarem de maneira alguma com a grande prudencia d'el-Rei, e com a circumspecção que elle sempre recommendava, ainda em objectos muito menos importantes, e de muito menor interesse para conservação e paz daquelles Estados.

Demais : o P. João de Lucena, na *Vida do santo Xavier*, liv. II, cap. 22, fallando desta mesma carta, sem dar a sua integra, e sómente substanciando os seus differentes artigos; aponta alguns, que se não achão na copia de Freire; omitte outros, que nella se lêem; e refere outros, que em Freire vem com differença, e talvez dizem o contrario; como poderiamos mostrar pelo parallelo de ambos os escritores, e facilmente verificará quem tiver a curiosidade de os comparar.

O mesmo Lucena, no fim do seu resumo, diz assim : « No que tocava a Manár, erão estas as palavras da carta » e traz hum artigo, como copiado della em termos formaes : comtudo este artigo não só se não acha, em taes termos, na copia de Jacinto Freire : mas parece, além disso, ser tirado da carta, que nós damos copiada a nº 25, no § que começa « No negocio do rey de Jafanapatam » e não em *termos formaes*, mas com muita diversidade em materia, frases, e palavras.

Finalmente parece pouco verosimil, que escrevendo el-Rei a dom João de Castro a extensa carta que acabamos de citar, e he entre os documentos o nº 25, e havendo nella dous artigos sobre objectos relativos á christandade d'aquelle Oriente, e aos meios de a promover, em nenhum delles se refira el-Rei a esta outra carta extraordinaria de Freire e Lucena, que (como se suppõe) foi escrita no mesmo dia 8 de março de 1546.

Acresce ainda a estas razões, que nem Francisco de Andrade, na *Chron. de João III*, nem Diogo do Couto, nas suas *Decadas*, fazem menção alguma de semelhante carta, nem das extraordinarias ordens que nella se suppõem dadas. E posto que este

argumento seja (segundo a frase dos criticos) meramente negativo; nem por isso deixa de ter grande força, supposta a importancia do objecto, a diligente exacção d'aquelles escritores, e a impressão, que taes ordens devião ter produzido nos Estados da India, aonde Couto escreveo as suas Decadas, e aonde não só recolheo as tradições ainda recentes, mas teve á mão os mais importantes documentos, que em seu tempo se conservavão.

Seja-nos permittido, por ultimo, e com o respeito devido a hum escritor tão benemerito, como Lucena, notar aqui huma contradicção mui palpavel, em que elle cahio; a qual tendo intima relação com o objecto de que tratamos, augmentou fortemente a nossa suspeita, e quasi nos induzio a suppôr alguma particular e occulta intenção, que todavia nos não he possivel adivinhar.

No liv. II, cap. 5, da *Vida de santo Xavier*, louvando Lucena o zelo, alias notorio, que o vigario geral da India Miguel Vaz tinha mostrado na conversão dos infieis, diz que «elle mandou derrubar os pagodes das ilhas de Goa, fez desapparecer as publicas idolatrias, festas, e superstições gentilicas; desterrou com autoridade real os Bramenes, que mais impediam a dilataçam da fé; alcançou se dessem aos christãos, nouamente feytos, os cargos e officios, que dantes seruiam os gentios com grande prejuizo da conuersam, e só a buscar estes e outros semelhantes despachos, veyo da India a este reyno, e tornou á India, » etc. Ao mesmo passo, que pouco adiante, no cap. 22 do dito livro, aonde traz o resumo da carta de que tratamos, esquecido (ao que parece) do que acima tinha dito, e queixando se do pouco effeito, que tiverão as suppostas ordens d'el-Rei, diz assim : « mas o que resoltou de todas estas diligencias do P. M. Francisco (o santo Xavier) e do vigario geral, foi, que a carta de el-Rei, segundo acho per huma cota do secretario, que então era do Estado, foy lida no conselho da India, e nelle se respondeo a cada hum dos capitulos de Sua Alteza, sem se executarem senam muy poucos, e os de menos importancia, » etc.

E advirta-se que não só estes dous lugares de Lucena são entre si incoherentes, mas que seria quasi impossivel verificar-

se o que elle affirma no primeiro : por quanto o vigario geral Miguel Vaz, vindo a Portugal com cartas do santo Xavier, em 1547, para sollicitar algumas providencias a bem d'aquella nascente christandade, foi despachado em março de 1546, e voltando logo á India, chegou a Cochim por setembro do mesmo anno; d'ahi partio para Goa, aonde estava em dezembro ; e no janeiro immediato de 1547 falleceo, sem ter visto dom João de Castro (que ainda estava em Dio) para lhe communicar quaesquer ordens que levasse d'el-Rei, e sem poder elle mesmo executal-as (caso o devesse fazer independente do governador) no breve espaço de dous ou trez mezes, e em materias tão arduas e tão arriscadas, quaes são as que Lucena aponta, e lhe attribue. As datas, que aqui suppomos, constão de algumas cartas, que temos na collecção, e cujos artigos copiamos no docum. nº 32.

A' vista de tudo o que deixamos ponderado, julgará o leitor prudente o conceito que se deve fazer, tanto da carta substanciada por Lucena, e copiada por Freire, como dos factos, que a ella se referem. Pela nossa parte, o que sabemos de certo, e nos mostrão os documentos, he que Miguel Vaz veio a este reino com o intuito que já indicámos ; e que el-Rei deferio ao seu zelo e instancias com as providencias geraes, que constão da carta, por nós copiada, e já tantas vezes citada, nº 25, aonde expressamente se refere ás informações que tivera *por Miguel Vaz, e pelas cartas de Mestre Francisco* (o santo Xavier).

Sómente accrescentaremos (para não omittir cousa alguma, que possa illustrar o leitor) que na carta da camara de Goa, escrita a dom João de Castro em 27 de dezembro de 1546, sobre o emprestimo que elle lhe pedira [1], se lèem estas notaveis palavras : « Faz a cidade lembrança a V. S., que os gemtios moradores, mercadores, e gamcares fizeram parte deste emprestimo, como lhe já dizemos ; *e nam averemos por muito aver ahy homens virtuosos, que faram crer a Sua Arteza, que nam seruem de nada* (os gentios) *e que he bem, que os lancem fora desta terra,* » etc., das quaes palavras parece colli-

[1] Desta carta da camara fazemos adiante larga menção, e a damos por integra entre os documentos nº 35.

gir-se, que ou em Goa se receava então alguma ordem d'el-Rei para a expulsão dos gentios, ou pelo menos havia quem lembrava, propunha, ou talvez publicava essa medida, como conveniente aos interesses da christandade n'aquellas terras.

---

## NOTA X.

*Cerco de Dio : soccorros que lhe manda o governador.*

(Freire, liv. ii.)

Quasi todo o livro ii de Jacinto Freire se emprega em descrever as causas que motivárão esta guerra de Cambaia e segundo cerco de Dio, sendo governador da fortaleza dom João Mascarenhas; os varios successos do mesmo cerco; os frequentes soccorros que dom João de Castro mandou em defensão da fortaleza, etc. Sobre estes objectos pouco achamos de novo nos nossos documentos, que mereça especial menção. Como porém Jacinto Freire se descuidou de determinar as datas de alguns acontecimentos, e nem he exacto nas que refere, sendo este hum dos grandes e indispensaveis meios de dar ordem e clareza á historia, e de fazer proveitosa a sua leitura; pareceo-nos conveniente supprir aqui este defeito, valendo-nos das cartas e documentos da nossa collecção, e da Chronica de Andrade; porque tambem deste modo se fica melhor conhecendo o grande trabalho, incrivel actividade, e consummada prudencia, com que dom João de Castro a tudo attendia, e tudo providenciava, vencendo innumeraveis difficuldades, e até contrastando a furia dos tempos e dos mares.

He pois esta a ordem dos successos desta guerra e cerco, na parte que diz respeito ao nosso principal intento.

1546. — 15 de abril.

Chega a Goa primeiro aviso de dom João Mascarenhas sobre a effectiva declaração da guerra de Cambaia. (Freire, liv. ii, § 9, Andrade, part. iv, cap. 2.)

O governador da India manda logo seu filho dom Fernando com soccorro, e despacha dom Francisco de Menezes para Baçaim, aonde devia aprestar outra armada.

10 de maio.

Entra dom Fernando em Dio com o soccorro (Freire, liv. II, § 40. Andrade, part. IV, cap. 6.) Diogo do Couto, dec. 6, liv. I, cap. 9, refere esta entrada ao fim de maio.

29 de junho.

Está dom Francisco de Menezes em Baçaim, aonde se fez prestes a armada, com que depois foi em soccorro de Dio. Veja-se a carta que damos entre os docum. nº 33, e corrija-se por ella o que diz Freire liv. II, § 87, e Couto, dec. 6, liv. II, cap. 7, e liv. III, cap. 1.

24 de julho.

He desta data o regimento, que temos original na collecção, dado por dom João de Castro a seu filho dom Alvaro de Castro, capitão mór do mar, para hir soccorrer a fortaleza. Vai copiado, e he entre os docum. nº 34. Por elle se deve corrigir o que diz Freire, liv. II, § 122 e 138, e Couto, dec. 6, liv. II, cap. 7. No proprio dia 24 de julho sahio dom Alvaro de Paugim, segundo refere Andrade, part. IV, cap. 9.

Agosto.

Em differentes dias deste mez, entrão successivamente em Dio: 1º Antonio Moniz Barreto e Garcia Rodrigues de Tavora, 2º Luiz de Mello, 3º dom Jorge de Menezes e dom Duarte de Lima [1],

[1] Couto, dec. 6, liv. III, cap. 3, e Freire, liv. II, § 139 e 140, nomeão estes dous fidalgos dom Jorge e dom Duarte de Menezes.

4° dom João de Taide e Francisco de Ilher[1]; 5° Ruy Fernandes, feitor de Chaul[2]. (Andrade, part. IV, cap. 13.)

29 de agosto.

Chegão a Dio dom Alvaro de Castro e dom Francisco de Menezes, cada hum com a sua armada (Andrade, part. IV, cap. 13. Freire, liv. II, § 158.)

4 de setembro.

Chega a Goa a noticia de haver dom Alvaro entrado em Dio. (Andrade, part. IV, cap. 14, Freire, liv. II, § 175.)

Fins de setembro.

Chega a Dio Vasco da Cunha. (Andrade, part. IV, cap. 14. Freire, liv. II, § 178.)

Nestes fins de setembro, sahio dom João de Castro ao mar para hir em soccorro de Dio. (Andrade, part. IV, cap. 14. Lucena, liv. VI, cap. 1.) Freire, liv. III. § 1, e Couto, dec. 6, liv. III, cap. 9, dizem que elle sahira de Goa a 17 de outubro; mas enganárão-se, porque a 16 deste mez escrevêrão os mesteres de Goa huma carta a dom João de Castro, já ausente, e della mesma se vê que tinha sahido antes do dia 13.

26 de outubro.

A 26 de outubro, parte de Baçaim para Dio, levando sessenta fustas, e doze náos e galeões, em que podião hir 400

[1] Couto, no mesmo lugar, e Freire, no § 143, em lugar de dom João de Taide e Francisco de Ilher, dizem dom Antonio de Ataide e Francisco Guilherme. Ilher he hum lugar ou bairro ao sul de Malaca, donde provavelmente tomou o appellido Francisco de Ilher.

[2] A este Ruy Fernandes dá Couto, dec. 6, liv. III, cap. 5, e Freire, liv. II, § 157, o nome de Ruy Freire; mas he manifesta equivocação, porque este bom Portuguez he o mesmo que escreveo a carta n° 33, aonde está clara a assignatura.

soldados. Toma a ilha dos Mortos para fazer agoada e recolher os navios, e manda entretanto dom Manoel de Lima com vinte fustas guerrear a costa de Cambaya. (Consta da carta escrita por dom João de Castro aos vereadores, juizes, e povo de Goa, em data de 15 de novembro de 1546, dando-lhe parte da batalha e victoria de Dio, a qual carta vem copiada na Chronica ms. da Inda de Gaspar Corrêa, (tom. IV, p. 391.).

6 de novembro.

Surge dom João de Castro diante de Dio. (Andrade, part. IV, cap. 15. Freire, liv. III, § 8, etc.)

11 de novembro.

Dá a famosa batalha, e fica senhor da cidade. (Andrade, part. IV, cap. 17. Freire, liv. III, § 13, etc.)

15 de novembro.

A 15 novembro, escreve aos vereadores, juizes, e povo de Goa, dando-lhes parte da victoria. Esta carta he levada a Goa por dom Alvaro de Castro, que chega áquella cidade a 19.

---

## NOTA XI.

(FREIRE, liv. III, § 4.)

Ha neste § huma notavel equivocação de Jacinto Freire, que nos pareceo conveniente corrigir. Falla da chegada de Lourenço Pirez de Tavora a Cochim com as náos do reino, e da sua immediata partida para Goa, e logo para Dio em soccorro da fortaleza, e dizendo que nestas náos tivera dom João de Castro cartas do infante dom Luiz ; dá ahi mesmo por copia, a que o infante lhe escreveo em 26 de março de 1547.

He sabido que o cerco de Dio foi no anno de 1546, e que no outubro desse anno he que Lourenço Pirez chegou a Cochim. Fica pois claro que huma carta escrita em Almeirim a 26 (alias 16) de março de 1547 não podia hir em náos, que chegárão á India em outubro do anno precedente.

Esta carta do infante, bem como as outras que dom João de Castro recebeo d'el-Rei e da Rainha, escritas em março de 1547, forão levadas á India na armada que nesse mesmo mez e anno partio do reino, e que lá chegou, parte em setembro, e parte no maio do anno seguinte. (Couto, dec. 6 liv. v, cap. 3.)

As que dom João de Castro recebeo pela armada de Lourenço Pirez devião ser escritas no reino, o mais tardar, em março de 1546.

Da carta do infante que aqui traz copiada Jacinto Freire, já fallámos na Nota VIII.

---

## NOTA XII.

### *Sobre o emprestimo.*

(Freire, liv. iii, § 30.)

Neste § 30 do liv. iii, traz Jacinto Freire copiada a resposta que a camara de Goa deo a dom João de Castro, a respeito do emprestimo de vinte mil pardáos, que elle lhe pedira para reparo da fortaleza de Dio, e despezas de sua fortificação. Acha-se porém esta carta tão mutilada em Jacinto Freire, que nos pareceo indispensavel copial-a de novo, por integra, e he entre os documentos o nº 33.

O leitor, que comparar a nossa copia tirada, exacta e fielmente do original, com a de Jacinto Freire, facilmente adivinhará os motivos porque este escritor commetteo huma especie de infidelidade, tão alheia da sinceridade historica.

Primeiramente: a camara de Goa faz nesta sua carta pezadas queixas da pouca conta que el-Rei com ella tivera, e do

esquecimento, em que parecia estar de seus serviços, não lhe escrevendo n'aquelle anno : e ao mesmo passo que mostra a mais perfeita lealdade, obediencia, e submissão ao seu Rei, não deixa por isso de expôr a semrazão, com que (a seu juizo) era delle aggravada; e isto com aquella nobre, e energica, posto que respeitosa, liberdade, que cumpre a um povo honrado; mas que já ou não agradava, ou por ventura se não tolerava no tempo de Jacinto Freire : por onde nos parece que elle julgou mais conveniente faltar á obrigação de historiador, do que parecer aspero aos ouvidos cortezãos, ainda repetindo palavras alheias, e de tempos menos melindrosos.

Em segundo lugar, supprime Jacinto Freire muitos periodos, que a seu parecer fazião menos generoso o procedimento da camara e povo de Goa neste emprestimo, por pedirem a restituição delle [1] quando fosse possivel; e por indicarem para esta restituição hum methodo, que não fosse em prejuizo, e oppressão do povo, como outras vezes, e determinadamente no tempo do vice-rei (dom Garcia de Noronha) tinha acontecido.

Acaso julgou Jacinto Freire, que isto causava algum deslustre á gloria de dom João de Castro, a qual elle não poucas vezes parece que pretende exalçar por meio de semelhantes reticencias : mas enganou-se o benemerito escritor. As nobres e sobre excellentes virtudes e qualidades do illustre Castro não dependem dos factos alheios, e ainda menos da occultação da verdade, para merecerem o nosso louvor, e o da imparcial posteridade. Por outra parte, o respeito, o amor, e a adoração que lhe tributavão a camara, os mesteres, e o povo de Goa, e a plena confiança que nelle tinhão, he mui visivel nesta, e em outras cartas, que damos copiadas entre os documentos. Nós, pelo menos, somos de parecer, que esta carta da camara, ainda que não tenha aquella polidez de expressões, e perfeição de estilo, que hoje se desejaria em tal genero de

[1] Andrade, *Chron.*, part. IV, cap. 18, diz que a camara de Goa fizera serviço ao governador dos vinte mil pardáos do emprestimo, sem querer pagamento delles; mas o avisado escritor foi, nesta parte, muito mal informado.

escritura, honra comtudo a camara que a escreveo, o governador, a quem foi dirigida, e até (se nos he permittido dizer o nosso pensamento todo) honra o proprio monarca; pois que a camara, queixando-se delle em termos respeitosos, mas sentidos, não receou offender a sua alta soberania, nem desmerecer a continuação da real benevolencia, que parecia ser o objecto da sua nobre ambição.

Finalmente, omittio Jacinto Freire, ainda outro notavel artigo da carta, cuja publicação lhe pareceo, por ventura, arriscada no seu tempo. Tinha a camara dito no corpo da carta que os *gentios* todos de Goa havião concorrido para o emprestimo com nove mil duzentos e tantos pardáos, que era quasi a metade do total : e no fim da carta accrescentou estas palavras : « Faz a cidade lembrança a V.S. que os gentios moradores, mercadores, e gamcares fizeram parte deste emprestimo, como lhe já dizemos : e nam averêm e por muito aver alhy homens virtuosos, que faram crer a S. A. que nam servem de nada, e que he bem, que os lancem fora desta terra : avemos por escusado muitas palavras ácerqua deste negocio, porque V. S. o semte muy bem. »

Neste mui notavel periodo alludia, sem duvida, a camara (como já acima notamos) ao projecto, ou intento, que então parece haver-se proposto, ou insinado, ou talvez publicado, de expulsar de Goa, e ainda dos outros estabelecimentos portuguezes da Asia, os gentios que nelles habitavão, e de extinguir por meios violentos a idolatria, e os ritos, festas, e superstições gentilicas. As palavras da camara quasi apontão os authores desta lembrança; *homens virtuosos* na verdade, mas destituidos da prudencia politica e religiosa, que se requer em resoluções de tanto melindre, e de tão arriscadas consequencias. As mesmas palavras da camara indicão tambem o que dom João de Castro sentia a respeito de taes projectos, sem embargo do amor que tinha á religião, e a verdadeira virtude, e do zelo com que promovia interesses de ambas. Pode ser que este modo de sentir do illustre Castro désse occasião ao que escreveo Lucena a respeito delle na *Vida do santo Xavier*, liv. II, cap. 22, e mais largamente no liv. VI, cap. 1, perto do fim.

19.

A esta carta da camara de Goa ajuntamos outras do bispo, dos mesteres, e de algumas pessoas publicas e particulares, que dirigírão a dom João de Castro os emboras da grande e mui assignalada victoria, que tinha alcançado d'el-rei de Cambaia, as quaes escolhemos de entre muitas outras, que temos na collecção, e que todas conspirão em mostrar a grandeza e importancia d'aquelle feito : o respeito e admiração, que com elle grangeou o governador; e as publicas demonstrações religiosas e civis que, por esse motivo e occasião, tiverão lugar. Correm estes documentos desde o nº 36 até o nº 42.

---

## NOTA XIII.

### *Segunda guerra de Cambaia, e ultimas acções de dom João de Castro.*

(Freire, liv. iv.)

Em abril de 1547, depois de reparada e ampliada a fortaleza de Dio, e compostas as cousas do seu governo e fortificação, voltou dom João de Castro a Goa [1], aonde o amor

[1] Não nos he possivel determinar precisamente os dias em que dom João de Castro chegou á barra de Goa, e entrou na cidade em triunfo. Andrade, na *Chron.*, part. iv, cap. 19, diz que o governador chegára a 19 de abril, e que d'ahi a trez dias entrára na cidade. Lucena, *Vida de Xav.*, liv. vi, cap. 1, parece seguir a mesma opinião, quando diz que o governador entrára em Goa a 22 de abril. Diogo do Couto porém, na dec. 6, liv. iv, cap. 6, põe a chegada de dom João de Castro a Goa a 11 de abril, em huma quarta feira, e diz que ao domingo seguinte, que serão 15, fizera a sua entrada solemne, e isto mesmo segue Jacinto Freire, liv. iii, § 40, dizendo que para os 15 de abril se destinára o dia do triunfo. As datas de Couto e Freire são manifestamente erradas : por quanto d'huma carta, que temos na collecção, escrita de Goa a dom João de Castro em 12 de abril, se vê que elle não tinha chegado a 11. Mas esta mesma carta não nos permitte, por outra parte, fixar as verdadeiras datas da chegada, e triunfo. Começa ella assim : « Temos que

e agradecimento dos Portuguezes o esperavão com solemnidade de triunfo, e com as insolitas demonstrações de alegria e applauso, que referem os nossos escriptores que disto fallárão com mais ou menos extensão[1], demonstrações nunca d'antes ou depois praticadas com outro algum capitão portuguez.

Sobre a guerra que se fez ao Hidalcão[2] nesses mezes do inverno, que dom João de Castro passou em Goa, e sobre os mais negocios do estado, que então occorrêrão, não achamos em nossos documentos cousa notavel, que mereça aqui especial menção : e sómente nos pareceo dar copia de duas cartas do bispo de Goa, que illustrão o que diz Freire (§§ 1-4, 8 e 9) sobre a conversão e christandade d'el-rei de Candea (numeros 43 e 44).

Logo porêm que pela cessação do inverno se abrírão os mares, voltou dom João de Castro ao norte, aonde novas tentativas d'el-rei de Cambaia demandavão a sua presença, o seu valor, e o valor dos Portuguezes.

Dos grandes feitos desta segunda guerra de Cambaia chegou noticia a Goa em meio de novembro de 1547[3]; como se vê de

cada dia nouas tão quemtes de sua partida ser de Dio á primeira oytava, que hey por excusado dar meuda conta a V. S... » etc. Facil seria determinar a quantos do mez cahio naquelle anno a primeira oitava da pascoa; mas, como não sabemos se as novas que corrião em Goa erão verdadeiras, se o governador partio com effeito de Dio na primeira oitava, e se gastou muito ou pouco tempo na viagem, forçosamente havemos de deixar este ponto na incerteza, em que o achamos, inclinando-nos porêm mais a adoptar as datas do chronista Andrade, tanto porque se não oppõem á nossa carta, como pelo maior conceito de exactidão, que nos merece este escritor.

[1] Andrade, *Chron.*, art. 4, cap. 19; Cout., decad. 6, liv. IV, cap. 6; Freire, liv. III, § 40-41; Lucen., *Vida de Xav.*, liv. VI, cap. 1, etc.

[2] Alias Adel Kan, Barros, dec. 4, liv. VII, cap. 3.

[3] Por aqui se vê que dom João de Castro não partio de Goa para o norte a fazer esta segunda guerra, nos fins de novembro, como se lê na chron. de Andrade, part. IV, cap. 21, edição de Coimbra de 1796; mas sim muito antes : por quanto d'huma carta escrita de Goa ao governador em 19 de outubro se vê que já então era partido

algumas cartas que temos na collecção, entre as quaes damos copia d'aquellas, que a alguns respeitos nos parecêrão dignas de curiosidade. Vão desde nº 45 até nº 50.

Tendo então cessado, em grande parte, os receios d'hum novo cerco, e insistindo dom João Mascarenhas em deixar o governo da fortaleza, sahio de Dio para passar ao reino, e chegou a Goa em 25 de novembro como consta da carta nº 53 escrita nesse mesmo dia ao governador, ficando em lugar delle por capitão de Dio Luiz Falcão, que o tinha sido de Ormuz.

Deste capitão temos varias cartas escritas a dom João de Castro desde 15 de janeiro de 1548, pelas quaes, e por outras, se mostra ter havido nesse tempo algumas negociações para a paz com el-rei de Cambaia, a qual comtudo sómente se ajustou e concluio, depois do fallecimento de dom João de Castro, e em tempo do governador Garcia de Sa[1]. Pode fazer-se alguma idéa destas negociações pelas cartas, que damos copiadas desde nº 54 até nº 59, entre as quaes julgamos notavel a do nº 56, aonde Luiz Falcão faz algumas judiciosas, posto que breves, reflexões a dom João de Castro sobre a conveniencia e opportunidade da paz, e lhe annuncia os trabalhos, que havião de accrescer ao Estado pela recente acquisição de Adem, como effectivamente aconteceo.

Em quanto dom João de Castro esteve no norte, fazendo guerra a Cambaia, como deixamos dito, succedeo o novo commettimento do Hidalcão contra as terras firmes de Goa, de que faz menção Jacinto Freire, nos §§ 57 e 59, liv. IV, sobre o que, por esta occasião, occorreo em Goa, devem ler-se as cartas numeros 50 até 53, porque ellas confirmão e rectificão algumas das particularidades referidas pelo dito escritor.

para Cambaia, e o mesmo se collige do proprio Andrade, combinando o dito cap. 21, com o 32 : pelo que suspeitamos erro typografico nas citadas palavras.

[1] Couto, dec. 6, liv. VII, cap. 7.

——

## NOTA XIV.

*Reflexões geraes.*

Tem-se notado por muitas vezes, que Jacinto Freire, escrevendo a *Vida de dom João de Castro*, seguio antes as leis de panegyrista que as de historiador, e na verdade, que parece este pensamento autorizado, não só pelo estilo com que escreve, mas tambem pela liberdade que ás vezes toma a respeito do modo de referir os feitos e acções do seu heróe.

Já dissemos que o grande valor de dom João de Castro, o seu perfeito desinteresse, a sua incontrastavel fidelidade, exacção, obediencia, e pontualidade no serviço do Rei e da patria, finalmente as suas virtudes publicas e particulares, são tão manifestas e patentes em todas as acções da sua vida, que não necessitão, por certo, dos artificios oratorios, para excitarem a nossa admiração e saudade, e para merecerem a perpetua veneração de todos os homens, que amão o bem e a virtude. Por onde nos tem sempre parecido pouco proprios do caracter do illustre Castro, e não menos da sinceridade e severidade da historia, alguns dos meios que se empregárão para exalçar o seu merecimento, já alterando a pura verdade dos factos, já deprimindo talvez os generosos sentimentos do monarca, em cujo tempo elle viveo e servio, já finalmente creando, em seu favor, na opinião dos leitores, huma especie de affeição compassiva, que singularmente contrasta com a nobreza de suas acções, e com a superioridade de seus merecimentos.

Lançando os olhos logo aos primeiros paragrafos da vida deste insigne varão, ao mesmo passo que o escritor nos diz, que elle estudára as mathematicas com o famoso geometra portuguez Pedro Nunez, e que « nesta sciencia se fizera tão singular, como se a houvera de ensinar; » accrescenta, que dom João amava as lettras por obediencia, e as armas por destino, » e que « desprezára, como pequena, a gloria das escolas, achando para seguir a guerra, em si inclinação, em seus avós exemplo. » Expressões e clausulas, que parecendo envolver huma especie de contradicção, mostrão quanto o escritor, alias

benemerito, sacrificava a exactidão do discurso ao ingrato gosto das antitheses, que não poucas vezes desfigurão a belleza de tão elegante e polida composição.

Nada hoje podemos dizer com certeza sobre as inclinações naturaes de dom João de Castro para os estudos ou para a guerra : mas, se he verdade que elle preferio, por escolha sua, o serviço militar, que alias era no seu tempo o ordinario emprego dos fidalgos portuguezes, não he menos certo que se distinguio entre muitos no amor e applicação aos estudos; que longe de os desprezar, os continuou constantemente em toda a sua vida; e que no meio dos multiplicados e assiduos trabalhos, a que o chamavão seus empregos, já como capitão, já como governador, não deixou nunca de fazer uso dos conhecimentos filosoficos e mathematicos que havia adquirido, nem de procurar adquirir outros de novo, que servissem de ornamento ao seu espirito, e lhe causassem util diversão e alivio.

Já acima notamos, e consta do documento num. 3°, que indo dom João de Castro a primeira vez á India, não perdeo a occasião de fazer uteis *observações* sobre aquella navegação, e fenomenos naturaes que nella se lhe offerecêrão, dando conta deste seu trabalho ao infante dom Luiz, logo que chegou a Moçambique, e merecendo deste benemerito principe o louvor que se vê da sua carta.

Hindo depois ao estreito do mar Roxo com o governador dom Estevão da Gama, escreveo não só o Roteiro da viagem e a descripção das costas, bahias, e portos daquelle mar, mas tambem muitas doutas observações, de que faz menção o proprio Jacinto Freire, liv. I, § 19, aonde quasi esquecido do que pouco antes dissera, conta agora como « parte menor » da grandeza de Castro « o que os Romanos, com tão soberba eloquencia, escrevem de seu Cesar; que com tanto juizo tomava a penna como com valor a espada! » elogio exagerado : mas que ainda sendo reduzido a termos razoaveis, não competiria a hum homem, que sómente « por obediencia » amasse as letras, e que « despresasse, por pequena, » a gloria das escolas [1].

[1] Agora mesmo, sendo passados alguns annos, depois que escre-

Em outro lugar (liv. IV, § 110), nos diz o mesmo Freire, que dom João, estando governador da India, « nas horas que lhe perdoavão os cuidados da guerra, descrevêra em copioso tratado toda a costa que jaz entre Goa e Dio, sinalando os baixos e recifes, a altura da elevação do polo, em que estão as cidades, restingas, angras, e enseadas, que formão os portos; as monções dos ventos, e condições dos mares, etc., tudo com tão miuda e acertada geographia, que o podéra esta só obra fazer conhecido, se já o não fora tanto pelo valor militar. » Pode ser (e nós o presumimos) que désse occasião a esta obra a recommendação, que el-Rei lhe fizera na sua carta de 8 de março de 1546 (docum. nº 25, perto do fim), pedindo-lhe « o debuxo das principaes fortalezas » da India, e asy a cidade ou lugar em que cada huma dellas estivesse, e o seu sitio, « tudo feito per petipe, em cartaz, ou em alguma madeira leve, » etc.

Quando el-Rei mandou dom João de Castro á Africa (Nota V), vê-se pelos regimentos que lhe deo, e por outras cartas, que depois lhe dirigio a Ceuta, a confiança que tinha em seus conhecimentos relativos á fortificação das praças, e portos maritimos; e outro tanto se collige da já cidada carta nº 25 pelo que dom João de Castro informou a el-Rei sobre a fortaleza de Moçambique, como advertimos na Nota VII.

Finalmente dos extractos que damos debaixo do nº 60, de algumas cartas, que existem na nossa collecção, podemos ainda deduzir a curiosidade litteraria deste grande homem, que no meio de tantos trabalhos procurava a *Historia de Alexandre Magno*, escrita em lingua parsea; e julgavão os seus subditos e amigos, que lhe fazião hum donativo de muito preço e estimação, offerecendo-lhe outros livros na mesma linguagem.

Do que tudo se collige, que se dom João de Castro « amava as letras por obediencia, » não as amava e cultivava menos

vemos estas notas, chegou á nossa mão o Roteiro de dom João de Castro, tirado á luz do ms. original, e accrescentado com o *Itinerarium maris Rubri*, tudo impresso por cuidado e diligencia do douto Portuguez, nosso amigo, o doutor Antonio Nunes de Carvalho, da cidade de Viseu, professor de filosophia racional e moral, e de jurisprudencia civil na Universidade de Coimbra. Paris, 1833, in-8º.

por inclinação e gosto, nem jámais podia caber no seu grande juizo « desprezar por pequena a gloria das escolas, » que parece ter sido sempre hum dos alimentos do seu espirito, e até hum dos objectos da sua nobre e virtuosa ambição.

O segundo ponto geral em que Jacinto Freire parece desviar-se hum pouco da rigorosa verdade historica, he o conhecido empenho que manifesta, em toda a sua obra, de exaltar a independencia, e o desinteresse de dom João de Castro, suppondo que logo que se recolhia de qualquer expedição ou serviço publico, se retirava a Cintra ou Almada, quasi affectando huma excessiva altivez e isenção, « fugindo as ambições da côrte; fazendo brio de merecer tudo, e de não pedir nada ; de não pedir, nem engeitar o serviço da patria. » etc.[1]. E vai tanto avante a exageração do escritor, que não duvida dizer em hum lugar : « Sabemos que el-rei dom João, ainda que o amava por valeroso, lhe era pouco affecto por altivo, de sorte que o que grangeava por huma virtude vinha a perder por outra[2] ».

Mereceriamos nós grave censura, atrevendo-nos a negar ou impugnar qualquer destas proposições de Jacinto Freire, se não tivessemos á mão tantos documentos originaes, que plenamente o refutão, e convencem ; e se elle mesmo se não refutasse a si proprio, em outros lugares de sua obra.

Não duvidamos da nobre altivez, isenção, e desinteresse de dom João de Castro. Assás nos informão destas grandes virtudes todos os procedimentos de sua vida ; nem elle mereceria hum lugar tão distincto entre os mais illustres Portuguezes da sua, e ainda das precedentes e seguintes idades, se as não possuisse em alto grão. Negamos porêm que ellas passassem os justos limites da prudencia civil, religiosa, e cortezãa, e muito mais, que fossem causa da desaffeição d'hum soberano que sabia avaliar e estimar o verdadeiro merecimento.

E primeiramente : he falso que dom João de Castro fizesse brio de não pedir nem engeitar o serviço da patria. Já vimos, na Nota II, que para a jornada de Tunez foi elle mesmo o que se

[1] Liv. I, § 17, e liv. IV, § 110.
[2] Liv. I, § 26.

offereceo, mostrando desejos de ir servir na armada de Antonio de Saldanha, como lhe diz el-Rei na carta de 8 de março de 1535. (Documento nº 2.)

Vimos mais, na Nota V, que foi tambem elle proprio o que se offereceo, quando el-Rei o mandou a Ceuta, para ficar naquella praça, caso houvesse nova da vinda dos Turcos, como consta do regimento que el-Rei então lhe deo, e he o nº 8 dos documentos.

E vimos finalmente, pela outra carta d'el-Rei de 8 de fevereiro de 1543 (nº15), que dom João de Castro se lhe havia offerecido para o tornar a servir no que cumprisse e fosse necessario, e que el-Rei agradece muito esta vontade e offerecimento.

Em segundo lugar : he menos exacto dizer ou suppôr que dom João de Castro procurava, com excessiva isenção, retiro de Cintra ou Almada para fugir ás ambições da côrte, e se mostrar alheio a pertenções e empregos.

Dom João de Castro, vindo em 1527 de Tangere, foi immediatamente chamado á côrte, que então estava em Coimbra, para ser de novo empregado em cousas do serviço publico : e ainda que ignoramos, por falta de documentos, o objecto deste serviço ou de outros, até o anno de 1535, já com tudo advertimos na Nota II os motivos que tinhamos para crer que elle não estivera ocioso em todos esses oito annos. D'ahi em diante porèm até o anno de 1548, em que falleceo, que são quatorze annos, mui poucos mezes podemos contar, á vista dos nossos documentos, em que elle estivesse sem effectivo emprego, e trabalho, para poder descançar no seio da sua familia : não sendo consequentemente de admirar, que nesses poucos mezes vindo ordinariamente de soffrer os aturados, e mui fastidiosos trabalhos do mar, e delongas, e talvez arriscadas viagens, preferisse a tudo a tranquillidade de sua casa e familia, aonde o esperavão o amor de sua mulher, a educação de seus filhos, e o cuidado dos negocios domesticos ; e aonde o chamavão o seu genio, o seu caracter, e as suas virtudes ; sem que d'ahi se possa de maneira alguma arguir hum retiro affectado, ou digno de reparo, e muito menos que por isso merecesse a desaffeição d'el-Rei.

Ultimamente : esta supposta desaffeição he solemnemente desmentida por huma serie não interrompida de cartas que el-Rei lhe escreveo, que temos originaes na nossa collecção, e de que damos por copia fiel as mais importantes. Em todas ellas achará o leitor, repetidas, e sempre uniformes expressões da grande confiança d'el-Rei, da sua perfeita approvação a tudo quanto dom João de Castro obrava em seu serviço, de seu benevolo, e real agradecimento, e das solemnes promessas, que lhe fazia de terem lembrança seus relevantes serviços, para os premiar, como era de razão.

A estas cartas se ajuntão as outras, não menos excessivas, da rainha dona Catharina, do illustre infante dom Luiz, e do cardeal infante dom Henrique, depois rei de Portugal : bem como as que estes senhores, e o mesmo rei dom João III, escrevêrão por vezes a dom Alvaro de Castro, filho de dom João de Castro, nas quaes se observão constantes testemunhos do merecimento do filho, ligados sempre á lembrança, ao louvor, e á gloria do pai ; e se inculca ao primeiro a imitação do segundo, como meio de merecer a real benevolencia, e de conservar na posteridade a honra do seu nome e de sua casa e familia.

He bem de crer que, no estado de declinação em que já então se achavão os costumes portuguezes, não faltassem cortezãos, que censurassem a severa austeridade de dom João de Castro, e por ventura taxassem de orgulhosa a sua nobre e modesta independencia. Hum homem d'aquelle toque he ordinariamente malvisto nas côrtes, aonde não corre ouro tão puro, e de tantos quilates. Mas nós não achamos motivo algum de presumir que el-rei dom João III se deixasse levar dessa opinião (se a havia), e temos muitos testemunhos positivos que nos provão o contrario.

Lamenta Jacinto Freire algumas vezes [1] que dom João de Castro não tivesse premios nem mercês, nem fosse empregado em serviço algum do paço : e d'aqui parece querer inferir, ou que o leitor infira, a supposta desaffeição d'el-Rei.

Muito folgariamos nós de podermos, nesta parte, fazer huma

[1] Liv. I, § 21, 26.

apologia completa dos nossos monarchas, e não encontrar na historia portugueza tantos homens grandes justamente queixosos da inveja e da ingratidão da côrte. Mas, se os Camões, os Albuquerques, os Pachecos, os Galvões, os Cunhas, e outros muitos, nos não permittem esta satisfação, nem por isto devemos fazer applicação geral e indefinida d'huma tão triste e tão experimentada verdade.

Dom João de Castro era fidalgo da casa d'el-Rei ; e parece mui verosimil que, como tal, e segundo os costumes d'aquelle tempo, cursaria o paço em seus primeiros annos, e d'ahi viria o ser condiscipulo do illustre infante dom Luiz, debaixo do magisterio do insigne Pedro Nunes, de quem ambos aprendêrão as mathematicas.

Teve depois a commenda de Salvaterra, que o proprio Jacinto Freire confessa ter-lhe sido conferida, logo que veio de Tanger, isto é, em idade de 27 annos : e he notavel que o mesmo Freire diga neste lugar, que dom João se veo á côrte, onde foi tão invejado pelas ferias, como pelos favores, e que el-Rei lhe fizera mercê da commenda, acordando aos homens de novo seu merecimento a estimação, com que os tratava [1].

Quando, aos 38 annos de idade, passou a primeira vez á India, diz o mesmo Freire que el-Rei lhe mandou dar mil cruzados cada anno, o tempo que na India servisse, e portaria da fortaleza de Ormuz, que elle não aceitou [2]. E nós já acima dissemos que então mesmo o nomeou el-Rei em terceira successão para governar a India, que era grande prova de confiança. (Nota III.)

Aos 45 annos de sua idade, foi nomeado governador da India, e antes de findarem os trez annos deste governo, lhe deo el-Rei o titulo de vice-rei e lhe mandou dar dés mil cruzados [3], como gratificação, reconhecendo os poucos recursos, que tinha da sua casa, como filho segundo ; o honradissimo desinteresse com que servia na India, e o empenho em que vivia, por acudir aos soldados, e a outros objectos do ser-

[1] Freire, liv. I. § 6.
[2] *Id.*, liv. I, § 16.
[3] *Id.*, liv. IV, § 98.

viço d'el-Rei, á custa dos seus proprios ordenados, e até das pratas da sua casa.

A morte immatura sobresalteou este grande homem no melhor e mais alto ponto da sua carreira, e devemos crer que se voltasse a Portugal, acharia por certo, na real benevolencia e justiça, o cumprimento das solemnes e bem merecidas promessas que lhe havião sido feitas, e a verificação dos prognosticos, que na India lhe fazia o amor singello, e o virtuoso e desinteressado reconhecimento dos Portuguezes.

O que diz Diogo do Couto na dec. 6, liv. I, cap. 1, já acima fica, em parte, refutado (nota VI); e não podemos deixar de sentir que o douto e prudente escritor lançasse hum periodo tão inconsiderado, que verdadeiramente não sabemos se offende mais a memoria de dom João de Castro, se a d'el-rei dom João III.

Diz Couto que entre outras cousas, que el-rei dom João proveo para a India, e deo por regimento ao governador, foi que provesse tres veadores da fazenda em Goa, *que hião nomeados*, hum para a ribeira das armadas de Goa, outro para os contos, e outro para a carga das náos do reino em Cochim. E accrescenta logo estas palavras : « E posto que alguns digão, que lhe pareceo a el-Rei ser assi necessario, pello grande crescimento em que vão as cousas da India ; o que se tem por mais certo he, que o fez por não ter tanta confiança de dom João de Castro, nem o auer por homem de muito negocio. »

Não repetiremos aqui as provas da inteira confiança que el-Rei tinha de dom João de Castro ; pois ficão apontadas nas differentes notas deste opusculo, e mais que sobejamente comprovadas com todos os documentos que damos por copia. Mas seria por certo bem estranho que não tendo el-Rei *tanta confiança* do illustre Castro, nem *o havendo por homem de muito negocio*, o empregasse constantemente em cousas do seu serviço, e por ultimo pozesse em suas mãos o governo, e (digamos ouzadamente) o destino da India nas mais criticas e apuradas circumstancias d'aquelle imperio, e quando os mais poderosos principes do Oriente, fortemente auxiliados da Casa Ottomana, havião formado huma liga quasi geral para o destruir.

O certo he que o cargo de veador da fazenda não era novo na India, e havia sido criado muito antes de dom João de Castro ser governador. Os homens que o hião servir erão nomeados no reino por el-Rei, e escolhidos d'entre as pessoas de conhecida intelligencia, fidelidade e confiança, levando sempre grandes poderes, tanto nos negocios da fazenda, como em outros. Não houve pois nada de novo, nesta parte, em tempo de dom João de Castro, senão serem tres, em lugar de hum : cousa que naturalmente demandava e aconselhava o consideravel augmento em que se achava o poder portuguez na India, o grande numero de armadas que cada anno se lançavão ao mar, a extensão e crescimento das rendas publicas, etc., etc.

Por onde nos parece que muito indiscretamente attribuio Diogo do Couto hum facto tão simples e tão natural a huma causa não só falsa, mas gravemente injuriosa ao Rei e ao vassallo.

Dom João de Castro, opprimido de trabalhos, e por ventura de alguns desgostos, começou a sentir-se doente logo nos principios de 1548, e não podendo resistir á violencia da enfermidade, falleceo com mostras do seu grande caracter e christandade, aos 6 de junho do mesmo anno, deixando aos Portuguezes perpetua saudade, e o mais perfeito modelo do verdadeiro heroismo.

*N. B.* No fim dos documentos, damos as cartas que temos na collecção, escritas por el-Rei e pelo infante dom Luiz a dom Alvaro de Castro, tanto para memoria deste digno filho de dom João de Castro, como para demonstração do que ha pouco dissemos, nesta ultima Nota. Vão estas cartas debaixo dos numeros 61-65.

FIM DAS NOTAS.

# ELENCO

## DOS DOCUMENTOS E SEU CONTEUDO.

---

### Nº 1.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Coimbra aos 25 de outubro de 1527, em que o chama para lhe encommendar cousas do seu serviço.

### Nº 2.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Evora aos 8 do mez de março, em que lhe agradece os desejos que tem de o servir na armada (que se aprestava), e lhe diz que escreve ao conde da Castanheira para que lhe mande dar uma caravella.

### Nº 2 A.

Alvará em que el-Rei manda a todas as authoridades da India reconheção a dom João de Castro por capitão mór e governador d'aquellas partes, caso faleça dom Garcia de Noronha : he feito em Lisboa aos 28 de março de 1538.

N° 3.

Carta do infante dom Luiz a dom João de Castro, datada de Lisboa aos 19 de março de 1539, em que lhe accusa a recepção da que d'elle recebêra escripta em Moçambique, e em que, depois de o animar ao proveitoso acabamento de sua começada empresa, o louva pelo bom exemplo que dera, « segundo os bons costumes e doutrina, » e o certifica que el-Rei « se houvera por muito servido. »

N° 4.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Lisboa aos 22 de maio de 1539, em resposta á que lhe escrevêra da India, em que diz que « ninguem lhe escrevêra mais meudamente, nem lhe déra mais declarada informação » das cousas da India, e lhe assegura a confiança que nelle tem.

N° 5.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Lisboa aos 10 de março de 1540, em resposta a outra que da India lhe escrevêra, noticiando-lhe que os Rumes se havião hido sem « quererem esperar o viso-rei. » Louva-o el-Rei pelo cuidado e intelligencia que mostrava pelas cousas da India, e lhe encommenda « que sempre lhe escreva, por que folga de ver o estilo e a prolixidade, por ser d'elle. »

N° 6.

Regimento dado por el-Rei a dom João de Castro quando o nomeou capitão mór da armada de guarda costa : he passado em Lisboa a 5 de dezembro de 1542.

N° 7.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro em resposta á que elle lhe escrevêra dando parte que havia tomado huma náo franceza; louva-o por isso, e lhe manda venha com a dita náo para a bahia de Cascaes; he datada de Cintra aos 16 de junho de 1545.

N° 8 A.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Cintra a 5 de agosto de 1545, em que o chama para tratar cousas de seu serviço, « e lhe encommenda muito venha no dia seguinte ali gentar. »

N° 8 B.

Regimento dado por el-Rei a dom João de Castro quando o manda a Ceita acompanhar os navios em que vão gente, artelharia, e munições, para pôr em defensa aquella praça : he passado em Cintra a 9 de agosto de 1545.

N° 9.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Cintra aos 15 de agosto de 1545, em que lhe encommenda, veja e observe o porto d'Alcacere, e o informe de sua capacidade para receber navios, e de que porte, e bem assim se o lugar he defensavel, e « se ha de fazer para isso fortaleza. »

N° 10.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro em que remette outra inclusa para dom Affonso, governador da Ceita, e

lhe recommenda mande quanto antes resposta : he datada de Lisboa aos 22 de agosto de 1543.

Nº 11.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Lisboa aos 27 de agosto de 1543, em que diz, mande hum navio de sua armada para guardar os que devem conduzir 300 moïos de trigo de Tanger para Ceita.

Nº 12.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Lisboa aos 28 de agosto de 1543, em resposta á que lhe escrevêra dando-lhe parte de sua chegada a Ceita, na qual « agradece muito o trabalho, e diligencia que pozéra na desembarcação das munições. »

N. 13.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Almeirim aos 27 de dezembro de 1543, em resposta a duas que d'elle recebêra; em que approva tudo que naquella viagem tinha feito, dizendo « que seus serviços erão mui conformes com a confiança que nelle tinha. »

Nº 14.

Alvará de poder e alçada a dom João de Castro para castigar com penas de degredo (até dois annos), açoutes, e multa de dinheiro (até vinte cruzados), aos que quebrantarem as ordenações estabelecidas para o bom governo das armadas. He passado em Almeirim aos 28 de dezembro de 1543.

Nº 15.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Almeirim aos 8 de fevereiro de 1544, em resposta á que lhe escrevêra dando parte que até ao Estreito não encontrára navios armados, na qual lhe agradece seu bom serviço, e, communicando-lhe que manda desarmar a armada, lhe permitte o « ir descançar de seus trabalhos. »

Nº 16.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, escripta em Evora a 11 de julho de 1544, em que lhe pede seu parecer e informações á cerca da armada que se deve mandar de guarda costa para proteger as náos da India contra os corsarios, que constava terem sahido das costas de França.

Nº 17.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, escripta em Evora aos 5 de janeiro de 1545, em que o encarrega de entender no apresto da armada da India, de que he nomeado capitão mór : dá-lhe algumas instrucções a este respeito, e entrega inteiramente a seu cuidado « o bom aviamento da armada. »

Nº 18.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Evora aos 17 de janeiro de 1545, em que approva a resolução por elle tomada á cerca « dos mestres e pilotos da armada da India, e das cousas que nella havião de hir. »

## Nº 19.

Carta da Rainha a dom João de Castro, datada de Evora aos 23 de janeiro de 1545, em que lhe participa que el-Rei lhe fizera mercê para poder enviar á India « oito pipas de vinho, forras, para lá se venderem, e o dinheiro que se nellas fizesse, ser empregado em mercadorias (as quaes não pagarião direitos), cujo proveito seria para ajuda das obras do mosteiro de Nossa Senhora d'Assumpção da cidade de Faro; » encommenda-lhe o bom desempenho d'este negocio, e que entregue tudo a pessoa segura que « o traga a bom recado, e dê d'isso boa conta. »

## Nº 20.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, em resposta á que de Lisboa lhe escrevêra dando parte que a armada seria prestes até 10 de março, e em que lhe escreve, não receba na armada christãos novos ainda que para isso lhe apresentem Alvarás seus.

## Nº 21.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Evora aos 15 de fevereiro de 1545, em que lhe manda não assente praça para irem na armada a mais de 800 homens.

## Nº 22.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Evora aos 13 de fevereiro de 1545, de que foi portador « mestre Pero Fernandes, capellão e pregador regio, » na qual lhe recommenda dê bom gasalhado na sua náo ao dito Mᵉ, que vai provido no Dayado da sé de Gôa.

N° 23.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, escripta em Evora aos 12 de março de 1545, em que lhe encommenda « dê embarcação e gasalhado necessario » ao filho do rei Xaraffo, que de Gôa devia passar a estes reinos.

N° 24.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Evora aos 13 de março de 1545, em que lhe manda proveja nas cousas que lhe havia representado o rei d'Ormuz e faça guardar, pelos officiaes civis e da fazenda, o que pela contratação for assentado.

N° 25.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada de Almeirim aos 8 de março de 1546, em resposta á que de Moçambique lhe escrevêra remettendo o debuxo d'aquella praça : El-Rei lh'o agradece, envia novo debuxo para se levantar mais segura fortaleza, encommenda-lhe a maior brevidade, communica-lhe as noticias que por Frandes tivéra das náos que aprestava o soldão para mandar á India, e informa-o largamente do estado em que se achavão as cousas da India pelas noticias que recebêra depois de sua partida.

N° 26.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, sobre a embarcação de huns frades que manda com cartas ao preste João, em resposta á que lhe escrevêra dando parte da morte de seu pai; he escripta em Almeirim aos 13 de março de 1546.

## Nº 27.

Carta d'el-Rei a dom João de Castro, datada d'Almeirim, aos 14 de março de 1547, em que lhe pede seu parecer sobre a « venda das terras firmes de Gôa ao Idalcão, » e lhe diz que se esta venda lhe parecer conveniente a faça em muito segredo mas nunca por menos « de 700 mil crusados, e d'ahi para cima quanto poder. »

## Nº 28.

Carta da Rainha a dom João de Castro, escripta em Almeirim, em resposta á que lhe escrevêra de Moçambique, na qual lhe recommenda tome a seu cuidado a viuva e filhos do doutor Francisco de Maris, que naquella viagem morrêra, e de novo lhe lembra o bom e prompto desempenho da commissão que lhe encarregára.

## Nº 29.

Carta do Cardeal Infante a dom João de Castro, datada d'Almeirim aos 16 de março de 1546, em que lhe accusa a recepção de duas suas, e lhe encommenda tenha como principal parte de seu governo « a exaltação da Fé e salvação das almas. »

## Nº 30.

Carta da Rainha a dom João de Castro, datada d'Almeirim aos 18 de março de 1547, em que lhe agradece o bem que desempenhára a negociação da venda do vinho, e a remessa « do beijoim de boninas, e mais cousas que lhe enviára. »

### Nº 31.

Carta do infante dom Luiz a dom João de Castro, escripta em Almeirim aos 16 de março de 1547, em resposta á que lhe escrevêra da India: louva-o pelo seu zelo e bom serviço, recommenda-lhe tome grande interesse pelas cousas da fé, assegura-lhe ter fallado a el-Rei pelas pessoas que lhe encommendava, e lhe agradece « o que nas náos lhe mandára. »

### Nº 32.

Artigo extrahido da carta que Rui Gonçalves de Caminha escreveo de Goa a dom João de Castro, em 15 de dezembro de 1546: « O Vigario geral he aqui chegado, e logo que ir para onde está V. Sª, parece-me que irá na caravella, em que for o dinheiro, »

### Nº 33.

Carta de Rui Fernandes a dom Alvaro de Castro, datada de Chaul a 29 de junho de 1546, em que lhe pede « commetta o caminho cedo para ir soccorrer a dom Fernando. »

### Nº 34.

Regimento dado por dom João de Castro a seu filho dom Alvaro, quando o nomeou capitão mór do mar para ir descercar Dio, e fazer a guerra a Cambaia; he feito em Goa a 24 de junho de 1546.

### Nº 35.

Carta da camara de Goa a dom João de Castro, escripta em 27 de dezembro de 1547, a qual acompa-

nhava o emprestimo feito pela cidade, que montava a 20,146 « pardáos e huma tanga, de cinco tangas o pardáo. »

Nº 36.

Carta do bispo de Goa a dom João de Castro, datada de 18 de novembro de 1546, em que o felicita pela victoria alcançada em Dio, e lhe dá conta do grande contentamento que houvera em Goa, « em que quasi as pedras das casas se querião alevantar e fazer festa. »

Nº 37.

Carta de Antonio Fernandes a dom João de Castro, datada de Goa a 19 de novembro de 1546, em que o felicita pela victoria alcançada, e lhe relata o alvoroço e o regozijo da cidade por tão fausto motivo.

Nº 38.

Carta de Antonio Rodriguez de Gamboa a dom João de Castro, escripta em Goa aos 20 de novembro de 1546, em que igualmente o felicita com mui encarecidas expressões.

Nº 39.

Carta do rei Xarafo a dom João de Castro, datada de Goa a 29 de novembro de 1546, em que o felicita pela victoria alcançada contra o rei de Cambaia e seus capitães.

Nº 40.

Carta de Luiz Coutinho a dom João de Castro, datada de Goa a 6 de novembro de 1546, em que o felicita pela

victoria, manifestando grande sentimento por não se ter achado com elle naquelle glorioso feito.

Nº 41.

Carta de Antonio Gil a dom Alvaro, escripta em Dio aos 10 de janeiro de 1548, em que lhe dá parte ter levantado huma capella em honra de S. Martinho, por ser esse o dia em que seu pai dom João de Castro libertára aquella fortaleza, e lhe pede alcance licença para nella se celebrar missa.

Nº 42.

Carta d'el-rei de Melinde a dom João de Castro, escripta em Melinde aos 30 de agosto de 1547, em que o felicita, e lhe pede haja por bem dar licença para que possão « ir ao seu porto quatro ou cinco náos de Patane, para com os directos d'ellas poder acudir a surter a sua » terra, a qual era mui pequena, « e estava mui pobre pelas pareas que pagava. »

Nº 43.

Carta do bispo de Goa ao governador da India, escripta em Goa aos 8 de dezembro de 1546, em que lhe participa ter entregue ao cuidado d'hum cidadão honrado e virtuoso huma orfã vinda de Portugal, que elle governador lhe recommendára.

Nº 44.

Carta do bispo de Goa ao governador, escripta aos 30 de dezembro de 1546, em que lhe falla de algumas murmurações que contra elle tinhão dito certos frades; mas consola-o, dizendo « que podem ladrar, mas não morder, porque suas virtudes o não consentem. »

N° 45.

Carta dos mesteres e povo da cidade de Goa a dom João de Castro, escripta aos 15 de novembro de 1547, em que, em nome de toda a cidade, o felicitão, e dão conta das grandes fèstas que ali houvera, e de como assim mesmo o escrevêrão para el-Rei, a Rainha, e o infante dom Luiz.

N° 46.

Carta da camara da cidade de Goa a dom João de Castro, escripta a 18 de novembro de 1547, em que, renovando suas felicitações, dão conta da grande escacez que houvera de trigo, e remettem « o treslado da doação de mantimentos francos, a qual em parte se não guardava, e pedem por muita mercê mande que se cumpra para bem d'aquelle povo. »

N° 47.

Carta do provedor da Misericordia de Goa a dom João de Castro, escripta aos 16 de novembro de 1547, em que o felicita em nome de toda confraria, e lhe assegura o cuidado que tem no tratamento e curativo dos doentes.

N° 48.

Carta de felicitação de João Rodriguez Paz ao governador, escripta de Goa aos 17 de novembro de 1547.

N° 49.

Carta de felicitação do licenciado Jeronimo Ruiz ao governador, escripta de Goa aos 16 de novembro de 1547.

Nº 50.

Carta de dom Diogo d'Almeida a dom João de Castro, escripta de Goa aos 25 de novembro de 1547, em que lhe dá parte das cousas d'aquella cidade, e lhe pede 500 ou 600 homens de reforço, por ser pouca a gente de guerra que alli ficára, e com pouca vontade de pelejar.

Nº 51.

Carta de Jorge Cabral a dom João de Castro, escripta aos 25 de novembro de 1547, em que lhe dá parte da apparição dos negros de Pandá em terras de Salsete e Bardês, e da resolução que na camara se tomára « de os não accommetter sem recado de Sua Senhoria. »

Nº 52.

Carta de Francisco Tocano ao governador, escripta de Goa aos 25 de novembro de 1547, cujo conteúdo he o mesmo que o da precedente.

Nº 53.

Carta de Antonio Fernandes ao governador, escripta de Goa aos 25 de novembro de 1547, em que lhe participa « ter os panos de Pomda ambos acabados, » e que os remetterá por dom João Mascarenhas; e tambem falla no objecto das precedentes.

Nº 54.

Carta de Luiz Falcão ao governador, escripta de Dio aos 15 de janeiro de 1548, em que lhe pede mande alguns navios de que muito precisava para o serviço e defeza d'aquella fortaleza.

N° 55.

Carta de Antonio Mendes de Castro a dom Alvaro de Castro, escripta de Dio no ultimo de janeiro de 1548, em que lhe dá parte que em Cambaia se « fizerão sete ou oito fustas novas, e renovárão algumas velhas. »

N° 56.

Carta de Luiz Falcão ao governador, datada de Dio aos 27 de fevereiro, em que lhe pondéra as razões que o devem inclinar a fazer a paz, sendo a principal serem os Portuguezes poucos, e muitos os inimigos.

N° 57.

Carta de Luiz Falcão ao governador, escripta de Dio aos 6 de março de 1548, em que lhe dá de parecer que para se fazer a paz mais avantajada com o rei de Cambaia, devia de ser negociada com elle mesmo, e devia o negociador levar-lhe de presente hum par de cavallos, os quaes diz tel-os muito bons.

N° 58.

Carta de Antonio Mendes de Castro ao governador, escripta de Dio aos 13 de março de 1548, em que o informa do estado das negociações de paz, a qual por então ainda não ficava assentada.

N° 59.

Carta de Antonio Mendes de Castro ao governador, escripta de Dio aos 9 de abril de 1548, em que lhe dá conta do estado das negociações, as quaes ainda não erão findas.

N° 60.

Artigo d'huma carta de Luiz Falcão a dom João de Castro, escripta de Ormuz no 1° de fevereiro de 1546, em que diz enviar-lhe hum livro de Alexandre, em que afora a sua historia contem outras.

N° 61.

Carta d'el-Rei a dom Alvaro de Castro, escripta em Evora a 13 de septembro de 1544, em que o manda vir do serviço em que andava contra Barbaroxa, o qual se havia ido para Levante; e lhe agradece o bem que o servíra.

N° 62.

Carta do infante dom Luiz a dom Alvaro de Castro, escripta d'Almeirim aos 17 de março de 1547, em resposta á que lhe escrevêra da India, em que lhe recommenda siga sempre os bons exemplos de seu pai, e lhe assegura a bôa estima d'el-Rei.

N° 63.

Carta do infante dom Luiz a dom Alvaro de Castro, escripta em Lisboa a 17 de outubro de 1547, em que o felicita pela victoria alcançada em Dio, e lhe dá os sentimentos pela morte de seu irmão dom Fernando.

N° 64.

Carta d'el-Rei a dom Alvaro de Castro, escripta em Lisboa a 19 de fevereiro de 1548, em resposta á que lhe escrevêra dando parte dos acontecimentos de Dio, em

que el-Rei o louva, lhe agradece, e promette « por obrigação » de lhe fazer mercê como seus serviços merecem.

## Nº 65.

Carta d'el-Rei a dom Alvaro de Castro, escripta em Almeirim a 13 de março de 1549, em resposta á que de Baçaim lhe escrevêra; louva-o pelos bons e grandes serviços que continuava a fazer-lhe, e recommenda-lhe que lhe escreva mais largamente, porque « lhe prazerá d'isso muito. »

FIM DOS DOCUMENTOS.

# ASIA.

Imp. Lith. de V. Janson, rue Dauphine 18 Paris.

# INDICE

## DAS PRINCIPAES COUSAS D'ESTA HISTORIA

---

Indicamos os livros por algarismos romanos e os paragraphos por algarismos arabicos.

## A

## B

# C

## D

## E



## F

## G

## H



## J

# L



# M

# N



# P

# R

## S



## T



## V

## X



---

# TABOA



PARIS. — TYP. PORTUG. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.